

A photograph of a person's lower legs and feet standing on a dark, wet asphalt path. The person is wearing dark shorts, white socks, and brown sneakers with white laces. A large puddle in the foreground reflects the person's legs and feet. The background is filled with green grass and foliage.

O Segredo Mais Negro

Heather Gudenkauf



Ficha técnica

Título original: These Things Hidden

Autora: Heather Gudenkauf

Copyright © 2011 - Heather Gudenkauf

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Editrad, Edições e Traduções, Unipessoal, Lda.

Tradução: Manuel Brito

Revisão: Editrad

Paginação: Editrad

ISBN: 978-989-8275-05-9

Para Scott

Allison

Fico parada ao ver Devin Kineally caminhar na minha direção, vestida, como habitualmente, com o seu fato cinzento-advogado, com os sapatos de salto alto a bater contra o chão de tijoleira. Respiro fundo e pego no meu pequeno saco, cheio com as minhas poucas coisas.

A Devin está aqui para, no cumprimento de uma ordem do tribunal, me levar para a casa de transição em Linden Falls, onde irei viver, no mínimo, durante os próximos seis meses. Tenho de provar que sei tomar conta de mim, manter um emprego, manter-me longe de problemas. Após cinco anos, estou livre para sair de Cravenville. Espreito com esperança por cima do ombro de Devin, procurando pelos meus pais, apesar de saber que eles não estarão lá. “Olá, Allison”, diz Devin carinhosamente. “Estás pronta para sair daqui?”

“Sim, estou pronta”, respondo, aparentando mais confiança do que realmente sinto. Vou viver num local onde nunca estive antes, com pessoas que nunca conheci. Não tenho dinheiro, nem emprego, nem amigos, e a minha família abandonou-me, mas estou pronta. Tenho de estar.

A Devin procura a minha mão, aperta-a suavemente e olha-me diretamente nos olhos. “Vai correr tudo bem, ok?” Eu engulo em seco e aceno que sim com a cabeça. Pela primeira vez desde que fui condenada a dez anos em Cravenville, sinto lágrimas a queimar-me por trás dos olhos.

“Não estou a dizer que vai ser fácil”, diz Devin, esticando um braço e colocando-o à volta dos meus ombros. Eu destaco-me sobre ela. Ela é baixinha, fala com suavidade, mas é dura de roer, e isso é uma das muitas coisas que eu gosto nela. Ela sempre disse que iria fazer o melhor que pudesse por mim, e foi o que fez. Deixou claro desde o início que, embora fossem a minha mãe e o meu pai a pagar as contas, eu era a cliente dela. É a única pessoa que parece ser capaz de pôr os meus pais no lugar deles. Durante a nossa segunda reunião com Devin (a primeira fora quando eu estive no hospital), nós os quatro sentámo-nos à volta de uma mesa numa pequena sala de reuniões no estabelecimento de detenção. A minha mãe tentou assumir o controlo. Ela não conseguia aceitar a minha detenção, pensava que era tudo um enorme erro, queria que eu fosse a tribunal, declarasse inocência e enfrentasse as acusações. Queria que eu limpassem o nome da família

Glenn.

“Ouça”, disse Devin à minha mãe, com uma voz calma e fria. “As provas contra a Allison são avassaladoras. Se formos a tribunal, o mais provável é que ela seja enviada para a prisão por muito, muito tempo, talvez para sempre.”

“As coisas não podem ter acontecido como dizem que aconteceram.” A frieza da minha mãe fazia frente à de Devin. “Temos de resolver isto como deve ser. A Allison vai voltar para casa, terminar o liceu e entrar na universidade.” O seu rosto maquilhado na perfeição agitava-se de raiva e as mãos tremiam-lhe.

O meu pai, que tinha metido uma rara tarde de dispensa do seu trabalho como consultor financeiro, levantou-se repentinamente, derrubando um copo com água. “Nós contratámo-la para tirar a Allison daqui”, gritou. “Faça o seu trabalho!”

Eu encolhi-me no meu assento e esperava que Devin fizesse o mesmo.

Mas ela não o fez. Com toda a calma, pousou as mãos abertas sobre a mesa, endireitou as costas, ergueu o queixo e falou. “O meu trabalho consiste em examinar todas as informações, analisar todas as opções e ajudar a Allison a escolher a melhor delas.”

“Só há uma opção.” O meu pai esticou um dedo grosso e comprido, detendo-se a milímetros do nariz de Devin. “A Allison tem de voltar para casa!”

“Richard”, disse a minha mãe, daquela forma imperturbável e irritante que é típico dela.

A Devin nem pestanejou. “Se não tirar esse dedo da minha frente, arrisca-se a ficar sem ele.”

O meu pai baixou lentamente a mão, com o peito a subir e descer rapidamente.

“O meu trabalho”, repetiu, olhando o meu pai bem nos olhos, “é analisar as provas e escolher a melhor estratégia de defesa. O delegado do Ministério Público pretende passar a Allison do tribunal de família e menores para o tribunal criminal e acusá-la de homicídio qualificado. Se formos a tribunal, ela vai acabar na prisão para o resto da vida. É garantido.”

O meu pai colocou o rosto nas mãos e começou a chorar. A minha mãe olhava para o regaço, franzindo o sobrolho com embaraço.

Quando me vi frente ao juiz – um homem exatamente igual ao meu professor de física –, apesar de a Devin me ter preparado para a audiência e me ter dito o que esperar, as únicas palavras que ouvi foram dez anos. Para mim, isso soava a uma eternidade. Ia perder o meu último ano de liceu, perder as épocas de voleibol, basquetebol, natação e futebol. Ia perder a minha bolsa de estudo para a Universidade do Iowa, nunca seria uma advogada. Lembro-me de ter olhado por cima do meu ombro para os meus pais, com lágrimas a escorrer-me pela cara. A minha irmã não foi à audiência.

“Mãe, por favor”, choraminguei, enquanto o oficial de justiça me levava. Ela limitou-se a olhar em frente, sem qualquer emoção no rosto. Os olhos do meu pai estavam fechados com força. Ele respirava de forma acelerada, procurando manter a compostura. Eles nem conseguiam olhar para mim. Eu teria vinte e sete anos quando saísse novamente em liberdade. Nesse momento, pensei se iriam ter saudades minhas ou apenas da rapariga que queriam que eu fosse. Como o meu caso teve originalmente início no tribunal de família e menores, o meu nome não pôde ser revelado à imprensa. No mesmo dia em que passei para o tribunal criminal, ocorreram grandes cheias mesmo a sul de Linden Falls. Centenas de casas e lojas foram destruídas. Quatro pessoas morreram. Graças aos contactos do meu pai e a um dia noticioso agitado, o meu nome nunca chegou aos jornais. Escusado será dizer que os meus pais ficaram em êxtase por o bom nome dos Glenn não ter sido completamente manchado.

Sigo a Devin enquanto me conduz até ao carro dela e, pela primeira vez em cinco anos, sinto todo o impacto de um sol não bloqueado por uma cerca com arame farpado. Estamos no final de agosto e o ar é pesado e quente. Inspiro profundamente e apercebo-me de que, afinal, o ar na prisão não cheira diferente do ar livre. “O que queres fazer primeiro?”, pergunta-me Devin. Eu penso bem antes de responder. Não sei o que devo sentir por estar a sair de Cravenville. Senti a falta de poder conduzir – eu tinha a carta há menos de um ano quando fui detida. Finalmente, vou ter alguma privacidade. Vou poder ir à casa de banho, tomar um duche, comer, sem dezenas de pessoas a olhar para mim. E, mesmo tendo de ficar numa casa de transição, para todos os efeitos serei livre.

É engraçado. Depois de cinco anos em Cravenville, seria de esperar que estivesse a arranhar a porta, desesperada para sair. Mas não é bem assim. Não fiz amigos aqui, não tenho memórias felizes, mas tenho algo que nunca, nunca, tive na minha vida: paz, o que é uma coisa rara e preciosa. Mas como posso sentir-me em

paz depois do que fiz? Não sei, mas sinto-me.

Quando era mais nova, antes de ter estado na prisão, a minha cabeça nunca parava. Estava sempre vamos, vamos, vamos. As minhas notas eram perfeitas. Eu era uma atleta em cinco desportos: voleibol, basquetebol, atletismo, natação e futebol. Os meus amigos consideravam-se bonita, era popular e nunca me metia em problemas. Mas abaixo da superfície, sob a pele, parecia que o meu sangue fervia. Não conseguia estar quieta, nunca descansava. Acordava às seis todas as manhãs para dar uma corrida ou levantar pesos no ginásio da escola, depois tomava um duche rápido, comia a barra de cereais e a banana que tinha metido na mochila e ia para as aulas o dia todo. Depois das aulas, tinha treino ou algum jogo, a seguir ia para casa jantar com os meus pais e a Brynn, em seguida três ou quatro horas de trabalhos de casa e estudo. Finalmente, finalmente, por volta da meia noite, tentava adormecer. Mas a noite era o pior de tudo. Ficava deitada na cama, mas a minha mente não desacelerava. Não conseguia deixar de me preocupar com o que os meus pais pensavam de mim, com o que os outros pensavam de mim, com o próximo teste, o próximo jogo, a universidade, o meu futuro.

Havia uma coisa que eu fazia para me ajudar a acalmar à noite. Deitava-me de costas, apertava os cobertores bem junto a mim e imaginava que estava num pequeno barco. Depois, imaginava um lago tão grande que não conseguia ver as margens e o céu era como uma taça virada para baixo sobre mim, negro, sem lua e com montes de luzinhas de fadas cintilantes a servir de estrelas. Não havia vento, mas o meu barco levava-me através das águas escuras e tranquilas. O único som era o da água preguiçosamente a bater contra o lado do barco. Isso acalmava-me de algum modo e eu conseguia fechar os olhos e descansar. Como eu tinha apenas dezasseis anos quando fui para a prisão, fiquei separada das reclusas normais até completar os dezoito. Depois de sobreviver às terríveis primeiras semanas, de repente percebi que já não precisava do meu barco e dormia muito bem.

A Devin está a olhar para mim, expectante, aguardando que lhe responda quanto à primeira coisa que quero fazer agora que estou livre. “Quero ver a minha mãe e o meu pai e a minha irmã”, disse-lhe, resistindo à vontade de chorar. “Quero ir para casa.”

Sinto-me mal por muito do que aconteceu, sobretudo pelo mal que as minhas ações causaram à minha irmã. Eu tentei pedir desculpa, tentei remediar as coisas, mas não foi suficiente. A Brynn continua a não querer nada comigo.

A Brynn tinha quinze anos quando fui detida e era – como dizer? – descomplicada. Pelo menos era o que eu pensava. A Brynn nunca se zangava, nunca. Era como se conseguisse guardar toda a raiva numa pequena caixa, até ela ficar tão cheia que não tinha para onde ir e transformava-se em tristeza.

Quando éramos crianças e brincávamos com as nossas bonecas, eu pegava na que tinha uma cara macia e limpa e cabelo suave e solto, deixando para a Brynn a boneca que tinha um bigode desenhado com caneta de tinta permanente, a que tinha cabelo enrijado por ter sido cortado com uma tesoura rombuda. A Brynn nunca parecia importar-se. Eu poderia ter tirado a boneca mesmo das mãos dela que a expressão na sua cara não teria mudado. Ela teria simplesmente pegado na boneca triste e com ar estragado e tê-la-ia embalado como se tivesse sido a primeira escolha. Eu costumava conseguir que a Brynn fizesse qualquer coisa por mim – levar o lixo para o contentor, aspirar quando era a minha vez.

Olhando para trás, havia sinais, pequenos traços da personalidade tolerante da Brynn que eram praticamente impossíveis de observar, mas que eu, quando olhava com atenção, conseguia perceber. E preferi ignorá-los.

Com os dedos, ela arrancava os finos e escuros pelos dos braços um por um até a pele ficar vermelha e em carne viva. Ela fazia isso sem reparar, sem perceber como parecia estranha. Quando os braços já não tinham pelos, começou com as sobrancelhas. Puxava e arrancava. A mim, parecia que ela queria tirar a própria pele. A nossa mãe reparou que as sobrancelhas da Brynn estavam a ficar cada vez mais finas e fez de tudo para que ela parasse. Sempre que a mão da Brynn se movia em direção à cara, a mão da nossa mãe voava e afastava-a com uma palmada. “Queres ter um ar estranho, Brynn?”, perguntava. “É isso que queres? Que todas as outras raparigas se riam de ti?”

A Brynn deixou de arrancar as sobrancelhas, mas encontrou outras formas de se autocastigar. Roía as unhas até ao sabugo, mordida o interior das bochechas, arranhava e escarafunchava as feridas e as crostas até elas inflamarem.

Nós somos o oposto uma da outra. Yin e yang. Enquanto eu sou alta e forte, a Brynn é mais pequena e delicada. Eu sou um girassol grande e robusto, sempre virado para o sol, enquanto a Brynn é um dente de leão, delgado e indistinto, com a cabeça oscilante a abanar ao sabor da brisa. Apesar de eu nunca lho ter dito, gostava mais dela do que de qualquer outra coisa ou pessoa no mundo. Eu tinha-a como certa, partia do princípio de que ela estaria sempre à minha disposição,

tinha a certeza de que ela iria sempre admirar-me. Mas agora parece que já não existo para ela. Na verdade, não posso censurá-la.

Eu escrevi cartas e mais cartas à Brynn, mas ela nunca me respondeu. Isso foi a pior coisa da prisão. Agora que estou livre, posso ir ter com a Brynn, posso fazê-la ver-me, fazê-la ouvir-me. É tudo o que quero. Dez minutos com ela e tudo ficará novamente bem.

Já dentro do carro e à medida que nos afastamos de Cravenville, o meu estômago revolve-se de excitação e medo. Vejo Devin a hesitar. “Talvez devêssemos parar e comer alguma coisa primeiro, antes de te levar até à Gertrude House. Depois disso, podes ligar aos teus pais”, diz Devin.

Eu não quero ir para a casa de transição. Provavelmente serei, de todas lá, a que foi condenada pelo crime mais hediondo – mesmo uma prostituta heroinómana condenada por roubo à mão armada e homicídio teria mais compaixão do que eu terei. Para mim faz muito mais sentido ficar com os meus pais, na casa onde cresci, onde tenho algumas boas recordações. Ainda que lá tenha acontecido uma coisa terrível, é onde eu deveria estar, pelo menos por enquanto.

Mas consigo perceber a resposta no rosto de Devin. Os meus pais não me querem ver, não querem ter nada que ver comigo, não querem que eu volte para casa.

Brynn

Eu recebo as cartas da Allison. Às vezes gostava de lhe poder responder, ir visitá-la, ser uma irmã para ela. Mas há sempre algo que me impede. A avó diz-me que eu devia falar com a Allison, tentar perdoar-lhe. Mas não consigo. Parece que alguma coisa se partiu em mim naquela noite, há cinco anos. Houve um tempo em que eu teria dado tudo para ser uma irmã a sério para a Allison, para ser próxima dela, como éramos em crianças. Aos meus olhos, ela podia fazer qualquer coisa. Eu tinha muito orgulho nela, e não inveja, como as pessoas pensavam. Eu nunca quis ser a Allison; apenas queria ser eu mesma, que ninguém conseguia compreender, muito menos os meus pais.

A Allison era a pessoa mais fantástica que alguma vez conheci. Ela era esperta, atlética, popular e bonita. Todos a adoravam, ainda que ela não fosse muito simpática. Ela não era exatamente má para ninguém, só que não precisava de se esforçar para as pessoas gostarem dela. Elas simplesmente gostavam. Ela passava pela vida com total facilidade, e tudo o que eu podia fazer era ficar no meu canto a assistir.

Antes de a Allison se tornar na menina de ouro de Linden Falls, antes de os meus pais terem depositado nela todas as suas esperanças, antes de ela deixar de pegar na minha mão para me dizer que tudo ia ficar bem, a Allison e eu éramos inseparáveis. Éramos praticamente gêmeas, apesar de não sermos nada parecidas. A Allison era – é – catorze meses mais velha que eu. Alta, com cabelo louro esbranquiçado comprido e liso. Tem olhos azuis-prateados, capazes de olhar através de nós ou de nos fazer sentir que somos a única pessoa que importa, dependendo do estado de espírito dela. Eu era baixa e simples, com cabelo rebelde da cor de uma folha de carvalho seca.

Mas houve um tempo em que parece que pensávamos com a mesma mente. Quando a Allison tinha cinco anos e eu quatro, pedimos aos nossos pais que nos deixassem partilhar um quarto, ainda que a nossa casa tivesse cinco quartos e nós tivéssemos podido escolher. Mas queríamos estar juntas. Quando a nossa mãe finalmente concordou, juntámos as nossas duas camas de solteiro iguais e pedimos ao nosso pai que pendurasse uma rede rosa pálida muito comprida sobre as camas, para fazermos de conta que era uma tenda. Lá dentro, passávamos horas a jogar à cama de gato ou a ver livros juntas.

As amigas da nossa mãe ficavam encantadas com o nosso relacionamento. "Não sei como consegues", diziam-lhe. "Como conseguiste que as tuas meninas se dessem tão bem uma com a outra?"

A nossa mãe sorria com orgulho. "Tem tudo que ver com o respeito que lhes ensinámos", explicava, da forma pretensiosa que lhe era característica. "Nós queremos que elas se tratem bem uma à outra e elas fazem-no. E sentimos que é importante que passemos muito tempo juntos enquanto família."

Quando a minha mãe falava assim, a Allison revirava os olhos e eu escondia um sorriso com a minha mão. É verdade que passávamos muito tempo juntos em família (isto é, todos no mesmo espaço), mas nunca conversávamos realmente uns com os outros.

A Allison tinha doze anos quando decidiu sair do nosso quarto para outro quarto só dela. Eu fiquei destroçada. "Porquê?", perguntei-lhe. "Porque queres um quarto só para ti?"

"Porque sim", respondeu a Allison, passando por mim com um monte de roupa nos braços.

"Estás maluca. O que é que eu fiz?", perguntei-lhe, enquanto a seguia até ao seu novo quarto, mesmo ao lado do que partilhávamos. Aquele que iria ser apenas meu.

"Nada, Brynn. Não fizeste nada. Eu só quero alguma privacidade", disse a Allison, enquanto arrumava as roupas no seu novo guarda-fatos. "Estou mesmo aqui ao lado. Não é propriamente como se nunca mais me fosses ver. Por amor de Deus, Brynn, não vais chorar, pois não?"

"Não estou a chorar", respondi, pestanejando para afastar as lágrimas.

"Então anda, ajuda-me a levar a minha cama", disse ela, agarrando-me pelo braço e conduzindo-me de volta ao nosso quarto. Ao meu quarto. No momento em que puxávamos e empurrávamos o colchão através da porta e para o corredor, eu sabia que as coisas jamais voltariam a ser iguais. Fiquei a ver enquanto ela organizava as medalhas académicas e desportivas, os troféus e as fitas no seu novo quarto, e percebi que já não éramos nada parecidas. A Allison estava cada vez mais envolvida com os seus amigos e com as atividades extracurriculares. Ela tinha sido convidada para integrar uma equipa de voleibol muito competitiva e que viajava muito. Passava praticamente todos os minutos livres a fazer exercício, a

estudar ou a ler. E tudo o que eu queria era estar com a Allison.

Os meus pais não eram nada compreensivos comigo. "Brynn", dizia a minha mãe, "vê se cresces. É claro que a Allison quer um quarto só dela. Seria estranho se não o quisesse."

Eu sempre soube que era um pouco diferente dos outros miúdos, mas nunca pensei que era estranha até a minha mãe dizer isto. Comecei a olhar para a minha imagem no espelho para ver se conseguia ver a estranheza que os outros viam em mim. O meu cabelo castanho encaracolado, se não fosse dominado pela escova, saltava em rebeldia na minha cabeça. O que restava das minhas sobrancelhas formava duas pequenas e finas vírgulas sobre os meus olhos castanhos, dando-me constantemente uma expressão de surpresa. O meu nariz era médio – nem demasiado grande, nem demasiado pequeno. Sabia que um dia teria dentes muito bonitos, mas aos onze anos eles estavam presos num aparelho, sendo forçados a um alinhamento perfeito, como soldadinhos de costas direitas, alinhados para cumprir o seu dever. Com exceção das minhas sobrancelhas, eu não achava que parecesse muito estranha. Decidi que era o que havia dentro de mim que era tão esquisito. Jurei manter essa parte escondida. Mantinha-me na sombra, a observar, nunca dando qualquer opinião ou ideia. Não que alguém alguma vez mo pedisse. Com a Allison por perto, era fácil desaparecer para segundo plano.

Naquela primeira noite, enquanto dormia sozinha no meu quarto, chorei. O quarto parecia demasiado grande para uma só pessoa. Parecia despido, apenas com a minha cómoda e uma única pequena estante, com alguns animais de peluche espalhados aqui e ali. Chorei porque a irmã que eu adorava já não parecia querer-me por perto. Ela deixara-me ficar sem olhar para trás uma única vez.

Até ela ter dezasseis anos e, finalmente, precisar de mim outra vez.

Eu nem devia estar em casa naquela noite. Eu ia ao cinema com uns amigos – até a minha mãe descobrir que o Nathan Canfield também ia lá estar. Ela não podia admitir uma coisa dessas. Ele tinha sido apanhado a beber ou algo do género, e não era o tipo de amigo com que eu devia conviver, disse-me ela. Por isso, fiquei proibida de sair nessa noite.

Muitas vezes penso como a minha vida teria sido diferente – todas as nossas vidas teriam sido – se eu tivesse estado sentada num cinema qualquer naquela noite, a comer pipocas com o Nathan Canfield, em vez de estar em casa.

Não sei qual o aspeto da Allison agora. Imagino que a vida na prisão não ajude ninguém a manter uma boa aparência. Talvez as maçãs do rosto dela, em tempos salientes, estejam escondidas por montes de gordura, o cabelo longo e brilhante pode ter-se tornado encrespado e ter sido cortado bem curto. Não sei. Não vejo a Allison desde que a polícia a veio buscar.

Sinto saudades da minha irmã, a que me segurou na mão enquanto eu chorava durante todo o caminho para a sala de aula no primeiro dia de infantário, a que me ajudou a estudar as palavras difíceis até eu as saber de cor, a que costumava tentar ensinar-me a chutar uma bola de futebol. Sinto saudades dessa Allison. Da outra... nem de longe. Eu podia passar o resto da minha vida sem ver de novo a minha irmã e estaria muito bem assim. Eu vivi no inferno depois de ela ir para a cadeia. Agora eu finalmente sinto que tenho um lar, em casa da minha avó. Tenho os meus amigos, as minhas aulas, a minha avó, os meus animais, e isso chega-me.

Receio vir a descobrir que cinco anos na prisão mudaram a Allison. Ela foi sempre tão bonita e autoconfiante. E se ela já não for a mesma rapariga que conseguia enfrentar o Jimmy Warren, o rufia do bairro? E se ela já não for a mesma rapariga capaz de correr 12 quilómetros e depois fazer cem abdominais sem perder o fôlego?

Ou, pior ainda, e se ela for a mesma? E se ela não tiver mudado nada?

Allison

Acho que a minha irmã nem sabe que vou sair da prisão. Quando a Brynn terminou o secundário, estava eu na prisão há dois anos, ela saiu de casa e foi para New Amery, duas horas e meia a norte de Linden Falls, onde o nosso pai cresceu. Ela vive com a nossa avó. A última vez que soube dela, estava numa universidade pública a estudar alguma coisa chamada Ciências dos Animais de Companhia. A Brynn sempre adorou animais. Fico feliz que ela tenha escolhido um curso que a satisfaz. Se os meus pais tivessem levado a deles avante, ela teria ocupado a vaga que eu deixei livre e estaria a estudar direito.

A Brynn continua a não responder às minhas cartas ou a falar comigo ao telefone quando lhe ligo para casa da avó. Eu percebo. Eu percebo porque é que ela não quer nada comigo. Se eu estivesse no lugar dela, provavelmente teria feito a mesma coisa. Mas acho que não teria conseguido manter-me longe dela todo este tempo. Ela ignorou-me durante cinco longos anos. Eu sei que a tomava como certa, mas eu era apenas uma miúda. Por muito esperta que eu fosse, eu não sabia absolutamente nada. Sei os erros que cometi, só não sei como fazer para que a minha irmã se aproxime de mim, como fazer para que ela me perdoe.

Durante a viagem para Linden Falls, a Devin e eu não falámos muito, mas tudo bem. A Devin não era muito mais velha do que eu quando os meus pais a contrataram para me representar. Acabada de sair da faculdade de direito, veio para Linden Falls porque o namorado, que conhecera na universidade, tinha crescido lá e eles pretendiam casar e abrir um escritório de advocacia juntos. Acabaram por nunca casar. Ele partiu, ela ficou. Se não fosse a Devin, eu poderia ter ficado na cadeia muito, muito mais tempo. Devo-lhe muito.

"Vais poder começar uma vida totalmente nova, Allison", diz-me Devin ao entrar na autoestrada que atravessa o rio Druid para me levar para Linden Falls. Eu aceno que sim, mas não digo nada. Eu quero sentir-me entusiasmada, mas sinto sobretudo medo. A entrada na pequena cidade onde nasci e cresci faz-me sentir tonta, e aperto as mãos uma contra a outra para impedir que tremam. Ondas de memórias atravessam-me quando passamos pela igreja onde íamos à missa todos os domingos, pela escola primária e pela escola secundária, onde nunca cheguei a terminar os estudos. "Estás bem?", pergunta-me Devin novamente.

"Não sei", respondo com toda a honestidade, e encosto a cabeça ao vidro frio da janela. Prosseguimos em silêncio, passamos pela Universidade de St. Anne, onde conheci o Christopher, pela rua onde deveríamos virar se fôssemos para a casa onde cresci, pelo complexo desportivo onde a minha equipa venceu o campeonato regional três anos consecutivos. "Pare!", disse de repente. "Encoste aqui, por favor." A Devin vira em direção ao complexo desportivo e estaciona ao lado de um campo onde algumas adolescentes estão a dar uns toques com uma bola de futebol. Saio do carro e fico alguns minutos a observar junto à linha lateral. As raparigas estão completamente envolvidas no jogo. As caras estão vermelhas do calor e têm os rabos de cavalo ensopados em suor.

"Posso jogar?", pergunto. A minha voz sai baixinho, tímida. Nem parece a minha voz. As raparigas nem dão por mim e continuam a jogar. "Posso jogar?", pergunto outra vez, agora mais alto, e uma rapariga baixa e de constituição sólida, com o cabelo castanho puxado para trás por uma fita, para e olha-me de alto a baixo, com ceticismo. "Só um minuto", digo.

"Tudo bem", responde ela, e continua a correr atrás da bola.

Eu entro no campo com cuidado. A relva é de um verde-esmeralda profundo e eu baixo-me para a tocar. É macia e ainda está húmida da chuvada que caiu há pouco. Começo a correr, primeiro devagar, depois a um ritmo mais acelerado. Eu tentei manter-me em forma enquanto estive na prisão, correndo várias voltas dentro do pátio murado e fazendo elevações de braços e abdominais na minha cela. Mas o campo de futebol mede, pelo menos, noventa metros de comprimento, por isso rapidamente fico esgotada e tenho de parar. Dobro-me para a frente, as mãos sobre os joelhos, com os músculos já a doer.

As raparigas vêm na minha direção, com a pele bronzada e de aspeto saudável, em comparação com a minha pele branca, que tão pouco tem visto o sol. Alguém me passa a bola e tudo volta à minha cabeça – o toque familiar da bola contra os meus pés, o instinto de saber para onde me movimentar. Fujo por entre as raparigas, driblando e passando a bola para a frente. Por um minuto consigo esquecer que sou uma ex-reclusa de vinte e um anos, cuja vida já a ultrapassou. Uma rapariga entrega-me a bola e eu passo por entre a multidão de jogadoras e consigo sair a jogar. Sem pitões, escorrego ligeiramente com as minhas sapatilhas baratas, mas rapidamente recupero o equilíbrio. A defesa central está a aproximar-se e eu finto-a pela esquerda, deixando-a para trás e fazendo um passe lateral para a rapariga com a fita no cabelo. Ela atira a bola por cima do ombro da guarda-

redes e para dentro da baliza, e as raparigas explodem em festejos. Por um minuto consigo imaginar que tenho treze anos e estou a jogar um jogo amigável com os meus amigos, e sorrio e rio, limpando o suor da minha testa.

Depois olho e vejo Devin pacientemente à minha espera junto à linha lateral, com uma expressão divertida no rosto. Devo ter um aspeto tolo, uma mulher crescida com calças caqui e um polo, a jogar futebol com um bando de miúdas.

"Tens talento", diz-me Devin, enquanto caminhamos de regresso ao carro.

"Pois, e isso serve-me de muito agora", respondo envergonhada, feliz por o meu rosto já estar mais vermelho do exercício.

"Nunca se sabe", replica Devin. "Vamos lá, ainda temos um pouco de tempo antes da hora a que devemos chegar à Gertrude House. Vamos comer alguma coisa."

Quando Devin para à porta da casa de transição onde irei passar os meus próximos seis meses, começa novamente a chover. É uma enorme casa de estilo vitoriano, com a tinta branca a sair, persianas pretas e um alpendre com balaústres brancos. "Não pensei que fosse tão grande", digo, olhando para a casa. Seria assustadora, não fosse o jardim da frente tão bonito e bem arranjado.

"Tem seis quartos, com duas ou três mulheres em cada um", explica Devin. "Vais gostar da Olene. Ela criou a Gertrude House há cerca de quinze anos. A filha dela morreu após ter saído da prisão. A Olene sentiu que, se a Trudy tivesse tido um lugar para onde ir depois de ter saído da prisão, um lugar indicado pelo tribunal, ainda estaria viva hoje. Por isso criou a Gertrude House, como forma de tentar educar as mulheres sobre como viver com sucesso depois da prisão."

"Como é que ela morreu?", pergunto, quando saímos do carro e começamos a caminhar para a porta da frente.

"A Trudy recusou-se a voltar para casa, para junto de mãe. Em vez disso, foi viver com o namorado, o responsável por viciá-la em drogas. Morreu com uma overdose três dias depois de sair da prisão. A Olene encontrou-a."

Não sei o que dizer a este respeito, por isso abrigamo-nos da chuva debaixo do alpendre em silêncio. A Devin bate à porta e uma mulher com cerca de sessenta anos, com um vestido de ganga sem forma, vem abrir. É magra, com cabelo prateado muito curto e uma pele bronzeada, cor de couro. Parece uma cenoura

meio murcha por ter sido deixada muito tempo no frigorífico.

“Devin!”, exclama, dando-lhe um abraço apertado, com as pulseiras de prata a tilintar umas contra as outras nos seus pulsos magros.

“Olá, Olene”, responde Devin com uma gargalhada. “Também tenho muito gosto em voltar a vê-la.”

“Tu deves ser a Allison.” A Olene liberta Devin e toma a minha mão dentro da dela. Está quente e segura a minha com firmeza. “Tenho muito gosto em conhecer-te”, diz, com uma voz baixa e seca. Uma voz de fumadora. “Bem-vinda à Gertrude House.” Os seus olhos verdes nunca abandonam o meu rosto.

“Prazer em conhecê-la”, respondo, procurando olhá-la nos olhos.

“Bem, entra. Vou mostrar-te a casa toda.” A Olene entra para o hall. Olho para Devin, com um assomo de pânico a crescer-me no peito, e ela faz-me um aceno encorajador.

“Tenho de voltar para o meu escritório, Allison. Ligo-te amanhã, ok?” Ela lê a preocupação no meu rosto e aproxima-se para me abraçar. Apesar de eu manter o meu corpo rígido e tenso, sinto-me grata pelo toque. “Adeus, Olene, e obrigada”, despede-se Devin. A mim, diz: “Aguenta-te firme. Vai tudo correr bem. Liga-me se precisares de alguma coisa.”

“Eu estou bem”, respondo, mais para me tranquilizar a mim mesma do que a Devin. “Vou ficar bem.” Vejo-a descer rapidamente os degraus do alpendre e regressar ao carro, partindo para continuar a viver a vida. Esta poderia ter sido eu, penso para comigo. Eu poderia estar a usar o fato cinzento, a conduzir clientes para um lado e para outro no meu carrão. Em vez disso, tudo o que possuo cabe numa mochila e vou viver numa casa com pessoas a quem, na minha outra vida, nem sequer daria os bons dias. Viro-me de novo para Olene. Ela está a observar-me com atenção, com um olhar no rosto que não consigo bem decifrar. Pena? Tristeza? A lembrar-se da filha? Não sei.

Ela limpa a garganta, com um som áspero e húmido, e prossegue com a volta pela casa. “Neste momento temos dez residentes connosco – onze, agora que te juntaste a nós. Vais partilhar um quarto com a Bea. É uma mulher simpática. Isto costumava ser a biblioteca.” A Olene acena com a cabeça na direção de uma sala grande e quadrada à esquerda. “Agora usamo-la como a nossa sala para reuniões. Juntamo-nos aqui todas as tardes, pelas sete horas. Esta é a sala de jantar

é às seis em ponto. Quanto ao pequeno-almoço e almoço, estás por tua conta. A cozinha é mesmo por ali – levo-te lá depois de acabarmos a visita. Como na maioria das casas, a cozinha é o coração da Gertrude House.”

A Olene começa a andar mais depressa agora e tenho de concentrar-me em acompanhá-la, em vez de parar e ver cada espaço individualmente. Depois da minha cela na prisão, a Gertrude House é um ataque avassalador aos meus sentidos. Há paredes pintadas com cores vivas, quadros e fotografias, móveis e bibelôs por todo o lado. Há música a tocar num recanto afastado da casa e acho que ouço um bebé a chorar. Perante o meu olhar interrogativo, a Olene explica: "Os familiares podem vir cá de visita. O que estás a ouvir a chorar é o bebé da Kasey. A Kasey vai deixar-nos na próxima semana. Vai voltar para casa, para junto do marido e dos filhos.”

“Porque é que ela está aqui?”, pergunto, à medida que Olene me leva para aquilo que parece ser uma sala de estar.

“Na Gertrude House, não damos muita atenção aos crimes umas das outras. Procuramos concentrar a atenção no que podemos fazer para melhorar as vidas de todos e tentamos ajudar os outros residentes a alcançar os seus objetivos. Mesmo assim”, reconhece Olene com um abanar da cabeça, "as conversas circulam depressa por aqui e as pessoas ficam a conhecer-se umas às outras bastante bem.”

De repente sinto-me muito cansada e interrogo-me se Olene irá demorar muito a levar-me para o meu quarto. Só quero meter-me dentro dos lençóis e dormir. Passamos por uma mulher baixa e pesada, com cabelo preto pela cintura e vários piercings no nariz e no lábio. “Allison, esta é a Tabatha. Tabatha, esta é a Allison Glenn. Ela vai ficar no quarto da Bea.”

“Eu sei quem tu és.” A Tabatha sorri jocosamente, atirando o cabelo por cima do ombro enquanto pega num enorme balde cheio de produtos de limpeza. Nunca pensei que conseguisse manter em segredo o motivo pelo qual fui presa, mas preferia ser conhecida como a rapariga que roubava automóveis ou snifava cocaína, ou mesmo a que matou o marido que abusava dela, em vez de ser quem realmente sou.

"Prazer em conhecê-la", digo, e a Tabatha dá uma rosnadela tão alta que fico à espera que um dos piercings do nariz voe e me acerte no peito. Lembro-me da minha amiga Katie e quase rio. Quando tínhamos catorze anos, fez um piercing no umbigo sem que os pais soubessem. Quando ela mo mostrou, já estava infetado e

cheio de pus. Tentei ajudá-la, mas ela tinha muitas cócegas e começava a contorcer-se de cada vez que me aproximava da sua barriga. A Brynn entrou quando estava a ajudá-la a limpar a ferida e nós não conseguíamos parar de rir. De cada vez que a Brynn e eu víamos alguém com piercings fora do comum, começávamos com risinhos.

Decidir ignorar a Tabatha e virar-me para Olene. "Podemos usar o telefone aqui? Posso ligar à minha irmã?"

Brynn

Ouço o telefone a tocar e a minha avó grita: "Eu atendo!" Um minuto depois, ela vem à cozinha, onde estou a preparar uma sanduíche. Basta-me olhar para o rosto da minha avó para saber que tem alguma coisa que ver com a Allison. "É a tua irmã", diz-me. Nesse momento já estou a abanar a cabeça para a frente e para trás. "Brynn, acho que devias falar com ela."

A minha avó está a tentar parecer austera, mas sei que nunca vai obrigar-me a falar com ela. "Não", digo, e volto à tarefa de espalhar manteiga de amendoim no meu pão.

"Vais ter de falar com ela mais cedo ou mais tarde", diz-me, pacientemente. "Acho que ficarás a sentir-te melhor."

"Não quero falar com ela", respondo com firmeza. Eu não consigo zangar-me com a minha avó. Sei que ela se sente encurralada. Ela só quer o que for melhor para nós as duas.

"Brynn, se não falares com ela ao telefone, não responderes às cartas que te mandou, a Allison vai encontrar outra forma."

De repente, tudo fica claro. Consigo vê-lo nos seus velhos e gentis olhos azuis. A Allison vai sair da prisão. Tanto quanto sei, até pode já ter saído.

As minhas mãos começam a tremer e um pedaço de manteiga de amendoim cai da minha faca para o chão. Tenho medo que ela apareça aqui de surpresa. Eu vou estar no jardim das traseiras a treinar o meu cão Milo, uma mistura de pastor alemão com chow, a passar por uma guloseima sem a comer, de repente vou virar-me e ela lá estará, a olhar para mim. À espera das palavras que sei que não virão. O que é que eu posso ter para lhe dizer? O que mais terá ela para me dizer que não me tenha já dito nas cartas que me mandou? De quantas formas é possível alguém dizer que lamenta?

Baixo-me para limpar a manteiga de amendoim com um toalhete de papel, mas o Milo apanha-a antes de mim. "Eu não consigo falar com ela."

A minha avó cerra os lábios e abana a cabeça, derrotada. "Ok, vou dizer-lhe."

Mas, Brynn, vais ter de a enfrentar algum dia.” Não respondo, mas sigo-a até à sala de estar e vejo-a pegar no telefone.

“Allison?” A voz da minha avó treme de emoção. “A Brynn não pode vir ao telefone.” Faz-se uma pausa enquanto ela ouve. “Ela está bem... muito bem...”

Não aguento mais; vou a correr de volta para a cozinha, agarro na minha sanduíche e saio pela porta das traseiras, para o meu carro. É muito mais fácil lidar com os animais do que com as pessoas. Aprendi isso há muito tempo. Os meus pais nunca me deixaram ter um animal de estimação – por causa do pelo, por causa da confusão, por falta de tempo. Sempre que trazia para casa animais vadios, tinha esperança, rezava para que eles me deixassem ficar com eles. Só uma vez. Eu tentava embelezá-los – amaciava o pelo emaranhado com um pente velho, borrifava-os com desodorizante, escovava-lhes os dentes com uma escova velha. Rafeiros velhotes e cheios de artrite... gatos zarolhos com orelhas cortadas. Depois desfilava com eles à frente dos meus pais. Veem como se porta bem? Veem como o pelo está suave? Veem como é sossegado, simpático, esperto? Percebem como me sinto só? Percebem? Mas não. Nada de animais de estimação. O meu pai levava-me a entregar o animal na sociedade protetora e, todas as vezes, eu chorava e agarrava-me com tanta força ao animal que ele arranhava e lutava para fugir de mim.

A minha avó deixa-me ter animais em casa dela, embora os tenha limitado a um máximo de cinco. Temos dois gatos, um mainá, um porquinho-da-índia e o Milo. A avó diz que tudo tem um limite e que não quer tornar-se numa daquelas velhotas malucas que vivem rodeadas de gatos e obrigam os vizinhos a chamar o canil.

Estou a treinar o Milo para ser um cão de terapia. Ele está a aprender a ficar quieto sentado ou deitado durante trinta segundos e a vir quando for chamado. A avó está a ajudar-me a ensiná-lo a manter-se quieto quando duas pessoas estão a discutir. Nós inventamos discussões patetas sobre quem tem de ir levar o lixo ou fazer o jantar. Acho que o Milo sabe que não estamos a discutir a sério; ele limita-se a bocejar, deita-se e olha para uma e para outra até que começamos as duas a rir. Quando terminarmos o treino, espero poder levar o Milo a lares de idosos e hospitais. É um facto comprovado que os animais conseguem ajudar a aliviar a dor e a ansiedade das pessoas doentes e idosas. Um dia quero abrir o meu próprio negócio, a treinar animais de estimação para serem usados com fins terapêuticos. Pela primeira vez na minha vida tenho um plano. E um bom, ainda por cima. Não

quero que nada nem ninguém me distraia do meu objetivo. Não os meus pais e muito menos a minha irmã.

Se ao menos a Allison tivesse feito o que sempre fazia (tomar uma boa decisão) as coisas poderiam ter sido muito diferentes. Ela não teria tido de ir embora. Os nossos pais teriam sido felizes e eu poderia ter-me limitado a ficar em segundo plano, onde pertença. Mas ela não tomou uma boa decisão. Ela fez asneira da grossa, e depois deixou-me naquela casa sozinha com os meus pais.

Eu não era a rapariga perfeita que ela era, e nunca o serei. Mas eles tentaram que eu fosse. Durante todo o liceu, era só pressão, pressão, pressão. Naquela casa eu não conseguia pensar, não conseguia tomar uma decisão, não conseguia respirar. Tentei ir para a Universidade de St. Anne, tentei acompanhar as aulas, tentei fazer amigos, mas sempre que entrava numa sala de aula era invadida por uma onda de pânico. Começava sempre nos meus ouvidos, um estranho zumbido que descia para a garganta e saía pelas pontas dos dedos, que ficavam dormentes. Sentia o peito apertado, não conseguia respirar. Os professores e os outros alunos olhavam para mim espantados e eu olhava-os de frente até parecer que eles se derretiam diante dos meus olhos. As orelhas deles deslizavam pelas caras abaixo e os lábios escorriam pelos queixos, até não serem mais do que massas de carne disformes.

Só quando engoli um frasco de comprimidos para dormir que encontrei no armário dos remédios da minha mãe é que os meus pais finalmente decidiram deixar-me em paz. Com muito gosto mandaram-me para casa da minha avó, do outro lado do rio e para lá do bosque, com uma mala e uma receita para um antidepressivo.

Aqui tudo me parece bem. A avó convenceu-me a ir a um médico: eu tomei os medicamentos e voltei a ficar em bom estado. Agora estou bem. Mas não vou falar com a Allison. Eu não posso falar com ela. É melhor assim. Melhor para ela e melhor para mim.

Pela primeira vez na vida, a Allison teve o que merecia.

Allison

Pouso o telefone no descanso, consciente de que Olene está a observar-me cuidadosamente, com os seus olhos rápidos, de águia. Depois de me instalar e encontrar um emprego, uma das primeiras coisas que vou comprar é um telemóvel, para poder ter um pouco de privacidade quando quiser telefonar. Tenho a certeza de que os meus pais me comprariam um telemóvel, mas não quero que o meu primeiro encontro com eles seja por causa de dinheiro. Além disso, quero mostrar-lhes que vou ficar bem, que sei tomar conta de mim mesma. Será que estão a pensar em mim neste momento? Secretamente, esperava que eles estivessem estacionados à porta da Gertrude House para me darem as boas-vindas quando eu cheguei.

A Olene deve ser vidente, porque me diz: "Muitos dos residentes têm telemóveis, mas temos uma regra aqui que diz que os telemóveis têm de estar desligados durante a realização das tarefas ou quando estamos nas sessões de grupo. Queremos respeitar a necessidade de sossego dos outros."

A Olene retoma a visita onde tinha parado. Leva-me através da cozinha, onde iremos revezar-nos a fazer o jantar, e para uma sala octogonal com um teto que passa acima do segundo andar. É aqui que os residentes veem televisão. Uma mulher de cabelo grisalho com uniforme de criada está a passar pelas brasas num sofá e uma mulher pequena e jovem, de pele escura, segura uma criança nos braços e canta-lhe suavemente em espanhol. Na televisão está a dar uma telenovela, sem som.

"Esta é a Flora e o filho dela, o Manalo", sussurra Olene. "E aquela é a Martha." A Olene acena na direção da mulher ensonada. Os olhos de Flora cerram-se até serem apenas uns estreitos rasgos e aperta mais o Manalo contra si. O pequeno acena-nos com a mãozinha gorducha e sorri.

"Prazer em conhecer-vos", digo.

A Flora diz qualquer coisa a Olene rapidamente e em espanhol, com um tom duro e hostil, e Olene responde-lhe, igualmente em espanhol. Sinto que Olene vai ter de falar muito para acalmar as outras residentes da Gertrude House a meu respeito.

"Vamos lá acima para te mostrar o quarto", diz Olene, levando-me pelo cotovelo e afastando-me da sala da televisão na direção da escada em espiral que leva aos quartos. Consigo sentir os olhos de Flora nas minhas costas enquanto sigo Olene pelas escadas acima. Só cá estou há vinte minutos e já parece que toda a gente sabe quem sou e o que fiz. Sei que não devia deixar que isso me afete muito, tive de lidar com a mesma situação na prisão, mas isto parece de algum modo diferente.

"Espera-se que toda a gente tenha um papel ativo na manutenção da casa", diz Olene, e eu consigo ver que isso é verdade. Não se vê um grão de pó em nenhum sítio e o chão brilha. A Olene bate levemente numa porta fechada antes de a abrir e mostrar um pequeno quarto com dois beliches e duas pequenas cómodas. As camas estão feitas com edredões às flores azuis e brancas e almofadas altas e fofas. Sinto-me de novo exausta e só quero deitar-me. As paredes estão pintadas de azul celeste e as janelas têm cortinas brancas e frescas. É um quarto muito sossegado.

"A tua companheira de quarto, a Bea, está a trabalhar agora. Deve vir para casa dentro de algumas horas. Podes desfazer as malas, põe-te à vontade e eu volto daqui a pouco para podermos terminar a visita." Olho para os beliches e hesito, a pensar qual das duas é a minha. A tua cama é a de baixo", diz Olene. A Bea gosta de dormir no beliche de cima – diz que o de baixo a faz sentir-se claustrofóbica.

A Olene toca-me no braço ao preparar-se para sair do quarto. "Olene", chamo-a. Ela vira-se para mim e eu reparo como o seu rosto gasto é gentil. "Obrigada."

"De nada", responde, sorrindo. "Descansa um pouco e chama-me se precisares de alguma coisa."

Os meus poucos pertences cabem numa gaveta do meu móvel e ainda sobra espaço. De uma certa forma, a Gertrude House recorda-me do campo de férias onde estive quando tinha onze anos. Vou partilhar um quarto com beliches e, pelo que me diz Olene, seguimos um horário bastante rígido que é afixado na principal área comum. Desde que acordamos, às cinco e meia, até se apagarem as luzes, às dez e meia, o nosso dia é preenchido com tarefas e sessões de grupo sobre todos os assuntos, desde a gestão das finanças até ao controlo da raiva e como sair-se bem nas entrevistas.

Sento-me no beliche de baixo e salto um pouco. As molas são firmes, mas flexíveis. Isto parece uma cama a sério, nada como o colchão duro e institucional de Cravenville, com lençóis ásperos, que arranhavam e cheiravam a lexívia. Levanto uma almofada fofa e enterro nela o meu nariz. Cheira a lavanda e eu sinto os meus olhos a encherem-se de lágrimas. Talvez aqui não seja assim tão mau. Não pode ser pior do que na prisão. Talvez as outras raparigas aprendam a gostar de mim. Talvez os meus pais ignorem o que os vizinhos pensam e me recebam novamente como filha deles. E talvez, talvez, a Brynn me perdoe.

Inspiro fundo outra vez, afasto a almofada da minha cara e pouso-a – e é nesse momento que a vejo. Os seus olhos vazios olham-me nos olhos e a cara de plástico sujo está congelada num meio sorriso. Pego na boneca. É velha e está estragada, parece que veio do contentor do lixo. No peito nu da boneca está uma palavra, escrita com marcador preto de tinta permanente, uma palavra que – compreendo-o agora – irá perseguir-me por todo o lado, onde quer que eu vá. Assassina.

Claire

Bookends está vazia e sossegada. Uma inesperada chuvada numa tarde de domingo afastou o sufocante calor de agosto e todos os clientes. Enquanto Claire Kelby retira livros de uma caixa, Joshua estica a cabeça por detrás do balcão, com o cabelo dourado espetado atrás. Ela reprime o desejo que sente de lambar os dedos e compor os fios de cabelo rebeldes. Os olhos castanho escuro do rapaz olham-na cheios de expectativa.

"Posso ajudá-lo, meu jovem?", pergunta Claire ao filho, com uma fingida seriedade.

"Estou aborrecido", responde Joshua com um olhar triste, dando um pequeno pontapé com a sapatilha no balcão.

"Já leste todos os livros que existem ali atrás?", pergunta-lhe Claire, e Joshua olha por cima do ombro na direção das inúmeras prateleiras repletas de livros.. Olhando de novo para a mãe, acena que sim e tenta reprimir um sorriso.

"Pois claro", diz Claire com ceticismo. "Onde está o Truman?"

"A dormir", resmunga Joshua, franzindo as sobrancelhas. "Outra vez", acrescenta, falando do seu buldogue inglês de seis anos e pelo avermelhado.

"Não o posso censurar. Está um dia de chuva, é um tempo ótimo para uma sesta", responde Claire. "Queres ajudar-me? Tenho montes de caixas para abrir e livros para colocar nas prateleiras antes de fechar. Ou talvez queiras também dormir uma soneca?"

"Não estou cansado", diz Joshua teimosamente, apesar de sentir as pálpebras pesadas. "Quando é que o papá chega?"

"Deve estar a chegar", garante Claire ao filho, e inclina-se sobre o balcão para lhe beijar a cabeça loura. Ela olha em volta da livraria, que tem sido, ao mesmo tempo, um refúgio e uma prisão. Alguns anos atrás, a loja e as responsabilidades inerentes a ela tinham-na impedido de enlouquecer. As longas horas tinham-lhe mantido a mente ocupada, tinham retido a sua atenção, distraíndo-a de pensar que o seu corpo, que sempre lhe tinha sido fiel ao longo dos anos, tinha acabado por

traí-la. Às vezes essa percepção atacava-a de repente, oprimindo-a de tal forma que tinha de interromper o que estava a fazer – a ajudar um cliente, a desencaixotar livros, a atender o telefone – e deliberadamente afastar as garras da ansiedade que lhe apertavam o coração, para poder respirar de novo.

Depois, inexplicavelmente, Joshua apareceu-lhes, como às vezes acontece com os milagres, num dia normal, muito depois de já terem aceite que nunca teriam um filho, biológico ou não. Agora cada vez mais a Bookends parece retirar-lhe todo o tempo que ela quer – e precisa – de passar com o filho. Ele vai para o jardim de infância em breve e ela aproveita intensamente o que lhe resta do tempo com ele, mesmo sabendo que ele preferiria estar lá fora a brincar a estar com ela dentro da livraria.

Foi Claire quem tratou de todos os aspetos necessários para a abertura da livraria há quase doze anos: Encontrar o local perfeito em Sullivan Street, rua ornada de carvalhos, na parte recentemente revitalizada da baixa de Linden Falls, tratar do empréstimo para pequenas empresas, encomendar os livros e contratar ajuda em part-time. Jonathan, por seu lado, construiu a livraria mais bonita que Claire alguma vez poderia ter imaginado. O edifício tinha originalmente sido a loja de uma costureira, mulher independente que se mudara para Linden Falls com o pai idoso em meados do século dezanove. Era encantador, com um intrincado teto revestido a estanho e painéis de madeira de nogueira, que Jonathan tinha descoberto debaixo de anos de tinta velha, verniz e sujidade.. Ao remexerem no segundo piso e no sótão, Claire e Jonathan encontraram rolos de panos bolorentos.e enormes frascos cheios de botões feitos de conchas de mexilhão, osso e peltre, escondidos debaixo de uma mesa. Claire adorava imaginar os vestidos feitos naquela mesa – um vestido para batizado engalanado com rendas, pequenas perolazinhas cosidas ao corpete de seda de um vestido de noiva, um vestido de caxemira preta para um velório.

Joshua tenta erguer-se para cima do balcão, com os sapatos a arranhar o painel dianteiro. "Estou aborrecido", repete, ao mesmo tempo que escorrega para o chão. "Quando é que ele chega?", pergunta novamente.

Claire sai de detrás do balcão, baixa-se, pega em Joshua e pousa-o ao lado da caixa registadora. "Ele deve chegar para te vir buscar dentro de" – olha para o relógio de pulso – "meia hora. O que queres fazer?"

"Conta-me sobre o meu Dia da Chegada", ordena. Claire olha-o

demoradamente, na expectativa. "Por favor", acrescenta.

"Ok", concorda Claire, envolvendo-o nos seus braços. À semelhança do que tem acontecido muitas vezes nos últimos tempos, ela fica espantada com o que ele tem crescido. Quase não consegue acreditar que ele tem cinco anos. Encosta o nariz ao pescoço dele e respira o aroma reconfortante do sabonete Yardley de Londres com que lhe deu banho nessa manhã. Joshua, numa repentina necessidade de privacidade, começou a mandá-la sair da casa de banho enquanto se prepara para o banho.

"Apenas o Truman e o papá podem estar aqui quando estou a tomar banho, porque somos todos rapazes", explicou.

Por isso, Claire, depois de lhe preparar a água do banho, senta-se no chão do corredor, encostada à porta fechada da casa de banho, e espera, perguntando através da porta de vez em quando: "Está tudo bem aí dentro?"

Agora leva Joshua para o luxuoso e confortável sofá posicionado num canto da livraria, e acomodam-se os dois para a história favorita dele. A história de como Joshua se tornou deles.

"Antes de podermos falar do Dia da Chegada", diz Claire, "temos de falar sobre o primeiro dia em que te vimos." Joshua enrosca-se mais nela e, tal como aconteceu em todos os dias nos últimos cinco anos, Claire encanta-se com a sua ternura. "Fez cinco anos em julho passado que o papá e eu estávamos sentados à mesa da cozinha, tentando decidir o que íamos fazer para jantar, quando o telefone tocou."

"Era a Dana", murmura Joshua, enquanto brinca com a pérola cor de leite suspensa da orelha de Claire.

"Era a Dana", concorda Claire. "E ela disse que havia um lindo rapazinho à nossa espera no hospital."

"Era eu. Era eu que estava à espera no hospital", diz Joshua a Truman, que decide coxear até junto dos dois. "E, como a senhora do meu nascimento não podia tomar conta de mim, deixou-me no quartel dos bombeiros e um bombeiro encontrou-me lá num cesto."

"Ei, quem está a contar a história?", pergunta Claire, espetando-lhe um dedo na barriga carinhosamente.

“És tu.” Joshua encurralha o seu nariz arrebitado e tenta parecer arrependido.

"Não há problema, podemos contá-la juntos", tranquiliza-o Claire.

"E os bombeiros não sabiam o que fazer!", exclama Joshua. “Ficaram apenas a olhar para mim e a dizer: “É um bebé!”” Joshua estende as mãos, com as palmas para cima, com uma animada consternação espelhada no rosto.

"Foste uma surpresa, isso é certo", concorda Claire. "Os bombeiros chamaram a polícia, a polícia chamou a Dana, a Dana levou-te para o hospital e depois ela telefonou-nos."

"E quando pegaste em mim pela primeira vez fartaste-te de chorar", ri Joshua.

“Isso mesmo”, concorda Claire. “Chorei como um bebé. Tu eras o rapazinho mais lindo e...” Nesse momento, ouvem a porta da livraria abrir e Jonathan entra, com as calças e a camisola de trabalho pintadas e empoeiradas do projeto de renovação em que está a trabalhar.

"Olá aos dois", cumprimenta, sacudindo a chuva dos caracóis pretos. “O que estão a fazer?”

“Dia da Chegada”, diz Claire, em jeito de explicação.

“Ahh”, diz Jonathan, com um sorriso rasgado a invadir-lhe a face. “O melhor dia de sempre.”

"A mamã chorou", diz Joshua, escondendo a sua boca de Claire, como se, por não poder ver os seus lábios, ela não pudesse ouvi-lo.

“Eu sei”, sussurra Jonathan. "Eu estava lá."

"Ei, o papá também chorou", protesta Claire, olhando afetuosamente para os seus rapazes. “Nós trouxemos-te para casa e, após trinta dias, o juiz disse: ‘O Joshua é agora oficialmente um Kelby.’”

“Quem era eu antes?”, pergunta Joshua, um pouco preocupado.

“Eras um texugo com três caudas”, brinca Jonathan.

"Eras um desejo que tínhamos todas as manhãs quando acordávamos e uma oração que rezávamos antes de irmos dormir todas as noites", responde-lhe Claire, reprimindo as lágrimas, como sempre fazia quando pensava como as

coisas poderiam ter sido muito diferentes se Dana, a assistente social, tivesse marcado um número de telefone que não o deles.

“Foste um Kelby desde o primeiro dia em que te vimos”, diz Jonathan, sentando-se no sofá, de forma que Joshua ficou espremido entre os dois pais.

“Uma sanduíche Kelby”, declara Joshua, iniciando o seu jogo favorito. “Eu sou a manteiga de amendoim. Tu és o pão.”

“Tu és a pasta de fígado”, corrige-o Jonathan. “A mortadela com azeitonas, o ovo estrelado com queijo de Limburgo.”

“Não”, ri-se Joshua. “És uma sanduíche de salada de peru.”

“Ei, eu gosto de sanduíches de salada de peru”, protesta Jonathan.

“Blaaa”, exclama Joshua, pondo a língua de fora.

“Blaaa”, concorda Claire, enquanto Jonathan a olha por cima da cabeça de Joshua e os seus olhares se prendem. Ambos sabem o quanto custou para chegarem a este ponto. A infertilidade, a atroz perda da primeira criança de acolhimento. O sofrimento e as decepções por que já passaram. O passado é passado, e é lá que deve ficar, dizem os olhos de ambos. Já temos o nosso menino e isso é tudo o que importa.

Charm

Charm Tullia empurra a porta da Bookends, com a lista de livros numa mão e o telemóvel na outra, para o caso de Gus lhe ligar. Ela quer que o padraço possa contactá-la sempre que quiser. Sabe que há de chegar o dia em que receberá uma chamada a informá-la de que Gus caiu, está com febre ou pior. A chuva parou, mas ela limpa cuidadosamente os pés no tapete à entrada da livraria.

Claire cumprimenta-a calorosamente, como sempre tem feito desde que Charm entrou pela primeira vez na Bookends, há vários anos. Claire pergunta-lhe sempre como estão a correr as aulas de enfermagem e como está o padraço.

“Não está muito bem”, responde-lhe Charm. “A enfermeira que está com ele durante o dia diz que seria boa ideia pensarmos em colocá-lo numa instituição para doentes terminais.”

“Lamento muito”, diz Claire, com genuína tristeza na voz. Charm baixa a cabeça e começa a procurar algo na carteira, escondendo os olhos, que se encheram de lágrimas ao pensar na morte de Gus. É isto que torna tão difícil e tão fácil para Charm voltar sempre à Bookends. A Claire Kelby é tão simpática.

“O Joshua está cá hoje?”, pergunta Charm, olhando à volta em busca do rapazinho.

“Acabou de sair”, responde Claire, em jeito de pedido de desculpa. “O Jonathan veio buscá-lo e levou-o para casa.”

“Bem, diga-lhe olá da minha parte”, diz Charm, tentando disfarçar a desilusão, enquanto entrega a lista de livros a Claire por cima do balcão. “Consegui comprar a maior parte dos meus livros em segunda mão através da loja da universidade, exceto este, e é muito caro”, explica Charm, apontando para um título escrito no papel. “Tem alguma ideia?”

“Vou ver o que posso fazer”, promete-lhe Claire. “Quando termina o seu curso? Deve estar quase.”

“Em maio. Mal posso esperar”, diz Charm com um sorriso.

“Eu ligo-lhe amanhã para lhe dizer o que consegui descobrir acerca do seu

livro. Cuide de si, está bem, Charm? E lembre-se: ligue-me se precisar seja do que for."

"Obrigada", repete Charm, apesar de saber que nunca lhe ligará por qualquer outro motivo além de procurar um livro. Por muito que Charm admire Claire e a família dela, por muito que goste de falar com ela, Charm já sabe demasiado acerca da vida de Claire. Se Claire alguma vez viesse a saber o quanto ela sabe, pensa Charm, nunca mais a veria com os mesmos olhos.

Depois de passar na mercearia para ir buscar algumas coisas, Charm atravessa o rio Druid e dirige-se para a área rural entre Linden Falls e a pequena cidade de Cora, para ver como está Gus. Embora ela não queira admiti-lo, Gus está cada dia mais fraco. Ao entrar no caminho de acesso, observa a pequena casa de campo com três quartos onde tem vivido desde os dez anos de idade. Gus manteve sempre a casa em perfeito estado e só com muita atenção ela consegue ver quaisquer vestígios de desgaste, mas eles existem. A tinta das portadas pretas está a começar a desbotar e a rachar, e o revestimento exterior branco precisa de uma boa lavadela. O relvado está bem aparado, mas não cortado como Gus o faria, se estivesse bem de saúde. Durante algum tempo, Charm tentou cortar a relva com o padrão diagonal preferido de Gus, mas, embora ele nunca tenha dito nada, ela conseguia perceber que a imperfeição das linhas o frustrava. Por fim, Charm contratou um vizinho de catorze anos que vive a setecentos e cinquenta metros na mesma rua para tomar conta das tarefas relacionadas com a relva. Mas Gus não deixa que ninguém toque nos seus canteiros de flores. Eles continuam a ser o seu domínio, apesar de estarem a sofrer com a sua doença.

Charm sai do carro, pega no saco de compras e dá a volta até à entrada lateral. Então vê Gus de joelhos, de costas para ela, com a cabeça para baixo, e por um instante pensa que ele caiu. Corre de imediato para ele, largando os sacos. Ao ouvi-la chegar, Gus vira repentinamente a cabeça e levanta-se lentamente, erguendo tremulamente a sua pequena garrafa de oxigénio portátil. "Onde estiveste, Charm?", resmunga. "Estava preocupado." A camisa aos quadrados que traz vestida envolve o seu corpo magro e as calças caqui ficam demasiado largas nas ancas. Com esforço, retira as luvas de jardinagem e deixa-as cair no chão. Afastou o espesso cabelo preto do rosto e, para lá do tom cinzento da pele e dos olhos encovados, Charm consegue vislumbrar o homem atraente que foi no passado. O homem que a mãe dela decidira manter por perto durante mais tempo do que qualquer outro dos muitos namorados que teve, e com quem decidiu mesmo

casar. Quando Charm era pequena, olhava com orgulho para os dois juntos: a sua bela mãe loura e Gus, o atraente e divertido bombeiro.

Reanne Tullia manteve-se com Gus durante quatro anos – um recorde mundial para ela, pensa Charm. Com o passar do tempo, a mãe dela cansou-se de desempenhar o papel que lhe tocava naquela família feliz, deixou Gus e mais tarde divorciou-se dele. Charm tinha dez anos quando se mudaram para ali e catorze quando a mãe estava pronta para seguir caminho. Reanne percorreu o curto caminho sobre o rio Druid e voltou a viver em Linden Falls. Charm esteve com ela umas semanas, mas era insuportável. A meio da noite, Charm ligou a Gus e suplicou-lhe que a deixasse regressar, e ele acedeu, sem quaisquer perguntas. Charm e o irmão pediram para ficar a viver com ele e Gus teve a simpatia de aceitar.

Agora Gus está muito doente. Cancro do pulmão, consequência da sua profissão como bombeiro e de anos como fumador. Gus reformou-se antecipadamente dos bombeiros há cerca de cinco anos, quando ficou doente. Desde que a doença lhe foi diagnosticada, ele pergunta-lhe sistematicamente porque quer ficar com um velho doente. A resposta é sempre a mesma: "Porque esta é a minha casa." "Tu és a minha casa."

"Calma, Gus", diz Charm, tentando parecer à vontade, escondendo dele a sua preocupação. "Fui só à livraria e depois passei pela mercearia."

Gus olha-a nos olhos durante um bom bocado e depois pergunta: "Como está esse rapazinho?"

"Ele não estava lá, mas a Claire diz que está bem. Começa o jardim de infância na próxima semana. Dá para acreditar?"

Gus abana a cabeça. "É incrível. Fico feliz que esteja bem."

"Trouxe-te *kolache*", diz Charm, antes que ele diga mais alguma coisa acerca de Joshua. Ela entrega-lhe o saco com os pastéis checos que ele adora. "Prometo-te que um dia vou aprender a fazê-los eu mesma", diz-lhe quando ele pega no saco.

"Naah, assim está perfeito", replica ele, embora ela saiba que não é verdade. Gus costumava fazer *kolache* autênticos, deliciosos, com a receita da mãe. Agora, na maior parte do tempo, ele está demasiado fraco para se manter de pé durante mais de dez minutos.

"A tua mãe telefonou", diz Gus com uma voz arranhada, que ainda o faz soar mais velho do que os seus cinquenta anos. É difícil para Charm perceber se é do cancro ou se ele ficou perturbado com o telefonema da mãe.

Charm e a mãe raramente falam. De tempos a tempos, tentam reconstruir a relação, mas os encontros entre as duas acabam geralmente em lágrimas amargas e palavras furiosas.

"E o que é que ela queria?", pergunta Charm, carrancuda.

Caminham para a cozinha através da porta lateral e Charm retira uma cadeira de debaixo da mesa, arrastando as pernas ruidosamente no desbotado linóleo às flores azuis. Gus baixa-se lentamente até se sentar na cadeira. Gus tem mostrado pouca firmeza nas pernas e ela está constantemente preocupada que ele possa cair. Ontem tropeçou na junção da carpete com o linóleo e deu uma queda. Por causa disso, arranhou os joelhos e magoou-se nos cotovelos. Charm teve de o sentar como se fosse uma criança de três anos para lhe limpar os joelhos arranhados, cobrindo-os de pensos rápidos. Nesse momento, ela percebeu que era hora de falar com Gus sobre ter alguém com ele durante o dia, enquanto ela estava nas aulas ou no hospital.

"Ela não veio cá, pois não?", pergunta Charm, e os olhos abrem-se-lhe em pânico. Se a mãe dela tivesse lá ido, ter-lhe-ia bastado olhar para Gus para perceber que ele está muito doente e, tal qual um abutre, teria começado a rondar. Gus não tem muita coisa, mas é dono da sua casa e do carro. Reanne sempre achou que devia ter ficado com a casa no divórcio e, na opinião de Charm, ela não hesitaria muito em tentar ficar com ela agora.

Gus abana a cabeça, que agora parece grande demais para o seu corpo. Ele perdeu imenso peso nos últimos meses. "Não, só queria falar." Charm observa enquanto Gus tira uma *kolache* do saco e dá uma pequena dentada. Ele faz isso por ela, não quer que ela chame o médico e lhe diga que ele não come nada. Ele agora não come mais do que bocadinhos de qualquer coisa.

"Ela queria dinheiro, não era?", pergunta Charm, apesar de já saber a resposta. É mesmo típico da mãe dela. Nenhum telefonema, nenhum postal de aniversário, nada. E de repente, sem ninguém esperar, puf!, um telefonema. Não para Charm, claro. Reanne é demasiado esperta para isso.

"Não, não", responde Gus, na defensiva. "Ela só ligou para saber como

estávamos."

"Ela perguntou por mim?", pergunta Charm, cética.

"Sim, perguntou." Com uma mão trémula, Gus leva a *kolache* lentamente de novo até aos lábios. Tem o rosto pálido. Tentara barbear-se, mas falhou diversos pedaços hirsutos no pescoço. "Ela perguntou como estavas, como te estavam a correr os estudos e quais as novidades."

"O que lhe disseste?", pergunta Charm, quase a medo. Ela não gosta que a mãe saiba pormenores sobre a sua vida. Quanto menos a mãe souber, menos poderá usar contra si.

"Não lhe disse muita coisa", responde Gus com tristeza, e Charm percebe que ele ainda ama a sua mãe. Ela é encantadora. Até deixar de o ser, pensa Charm, e depois apenas apetece correr com ela à bofetada, como se fosse um mosquito incomodativo. Mas Gus ainda não a esqueceu, mesmo após todos estes anos. "Disse-lhe que estás bem, que terminas o curso de enfermagem na próxima primavera. Que és uma boa rapariga." Então o rosto de Gus torna-se mais fechado, uma nuvem negra paira sobre ele. "Claro que também perguntou pelo teu irmão. Eu disse-lhe que não sei nada dele há anos e que não tenho o mínimo de saudades do grande sacana."

"Aposto que ela adorou essa parte!", diz Charm, a sorrir. O irmão de Charm é o favorito da mãe. O pai dele foi o único homem que a mãe dela alguma vez amou de verdade, e ele, pelo contrário, não quis nada com ela. Homem esperto, pensa Charm.

Gus pousa a *kolache* na mesa e olha para Charm, a dor visível nos cansados olhos azuis. "Ela disse que ele lhe telefonou e deixou uma mensagem estranha no atendedor automático."

"Ah sim?", diz Charm casualmente, como se não lhe interessasse. "Que tipo de mensagem?"

"Ela não disse. Disse que queria falar contigo. Quer que tu lhe telefones", diz Gus com uma voz áspera.

"Pareces cansado", diz-lhe Charm. "Porque não te vais deitar um bocadinho?" Gus não discute, o que já diz tudo. Lentamente, afasta a cadeira da mesa da cozinha e põe-se em pé sem grande segurança. "Lembra-te que a Jane vai passar

por cá mais logo à noite", ela recorda-lhe.

Quase todas as noites, Jane, uma enfermeira da Associação das Enfermeiras Visitadoras, passa por casa de Gus para o visitar. Ela combinara isso com Jane quando Gus começara a cuspir sangue e a ficar cada vez mais confuso. Jane mede-lhe a tensão, ausculta-o e certifica-se de que tem todos os cuidados de que precisa. Gus tem sempre muito orgulho no seu aspeto e tenta arranjar-se um pouco melhor antes da chegada de Jane. Certifica-se de que a camisa está por dentro das calças e de que o cabelo está penteado. O cancro deu à sua pele um tom amarelado e transformou os seus braços, outrora tão fortes, em finos galhos, mas Gus continua a gostar de namoriscar.

"Ah, a Jane", diz Gus, sorrindo. "A minha enfermeira favorita."

"Ei!", replica Charm, simulando indignação. "Pensei que eu era a tua enfermeira favorita."

"Tu és a minha favorita futura enfermeira", explica Gus. "A Jane é a minha enfermeira oficial favorita."

"Bom... Assim está bem", diz Charm, caminhando logo atrás de Gus para o caso de ele cair, como uma mãe que acompanha um filho que começa a dar os primeiros passos titubeantes. "É bom que não haja dúvidas quanto a este assunto." Certifica-se de que Gus está deitado na cama em segurança, coloca um copo com água na mesa de cabeceira e verifica novamente se a garrafa de oxigénio está a funcionar.

"Charm", chama Gus, enquanto puxa a colcha para cima até junto do queixo. "Também falei com outra pessoa hoje." Pelo tom de voz sério, ela percebe que a conversa foi importante. "Liguei para a casa de saúde..."

"Gus", interrompe Charm, "Não..." Lágrimas espreitam-lhe por trás dos olhos. Ela ainda não está pronta para ter esta conversa.

"Liguei para a casa de saúde", continua, com firmeza. "Quando chegar a hora, quero estar aqui, em nossa casa. Não no hospital. Compreendes?"

"Ainda é muito cedo...", começa Charm, mas Gus interrompe-a.

"Charm, miúda, se queres ser enfermeira vais ter de aprender a escutar os pacientes."

"Mas tu não és meu paciente." Ela está a tentar não chorar e começa a baixar os estores para tapar o sol do fim de tarde.

"Quando chegar a hora, liga para a casa de saúde. Deixei o número junto ao telefone."

"Ok", concorda Charm, sobretudo para agradar a Gus. Ela não está preparada para a morte de Gus. Ele é a única verdadeira família que ela tem, que ela alguma vez teve. Ela precisa dele. A exaustão e a dor chegam-lhe ao rosto. "Precisas de alguma coisa antes de eu ir para as aulas?", pergunta Charm, detestando e, ao mesmo tempo, sentindo-se aliviada por ter de sair.

"Não, só quero fechar os olhos um pouco. Estou bem. Vai à tua vida", responde-lhe.

Por um momento, ela permanece no quarto escurecido, junto à cama de Gus, vendo o peito dele subir e descer, ouvindo as respirações mecânicas da máquina de oxigénio.

O que vou fazer sem ele? Para onde vou?

Claire

Claire e Jonathan não dizem tudo a Joshua sobre o seu Dia da Chegada. Não lhe dizem como Claire olhava enquanto Jonathan pousou os cotovelos na mesa e apoiou a cabeça nas mãos. Nem o quanto ele hesitou quando Dana ligou acerca da criança abandonada. Nem como Claire teve de dizer a si mesma: Tem paciência, espera que ele diga alguma coisa. Nem como, quando ele finalmente ergueu a cabeça, havia pequenos círculos vermelhos na sua testa, nos pontos onde os dedos tinham pressionado a pele. Ou como Claire quisera ir até ele, beijar cada um desses círculos vermelhos suavemente, com ternura. "Só até encontrarem outra família de acolhimento para ele, Claire", disse Jonathan, sem convicção. "Compreendes? Nada a longo prazo. Nem pensar. Não consigo fazer isso." Ele abanou a cabeça, como se ainda estivesse confuso. "Não consigo passar novamente por tudo, como com a Ella. Não posso afeiçoar-me de novo a uma criança, para depois vê-la ser-me retirada. É esse mesmo o objetivo das famílias de acolhimento – fazer as crianças voltar para os pais biológicos."

"Eu também não consigo", sussurrara Claire. "Também não aguento passar novamente pelo que passámos com a Ella." No entanto, de algum modo, Claire sabia que esta mãe não voltaria, não lhes tiraria este rapazinho. Deus não poderia ser tão cruel, não depois de tudo o que acontecera.

Um ano antes, uma criança havia sido encontrada morta num campo de cereais congelado no outro extremo do estado. Depois disso, o estado do Iowa tinha rapidamente feito aprovar a lei do Porto Seguro, que permitia que as mães entregassem recém-nascidos com menos de duas semanas em hospitais, esquadras de polícia ou quartéis dos bombeiros, sem medo de serem condenadas por abandono. Os médicos calcularam que este bebé tinha cerca de um mês e, por breves instantes, Claire temeu que a polícia encontrasse a mãe que o tinha abandonado. Mas rapidamente pôs de lado os seus receios. Este rapazinho, o rapazinho que levariam para casa, seria o primeiro bebé entregue a um Porto Seguro. Ele seria deles.

Quando Dana colocou Joshua nos braços de Claire, foi como se ela tivesse sido curada. Como se todos os abortos e a intervenção cirúrgica nunca tivessem acontecido. A dor e a perda não eram mais do que vagas memórias. Era por isto

que eles haviam esperado todos estes anos. Por este rapazinho lindo e perfeito.

No caminho do hospital para casa, pararam para comprar algumas coisas necessárias: fraldas, biberões, leite para bebé. No último instante, Claire levou também um livro com nomes para bebés. Finalmente, finalmente, iria poder dar o nome a uma criança. O livro enumerava os nomes por ordem alfabética, cada um deles com a respetiva origem e significado. O nome desta criança, decidiu Claire, tinha de ter um significado especial. Já que não pudera dar-lhe o nascimento, dar-lhe-ia um nome cheio de significado.

Claire gostava do nome Cade, mas ele significava redondo ou barrigudo. Jonathan gostava de Saul, que queria dizer o desejado. Era uma possibilidade, eles desejavam-no há anos. O nome Holmes significava porto seguro, mas Jonathan pensou que soava um pouco ultrapassado e trazia imagens de miúdos a chamar-lhe Sherlock. Claire percorreu mais algumas páginas até os seus olhos encontrarem o nome Joshua. Salvo por Deus. "Joshua", disse em voz alta, pesando a palavra na língua, sentindo-a nos lábios. Claire sorriu para Jonathan e virou-se para trás na cadeira, para ver o bebé que iria tornar-se filho deles. "Joshua", repetiu um pouco mais alto; nesse momento, no seu sono, o bebé deu um pequeno e suave suspiro. Feliz. Seguro. Salvo.

Charm

Desde que iniciara o seu estágio de enfermagem em St. Isadore, não há dia que passe sem que Charm pense no bebé. Ainda que saiba que ele é bem tratado e amado, não consegue passar pelos símbolos amarelos de Porto Seguro no hospital sem se recordar, ao mesmo tempo, da tristeza e do alívio que sentiu quando deu a criança, apesar de ele não ser propriamente dela para dar. Para ser sincera, ela sente sobretudo alívio. Se ela não o tivesse levado para o quartel dos bombeiros, provavelmente nem teria conseguido terminar o secundário, quanto mais ir para a universidade. E Charm está convencida de que a sua mãe teria, de algum modo, arranjado forma de arruinar a vida do bebé.

Charm apressa-se a descer a rua ladeada pelos veneráveis edifícios de tijolo que compõem o campus de St. Anne. A pequena universidade privada encontra-se no centro de Linden Falls e está rodeada por ruas empedradas e residências históricas, que começam a ameaçar ruína. Sem fôlego, junta-se a um grupo de estudantes a caminho da aula de Liderança e Temas Contemporâneos da Enfermagem. Sophie, uma rapariga alta e desengonçada, que pretende trabalhar em oncologia pediátrica, está a explicar como possui uma ligação psíquica com a mãe..

“A sério”, diz Sophie ao entrarem na sala de aula, “basta eu pensar na minha mãe e ela telefona-me um minuto depois.”

"Pois sim", resmunga Charm. "Não acredito em ti." Charm procura apoio nas colegas, mas todas sorriem com ar de quem sabe do assunto, acenando com a cabeça e dizendo coisas como: "É verdade, eu tenho isso com a minha irmã."

“Ora tenta lá”, diz-lhe Charm, cruzando os braços e encostando-se na cadeira.

"Ok." Sophie encolhe os ombros, mete a mão na bolsa, retira o telemóvel e pousa-o na mesa à sua frente.

"E agora?", pergunta Charm.

"Agora é só esperar. Ela vai ligar-me nos próximos minutos", explica.

Charm abana a cabeça em desconfiança, mas poucos minutos depois o

telemóvel de Sophie começa a vibrar, fazendo uma pequena dança em cima da mesa. Sophie pega no telefone e mostra a todos o ecrã: Mãe.

"Olá, mãe", diz Sophie ao telefone. "Estava mesmo a pensar em ti." Sorri triunfante, virando-se para Charm.

Charm fica impressionada, mas triste ao mesmo tempo. Não se lembra de ninguém com quem tenha uma ligação assim tão profunda. Certamente não com a mãe. Reanne precisa de estar sempre no centro das atenções. Charm nunca foi suficiente para ela, o seu irmão nunca foi suficiente, Gus nunca foi suficiente. Reanne Tullia andava sempre à procura de algo melhor, mais excitante. Charm não faz ideia de onde esteja o seu irmão e, tanto quanto sabe, o pai pode até já ter morrido. Charm chegou a ter um namorado no ano passado que estava sempre a telefonar-lhe, mas isso tinha mais que ver com a louca insegurança dele do que com alguma ligação sobrenatural.

O Gus, pensa. Talvez ela tenha esse tipo de ligação com Gus. Foi ele quem a ensinou a andar de bicicleta e a multiplicar frações, quem esteve na assistência e reprimiu as lágrimas quando ela atravessou o palco para ir receber o diploma do ensino secundário.

Tudo o que Charm aprendeu sobre como ser uma boa mãe, uma boa pessoa, aprendeu-o com Gus. De uma coisa tem a certeza: quando se casar e tiver filhos, ela estará sempre presente na vida deles. Não vai deixá-los quando as coisas se tornarem difíceis ou tristes ou simplesmente aborrecidas.

Isso é algo que a mãe e o irmão dela nunca aprenderam.

Brynn

É a minha primeira aula do período e sinto-me nervosa, apesar de já conhecer todos os meus professores e a maioria dos meus colegas. Um sentimento familiar invade o meu peito, como um pó espesso que se ergue no ar e pousa no meu esterno. Tento inspirar de forma longa e profunda, como o Dr. Morris me aconselhou, mas isso não ajuda.

Estou ansiosa pelas minhas aulas deste semestre, vou estudar Animais na Sociedade e Educação Humana com Animais de Companhia. Também vou fazer um estágio fora da universidade. Uma vez que já faço voluntariado na sociedade protetora, acho que vou pedir para ir trabalhar numa quinta de cavalos. Nunca montei a cavalo, mas li que os cavalos já têm sido usados para ajudar pessoas com problemas de comportamento, distúrbios alimentares e mesmo autismo. Apesar do que a maior parte das pessoas diz, os cavalos são incrivelmente inteligentes. Nos finais do século XIX, havia um cavalo chamado Beautiful Jim Key que percorria o país com o seu treinador, o Dr. William Key. O Beautiful Jim Key conseguia identificar diferentes moedas e usar uma caixa registadora para marcar os valores e dar o troco correto. Também sabia soletrar, dizer as horas e dizia-se que tinha um QI de um aluno do sexto ano. Não sei se isto era mesmo verdade, mas gosto de pensar que sim.

Sinto o meu telemóvel a vibrar e procuro-o na minha bolsa. Por momentos, penso que alguém deu o número do meu telemóvel à Allison, mas eu não o dei sequer aos nossos pais e sei que a avó não lho daria. Sorrio depois de olhar para o ecrã. É a minha amiga Missy. Abro o telefone e coloco-o no ouvido. "Olá, Missy, tudo bem?"

"Festa esta noite, em minha casa, oito horas", diz Missy.

"O que vamos celebrar?", pergunto, enquanto estaciono o meu carro no parque da Universidade Pública de Prairie.

"É só para celebrar o regresso às aulas. Podes vir?"

"Claro", respondo, enquanto pego no saco com os livros do banco de trás e me dirijo para o edifício de Ciências dos Animais. "Eu trabalho até às nove. Vou logo depois disso."

Conheci a Missy em novembro, pouco depois de vir para New Amery. Eu vim morar com a minha avó em setembro. Sentia-me tão triste e só; passei os dois primeiros meses em New Amery sentada num quarto de hóspedes em casa da minha avó, a chorar e desenhar no meu diário, tentando não me matar. Até que, por fim, a minha avó perdeu a paciência. Já não aguentava ver-me assim mais tempo.

"Então, Brynn", disse-me, entrando no meu quarto e sentando-se na cama. "É altura de te levatares e começares a viver a tua vida." Eu espreitei para ela de debaixo dos meus cobertores, mas não respondi. A minha avó era tão diferente do meu próprio pai, que por vezes eu não conseguia acreditar que ele tinha nascido dela. "Quero mostrar-te uma coisa", disse-me, enquanto tirava a colcha de cima de mim.

"O quê?", perguntei, mal-humorada. Tudo o que eu queria era voltar a puxar a roupa para cima da minha cabeça e dormir. Esquecer que era um fracasso, uma perdedora, um zé-ninguém.

"Anda, já vais ver", disse-me, esticando a mão para me ajudar a levantar. A minha avó arrastou-me para o carro dela e levou-me através das ruas de New Amery até parar em frente a um edifício metálico comprido e atarracado. No exterior, via-se um letreiro de grandes dimensões com as palavras Sociedade Protetora dos Animais de New Amery pintadas em letras vermelhas brilhantes.

Sentei-me direita no assento e virei-me para a minha avó. "Porque viemos aqui?"

"Anda, vou mostrar-te." Ela sorriu-me e eu segui-a relutantemente para dentro do edifício. Fomos recebidas por um simpático labrador preto e uma rapariga da minha idade, que usava um colete vermelho onde uma etiqueta mostrava o nome Missy. Ela estava atrás de um balcão alto e tinha na mão um pequeno gatinho cor de laranja. Ouvi os latidos e ganidos abafados de cães em canis noutra parte do edifício.

"Olá, minhas senhoras", disse a rapariga vivamente. "Em que posso ajudá-las hoje?"

A minha avó olhou para mim: "Em que é que ela pode ajudar-te hoje, Brynn?"

"A sério?", perguntei, descrente. "Estás a falar a sério, avó?"

"Vai dar uma olhadela", disse, acenando com a cabeça na direção dos canis.

"Algures lá dentro está um animalzinho à tua espera... Vai encontrá-lo."

"Vamos lá", disse Missy. "Eu mostro-te o caminho." Missy abriu uma porta e fomos saudadas por ganidos e latidos, que ecoavam nas paredes. A sala comprida e estreita estava preenchida por canis cheios de cães de todas as raças – um bigle, um setter inglês, labradores e imensas raças mistas. Parei junto de uma bola de pelo castanho-avermelhado que olhava para mim com olhos brilhantes e suplicantes.

"De que raça é este cão?", perguntei a Missy.

"Este é o Milo. É uma mistura de pastor alemão com chow-chow. Tem dois meses. Foi encontrado numa estrada de gravilha a sul da cidade. O pobrezinho estava desidratado e a morrer de fome. É um rapazito irrequieto, mas amoroso."

Olhei para a minha avó. "Posso ficar com ele?", perguntei-lhe, não ousando ter muitas esperanças. Ele ainda só tinha uns meses e já tinha patas enormes, e Missy tinha dito que era irrequieto. "Acho que ele precisa de mim."

"Claro, Brynn. É teu", respondeu-me, colocando o braço à volta da minha cintura.

Foi através da Missy que me tornei voluntária na sociedade protetora e que soube do programa Animais de Companhia na universidade pública. Continuo sem perceber por que razão uma miúda bonita, divertida e de espírito aberto como a Missy fez amizade comigo, que sou segura e aborrecida, mas ainda bem que assim foi. Lembro-me que, quando tinha treze anos, a minha mãe obrigou-me a ir para o mesmo campo de férias de futebol para onde a Allison ia. Eu era péssima a jogar futebol e fazia asneira todas as vezes que a bola vinha ter comigo. A Allison não me dirigiu a palavra uma única vez durante essa semana. Sempre que eu tentava falar com ela ou tentava juntar-me ao grupo de amigas dela, ignorava-me por completo. Quando finalmente eu não consegui aguentar mais e comecei a chorar como uma bebé, a Allison virou os olhos para cima e começou a rir. Acabei por passar o resto do campo de férias na minha cabana, sob o pretexto de ter torcido o tornozelo.

Ter uma amiga, sobretudo uma que gosta tanto de animais como eu, é um enorme alívio. Atiro o telefone novamente para dentro da minha bolsa e a minha mão agarra o frasco com os comprimidos que tenho andado a tomar no último ano. Ainda não tomei a dose de hoje. Também não tomei a de ontem. Tenho-me sentido

melhor. Mais forte. Mesmo a notícia de que a Allison já saiu da prisão não me incomoda tanto como teria incomodado há um ano.

Talvez esteja na hora de deixar de tomar os comprimidos. Talvez eu esteja pronta para lidar com as coisas sem ajuda durante algum tempo.

Allison

Olho para a boneca, com os seus olhos sem vida fixados em mim, e sinto-me fraca. Passaram-se cinco anos, um mês e vinte e seis dias. Ela teria cinco anos, ou sessenta e um meses, ou 269 semanas, ou 1 883 dias, ou 45 192 horas, ou 2 711 520 minutos ou 162 691 200 segundos de idade. Tenho feito as contas.

Muitas das mulheres em Cravenville tinham filhos. Algumas até tiveram os filhos atrás das grades. Eu costumava correr em círculos, uns atrás dos outros, no pátio da prisão, com as sapatilhas a bater no betão, o ar pesado nos meus pulmões. "Para onde estás a correr, assassina de bebés? Estás a fugir de ti mesma?", era o que eu ouvia vindo de um canto do pátio, logo seguido de fortes risadas. Eu ignorava-as. Quando não me chamavam assassina de bebés ou cabra, ou pior, simplesmente não falavam comigo. Olhavam através de mim como se eu não fosse mais que uma parte do ar pútrido do nosso bloco de celas. Estas mulheres eram elas próprias homicidas – tinham matado os maridos ou apunhalado os namorados ou assassinado a tiro um funcionário durante um assalto. Mas eu sou pior que elas. Um bebé indefeso, com apenas alguns minutos de vida, fora lançado ao rio para ser arrastado pela corrente, para ser atirado de encontro à margem.

As mulheres da Gertrude House não são diferentes das mulheres de Cravenville. Nunca me senti mais só do que neste momento. Sei como tem sido duro para os meus pais testemunharem quão baixo eu caí. Mas tudo o que eu quero é que venham ver-me. Há muito tempo que não seguro a mão da minha mãe ou sinto o toque do meu pai. Há muito que não ouço o riso da minha irmã. Nunca fomos uma família de muitos carinhos, mas às vezes, quando fico muito quieta, consigo recordar o peso da mão grande e forte do meu pai pousada na minha cabeça. Às vezes, quando fecho os olhos, consigo imaginar que as coisas são como eram antes de tudo começar a correr mal. Consigo imaginar que estou novamente no secundário, a correr na pista, tentando bater o meu próprio recorde, ou sentada no meu quarto a fazer o trabalho de casa de matemática, a ajudar a minha mãe com o jantar, a falar com a minha irmã.

Eu tinha um plano. Ia tirar altas notas nos meus exames nacionais, ia jogar voleibol pela Universidade de Iowa ou Penn State, fazer as provas específicas e depois seguir para a faculdade de Direito. Tinha o meu futuro totalmente planeado.

Agora desapareceu tudo. Acabou-se. Tudo por causa de um rapaz e de uma gravidez.

Quando conheci a Devin, eu estava no hospital, a soro. Ela disse-me que eu iria ser acusada de homicídio qualificado e ofensa à integridade física de uma criança. "Achas que a bebé já estava morta antes de entrar no rio?", perguntou-me nesse primeiro encontro. Encolhi os ombros e não respondi.

"Achas que ela já estava morta?", perguntou de novo, andando para trás e para diante à minha frente. Ela era inflexível. Tudo o que eu queria fazer era enrolar-me numa bola e morrer, e ela sempre a tentar reexaminar o que acontecera.

"Claro", acabei por dizer. "Claro que pensava que aquela coisa estava morta."

Ela rodou sobre um calcanhar. "Nunca lhe chames coisa. Percebes?", disse, severamente. "Chama-lhe bebé ou ela ou menina, mas nunca coisa. Percebeste?"

Assenti. "Eu realmente pensava que a bebé já estava morta", disse-lhe, querendo acreditar, mas sabendo que nada do que eu dizia era a verdade. O médico legista já provara que eu estava enganada.

A Devin acabou por me convencer a declarar-me culpada de homicídio por negligência, um crime menos grave, punível com pena de prisão de cinco anos, e de ofensa à integridade física de uma criança, um crime mais grave, que poderia implicar a minha detenção durante mais de cinquenta anos, embora ela me tenha garantido que nunca receberia uma tal sentença. Não tive de ser ouvida para minha defesa. Nunca se chegou tão longe. Eu nunca contei a ninguém o que aconteceu nessa noite e ninguém parece muito interessado em conhecer os pormenores exatos. Acho que faço as pessoas lembrar-se de alguém que poderiam conhecer. Uma irmã, uma filha, uma neta. Talvez até delas próprias. Todos sabem o essencial do que eu fiz. E isso chega-lhes. A Devin tinha razão. Acabei por ser condenada a dez anos em Cravenville. Por muito horrível que tenha parecido naquele momento, era muito melhor do que os cinquenta e cinco anos a que poderia ter sido condenada. Perguntei a Devin o porquê de uma pena tão leve.

"Há muitos fatores", explicou-me. "A sobrelotação das prisões, as circunstâncias do crime. Dez anos é muito bom, Allison."

Depois, há um mês, a Devin veio visitar-me à prisão. Eu estava a correr no pátio, com o calor de julho a irradiar do betão. Conseguia sentir o calor a penetrar nas minhas sapatilhas e a atravessar as meias. Com a respiração acelerada,

observei a Devin a caminhar rapidamente na minha direção, com o seu habitual fato cinzento, que usava como um uniforme, e sapatos de salto alto. Eu nunca usei sapatos de salto alto, nunca fui a uma festa de liceu, nunca fui a um baile de finalistas. "Tenho boas notícias, Allison", disse-me, em jeito de cumprimento. "O conselho técnico para a concessão da liberdade condicional vai reavaliar o teu caso. Vais apresentar-te perante o conselho na próxima semana para uma entrevista."

"Liberdade condicional?", perguntei, estupefacta. "Mas ainda só passaram cinco anos." Eu não ousara pensar em sair mais cedo.

"Com o teu bom comportamento e todos os passos que já deste para melhorares, estás em condições de te apresentar a uma audiência para liberdade condicional. Não são ótimas notícias?", perguntou-me, olhando curiosa para o meu rosto preocupado.

"São mesmo boas notícias", respondi-lhe, acima de tudo porque era o que ela queria ouvir. Como poderia explicar-lhe que, depois de me ter habituado ao encarceramento, à comida horrível e à brutalidade da prisão, depois de ter reconhecido e aceitado as razões que me levaram àquela situação, eu realmente sentia-me confortável lá. Pela primeira vez na minha vida, eu não tinha de ser perfeita. Não tinha de planear o meu futuro. Na prisão estava tudo preparado para mim. Dez longos anos simplesmente a existir.

"Temos de nos sentar e falar acerca do tipo de coisas que os membros do conselho para a liberdade condicional irão provavelmente perguntar-te. O mais importante é que mostres remorsos relativamente ao que aconteceu."

"Remorsos?", – perguntei-lhe.

"Remorsos, arrependimento", disse Devin, secamente. "É fundamental que digas que estás arrependida do que fizeste. Se não o fizeres, eles nunca te darão a liberdade condicional. Consegues fazer isso? Consegues dizer que te arrependes de ter atirado a tua bebé recém-nascida para um rio?", perguntou-me. "Tu estás arrependida, certo?"

"Sim", acabei por dizer, "eu consigo dizer que estou arrependida." E foi o que fiz. Sentei-me perante o conselho técnico para a concessão da liberdade condicional enquanto reanalisavam o meu ficheiro. Deram-me os parabéns pelo meu bom comportamento enquanto estive detida, pelo meu trabalho no refeitório

da prisão, pelo facto de ter terminado os meus estudos secundários e de ter obtido créditos para o acesso ao ensino superior. Depois olharam para mim na expectativa e esperaram. "Eu estou arrependida", disse-lhes. "Estou arrependida de ter feito mal à minha bebé e lamento que ela tenha morrido. Foi um erro. Um erro terrível e tudo o que eu queria era poder voltar atrás e desfazê-lo."

Os meus pais não assistiram à audiência e cheguei a temer que a ausência deles pudesse levar o conselho a decidir que, se nem os meus próprios pais vinham apoiar-me, eles não poderiam, de modo algum, recomendar a minha libertação. Mas a Devin disse-me para não me preocupar: a minha avó estava presente na audiência e eu tinha excelentes possibilidades de sair mais cedo. "Tem tudo que ver com o que fizeste para reparar o teu erro enquanto estiveste na prisão. Como tentaste tornar-te melhor." A Devin tinha razão. Ela tem sempre razão. O conselho técnico para a concessão da liberdade condicional votou unanimemente a favor da minha libertação.

Ao jantar, encontro a minha companheira de quarto, Bea, uma heroinómana em recuperação. Só somos cinco à mesa. As outras residentes estão a trabalhar ou em tarefas designadas. Eu quero saber quais os diferentes trabalhos que as mulheres arranjaram – quero imenso começar a ganhar algum dinheiro por mim própria –, mas hesito em perguntar ou sequer em falar. Todas olham para mim como se eu tivesse peste ou algo assim. Todas exceto a Bea. Ela não parece sentir-se incomodada pela minha história. Ou então ainda não conhece os pormenores mais sórdidos. A Bea tem um rosto magro e cheio de marcas, típico de uma toxicodependente, e olhos pretos e duros que parecem já ter visto o inferno ou pior. Também tem braços magros e fortes, que parecem capazes de dar um enxerto de porrada a qualquer uma de nós, por isso toda a gente parece querer dar-lhe espaço. Não que seja permitido qualquer tipo de violência na Gertrude House. Seja como for, Bea conta alegremente a todos a sua primeira noite na Gertrude House.

"Duas senhoras entraram em discussão sobre quem iria usar o telefone a seguir. Por algum motivo existe uma lista de inscrições. Uma das mulheres, que tinha estado presa por desfalque, espetou com o telefone na cara da outra. Bea ri-se, ao lembrar-se da cena. "Houve sangue e dentes a voar por todo o lado. Lembra-se disso, Olene?", pergunta Bea, ao mesmo tempo que espeta um feijão verde com o garfo.

"Lembro", responde Olene sarcasticamente. "Não foi dos momentos melhores

desta casa. Tivemos de chamar a polícia."

"Pois, e como eu era a mais nova na casa tive de limpar todo o sangue e os dentes." Bea estremece, ao recordar.

"Então, Bea", repreende-a Olene com gentileza, "Eu ajudei-a."

Após o jantar, e depois de ajudar com a louça, tento telefonar aos meus pais e depois novamente à Brynn. Ninguém atende. Sento-me apaticamente no sofá, com o telefone na mão, ouvindo o sinal da linha, até Olene entrar na sala, tirar-me o telefone gentilmente da mão e dizer-me que estou por minha conta até às sete, hora a que nos encontramos em grupo. Não me surpreendo quando, ao entrar no meu quarto, encontro outra boneca estragada à minha espera num balde metálico com água. Engulo em seco e sinto um nó apertado de raiva a formar-se no meu peito. Como é que estas mulheres, que fizeram elas próprias coisas terríveis, se atrevem a julgar-me? Com um pontapé aperfeiçoado durante o meu segundo ano no campo de férias de futebol, o meu pé entra em contacto com o balde, mandando-o a retinir pelo chão de madeira, com a água a salpicar e espalhar-se numa poça aos meus pés. Ouço passos nos degraus e risinhos vindos do corredor; viro-me repentinamente e atiro com a porta do quarto, fazendo as paredes estremecer com a força e fazendo o som ecoar por toda a casa.

Alguns minutos depois, alguém bate à porta. "Vai embora", digo, zangada.

"Allison?" É Olene. "Estás bem?"

"Estou bem, só quero que me deixem em paz", respondo, mais suavemente.

"Posso entrar um minuto?", pergunta Olene. Quero responder que não, quero sair pela janela e fugir, mas não posso ir para casa nem posso sair deste local. "Allison, abre a porta, por favor."

Abro um pouco a porta do quarto e vejo um olho verde de Olene a olhar para mim.

"Eu estou bem", repito, mas a água do balde está a formar uma poça à volta dos meus pés e a estender-se até ao corredor. Olene espera, sem dizer nada, olhando apenas para mim com os seus olhos sabedores, até eu me afastar para a deixar entrar.

Olene olha para o balde virado, a boneca e o lago de água, e suspira.

"Lamento isto tudo, Allison", diz. "Tens de as deixar expressar aquilo que sentem. Mantém a calma, faz o teu trabalho e elas acabarão por te tratar como a todas as outras." Ela deve perceber a tristeza no meu rosto, porque pergunta: "Queres que fale do assunto na nossa reunião de grupo desta noite?"

"Não", respondo com firmeza. Eu percebo que nada de bom poderia resultar de eu confrontar estas mulheres.

"Eu vou-te buscar uma toalha." Olene toca-me no braço e deixa-me a sós com os meus pensamentos. Tenciono manter-me passiva, comparecer perante o agente da liberdade condicional duas vezes por mês, fazer o meu trabalho e meter-me na minha vida, mas sei que elas não vão deixar que me saia assim tão facilmente. Sei que me odeiam pelo crime que cometi. Elas acham que são melhores que eu. Acham que têm desculpas perfeitamente razoáveis para terem feito o que fizeram. A culpa foi da droga, dos namorados ou da porcaria de infância que tiveram. Mas eu? Eu tive pais perfeitos, uma infância perfeita, uma vida perfeita. Eu não tenho desculpas. Olene volta e entrega-me uma pilha de toalhas. "Queres ajuda?"

Abano a cabeça. "Não, obrigada. Eu trato disto." Ainda assim, ela entra no quarto, apanha o balde e a boneca e depois sai, fechando a porta devagar. Eu apanho a água do chão, depois deito-me no beliche inferior e tento fechar os olhos, mas de cada vez que pestanejo apenas vejo os olhos parados e mortos da boneca atrás de mim.

Quando penso naquela noite, recordo que a bebé não chorou como se vê nos filmes e na televisão. Primeiro há a mãe, a cerrar os dentes e gemer, aguentando até ao impulso final, depois surge o bebé e cumprimenta o mundo com um choro, mostrando a sua zanga por o terem tirado do aquário quente e escuro para o mundo claro e frio. Esse choro nunca aconteceu.

Eu pude ver o terror nos olhos da Brynn quando me entregou a bebé. Eu disse-lhe que não. Eu não queria tocar-lhe. Então, com as mãos a tremer, a Brynn cortou o cordão umbilical e pousou-a com gentileza, como um pequeno embrulho, no chão junto a um canto do quarto. "Precisas de um médico, Allison", disse-me, com a voz fraca de preocupação, enquanto afastava o meu cabelo suado da minha testa. Eu estava incrivelmente fria, a tremer com tanta força que os meus dentes batiam uns contra os outros. A Brynn olhou para a bebé quieta e silenciosa. "Temos de chamar alguém..."

"Não, não", gritei, tentando cobrir as minhas pernas, agora que estava

consciente da minha nudez. Tentei controlar a minha boca, obrigando as palavras a sair suavemente, mas com força. Se assim não fosse, eu sabia que a Brynn iria fraquejar. "Não! Não vamos dizer nada a ninguém. Ninguém precisa de saber disto agora." Eu sabia que soava fria, cruel mesmo. Mas, como já disse, eu tinha um plano: melhor aluna do curso, bolsa de voleibol, universidade, faculdade de Direito. O Christopher fora um erro, a gravidez outro ainda maior. Eu só precisava que a Brynn mantivesse a cabeça fria, que me acompanhasse.

"Oh, Alli", disse a Brynn, com o queixo a tremer e as lágrimas a escorrer-lhe pela face. Quase a entrar em pânico. "Eu volto num instante", disse-me, arranjando cuidadosamente a roupa à minha volta. "Vou deitar fora estes lençóis." Eu queria dormir, queria muito. Queria fechar os olhos e simplesmente desaparecer.

Usei os braços para me erguer da cama húmida e lentamente rodei as pernas para a beira da cama, quase gritando por causa da dor ardente que sentia entre as pernas. Esperei até a dor aguda se tornar numa dor palpitante e pus-me de pé, apoiando-me na mesa de cabeceira. Olhei para o canto afastado do quarto onde a Brynn deixara a bebé. Eu consigo fazer isto, disse a mim mesma. Eu tenho de fazer isto.

Quando me endireitei, olhei para baixo e vi as manchas cor de ferrugem nas minhas coxas. A Brynn tentara limpar-me o melhor possível, mas continuava a haver sangue a escorrer-me pelas pernas, e eu gemi. Havia tanto sangue. No canto, vi o monte de toalhas com as quais a Brynn embrulhara a bebé. Parecia tão longe. Tinha de me vestir e de limpar tudo. Ia escurecer em breve, e havia sempre a hipótese de os meus pais voltarem para casa mais cedo. Eu tinha de tomar uma decisão. Sobre o som da chuva a bater no telhado, pareceu-me ouvir a Brynn no piso de baixo e o bater de uma porta mosquiteira. Eu sabia o que tinha de fazer, para onde tinha de a levar. Seria como se ela nunca aqui tivesse estado, como se nunca tivesse existido. Depois, iria despachar-me para terminar de limpar o meu quarto e iria simular uma gripe durante os próximos dias. Depois disso, tudo voltaria ao normal. Tinha de ser.

Mas, na verdade, isto parece nunca ter fim. Agarrou-se a mim e à Brynn, e mesmo aos meus pais, como algum tipo de tumor maligno, e nunca ficaremos livres dele. Começo a chorar. Fiz tudo bem durante toda a minha vida e, quando cometi um erro, a minha vida ficou arruinada. Um erro. Não era justo, pura e simplesmente.

Claire

Ao entrar na velha casa de estilo vitoriano que ela e Jonathan compraram e restauraram há doze anos, Claire toma uma nota mental para ligar a Charm nos próximos dias, para ver como ela está. Ao longo dos anos, ela foi aumentando a simpatia que sente por Charm, uma rapariga baixinha e com um tom de voz suave, fascinada por livros de autoajuda. Quando ela comprou o livro *O legado do divórcio*, Claire ficou a saber que Charm tinha ficado a viver com Gus, o padrasto, mesmo depois de a mãe se ter divorciado dele e prosseguido com a vida noutro lado. Depois, quando ela comprou *Irmãos e irmãs: laços para a vida*, Charm disse-lhe que não via o irmão mais velho há anos, mas queria estar preparada se alguma vez ele regressasse. Quando se preparava para começar a faculdade, Charm apareceu com uma lista de manuais e Claire ficou a saber que o que ela queria mais que tudo era ser enfermeira e que recentemente tinha sido diagnosticado cancro dos pulmões a Gus. Charm foi à livraria e comprou livros para alguns amigos e um livro sobre basebol para o primeiro namorado.

Uma vez até comprara um exemplar de *Mãe: um berço que me abraça*, de Maya Angelou, para oferecer à mãe, com quem estava a tentar compor a relação. "Ela não percebeu a mensagem", Charm disse a Claire mais tarde. "Pensou que eu estava a gozar com ela, por lhe oferecer um livro de poesia e por estar a atirar-lhe à cara a falta de competências maternas. Com ela eu não consigo vencer." Charm dissera isto com tamanha tristeza que Claire se sentiu reconfortada por dizer a Joshua todos os dias o quanto gosta dele. E por saber que, mesmo quando ela comete erros – como daquela vez em que acusou Joshua erradamente de ter dado ao Truman todos os doces para o Dia das Bruxas –, pode estar confiante de que ele nunca, nunca, duvidará do amor que ela sente por ele.

Claire encontra Joshua a fazer rolar uma bola de ténis pelo chão da sala na direção de Truman, que preguiçosamente a deixa deslizar à sua frente. "Vai buscar, Truman!", incita Joshua. "Vai buscar a bola!" Em vez disso, Truman levanta-se sobre as suas patas gordas e sai da sala. "Truman!", chama Joshua, desiludido.

"Ele volta", diz Claire, baixando-se para apanhar a bola e levá-la até ele. "Não te preocupes."

"Vi na televisão um buldogue chamado Tyson que sabe andar de skate", diz Joshua, olhando para a bacia descolada dos calções. "O Truman nem sequer vai atrás da bola."

"O Truman faz outras coisas porreiras", diz Claire, esforçando-se por pensar em alguma coisa.

"Por exemplo?", pergunta Joshua, desanimado.

"Ele consegue comer um pão inteiro em três segundos certinhos", propõe Claire, mas Joshua não se mostra impressionado. Ela suspira e senta-se no chão junto de Joshua. "Tu sabes que o Truman é um herói, não sabes?" Joshua olha para ela, cético. "Quando vieste para nós, eras muito pequenino."

"Eu lembro-me", diz Joshua sabiamente. "Dois quilos e setecentos."

"Uma noite, depois de estares connosco há mais ou menos uma semana, estavas a dormir no teu berço. O papá e eu estávamos tão cansados que adormecemos no sofá, apesar de serem apenas sete e meia."

Joshua ri, ao imaginar a cena. "Vocês foram para a cama às sete e meia?"

"Fomos", responde-lhe Claire, pegando-lhe na mão, que, sem que ela se tenha apercebido, já perdeu a sua suavidade rechonchuda de bebé. Os dedos eram longos e aguçados e, por um breve instante, ela pensou a quem saíam assim. Talvez da mãe ou do pai biológico? "Quando eras bebé não dormias muito, por isso sempre que tu adormecias nós dormíamos também. Então nós lá estávamos, tranquilamente a dormir no sofá, e de repente ouvimos o Truman a ladrar. O papá tentou levá-lo lá para fora para fazer as necessidades, mas o Truman recusava-se a sair. O papá corria atrás dele pela casa, mas ele continuava a correr às voltas, sempre a ladrar. Na verdade, até era divertido de ver." Ambos sorriem, ao imaginar Jonathan a correr, sonolento, atrás de Truman. "Por fim, o Truman correu pelas escadas acima e ficou à espera, a ladrar, até nós irmos ter com ele. Quando chegámos ao cimo das escadas, ele correu para o teu quarto. Nós sussurrávamos sempre: 'Chhh, Truman, chhh. Vais acordar o Joshua.' Mas ele continuava a ladrar. E foi então que o papá e eu percebemos que alguma coisa estava mal. Muito mal. Com todo aquele ladrar, tu já devias ter acordado."

A testa de Joshua encurrilha-se ao pensar nisso. "Eu não acordei?"

"Não, não acordaste", diz Claire, tremendo ao recordar-se, e puxa-o para o

seu colo.

"Porque não?", pergunta Joshua, enquanto retira o anel de noivado do dedo da mãe e o coloca no seu próprio polegar, rodando-o para um lado e para o outro, fazendo com que o diamante projete um arco-íris na parede.

"O papá acendeu a luz do teu quarto e tu estavas no teu berço, e parecia que estavas a dormir, mas não estavas. Tu não estavas a respirar." As mãos de Joshua ficam quietas, mas ele não diz nada. "O papá pegou em ti com tanta rapidez que deve ter assustado a tua respiração e ela voltou para dentro de ti, porque começaste imediatamente a chorar.

"Ufa", diz Joshua com alívio, e volta a rodar o anel no seu dedo.

"Ufa é a expressão certa", diz Claire enfaticamente. "O Truman salvou-te. Por isso, ele pode não saber andar de skate, mas é muito especial."

"Acho que tens razão", murmura Joshua. "Vou pedir-lhe desculpa." Joshua coloca novamente o anel no dedo da mãe, salta do colo e sai a correr para ir procurar Truman. O que Claire não conta a Joshua é que, nos intermináveis segundos entre o momento em que ela e Jonathan o encontraram no berço, azul e quieto, e o instante em que ouviram os seus gritos zangados, ela própria tinha ficado sem respirar. Como é que podia perdê-lo já?, pensara. Será que Deus mudou de ideias? Só quando o ar regressou aos pequeninos pulmões de Joshua é que ela também respirou novamente.

Claire levanta-se devagar, sentindo cada um dos seus quarenta e cinco anos. Quando Joshua celebrar o décimo aniversário, ela terá cinquenta. Quando ele tiver quarenta, ela terá oitenta. Ser mãe é a coisa mais difícil, mais aterradora e mais maravilhosa que ela alguma vez fará. A maior alegria que ela sente desde que Joshua entrou na sua vida, além do facto de o ouvir a chamá-la Mãe, é talvez ver Jonathan e Joshua juntos. Quando estão juntos, devoram revistas sobre restauro de edifícios e, em êxtase, veem episódios antigos de *This Old House*, com documentários sobre renovação de casas antigas. Claire não consegue evitar de rir sempre que Joshua, quando interrogado sobre o que quer ser quando crescer, responde que quer ser Bob Villa ou o papá. Quando raspam, lixam e envernizam juntos, reparando lareiras, armários, corrimões, quando ela vê Jonathan a ensinar Joshua a pregar um prego ou apertar um parafuso, o seu coração enche-se de orgulho.

Apesar de Joshua ser o único filho deles, Claire sabe que ele não é bem como as outras crianças. Durante muito tempo ela via-o apenas como um sonhador. A cabeça dele está tão cheia de ideias criativas e imaginativas que ela quase consegue ignorar o facto de ele, muitas vezes, parecer que nem sequer ouve quando falam com ele. Eles podem dizer-lhe várias vezes para fazer alguma coisa e Joshua parece entender, mas raramente faz o que lhe disseram. Há ocasiões em que parece deixar completamente este mundo, fica a olhar para o infinito totalmente absorto sem que ela saiba em quê, e afasta-se deles até eles o trazerem suavemente de volta à realidade. É quase como se existisse um amortecedor em redor dele, a manter afastada a dureza do mundo. Sem isso, pensa, ele ficaria exposto e vulnerável. Claire não sabe se isto estará relacionado com aqueles momentos em que ele esteve sem oxigénio, ou se algo de traumático terá acontecido a Joshua antes de eles o receberem. Por vezes ela teme que o amor deles não tenha sido suficiente para renovar a confiança de Joshua no mundo que o rodeia.

Claire passa um dedo pelas fotografias que embelezam a mesa do sofá. As fotografias mostram o dia em que trouxeram Joshua para casa, o dia em que ele passou a ser legalmente deles, a primeira vez que ele comeu sopa, o primeiro Natal juntos. Todos os dias Claire reza para agradecer à rapariga que deixou Joshua no quartel dos bombeiros há cinco anos. Graças a ela, Claire e Jonathan têm um filho. Às vezes Claire pensa nela, na mulher que deu à luz Joshua. Seria de Linden Falls ou viria de algum sítio bem longe? Seria nova, uma adolescente sem saber o que fazer? Seria uma adulta, já com vários filhos e incapaz de tomar conta de mais um? Talvez Joshua tenha irmãos e irmãs algures, que sejam parecidos com ele. Talvez a mãe dele seja toxicodependente ou vítima de maus-tratos. Claire não sabe e, na verdade, não quer saber. Ela sente-se grata pelo facto de a rapariga ter optado por abandonar o bebé. Nesse simples ato de altruísmo ou egoísmo – ela nunca saberá qual dos dois se aplica – essa rapariga deu-lhe tudo a ela.

Brynn

Somos dezenas, apinhados no T1 da Missy, que ela partilha com duas outras raparigas. A única pessoa que conheço é a Missy, que está no sofá a curtir com um rapaz qualquer. Eu estou parada a um canto, pouco à vontade, tentando não reparar nos beijos enlouquecidos dos dois, na forma como a língua dele penetra na boca dela, no facto de ele ter a mão por dentro da saia dela. Vou bebericando do copo que alguém colocou na minha mão e acolho a agradável dormência que começa a espalhar-se por mim. Eu não devia misturar álcool com a minha medicação, mas está tudo bem, porque há dias que não tomo os meus comprimidos. Um rapaz que penso reconhecer da universidade espreme-se por entre os corpos e dirige-se a mim. "Olá", diz alto, tentando fazer-se ouvir por cima da música aos berros.

"Olá", respondo, enquanto mentalmente reviro os olhos, pensando na pobreza das minhas competências sociais. Ele é baixo, mas, ainda assim, mais alto do que eu, e tem o cabelo louro espetado e com gel.

"Acho que te conheço", diz, inclinando-se na minha direção. Tem um hálito doce, cheira a sangria.

"A sério?", respondo de forma desinteressada, como se isto fosse algo que me acontecesse todos os dias. Vou dar mais um gole do meu copo, mas encontro-o vazio. A pele do meu rosto parece solta e toco nas minhas bochechas para me certificar de que estão onde devem estar.

"Toma, podes ficar com a minha bebida", diz-me, e galantemente limpa a borda do copo com a t-shirt. Tem algumas sardas castanhas no nariz e, de repente, apetece-me esticar um dedo e contá-las. Sinto-me tonta e encosto-me à parede para manter o equilíbrio.

"Obrigada", digo-lhe, pegando na sangria e bebendo um pouco, simplesmente porque não me ocorre mais nada para dizer.

"Chamo-me Rob Baker", diz, com um sorriso rasgado.

"Prazer em conhecer-te", respondo, devolvendo-lhe o sorriso. "Eu chamo-me Brynn."

"Eu sei", diz-me. "És a Brynn Glenn." O meu sorriso aumenta. Ele sabe o meu nome.

"Sou", digo-lhe em tom namoradeiro, e dou um passo inseguro na direção dele, pensando em como seria beijá-lo. Sentir a língua dele enrolada na minha.

"Sou de Linden Falls", diz, e eu sinto um aperto no coração. "Costumávamos frequentar a mesma igreja." Já estou a ver o que se segue. Ele não veio falar comigo porque me viu no campus ou porque acha que sou bonita. "A tua irmã é a Allison Glenn, não é?" Não consigo responder. Fico a olhar para ele, com os olhos a piscar, sem palavras. "A Allison é tua irmã, não é?", repete. Vejo-o olhar por cima do ombro para um grupo de rapazes que estão a observar-nos.

"Não", respondo, mas pelo modo como olha para mim, ele sabe que estou a mentir. "Nunca ouvi falar dela." Espreito por cima do ombro dele, como se estivesse à procura de alguém.

"Nós íamos à mesma igreja. As nossas mães participavam juntas nas vendas de caridade. Tu és a Brynn Glenn", diz, afirmativamente.

"Não. Eu não sou essa." Devolvo-lhe a sangria, salpicando o conteúdo por cima da t-shirt, e passo por ele, caminhando pelo meio das pessoas. Com passos inseguros, vou abrindo caminho por entre os corpos suados até chegar à porta. Já lá fora, o ar fresco da noite arrefece-me o rosto. Caminho até ao carro e entro. Sei que não consigo conduzir assim. Sinto a cabeça pesada, por isso pouso-a no volante e fecho os olhos. Enquanto crescia, os professores diziam sempre: És a irmã mais nova da Allison Glenn, não és? És tão esperta, atlética, engraçada (podemos colocar aqui qualquer adjetivo) como a tua irmã?

Bem, não sou. Não sou a minha irmã, quero gritar. Não sou nada como ela e nunca serei. Mas, por muito que tente, por muito que me afaste, a Allison está sempre presente. Anda sempre tudo à volta da Allison.

Allison

No escuro da noite ainda me interrogo sobre como a polícia terá descoberto que o bebê era meu. Alguém tem de lhes ter ligado e não fui eu de certeza. Bem lá no fundo, sei que foi a Brynn, embora me custe a acreditar que ela tenha tido a coragem de realmente pegar no telefone. A Brynn não conseguia sequer encomendar uma piza sozinha. Já passaram cinco anos, mas continuo a ter dificuldade em imaginá-la a fazer a chamada.

A estranha dormência que eu sentira no dia seguinte a dar à luz desaparecera, substituída por uma dor aguda que me trazia lágrimas aos olhos. Eu até me sentia feliz pela mão firme do agente. A Brynn esticou o braço para me tocar o rosto. "Alli", gritou. Eu afastei-me dos seus dedos. Sentia-me tão agoniada, ao ponto de poder entrar em combustão se alguém me tocasse. Sei que magoei a Brynn, ao afastar-me assim dela. Ela era sempre tão sensível. De um modo estranho, eu percebia o porquê de ela ter feito o que fez. Isto era muito mais do que uma rapariga de quinze anos, sobretudo uma como a Brynn, deveria ter de suportar. Para bem dela, rezei para que ela não tivesse dito a ninguém que me ajudara no parto. Não havia razão para que ambas arranjássemos problemas por causa de algo que, na verdade, era culpa minha. Enquanto me sentava cuidadosamente no banco traseiro do carro da polícia, podia ouvir os horríveis gritos da Brynn.

Não falei com a Brynn nem a vi depois disso.

Acabei por desmaiar no carro da polícia, pelo que a nossa primeira paragem foi no hospital, onde me deram trinta pontos e onde permaneci nos três dias seguintes, a soro e cheia de antibióticos. A forma como as enfermeiras e os médicos olhavam para mim enquanto estive no hospital era algo de novo. Todos cuidaram bem de mim; eram demasiado profissionais para fazer qualquer outra coisa. Mas não houve festas gentis, não houve mãos frias a experimentar a minha testa quente, ninguém a arranjar-me a almofada. Apenas raiva e repugnância. Medo. O choque sentido originalmente pelos meus pais quando fui levada pela polícia deu lugar a um sentimento de ultraje. "Ridículo", sibilou a minha mãe quando a detetive que veio ao hospital interrogar-me perguntou se tinha sido eu a atirar a bebê ao rio. Eu não disse nada.

"Allison", disse a minha mãe, "diz-lhes que é tudo um grande erro." Continuei

sem dizer nada. A detetive perguntou-me porque havia um saco preto cheio de lençóis ensanguentados dentro do caixote do lixo na nossa garagem. Não respondi. Perguntou-me porque estava quase rasgada em dois, com os seios inchados e a escorrer leite.

"Allison, diz-lhes que não fizeste isto", ordenou o meu pai.

Finalmente falei. "Acho que preciso de um advogado."

A detetive encolheu os ombros. "Provavelmente é uma boa ideia. Nós encontrámos a placenta." Engoli em seco e olhei para as minhas mãos. Estavam gordas, inchadas, nem pareciam pertencer-me. "Dentro de uma fronha, no fundo de um saco do lixo." Voltou-se de frente para o meu pai. "No vosso caixote do lixo. Chamem o vosso advogado." Quando ia a sair do quarto do hospital, virou-se para trás, na minha direção, e perguntou, suavemente: "Ela chorou, Allison? A sua bebé chorou quando a atirou para a água?"

"Saia daqui!", gritou a minha mãe, de uma forma muito pouco condizente com o seu modo de estar composto e adequado. "Saia daqui, não tem o direito... Não tem o direito de vir aqui acusá-la e incomodá-la assim!"

"Pois...", disse a detetive, acenando na minha direção à medida que se dirigia para a porta. "Ela não parece muito incomodada."

Charm

Gus está a enfraquecer rapidamente. "Onde está o bebé?", pergunta a Charm quando ela chega a casa, vinda do hospital.

"Está em segurança", tranquiliza-o. "Ele agora está com aquela família simpática, lembras-te? Eles tomam muito bem conta dele."

Charm ouve uma pancada leve na porta da frente. Retira o tacho de puré de cima do fogão e dirige-se para a porta. Jane está nos degraus da frente, com o cabelo preto puxado para trás num rabo-de-cavalo, com o seu habitual saco de truques, como costuma chamar-lhe.

"Olá, como estão?", pergunta ao entrar na casa. "Já se sente o outono no ar." Estremece ligeiramente e entrega o casaco a Charm.

"Pois é, e ainda só estamos no final de agosto. Estamos bem", responde Charm. "O Gus está a ver televisão na outra sala."

"Certo, alimento para a mente", diz, sorrindo.

Charm encolhe os ombros. "Sempre ajuda a passar o tempo."

"Como é que ele tem andado?", pergunta Jane, com um tom de voz sério.

"Está bem. Alguns dias são melhores do que outros."

"E tu? Como vai a escola? Estás a conseguir lidar com tudo? É muita responsabilidade para uma jovem de vinte e um anos andar a estudar e tomar conta de um velho."

"Ei, não chame velho ao Gus, vai magoá-lo. Estamos muito bem", diz Charm, um pouco mais rígida. Ela sabe onde Jane quer chegar com esta conversa. Sempre que vem a casa de Gus, Jane fala de um hospital ou de algum outro tipo de casa de saúde. "Eu ligo-lhe três vezes por dia e venho sempre visitá-lo à hora do almoço."

"Eu sei, eu sei." Ela estende uma mão, tentando acalmar Charm. "Estás a fazer um ótimo trabalho. O que eu quero dizer é que tens sempre outras opções e outros recursos. Avisa-me se vires que o Gus está a piorar ou se precisares de mais ajuda. Ok?" Olha para Charm olhos nos olhos.

"Ok", responde Charm, sabendo bem que Gus nunca permitiria que o levassem de sua casa.

"Vi a tua mãe no outro dia", diz de forma casual, enquanto espreita a cozinha. Charm sabe que, enquanto enfermeira, cabe a Jane certificar-se de que Gus recebe os cuidados de que precisa. Ela não está preocupada – a casa está sempre limpa e ela certifica-se sempre de que há comida no frigorífico.

"Ah sim?", diz Charm, como se não lhe interessasse. Mas fica atenta, gananciosamente à espera de uma qualquer notícia sobre a sua mãe.

"Sim, vi-a no Wal-Mart de Linden Falls. Está com bom aspeto. Disse que está a trabalhar como empregada de mesa no bar O'Rourke's."

Charm não responde. A mãe já teve muitos empregos ao longo dos anos e Charm duvida que este vá durar.

"Ela continua com aquele tipo, o Binks."

"Para já", replica Charm amargamente.

"Ela perguntou-me por ti. Disse-lhe que estás muito bem", continua Jane com gentileza.

"Ela poderia perguntar-me a mim diretamente como estou, ela sabe onde vivo. Ela viveu aqui tempo suficiente para se recordar."

"Ela queria saber se tens tido notícias do teu irmão", pergunta Jane, um pouco a medo.

"Não", responde Charm à defesa. "Não nos últimos anos. A última vez que soube dele andava metido na droga e em outras atividades altamente ilegais."

"Tu estás mesmo muito bem, sabes?", diz-me novamente. "Aguenta-te. Em breve terminas a faculdade e podes começar a tua própria vida." Ela coloca a carteira ao ombro e chama Gus. "Chegou a mulher dos seus sonhos, Gus. Desligue essa porcaria que está a dar na televisão!" O riso de Gus ressoa da outra sala e, em seguida, ouvem o clique da televisão a ser desligada.

Charm vê como Jane é gentil com Gus e sabe que ela é assim com todos os seus pacientes. Ela dá-lhe medicamentos que aliviam as dores e arranja forma de o fazer rir para aguentar as dores que a morfina não consegue evitar, tratando Gus

com a dignidade e o respeito a que ele dá tanta importância. Afinal, bem vistas as coisas, isso é basicamente tudo o que lhe resta. Ele sabe que vai morrer, mas Jane está a facilitar-lhe o processo. Ela fala com ele como se ele ainda fosse o homem que se lembra de ter sido – o bombeiro, um membro respeitado da comunidade, um bom amigo e vizinho.

Charm pensa na hipótese de alguém vir a descobrir o que eles fizeram cinco anos atrás. Se alguém descobrisse a ilegalidade que cometeu, o seu sonho de ser enfermeira terminaria.

Eu quero fazer o que Jane faz pelos outros, pensa Charm. Espero poder vir a consegui-lo.

Brynn

Acordo a tremer. As janelas do meu carro estão embaciadas e demoro um minuto a perceber onde estou. Limpo a condensação com a palma da mão. O céu está escuro e vejo que continuo estacionada à frente do apartamento de Missy. Não há luzes ligadas no apartamento e a rua está sossegada.

O meu pescoço está rígido por ter dormido com a cabeça encostada ao volante e a minha boca está seca, como se estivesse cheia de algodão. Recordo a noite anterior, como pensara, por um instante, que aquele rapaz pudesse alguma vez estar interessado em mim. Só em mim. Tinha pensado que, ao sair de Linden Falls, conseguiria começar do zero num lugar onde ninguém soubesse de onde vim ou quem é a minha irmã. Mas estava enganada.

Ligo o carro e coloco o aquecimento no máximo, para que o ar quente sopra contra a minha cara. O relógio no tabliê mostra que são três e meia. Espero que a minha avó não esteja à minha espera e preocupada comigo. Procuro avaliar se estou suficientemente sóbria para conduzir de volta até casa da minha avó, ou se será melhor bater à porta de Missy e dormir lá o resto da noite. Não consigo, contudo, suportar a ideia de a encontrar ou de ter de explicar porque tive de sair tão à pressa. Tenho a certeza de que a notícia já se espalhou. Em breve vou voltar à mesma situação em que me encontrava quando vivia em Linden Falls. Aquela rapariga. Brynn Glenn. Aquela rapariga cuja irmã foi para a prisão por ter afogado o próprio recém-nascido.

Decido que é seguro eu conduzir até casa. O mundo já não está a andar às voltas como ontem à noite, ainda que a minha cabeça me doa bastante e o estômago esteja muito agitado. Ligo os faróis e entro cuidadosamente na estrada, em direção a casa. Não sei o que vou dizer à minha avó. A verdade, acho eu. Ela é praticamente a única pessoa no mundo com quem posso ser honesta, pelo menos até certo ponto. Ela sabe que me sentia uma estranha na minha própria casa. A minha avó compreendia isso. Ela disse-me que se sentia da mesma forma quando vivia com o meu avô e o meu pai. Eles eram ambos perfeccionistas, ambos incrivelmente espertos, ambos interessados em finanças e astronomia. Ela disse-me que, por muito que tentasse, sentia-se sempre do lado de fora, querendo entrar no círculo deles, sem nunca encontrar um espaço onde se encaixar.

Quando eu tinha catorze anos, fui tirar um curso de desenho no centro comunitário. Um dos nossos primeiros trabalhos foi desenhar um autorretrato. Passei horas sentada frente ao espelho com o meu bloco de desenho, só a olhar para mim mesma. O bico do meu lápis não tocava o papel, com a minha mão a esvoaçar sobre a folha como uma borboleta, à procura de um ponto para aterrar. A dado momento, a Allison passou pelo meu quarto e espreitou para dentro.

"O que estás a fazer?", perguntou-me.

"Nada de especial", respondi-lhe. "É só um trabalho para o meu curso de desenho. Tenho de fazer um autorretrato."

"Posso ver?", perguntou-me, entrando no meu quarto. Lembro-me de ter pensado: A minha irmã é tão bonita. Eu devia era fazer um retrato dela. Mas não tive coragem de lho pedir. Inclinei o meu bloco de desenho na direção dela e ela olhou para mim, com um ar preocupado. "Acho que deve ser a coisa mais difícil para tu fazeres, para qualquer artista fazer: desenhar-se a si mesmo. Para que todos vejam que aspeto pensas que tens." Ela abanou a cabeça com o pensamento, como se estivesse impressionada. "Talvez possas começar pelos teus olhos", sugeriu. "E depois continuas com o resto." Em seguida foi embora, para começar a próxima atividade, o próximo projeto escolar, o próximo exercício.

Eu continuei assim ainda durante muito tempo, sozinha no meu quarto, a sorrir. Não só porque a Allison me tinha presenteado com a sua presença – o que era raro –, mas porque me tinha chamado de artista. Uma vez na vida eu não era a irmã mais nova, o zé-ninguém. Eu era Brynn Glenn, a artista.

Ainda tenho esse retrato que acabei por fazer de mim mesma. Mostra-me sentada frente a um espelho, a olhar para mim mesma, com papel e lápis na mão. E, se se olhar cuidadosamente para o bloco de papel que tenho na mão, pode-se ver outra rapariga a olhar-se no espelho com papel e lápis na mão, e depois outra rapariga e mais outra e outra, até a rapariga no espelho ser tão pequena que quase não se consegue ver. Eu achei que estava bastante bom, e a professora de arte também achou. Recebi 20 valores. Mostrei o retrato aos meus pais e eles disseram-me que fiz um bom trabalho. Perguntei se podia mandar encaixilhar o desenho e pendurá-lo na sala ou noutro lado, mas a minha mãe disse que não. O desenho não condizia muito bem com a decoração da casa.

Nunca mostrei o retrato à Allison. Tive medo do que ela poderia dizer. Naquele breve momento, a Allison tinha-me considerado uma artista. Queria que

ela mantivesse aquele pensamento, que me recordasse dessa forma.

Ao entrar no caminho de acesso à casa da minha avó, vejo que ela me deixou uma luz acesa. Tão discretamente quanto possível, destranco a porta das traseiras e entro na cozinha. A luz por cima do fogão está acesa e há um recado em cima da mesa. Espero que te tenhas divertido com os teus amigos. Há bolo no armário. Eu sorrio. Esta é outra das razões por que adoro a minha avó. Há sempre bolo. Ainda me sinto nauseada, por isso, em vez de comer bolo bebo um copo de água e dirijo-me para o quarto. O Milo está enroscado em cima da minha cama, a dormir tranquilamente. Empurro-o para o lado e meto-me entre os lençóis, mas o sono não chega. Levanto-me outra vez, engulo os meus comprimidos, acrescentando dois extra para compensar as doses que ignorei nos últimos dias, e pego no meu bloco de desenho. De volta à cama, começo a desenhar, com as minhas mãos a mexer-se como se tivessem vida própria. Nuvens negras, um rio, a minha irmã, um bebé... e eu. A ver tudo o que se passava.

Allison

Hoje tenho a tarefa de limpar as casas de banho na Gertrude House e depois, mais tarde, vou falar com Olene sobre uma possível entrevista de emprego numa livraria local. Sinto-me entusiasmada com a perspetiva deste emprego, mas nervosa também. Olene participa em muitos grupos comunitários e muitas das raparigas dela, como ela lhes chama, conseguem trabalho em negócios locais perto da Gertrude House. Pouso o meu balde com os produtos de limpeza no chão, pego na escova de sanita e levanto a tampa de uma sanita. Dentro, encontro uma boneca particularmente realista, com olhos grandes e parados a olhar para mim do fundo da sanita. Quando a vejo, fico sem respirar. Tem uma cabeça suave e rosada como a da bebé que dei à luz, e os braços estão esticados na minha direção, como que a implorar-me que pegue nela. Eu não arremeto para fora da casa de banho, de escova de sanita em punho, pronta para lutar; não grito nem digo palavrões, nem juro vingança. Apenas deslizo para o chão da casa de banho e encosto a cabeça à parede revestida de ladrilhos azuis, e choro.

Por fim, Olene entra na casa de banho – não há fechaduras em qualquer das portas da casa – e senta-se no chão junto a mim, abraçando-me, enquanto eu choro como não fazia há anos. Nunca ninguém me viu chorar assim. Nem a minha mãe, nem o meu pai, nem mesmo a Brynn. Agarro-me ao corpo franzino de Olene, os seus ombros ossudos enterram-se na minha bochecha, e choro.

"Pronto, Allison, chhh", murmura junto ao meu ouvido, fazendo-me sentir o seu hálito bafiento a cigarro como uma brisa bem-vinda contra a minha face. "Vai ficar tudo bem", promete. "Estás a ouvir-me, Allison?" Eu fungo e aceno que sim contra o pescoço dela. "Então vamos levantar-nos e lavar essa cara." Ela coloca as mãos rudes, com toque de couro, nos meus ombros. "Não vai ser fácil", diz, olhando para mim. "É provável que as coisas ainda piorem antes de ficarem mais fáceis. Ninguém pode mudar o que fizeste ou o que aconteceu no passado." Eu baixo a cabeça e recomeço a chorar. "Mas...", diz, de forma tão forte que eu tenho de olhar novamente para ela. "Mas podes controlar quem és agora e como te comportas. Compreendes?" Não consigo responder-lhe. "Compreendes?", repete, e eu abano o queixo para cima e para baixo.

"Encara o mundo com esperança no teu coração, Allison", diz Olene

gentilmente, já com lágrimas a espreitar-lhe nos olhos. "Encara o mundo com esperança e verás que ele te recompensa. Garanto-te", diz Olene, de tal forma que tenho a certeza de que ela já disse exatamente a mesma coisa a dezenas, talvez centenas, de raparigas ao longo dos anos.

Eu aceno e esfrego os olhos.

"Ficas bem?", pergunta Olene.

"Eu estou bem", respondo-lhe de forma parva, abanando a cabeça para cima e para baixo e fungando. É totalmente óbvio que estou tudo menos bem. "Só preciso de uns minutos."

"Ok." Ela levanta-se do chão e fica voltada para mim por um momento, como que a decidir-se se deve dizer mais alguma coisa. "Vemo-nos mais logo, na reunião de grupo." Ela olha para o bebé, ainda a flutuar dentro da sanita. "Queres que trate disso?"

"Não, eu trato", respondo-lhe, e logo depois ouço o bater suave da porta quando ela sai. Olho para o espelho e vejo os meus olhos inchados e a minha face manchada. Não posso deixar que as outras mulheres me vejam assim, digo a mim própria, e dobro-me sobre o lavatório para deitar água fria no rosto. Por um breve instante, penso quão terrivelmente fria a água do rio deve ter sido para o rosto da minha bebé, e um som amordaçado sai da minha garganta. Forço-me a olhar novamente para o espelho, para arranjar o cabelo. Continua a ser comprido e brilhante, amarelo como o sol. Detesto-o. Agarro numa mão cheia dele, inspiro profundamente e procuro no armário dos medicamentos uma tesoura, mas sem sucesso.

Tiro uma toalha velha do armário da roupa, meto o braço na sanita e retiro de lá a boneca a pingar, puxando-a por um braço e enrolando-a na toalha. Este é um teste que tenho de ultrapassar, a minha iniciação para entrar na irmandade da casa de transição, Phi Beta Felon. Bem, eu sou muito boa a passar em testes. Abro a porta da casa de banho, enquanto as outras residentes espreitam pelas portas para me verem passar por elas, de cabeça erguida e costas direitas. Caminho propositadamente pelo corredor e desço os degraus, ignorando os risinhos e os comentários enquanto elas me seguem. Atravesso a cozinha e saio pela porta das traseiras, onde estão os grandes caixotes do lixo. Levanto a tampa de plástico e, de uma forma indiferente, atiro o embrulho lá para dentro. Ele aterra silenciosamente entre os montes de comida malcheirosa, as toalhas de papel sujas, o lixo deitado

fora pelas mulheres que fizeram coisas más.

Esperança. Olene disse-me para encarar o mundo com esperança. Eu quero fazer isso. Eu preciso de fazer isso, mas não sei como.

Enquanto me movimento pelos corredores da Gertrude House, ouço os sussurros de "Assassina" e vejo os rostos furiosos e repugnados das outras residentes. Eu nunca me verei livre do meu passado enquanto permanecer em Linden Falls. Tenho de conseguir este emprego na livraria e tenho de cumprir o meu tempo na Gertrude House; depois, vou sair daqui. Mas, antes de mais, tenho de estar cara a cara com a minha irmã e fazê-la falar comigo.

Claire

As luzes que iluminam a Sullivan Street ligam-se às nove e meia, apesar de o céu já estar escuro como breu desde as sete horas. Observando a chuva a cair em lençóis prateados, Joshua tem os dedos encostados à janela da frente da livraria Bookends, deixando dedadas pegajosas que Claire não terá coragem de limpar. Vejam, parecem dizer as impressões borratadas, vejam quem esteve aqui – um rapazinho de cinco anos que adora gomas amargas em forma de minhocas e sumo com sabor a chocolate. Duas coisas que Claire, num raro momento de indulgência, permitira a Joshua. Eles não deveriam estar na Bookends tão tarde numa segunda-feira à noite, mas Ashley, a rapariga de dezassete anos que ajuda Claire em part-time, está doente. Depois o teto começara a meter água, obrigando a uma onda de reorganizações de móveis e limpezas com esfregona. Preocupado, Truman refugiou-se na sala das traseiras e Claire cedeu aos pedidos de Joshua sobre os seus snacks açucarados preferidos.

Agora, duas horas mais tarde, uma Claire exausta sobe o velho e decrepito escadote onde, segundo Jonathan, ela um dia vai partir o pescoço, para terminar o inventário que deveria ter ficado pronto horas antes.

"Mãe", diz Joshua rabugento, "vi um relâmpago. Acho que vai trovejar."

"Dá-me só mais alguns minutos, Josh, depois podemos arrumar tudo e ir para casa. Estou quase a terminar. Estás cansado?" Joshua diz que não com a cabeça. "Temos de começar a pôr-te na cama mais cedo. A tua escola começa na próxima semana", diz-lhe, enquanto inspeciona os últimos níveis das prateleiras e anota os títulos que têm de ser encomendados.

"Posso ir lá para cima?", pergunta Joshua. Por cima da livraria existe um apartamento tipo estúdio desocupado, mas mobilado, que Jonathan tem andado a arranjar, na esperança de um dia poderem arrendá-lo a um estudante universitário.

"Não. Lamento", responde-lhe Claire. "O papá ainda tem lá muitas ferramentas dele. Seja como for, não há nada de divertido lá em cima, exceto um teto por onde entra água. Prometo ficar pronta para irmos dentro de..." Ela levanta o pulso para ver as horas e quase cai do escadote. "Ups", diz Claire, endireitando-se. "Saímos dentro de quinze minutos."

Joshua suspira profundamente, como se não acreditasse propriamente no que a mãe lhe diz. "Ok. Estou lá atrás." Ele vira o polegar na direção da secção infantil e afasta-se penosamente.

O meu homenzinho pequenino, pensa Claire. Ela ouve os sininhos da porta da frente, que tocam quando a porta abre e dois rapazes entram despreocupadamente. "Lamento, mas estamos fechados", diz-lhes, lamentando de verdade. Ela detesta mandar clientes embora – não apenas pelo dinheiro, embora isso seja importante, claro, mas porque ela conhece bem aquele desejo de querer ter um livro novo nas mãos. "Abrimos amanhã às nove", acrescenta por cima do ombro, sem qualquer desconfiança até eles colocarem os capuzes, escondendo os rostos dentro das sweatshirts de tamanho demasiado grande. São os últimos dias de agosto e, apesar da chuva, os fins de tarde ainda são quentes e húmidos. O seu peito enche-se de terror e apenas um pensamento lhe vem à cabeça: Joshua.

O mais baixo dos dois olha para Claire, com o capuz a escorregar para trás e os olhos negros a brilhar na direção dos de Claire. O segundo rapaz, mais alto e mais magro, dirige-se em linha reta para a caixa registadora. Com um dedo ossudo e de unhas roídas, pressiona um botão da caixa registadora e a gaveta abre, com um som estridente, atingindo-o no estômago, de tal forma que o som das moedas umas contra as outras ecoa por toda a loja. "Ei!", grita Claire, atónita. "O que está a fazer?"

O rapaz alto ignora-a e começa a meter notas e rolos de moedas da caixa registadora nos bolsos da sweatshirt. Claire começa a descer o instável escadote, pensando apenas em posicionar-se entre Joshua e os assaltantes.

"Quieta aí!", ordena o rapaz mais alto. Ela desce mais um degrau, rezando em silêncio para que Joshua não saia agora da secção infantil na parte de trás da livraria. "Eu disse para ficar quieta!", grita-lhe, dando um passo em direção a Claire. O capuz escorrega para trás, revelando um punhado de cabelo castanho, que enquadra um rosto que poderia ser muito bonito não fossem os lábios enrolados para dentro numa expressão zangada, pondo à mostra dentes manchados. Dentes de drogado, pensa Claire. O rapaz tem olhos escuros e sem vida. Onde está o Truman?, interroga-se Claire. Onde está aquele cão quando preciso dele?

Mais uma vez, Claire pensa em Joshua, esperando que ele se mantenha escondido, mas quando olha por cima do ombro, apercebe-se de que ele está lá, olhando fixamente para ela, com o medo estampado nos olhos. Ele parece tão

pequeno e frágil. O seu rosto enruga-se de preocupação e as mãos estão apertadas uma contra a outra à sua frente. Os assaltantes ainda não o viram. Claire abana a cabeça impercetivelmente na sua direção, procurando dar-lhe a entender que volte para a secção infantil e se esconda, mas Joshua está bloqueado. Claire tenta descer mais um degrau do escadote e o rapaz mete a mão no bolso da sweatshirt.. Algumas notas caem ao chão e ela vislumbra um brilho metálico. "Não se mexa, porra!", cospe o rapaz, ao mesmo tempo que tira uma faca do bolso.

"Eu não... não me estou a mexer", garante Claire, com os olhos a saltar entre Joshua e a faca.

"Meu Deus!" O parceiro move-se na direção da caixa registadora. "O que estás a fazer? Guarda isso." Este rapaz é mais baixo, mais compacto, com a complexão de um ginasta ou de um lutador. Um cabelo preto e encaracolado salta de debaixo do capuz e os olhos são cinzentos, cor de ardósia.

"Cala-te!", ordena o rapaz alto ao amigo, e depois diz a Claire: "Onde está o cofre?"

"Não há cofre, só a caixa registadora." As pernas estão a começar a ficar com câibras e ela resiste à tentação de as abanar, com medo de se mexer.

"Onde está o cofre?, exige novamente, gritando de frustração.

Todos ouvem a lamúria ao mesmo tempo e Claire sente um aperto no estômago Joshua.

"Mas que raio...?", pergunta o mais baixo dos assaltantes, a ninguém em particular.

"Mãe?", chama Joshua. "Já é hora de ir para casa?" Ele olha assustado para o rosto da mãe e depois para a faca que o assaltante tem na mão.

"Está tudo bem, Josh", Claire diz-lhe, com o pânico a obrigar as palavras a sair aos bocados. "Volta lá para trás. Vai ficar tudo bem. Volta lá para trás e espera por mim." Joshua dá um passo atrás, prudentemente.

"Não! Fica exatamente onde estás!", grita o rapaz alto. Joshua pestaneja rapidamente e hesita apenas um segundo, depois desata a correr para a parte de trás da loja. O assaltante alto dá um passo com intenção de correr atrás dele e Claire instantaneamente começa a descer o escadote, quando o sente a abanar sob

os pés.

As dobradiças do escadote cedem em resultado do seu movimento rápido e ela perde o apoio. Não é uma grande queda – ela não está assim tão alto, talvez um metro e meio – e ela tenta virar-se enquanto está no ar, para não cair mesmo de costas. Quando as pessoas descreviam o tempo a passar mais devagar em situações como esta, ela ria-se sempre, considerava isso apenas um truque pateta da cabeça das pessoas. Mas é verdade: no seu curto percurso até ao chão de madeira por baixo, ela conseguiu reparar em inúmeros pormenores.

A meio da queda, deu por si a olhar diretamente para o assaltante mais alto, que decidiu que não vale a pena perseguir Joshua. "Vamos embora!", grita o outro rapaz, nervoso. Só que soa a algo como "Vaaaaamoos emboooooora." Lento e esticado como caramelo derretido. Ele está assustado; Claire consegue percebê-lo nos seus olhos. Ele não pode ter mais de quinze anos, pensa Claire, e interroga-se se as mães destes rapazes saberão o que eles estão a fazer. "Vamos sair daqui!", grita, com sílabas compridas e arrastadas, e depois dirigem-se para a porta. Vão-se embora. Graças a Deus. E tudo acelera, regressando ao ritmo normal.

Claire aterra sobre o ombro direito. Uma explosão de dor alastra pelo braço, depois a cabeça bate no chão e uma imensidão de luz amarela quente explode por trás das pestanas. De perto da porta, ela consegue ouvir o rapaz mais alto gritar: "Desliga isso! Desliga o telefone!"

Depois ouve a voz dele, baixinha e hesitante. "Eles fizeram a minha mãe cair", diz Joshua ao telefone, com a voz a tremer, assustado. "Eles levaram o dinheiro", acrescenta Joshua num repente.

"Corre!", tenta gritar Claire, mas nesse momento não tem ar suficiente nos pulmões.

"Desliga a merda do telefone!", grita o assaltante por entre os dentes cerrados.

Claire começa a rastejar ao longo do chão da livraria na direção de Joshua, com a dor no ombro e na cabeça a ficarem em segundo plano face à urgência de chegar ao filho. "Corre", consegue arfar, em desespero.

Joshua larga o telefone, que cai ao chão estrondosamente, mas, em vez de fugir, vai ter com a mãe e senta-se no chão junto dela. Ela consegue ouvir uma sirene à distância e a respiração acelerada de Joshua junto ao seu ouvido. Os assaltantes também ouvem a sirene e precipitam-se para fora da loja.

"Está tudo bem, Joshua", diz Claire, com uma voz fraca. "Está tudo bem, companheiro." Ele está sentado junto dela, com as pernas cruzadas e a mãozinha agarrada ao pulso dela com firmeza, como que temendo que ela saia a voar se ele a largar. A dor que irradia do ombro de Claire e o latejar da cabeça perturbam-lhe o estômago e ela sente um mau gosto a subir-lhe à boca. Vira a cabeça para o lado oposto de Joshua e vomita. Claire ouve-o a chorar e sente o corpo dele a tremer junto do dela, mas continua a apertar-lhe o pulso, segurando-o cada vez com mais força. "Não chores, Joshua", murmura Claire, com lágrimas a escorrer-lhe pelas faces. "Não chores, por favor." Por fim, Truman arrasta-se até junto deles, encosta o focinho molhado à face de Claire, senta-se e os três ficam à espera de ajuda.

Só após a chegada da ambulância e depois de os técnicos de emergência médica convencerem Joshua que estão lá para ajudar é que Joshua liberta Claire, deixando cinco marcas perfeitamente circulares dos seus dedos como uma coroa vermelha em redor do pulso. "Está tudo bem, Josh", diz-lhe Claire repetidamente.

"Um dos agentes fica com o seu filho até à chegada do seu marido", promete a Claire um dos técnicos de emergência médica. "O seu tombo foi feio. Tem de fazer umas radiografias e ser vista por um médico. Tem muitas dores?"

Claire acena que sim. "Ele não pode ficar comigo? Não quero deixá-lo sozinho", diz Claire, tentando erguer a cabeça para ver Joshua e estremecendo com o movimento. Ele está sentado no sofá da leitura, com a cabeça de Truman no colo. Um jovem agente da polícia aproxima-se de Joshua, ajoelha-se e diz qualquer coisa ao rapaz que lhe faz os cantos da boca subir num sorriso relutante.

"Temos mesmo de levá-la para o hospital, minha senhora. O agente fica aqui e toma conta dele."

"Acho que vou vomitar novamente", admite Claire com embaraço.

"Não há problema", responde-lhe, fazendo um movimento com a cabeça na direção de Claire. "É provável que tenha um valente traumatismo. Vomite à vontade."

Quando Claire chega ao hospital e é levada para as urgências numa cadeira de rodas, Jonathan já lá está, à porta, ansiosamente à espera.

"Claire!", exclama, quando a maca para. "Estás bem, Claire?"

"O Joshua", diz ela. "Onde está o Joshua?" Ela senta-se rapidamente e uma

dor forte atinge-lhe o crânio quando levanta a cabeça para procurar o filho.

"Ele está bem", tranquiliza-a Jonathan, com lágrimas a chegar-lhe aos olhos quando olha para a esposa. "Um agente está a trazê-lo para cá agora mesmo." Ele passa a mão suavemente pela cabeça dela. "E tu, como estás? O que aconteceu?"

Claire tenta descrever o assalto ao mesmo tempo que o técnico de emergência médica a leva pelo corredor, com Jonathan a segurar-lhe na mão enquanto se movimentam, mas os olhos dela estão pesados e sempre a fechar-se. Tudo o que ela quer é dormir, mas luta contra essa necessidade. "Devias ter visto o Joshua", diz-lhe, com a voz marcada pelo assombro e o orgulho. Claire olha para o pulso ao qual Joshua se agarrara com tanta firmeza enquanto esperavam a chegada de ajuda. Ela sente uma sensação de pânico ao ver que as marcas dos dedos do filho desapareceram do seu pulso. Por um instante sente que Joshua desapareceu, foi afastado dela para sempre. Mas depois ouve o ritmo familiar dos passos de Joshua a aproximar-se e logo de seguida ele está a seu lado.

"Meu menino corajoso...", sussurra Claire, esticando-se na sua direção, para logo depois finalmente se render ao sono.

Allison

Nas reuniões de grupo ainda estou a decidir se falo ou não. Todas temos a oportunidade de falar sobre os relacionamentos que possam ter tido um papel importante nas más decisões que tomámos. Estou a ponderar. Acho que ninguém, na história de Linden Falls, caiu tanto e tão rapidamente como eu. Eu era a filha perfeita de pais perfeitos, mas, agora que olho para trás, não tenho assim tanta certeza. Os meus pais alimentavam-nos e vestiam-nos e certificavam-se de que tínhamos tudo aquilo de que precisávamos em termos académicos, atléticos e sociais. Nós até íamos à missa todos os domingos, mas faltava qualquer coisa. À parte as competições de natação, os torneios de voleibol, os cursos de preparação para os exames e as atividades paroquiais para jovens, não sobrava muito. Nós não dialogávamos uns com os outros nem ríamos juntos, e não consigo ter uma recordação de algo que não estivesse enquadrado num horário dividido por horas e assinalado num calendário pendurado na parede da cozinha. Por isso, eu poderia falar ao grupo acerca dos meus pais e da nossa falta de comunicação, e de como eu nunca poderia ter-lhes dito que estava grávida.

Mas, na realidade, a origem da minha queda a pique foi o Christopher.

Conheci o Christopher por acaso, na Universidade de St. Anne. Eu estava a repetir o meu exame de avaliação escolar, tentando conseguir uma nota ainda melhor. O meu objetivo era conseguir 20 valores. Apenas cerca de trezentos alunos por ano conseguiam obter 20 valores e eu ia ser um deles.

Era um sábado à tarde e eu ia a sair da sala de aula para o sol brilhante depois de ter feito o exame, ainda aturdida e com o cérebro às voltas com as perguntas e as respostas do exame. Sentia-me cansada e esfomeada, e estava muito ansiosa para saber como me tinha saído. Agora vinha a parte mais difícil: a espera. Tinha de esperar um mês para saber os resultados. Sentia o estômago às voltas só de pensar nisso, e fiquei congelada, fiquei pura e simplesmente parada. Eu devia parecer perdida ou doente, porque, sem saber como, pouco depois tinha um rapaz parado ao meu lado, a olhar para mim com ar preocupado. Era mais alto do que eu – foi a primeira coisa que reparei. Não há muitos rapazes mais altos do que eu. A segunda coisa em que reparei foi que era mais velho. Devia ter vinte e dois ou vinte e três anos. Tinha cabelo castanho acobreado, encaracolado à volta das

orelhas, e um rosto com traços angulares muito pronunciados, apenas suavizados pelos olhos, de um castanho tão profundo e tão bonitos que até incomodava olhar para eles. Trazia uma camisola dos Cubs e mais tarde vim a saber que era um grande fã.

Eu estava habituada a ter rapazes a olhar para mim, rapazes da minha escola com os habituais comentários sexuais idiotas, apenas destinados a impressionar os amigos. Eu não perdia tempo sequer a pensar neles. Alguns adultos também paravam para olhar para mim – os amigos do meu pai, o dono da mercearia –, mas eram muito mais subtis. Eu sentia-me lisonjeada. Não me interpretem mal, é bom saber que alguém acha que temos bom aspeto. Eu só não tinha tempo para essas coisas.

Cada minuto do meu dia era gasto a estudar, enfiando na minha cabeça tanto conhecimento quanto possível. Eu era do tipo daquelas pessoas viciadas em comida que se sentam num recanto escondido com pacotes de donuts e sacos de batatas fritas, e enfiam comida pela boca adentro, sem perceberem porquê, só sentindo necessidade de o fazer. Era o que eu sentia. Eu precisava de mais e mais informação, mas não sabia porquê. Claro que havia razões óbvias – para ter boas notas e poder entrar numa boa universidade, para depois arranjar um bom emprego e ganhar bom dinheiro. Mas havia algo mais. Uma vez estudei para um teste de história sobre a Revolução Americana durante dez horas consecutivas. Eu sabia a matéria, mas sentia necessidade de continuar a revê-la, decorando nomes e datas e batalhas sem importância. Por fim, o meu pai – que andava sempre em bicos de pés, como se tivesse medo de assustar o ar em meu redor – veio ao meu quarto, arrancou-me o livro das mãos e insistiu para que eu descesse para comer alguma coisa. Eu tentava equilibrar as coisas, participando em todas as equipas desportivas que pudesse, mas era sempre o mesmo tipo de círculo sem fim. Eu tinha de correr mais longe, correr mais rápido – mas não para derrotar algum adversário. Não, era outra coisa. Não sei o que era, só sei que me sentia muito infeliz.

"Estás bem?", perguntou-me o rapaz de olhos castanhos. "Não pareces muito bem."

Eu corei e olhei para ele, sem saber o que dizer.

"Pareces estar em choque ou algo do género", explicou. "Não vais desmaiar, pois não?"

"Não, não", tranquilizei-o. "Eu estou bem."

"Ainda bem. Não queria que me morresses nos braços ou alguma coisa assim."

Bem, eu não morri, embora pouco mais de nove meses depois eu viesse a desejar que isso tivesse acontecido. Fomos até um café próximo dali, tomámos um café e depois falámos e rimos. Ele era a única pessoa que conseguia distrair-me de mim mesma e, pela primeira vez na vida, eu estava mesmo a divertir-me. Ele disse-me que era caloiro na universidade de St. Anne e que estava a tirar um curso de gestão. Passámos as três semanas seguintes juntos, em todos os momentos livres. Eu gostava mesmo do Christopher, mas era demasiada coisa, demasiado depressa. Pensei em mentir-lhe sobre a minha idade, mas, apesar de eu talvez ter sido muitas coisas, mentirosa não era uma delas. Pelo menos, não naquela altura. Quando disse ao Christopher a minha idade, ele ergueu as sobrancelhas, mas não hesitou em pegar na minha mão no restaurante. Nunca tencionei mantê-lo em segredo, mas foi o que acabei por fazer. Não o apresentei aos meus pais nem à Brynn, nem sequer lhes falei acerca do Christopher. Não sei bem porquê. Ele tinha vinte e dois anos, demasiado velho para uma miúda que acabara de fazer dezasseis, e sei que os meus pais me teriam proibido de o voltar a ver. Talvez bem no fundo eu soubesse que não ia durar – que, embora não houvesse nada de errado no facto de uma rapariga de dezasseis anos se apaixonar por um rapaz de vinte e dois, havia algo de muito errado com o facto de um homem crescido se apaixonar por uma adolescente. Por isso mantive tudo em segredo.

Durante as três semanas em que estive com ele, não abri um único livro fora da escola. Apressava-me a fazer os trabalhos de casa antes da escola e enquanto estava na sala de estudo. As minhas notas caíram a pique. Eu ia aos treinos de voleibol, mas a minha cabeça não prestava atenção ao que o treinador dizia. A minha mãe perguntava-me se me sentia bem. A Brynn olhava para mim com ar desconfiado, mas não disse nada. E os meus professores também não. Tenho a certeza de que pensavam: Ninguém é perfeito, nem mesmo a Allison Glenn. No fundo, acho que se sentiam felizes por me verem assim. Quanto a mim, sentia-me gloriosamente feliz.

Durante a primeira semana, encontrámo-nos em lugares normais – no cinema, em restaurantes, no parque –, mas no sábado seguinte levou-me a casa dele. Tínhamo-nos encontrado no parque da cidade e depois eu entrei no carro dele e ele conduziu para fora de Linden Falls, atravessou o rio Druid e foi para o campo.

"Não vives na cidade?", perguntei-lhe, surpreendida.

"Não, vivo logo à saída de Linden Falls", explicou.

Era uma casa encantadora, pequena e simples, mas limpa.

Ele foi ao frigorífico e tirou de lá um refrigerante.

"Anda, vou mostrar-te o meu quarto." Olhei para ele e ergui as sobrancelhas manhosamente. "Não queres?", perguntou, pondo os braços à volta da minha cintura e puxando-me mais para perto dele.

"Quero", disse-lhe, beijando-o de seguida.

Ele levou-me até ao quarto. Era um quarto pequeno e escuro, com um edredão axadrezado e paredes nuas. "Não dás muita importância à decoração de interiores, pois não?", brinquei.

"Um homem tem de poder viajar leve", respondeu, deslizando as mãos para a cinta das minhas calças.

"Estás a pensar ir a algum lado?", perguntei, tirando-lhe a camisola por cima da cabeça.

"Estou", disse, olhando para mim a sorrir, "se me deixares."

"Sim, eu deixo-te", sussurrei. E foi o que fiz. Deixei-o. E, quando ele entrou em mim, eu não me senti assustada nem preocupada. Não doeu. Foi como voltar para casa, e tudo o que consegui dizer foi o nome dele uma vez após a outra. "Christopher, Christopher, Christopher..."

Charm

O jornal não revela muitos pormenores acerca do assalto à livraria, apenas que Claire Kelby e o filho de cinco anos estavam no estabelecimento e que Claire foi levada de ambulância para o hospital. Depois de ler o artigo, Charm apressou-se a ir à Bookends para saber como estavam Claire e Joshua.

Ao longo dos anos, Gus ouvira os rumores dos amigos no quartel de bombeiros. Eles partilhavam as notícias que recolhiam acerca do rapazinho que fora abandonado no quartel e, por seu lado, Gus partilhava cada pormenorzinho com Charm, que ouvia gananciosamente, faminta. Ele era saudável, fora adotado por um casal simpático, a mãe era dona de uma livraria, o pai era carpinteiro e tinham-lhe dado o nome de Jacob ou Jeffrey ou Joshua.

Só havia quatro livrarias na cidade e não foi difícil para Charm descobrir qual a que pertencia a uma senhora cujo marido era carpinteiro. Bookends. Ela gostou do nome. Soava a algo forte, resistente, seguro.

Charm tinha dezoito anos quando ganhou coragem para ir pela primeira vez à Bookends. Ela pensou que a loja poderia estar fechada, poderia já nem existir. Entrou discretamente e dirigiu-se para um local na secção de autoajuda. Ela só precisava de o ver uma vez, dizia a si mesma, apenas precisava de ver o rosto dele, olhá-lo nos olhos, e depois poderia ir embora. Uns minutos depois entrou uma senhora com uma pilha de livros e um rapazinho a caminhar ao lado dela. Ele era pequeno e tinha o cabelo louro, da cor do milho. Charm sentou-se rapidamente, tornando ainda mais difícil alguém vê-la entre as pilhas de livros sobre como conseguir um amante, manter um amante e viver sem um amante. Se alguém a descobrisse, ela achava que iria parecer que se sentara para procurar o livro que pudesse, de algum modo, salvá-la de si mesma. O pequeno e gordo buldogue que andava pela loja foi ter com ela e ela fez-lhe uma festa na cabeça, esperando que ele não revelasse o seu esconderijo. A mulher passou sem sequer olhar. Mas Charm viu o rosto do rapazinho. O lindo rosto que era igual ao do pai dele. Tinha o mesmo nariz delicadamente arrebitado, as mesmas orelhas que se afastavam um bocadinho demais da cabeça. Os olhos eram castanho escuro, cor de chocolate. Ela encontrara-o.

Os olhos dos dois, espelhos um do outro, encontraram-se. Será que haveria um

resquício de reconhecimento? Charm gostava de pensar que sim, queria que ele conseguisse voltar atrás nos dias, meses, anos em que haviam estado separados e encontrasse uma memória dela. Mas o momento fora demasiado curto.

Ela pensara que seria capaz de afastar-se depois de o ter visto. Que, depois de ver o rosto dele e saber que tinha uma família que cuidava dele e o amava, conseguiria deslizar para longe sem sequer olhar para trás. Estava enganada. Não conseguia simplesmente ir-se embora. Quem eram estas pessoas que acabaram por ficar com ele? Quem eram os Kelby? Não, ela ainda não conseguia afastar-se. Talvez nunca o conseguisse.

Depois de ver Joshua aquela primeira vez na livraria com Claire, demorou três semanas a ter novamente coragem para voltar. Ela escolheu a secção de autoajuda porque ficava num canto afastado da loja atrás da caixa registadora, dando-lhe o melhor ponto para observar secretamente a porta principal e ver quem entrava e saía. Ela fingiu estar a ler um livro sobre como dar a volta à cabeça de alguém, do qual gostou mesmo e que até acabou por comprar.

Ela queria aproximar-se o suficiente para se certificar de que ele estava bem e era bem tratado. Ela queria conseguir dizer, com um único olhar: És um rapaz bem amado. Nascestes numa fresca noite de verão e quando peguei em ti pela primeira vez eu já não era uma criança, mas uma mãe – a tua mãe, ainda que tenha sido apenas por um bocado. Eras um bebé que gostava que lhe esfregassem a cabeça careca, que gostava que um homem doente lhe cantasse e que uma rapariguinha o embalasse até adormecer. Choravas até todas as lágrimas existentes saírem do teu corpo. Mas depois olhavas para mim como se eu fosse a única pessoa no mundo, e não importava nada que eu apenas tivesse dormido duas horas na noite anterior. Tu eras um segredo demasiado pesado. Eu queria que tivesses uma infância terrivelmente aborrecida com uma mãe e um pai. Era isto que o olhar dela diria.

E o olhar do rapaz teria dito: Eu conheço-te. Não sei bem como, mas conheci-te nalgum lugar e esse lugar era quente e bom.

Por detrás de um livro sobre um homem que pensava que a esposa era um chapéu, Charm continuou à espera. Pelo canto do olho, viu um rapazinho com uma t-shirt branca passar a correr na direcção da secção infantil. Mexeu-se lentamente para conseguir ver melhor. Era ele, tinha a certeza. Estava a sorrir, parecia feliz. O rapazinho estava bem.

Ela sabe agora que Claire e Jonathan são os pais perfeitos para ele. Ela não o

procura para chorar a sua perda ou para se tranquilizar acerca de ter feito o correto. Ela vem, acha ela, para observar. Para aprender. Para testemunhar o que ela nunca teve enquanto criança, para experimentar o que a mãe dela nunca lhe deu. Isto é o que uma mãe deve ser, pensa, enquanto observa Claire dobrar-se para dar um abraço a Joshua ou para lhe limpar uma lágrima ou sussurrar-lhe algo ao ouvido. Eu tive influência nisto, diz Charm a si mesma. Ele está seguro.

Agora, ao entrar pela porta principal da Bookends, Charm encontra Virginia a trabalhar ao balcão. "Olá", diz-lhe ela sem fôlego. "Ouvi falar do assalto de ontem à noite – estão todos bem?"

"A Claire e o Joshua apanharam um susto valente, mas estão ambos bem. Decidiram ficar por casa hoje, claro. A Claire tem um ligeiro traumatismo e um ombro dorido, mas o Joshua não sofreu nada. O pequenino ligou para o serviço de emergência por iniciativa própria." Virginia abana a cabeça, ao lembrar-se do sucedido.

"A sério?", pergunta Charm. "O Joshua fez isso?"

"Fez, sim senhora." Virginia acena com a cabeça, como se ela própria não conseguisse acreditar. "Os assaltantes disseram-lhe para pousar o telefone, mas ele não pousou. Disse a quem atendeu do serviço de emergência que havia 'homens maus na livraria'."

"Grande Joshua! Quando é que a Claire volta ao trabalho?", pergunta Charm.

"Penso que amanhã. Ele vai contratar outra pessoa para trabalhar em part-time. Não quer que nenhuma de nós volte a trabalhar sozinha. Conhece alguém que precise de um emprego?"

"Vou perguntar às outras alunas de enfermagem. Eles levaram muito dinheiro? A polícia apanhou-os?"

"Levaram algumas centenas de dólares. Mas ainda ninguém foi apanhado, pelo menos que eu saiba. A Claire e o Joshua iam hoje à esquadra para fazerem os depoimentos", diz Virginia no momento em que um cliente traz as compras para o balcão.

"Pode dizer à Claire que passei por cá, por favor? Diz-lhe que me ligue se precisar de alguma coisa?"

"Digo-lhe sim, Charm querida." Virginia para com um pensamento repentino. "Porque não fica com o emprego em part-time? A Claire ia adorar tê-la aqui. E o Joshua também."

"Gostava muito de ter tempo para isso, mas não tenho. Mas vou passar a palavra. Obrigada, Virginia." Charm despede-se e sai para o sol enevado, imaginando como seria trabalhar na livraria ao lado de Claire, podendo vê-lo todos os dias. Ela sabe que não é prático, não é seguro. Não é a coisa certa a fazer.

Ainda que eu não faça mais nada na minha vida, pensa, já terei desempenhado o meu papel ao dar a um rapazinho um lar que não esteja destruído ou incompleto. Ela congratula-se com este pensamento, sente-se reconfortada pela certeza de que Joshua nunca saberá a dor que uma mãe é capaz de infligir.

Brynn

Acordo com o som do telefone e apercebo-me de que provavelmente é outra vez a Allison. Sento-me na cama. Ainda consigo sentir ao fundo da garganta o sabor das bebidas que bebi na noite passada e as minhas roupas tresandam a fumo de cigarro. Eu nunca deveria ter conduzido para casa esta manhã – eu não estava em condições para isso. Tento focar o olhar no despertador. Nove e meia. Perdi a minha aula das oito horas. Fantástico! Enquanto caminho para a casa de banho, sinto como se estivesse a caminhar em lama. A minha cabeça ainda lateja. Fico à espera que a minha avó chame por mim se a Allison estiver ao telefone para falar comigo, mas isso não acontece. Talvez lhe tenha dito que eu estava a dormir. Talvez nem sequer fosse a Allison. Mas eu sei que era. Eu tenho uma espécie de sexto sentido sobre quando ela me vai telefonar, que até me incomoda. Talvez eu possa voltar a falar à minha avó acerca de mudarmos o nosso número de telefone. Já tivemos essa conversa antes, mas ela diz sempre que não pode excluir a Allison da vida dela e que ela também é sua neta. Dobro-me sobre a sanita mesmo a tempo de começar a sensação de vômito. Uns grunhidos altos e húmidos emergem da minha garganta, mas não sai nada, apenas o gosto amargo da bílis misturada com a sangria.

Quando eu tinha seis anos, os meus pais levaram-me a mim e à Allison ao zoológico do Minnesota. Eu sentia-me no paraíso, apesar de o meu pai me puxar tão depressa quanto possível para fora dos vários locais, para poder regressar ao hotel e ver os e-mails de trabalho. Eu arrastava os pés, determinada a capturar a imagem de cada animal com os meus olhos. O zoológico tinha um fantástico ecossistema de floresta tropical. Num minuto estávamos em plena região do Midwest e no minuto seguinte atravessávamos um portal e éramos transportados diretamente para o centro de uma floresta tropical. O ar era cheio de vapor e estávamos rodeados por árvores e outra vegetação alta. Uma neblina fina agarrava-se à nossa pele. Atravessámos uma ponte suspensa balançante e o rugido de uma enorme queda de água encheu-me os ouvidos.

Os meus sentidos eram incapazes de assimilar tudo – os cheiros, o calor, os animais agitando-se nas copas das árvores e por todo o chão da floresta. Ao início, não sabia bem o que estava a ver. Por cima de nós, numa árvore sintética de grossos ramos, estava um macaco-aranha, com o seu queixo com barbicha branca

e patas compridas e finas. Pensei que estava a segurar uma pequena manta, enrolada em volta do pescoço como uma capa de super-herói. Apontei para ele e ri. "Olha", disse à minha mãe, que tinha uma mão a pressionar o nariz, como que para bloquear o cheiro bolorento da floresta. "Olha para aquele macaco."

Ela olhou e a mão afastou-se da cara dela para procurar a minha. "Não olhes, Brynn", disse suavemente. "Não queiras ver aquilo."

"O quê?", perguntei-lhe, querendo ver ainda mais. "O quê?"

Depois consegui perceber. A manta que eu achava que o macaco transportava era, na verdade, o corpo defeituoso de outro macaco muito mais pequeno. O macaco maior – a mãe, deduzi – tirou cuidadosamente o pequenino de cima dos ombros, pousou-o num ramo e tocou-lhe com um dos seus dedos compridos. O macaco não se mexeu.

Engoli em seco com o que estava a ver. A mãe agarrou no filho por um braço magrinho e lançou-o para as costas, apenas conseguindo que ele descesse indefeso pelo outro lado. Mas a mãe persistia, tocando-lhe e levantando-o e abanando-o. Mesmo com a minha tenra idade, percebi que esta mãe estava em fase de negação, recusando-se a aceitar que o filho estava morto. "Oh", disse, com lágrimas a correr-me pela face.

"Não olhes", disse a minha mãe, tentando cobrir os meus olhos com uma mão e puxando-me dali com a outra. "É demasiado triste." A Allison nem se deu ao trabalho de olhar uma segunda vez. Limitou-se a encolher o nariz em sinal de repugnância e acelerou à nossa frente, atravessando a ponte e indo ter com o meu pai.

Nove anos depois, quando a Allison tinha dezasseis anos, foi a mesma coisa. Fui eu quem viu. Quem viu a bebé com lábios azuis e braços tortos, e com a cabeça a cair para um dos lados. Fui eu quem viu e sofreu, porque a minha irmã não queria enfrentar o facto de que tinha dado à luz uma bebé. Ainda hoje eu pago por isso. Ainda hoje vejo aquela bebé, noite após noite, nos meus sonhos, com a cabeça colada ao corpo de um macaco morto, os braços enrolados em volta do pescoço da mãe, batendo inutilmente nas suas costas.

Tomo um duche e visto-me, sabendo que vou chegar atrasada à minha aula das dez horas. Apresso-me a descer as escadas, os meus ombros húmidos por causa do cabelo molhado, passo pela minha avó e despeço-me dela rapidamente.

Procuro os meus medicamentos na bolsa e pego numa garrafa de água do frigorífico. Enquanto conduzo para a universidade, tiro um comprimido, depois outro, engolindo os dois com um gole de água, ansiando que as minúsculas partículas de medicamento no interior das cápsulas viajem até ao meu cérebro, para afastarem de mim as imagens de bebés mortos – primatas e humanos.

A Allison pode ter ido para a cadeia, mas sou eu quem vive numa prisão e quem nunca será livre.

Allison

Eu amei verdadeiramente o Christopher, mais do que tudo, e talvez uma parte de mim ainda o ame. Ele era gentil e bonito, e fazia-me sentir a rapariga mais bonita do mundo. Ele era inteligente. Muito inteligente. Dizia que estava a tirar um curso de gestão, falava de como era um craque a negociar na bolsa. Ele certamente parecia ter dinheiro, pagava sempre tudo, mostrava notas grandes, comprava-me coisas. No final da nossa primeira semana, ofereceu-me uma pulseira de ouro que parecia muito cara. Quando estava a colocar-me a pulseira, os seus dedos tocaram a pele fina da parte interior do meu pulso e eu estremeci.

"Só a pulseira", murmurou-me ao ouvido. "Quero ver-te apenas com a pulseira." Tirou-me a roupa toda. "Deixa-me olhar para ti, só quero ver."

Não me senti embaraçada, não tive vergonha. Havia um brilho selvagem no olhar dele que me assustava, mas que também me excitava. Pela primeira vez na minha vida eu não estava preocupada com a escola ou o desporto ou os meus pais. Sentia-me livre e amada. Sentia-me normal.

Só quando a psicóloga da minha escola secundária me chamou para me dizer que estava a perder o meu lugar entre os melhores da turma e que estava em perigo de perder bolsas de estudo se não voltasse a ganhar juízo é que a realidade voltou à minha vida.

"Passa-se alguma coisa em casa?", perguntou-me. Garanti-lhe que as coisas estavam exatamente na mesma. "É por causa de um rapaz?"

Ergueu as sobrancelhas perante a minha relutância em responder. "Nenhum rapaz merece isto", disse severamente. "Queres mesmo deitar a perder tudo aquilo por que tanto trabalhaste por causa de um rapaz? Queres mesmo acabar por ficar em Linden Falls o resto da tua vida?"

Eu não queria.

"O treinador Herrick também está preocupado contigo. Diz a esse rapaz que tens de te concentrar na escola e nos teus desportos. Diz-lhe o que quiseres, mas define bem as tuas prioridades. Tens muita coisa dependente dos próximos dois anos, Allison. Toma a decisão certa."

Na noite em que acabei tudo com o Christopher disse aos meus pais que estava a estudar em casa da minha amiga Shauna. O Christopher levou-me para o campo e ficamos dentro do carro a olhar para as estrelas através do para-brisas.

"Estás muito calada hoje", disse o Christopher, brincando com a pulseira no meu pulso.

Eu inspirei profundamente. "Os meus pais estão a desconfiar. Se eles descobrem sobre nós, não há a mínima hipótese de me deixarem continuar a ver-te. Vão dizer que és demasiado velho para mim." Olhei para ele através das sombras para avaliar a sua reação. Manteve-se em total silêncio. Os dedos afastaram-se da minha mão. Eu continuei. "As minhas notas estão a descer. A minha psicóloga pensa que eu posso perder bolsas de estudo se não..."

"O que estás a tentar dizer, Allison?", perguntou o Christopher. A voz dele era fria.

"Acho que devíamos..." Parei. Eu era boa em praticamente tudo o que alguma vez fizera, mas isto era difícil. "Acho que devíamos ir mais devagar. Devíamos ver-nos menos."

"É isso que queres?" Tinha as mãos apoiadas no volante, os ombros descaídos para a frente, a cabeça baixa.

"Desculpa", disse-lhe, com lágrimas a queimar-me os olhos.

"Sai", sussurrou o Christopher.

"O quê?", perguntei, pensando que não podia tê-lo ouvido bem.

"Sai do carro", disse-me com firmeza.

"O quê? Vais deixar-me aqui?", perguntei, com uma gargalhada nervosa.

Ele esticou-se por cima das minhas pernas e abriu a porta do meu lado. "Sai!", ordenou.

"Christopher..."

"Fora!" Deu-me um empurrão – com pouca força, mas ainda assim um empurrão. Eu rebolei para fora do carro e para a fria noite de novembro, e ele fechou a porta com força e arrancou.

Chorei durante uma semana e tive de resistir à tentação de telefonar ao Christopher, mas rapidamente fiz subir as minhas notas para o nível onde deviam estar. Estudei mais, trabalhei mais, fiquei mais determinada em concluir o secundário como a melhor da minha turma. Os meus professores deixaram de se preocupar, os meus pais também. Ia ficar tudo bem.

Às vezes tinha de me concentrar para conseguir lembrar-me de como era o Christopher. Apenas conseguia visualizar partes dele: os olhos castanhos, o nariz arrebitado, os dedos compridos e finos, a forma como batia com o pé nervosamente, sempre em movimento. Não conseguia pensar nele como um todo e às vezes chegava a pensar se ele seria mesmo real, se nós os dois alguma vez tínhamos existido.

Eu deveria ter percebido que estava grávida. E, para ser totalmente honesta, a ideia passou-me pela cabeça algumas vezes ao longo dos meses que precederam o parto. Mas eu não queria estar grávida, por isso a melhor coisa a fazer – a única coisa a fazer – era ignorar a situação. Caso contrário, ter-me-ia tornado numa daquelas raparigas. Uma daquelas raparigas idiotas e estúpidas, e, como consequência, teria arruinado completamente a minha vida. Eu poderia simplesmente ter-me matado, e talvez o tivesse feito, não fosse o facto de que isso teria selado o meu destino como uma delas – uma nulidade indefesa e fraca. Já as tinha visto a passear nos corredores da minha escola, muito bem vestidas e maquilhadas na perfeição. Essas eram as raparigas que gastavam mais tempo a escolher a roupa e a maquilhar-se do que a estudar álgebra. Estas raparigas nem sequer iam à aula de álgebra, frequentavam a disciplina de matemática básica e davam risadinhas por causa do professor, o Sr. Dorning, que consideravam uma brasa.

Mas, bem vistas as coisas, isto é patético. Demorei sete meses a perceber o que se passava. O estômago embrulhado, o inchaço, o cansaço permanente. Apaixonei-me por um rapaz e vejam o que ganhei com isso – uma cela de prisão em Cravenville e agora uma casa de transição.

Não posso mudar o passado. Não posso desfazer o que está feito, não posso trazer de novo à vida aquela bebé, mas posso voltar a ser uma boa filha. Posso ser uma boa irmã.

Claire

À medida que os três se aproximam do recreio da nova escola de Joshua, Claire encosta os dedos à parte lateral da cabeça, encontrando o ponto mais tenro onde o seu crânio bateu no chão quando caiu do escadote. Já passou uma semana desde o assalto e Joshua tem acordado todas as noites a chamar por ela. Apesar de Jonathan ir ter com ele e tentar reconfortá-lo, não é suficiente. Ele tem de ver a mãe e faz o pai levá-lo ao colo até ao quarto onde está a mãe. Ele tem de meter-se na cama deles, aproximando a sua cara da dela. "Estás aqui", diz, enchendo o nariz dela com o seu hálito doce. Ele diz isso como sendo uma surpresa, como se tivesse a certeza de que os dois assaltantes da livraria a tinham levado durante a noite. Durante o dia, tem medo de perder a mãe de vista e mantém-se por perto, uma sombra que a segue para todo o lado.

"Não te preocupes", diz-lhe Claire, mas ela própria sente-se apreensiva. Ela ainda não conseguiu regressar à livraria depois do assalto, confiando em Virginia para mantê-la aberta durante uma parte do dia.

Jonathan abre as portas do velho edifício de tijolo vermelho e um calor sufocante acolhe-os, recordando Claire dos seus próprios dias de escola passados num edifício praticamente idêntico, a apenas alguns quilómetros de distância.

"Quem vai proteger-te?", pergunta Joshua, olhando ansiosamente para a mãe, com os olhos cansados e vermelhos de mais uma noite mal dormida. Claire e Jonathan entreolham-se, preocupados. Já debateram a possibilidade de levar Joshua a falar com alguém, um médico ou um psicólogo. Alguém que possa ajudá-lo com os seus medos.

"Vou contratar outra pessoa para trabalhar na livraria, Joshua", diz-lhe Claire, tentando manter a voz suave. "Assim nunca estarei sozinha quando estiver a trabalhar."

"Tu magoaste-te na mesma e eu estava lá", lembra-lhes.

"Já instalámos um alarme, Josh", diz-lhe Jonathan. "Se aparecerem homens maus, o alarme vai pregar-lhes um grande susto e depois a polícia aparece logo."

Joshua acena com a cabeça, o rosto sério. Ele fica a pensar nisto um pouco.

"Como se chama este lugar?", pergunta pela terceira vez nesta manhã, enquanto caminham pelos corredores vazios e sossegados da Escola Primária Woodrow Wilson.

"É a Escola Wilson", responde-lhe Jonathan, tentando dar-lhe a mão. Joshua liberta a mão e enfia os dedos na palma suada de Claire.

"É tão grande", diz, olhando em redor, com os olhos castanhos em aflição.

"Não fiques tão triste", diz-lhe Jonathan. "Vais adorar."

"Eu não vou para a escola", diz, com uma determinação que Claire já conhece muito bem.

Os Kelby perderam o dia de matrículas na escola, que decorrera três dias antes. Eles tinham querido ir, tinham entrado no carro, tinham percorrido os cinco quarteirões, tinham estacionado em frente ao edifício da escola. Mas era demasiado para Joshua. Havia rios de crianças de todas as idades, entusiasmadas e turbulentas, a entrar e sair da escola junto com as famílias. Josh agarrou-se à sua cadeirinha, muito choroso, e recusou-se a sair do carro. Foram embora, diretos para casa, com Joshua a certificar-se de que as portas estavam trancadas depois de estarem lá dentro.

Um rapazinho não deveria ter de pensar em trancar as portas, pensa Claire, quando param à porta de uma sala de aula. Uma criança não deveria ter de pensar em manter a mãe segura.

"Tu deves ser o Joshua", diz, num tom de voz alto, mas amigável, uma mulher que se aproxima da entrada, e Claire sente Joshua a esconder-se atrás dela. "Eu sou a Sra. Lovelace." Ela estende uma mão na direção de Joshua, mas ele encolhe-se mais ao vê-la e é Jonathan quem a aperta, em vez dele.

"Prazer em conhecê-la", dizem Jonathan e Claire à vez. A Sra. Lovelace parece andar pelos cinquenta anos, o que Claire interpreta como sinónimo de que é uma professora experiente. Tem cabelo em tom cinzento palha de aço com um penteado sério e uns atentos olhos azuis que parecem não deixar escapar nada. Claire procura no rosto da Sra. Lovelace indícios de que possa sentir um carinho especial por crianças tímidas e ansiosas como Joshua, que precisam de um bocadinho mais de apoio nos primeiros passos no mundo precário do jardim infantil. "O Joshua está nervoso por ir começar a escola", explica Claire, apoiando a sua mão no ombro de Joshua.

"Nós vamos tratar de tudo juntos, não vamos, Joshua?" A Sra. Lovelace dobra-se até à altura dele para lhe falar e Joshua esconde-se atrás de Claire, encostando o rosto às costas da mãe.

"Joshua", diz Claire, procurando manter a voz suave e paciente, "a Sra. Lovelace está a falar contigo". Ele afasta-se deles e entra na sala, dirigindo-se para um conjunto de blocos de cartão, fabricados para parecerem tijolos.

"Porque não constróis alguma coisa, Joshua?", sugere-lhe a Sra. Lovelace. "Eu faço companhia aos teus papás durante alguns minutos." Joshua parece hesitante, mas, após um aceno encorajador da Sra. Lovelace, começa a colocar os tijolos metodicamente lado a lado, um em cima do outro, construindo um muro vermelho ferrugem em seu redor.

"Joshua, trouxeste uma fotografia de quando eras bebé para colocar no placar de avisos?", pergunta-lhe a Sra. Lovelace.

Joshua está tão empenhado na construção do seu muro que nem parece ouvir a Sra. Lovelace, e Claire morde o lábio, preocupada. "Aqui está." Claire segura na mão um exemplar da primeira fotografia que tirou a Joshua, depois de o terem trazido do hospital para casa. Com um sorriso rasgado, Jonathan segurava Joshua, que olhava espantado, de olhos bem abertos e húmidos por ter estado a chorar. O lábio inferior enrolado num adorável beicinho.

"Que linda fotografia, Joshua", exclama a Sra. Lovelace, caminhando na direção do muro de Joshua. "Com quem és parecido? Com a mamã ou o papá?"

"Eu sou adotado", diz Joshua, espreitando de detrás dos tijolos vermelhos.

A Sra. Lovelace não perde o ritmo. "E os teus papás ficaram contigo. Que sorte a deles!" Ela aproxima-se mais da fortaleza de cartão e pergunta, na sua voz calmante, como o som do leite a cair dentro de um copo: "Posso juntar-me a ti, Joshua?"

Joshua pensa na proposta e, por um instante fugidio, Claire vê a possibilidade, uma luz esbatida nos olhos escuros do filho, que rapidamente é descartada e substituída pela dúvida.

"Não, obrigado", acaba por dizer educadamente, colocando outro tijolo no topo do seu muro, bloqueando totalmente a visão do seu rosto.

A Sra. Lovelace tenta novamente. "Vejo que gostas de construir coisas, Joshua. Gostava mesmo de te ajudar." Ela retira o tijolo do topo, para poder ver novamente o rosto dele.

Joshua assusta-se e derruba acidentalmente vários tijolos, fazendo toda a estrutura ruir num monte em seu redor. "Oh, não!", lamenta-se em desespero, ao ver a pilha de peças à sua frente.

"Não te preocupes, Joshua", diz-lhe a Sra. Lovelace com suavidade, "está tudo bem. Podemos reconstruir tudo de novo juntos. Vês?" A Sra. Lovelace começa a colocar novamente os blocos uns em cima dos outros. Joshua funga, mas começa a ajudar a reconstruir o muro. Poucos minutos depois, Joshua está de novo em segurança, aninhado atrás da barreira.

A Sra. Lovelace conduz Jonathan e Claire até uma mesa rodeada por cadeiras excecionalmente pequenas, e convida-os a sentar-se. "Falem-me do Joshua", diz.

"O Joshua é um rapazinho muito doce e terno, mas às vezes fica muito ansioso. Sobretudo quando lhe pedem que experimente algo de novo", admite Claire. "Por vezes parece desligar-se e fechar-se no seu próprio mundo, e pode ser bastante difícil trazê-lo novamente até nós."

"Isso é bastante comum numa criança que vai para o jardim infantil, Sra. Kelby", diz a Sra. Lovelace. "Prometo-lhe estar atenta a ele e informá-la de quaisquer questões que surjam."

"O Joshua também passou recentemente por uma experiência traumática", explica Claire, tentando afastar o tremor da sua voz. Jonathan aperta-lhe a mão. "Na semana passada a nossa livraria foi assaltada e o Josh estava lá e assistiu a tudo. Ele ficou aterrorizado, e eu também." Claire abana a cabeça ao pensar nos assaltantes e no brilho da faca na mão do rapaz alto.

"A polícia ainda não os apanhou", prossegue Jonathan, "e o Joshua está muito assustado por não estar sempre com a Claire. Ele sente que tem de a proteger."

A Sra. Lovelace franze o sobrolho, preocupada. "Obrigada por me falarem disto. Vamos ver como o Joshua se comporta nos primeiros dias de escola e depois voltamos a falar. Se necessário, podemos sempre pedir ao psicólogo da escola que fale com ele. Todas as crianças que iniciam o jardim infantil têm um período de adaptação quando começam a escola. Algumas adaptações demoram mais do que outras." Ela levanta-se e caminha até onde Joshua está sentado na sua

fortaleza. "Foi um prazer conhecer-te, Joshua", diz-lhe.

"Muito prazer", responde Joshua, com uma voz quase inaudível.

A Sra. Lovelace vira a atenção novamente para Claire e Jonathan. "Também foi um prazer conhecê-los, Sr. e Sra. Kelby. Se estiverem interessados em acompanhar-nos em alguma das nossas visitas de estudo do jardim infantil, digam-me." Num tom de voz claramente mais elevado, continua: "No outono vamos visitar o quartel dos bombeiros, o pomar de macieiras e a plantação de abóboras. No inverno vamos descer de trenó a encosta por trás da escola e fazer casinhas de biscoito, e na primavera vamos fazer a melhor visita de estudo de todas."

"Ai sim, e qual é?", pergunta Claire, no tom afetado que usa especificamente quando pretende fazer Joshua interessar-se por alguma coisa.

"Não dizemos a ninguém até ao primeiro dia de escola. É demasiado especial." Os três espreitam Joshua disfarçadamente. Ele continua sentado atrás do muro, mas os dedos dos pés, presos nas sandálias, ficam um pouco de fora, ligeiramente inclinados para a frente.

"Bom, acho que teremos de esperar até lá para descobrirmos. Vamos, Josh", diz Jonathan. "O que se diz à Sra. Lovelace por ela te ter deixado brincar com esses blocos fantásticos?"

"Obrigado", responde Joshua, com uma voz fininha e tímida.

"De nada, Joshua", replica a Sra. Lovelace calorosamente. "Os blocos estarão aqui à tua espera no primeiro dia de escola."

Jonathan estende a mão para o ajudar a levantar-se do chão, mas Joshua ignora-a e põe-se de pé sozinho, saindo da sala à frente dos pais, com os passos dele a ecoarem no chão recém-encerado. Ele caminha devagar, com a cabeça baixa e o ombro a roçar a parede de betão pintado.

"Não te preocupes, Josh", murmura Claire, sabendo que ele não pode ouvi-la. "Vai ficar tudo bem."

Allison

Estou nervosa por causa da minha entrevista na livraria. Nunca tive um emprego a sério – nunca tive tempo quando andava no secundário. Claro que treinámos as entrevistas em Cravenville e a Olene fez uma simulação de uma entrevista comigo ontem à noite. Mas, mesmo assim, sinto-me maldisposta com a preocupação. Não sei porque motivo a dona da livraria quereria contratar uma ex-reclusa, mas ela está a dar-me uma oportunidade. A Olene disse-me que há incentivos fiscais bastante interessantes para empresas que contratem pessoas como eu.

"Ela sabe porque razão eu fui presa?", pergunto a Olene antes de sair. A Bookends fica apenas a alguns quarteirões da Gertrude House e, se eu conseguir o emprego, poderei fazer as viagens de e para o trabalho a pé.

"Ela sabe o essencial", explica Olene, "mas quer ajudar; além disso, também ajuda o facto de ser o Estado a pagar o teu salário."

"Que tal estou?", pergunto, abrindo os braços e dando uma volta sobre mim mesma. Eu caprichei no meu aspeto, usando coisas emprestadas pela Bea. A saia é um pouco curta demais, as mangas ficam acima dos meus pulsos e os sapatos apertam-me os pés, mas tenho um aspeto minimamente profissional e espero causar uma boa impressão. Preciso de ir a casa dos meus pais buscar algumas das minhas roupas antigas, mas ainda não consegui entrar em contacto com eles. O meu pai viaja muito e a minha mãe está sempre ocupada com os seus projetos e causas. São pessoas muito ocupadas.

"Estás muito bem", diz-me Olene. "Tens a certeza de que não queres que te leve de carro?"

"Não, obrigada, não me importo de caminhar", respondo. Aprendi recentemente a apreciar o facto de poder sair quando quero, de poder sentir o calor do sol na minha cara ou o ar da noite na minha pele.

Chego à Bookends pouco depois de ela ter aberto. Através da janela, vejo alguém que deduzo ser a Sra. Kelby. Ela está a sorrir por alguma coisa que um dos clientes disse, enquanto mete as compras num saco de papel com o nome da loja estampado na parte da frente. Observo o meu reflexo na janela. Depois inspiro

profundamente e abro a porta.

"Olá", digo, com mais confiança do que realmente sinto, enquanto me encaminho para ela. A senhora é alta, mas não tão alta como eu. Ela tem uma constituição sólida e forte e parece estar em boa forma, com pele escura e um cabelo castanho dourado espesso, que usa solto por cima dos ombros. Usa uns óculos grandes e na moda, com armação de massa. "O meu nome é Allison Glenn", digo, esticando o braço para lhe apertar a mão, tal como ensaiei. "Venho para a entrevista para o emprego em part-time." Foi aqui que as coisas se complicaram. Devo recordá-la de que o meu agente de liberdade condicional ajudou a combinar isto? Falo do meu passado? A Olene e eu falámos dos prós e contras de ser eu a primeira a falar da minha condenação. Continuo a não saber o que fazer.

A Sra. Kelby sorri-me. Um sorriso real, genuíno. Não do tipo que parece que foi feito à força. É um bom sinal. "Allison", começa ela, "obrigada por ter vindo. Muito prazer em conhecê-la. Sente-se para podermos falar um pouco. Peço desde já desculpa se formos interrompidas, mas tenho um pouco falta de meios por aqui."

Sentamo-nos e eu cruço as pernas, colocando as minhas mãos sobre elas, enquanto espero a primeira pergunta.

"Porque não começa por falar-me um pouco de si?"

"Bem, tenho vinte e um anos", começo nervosamente. "Quando andava no secundário, era aluna de 20 valores e tinha o meu nome sempre no quadro de honra..." De repente paro. A minha voz está alta e devo estar a soar ridícula. A Sra. Kelby está a olhar para mim, na expectativa. Inspiro profundamente. "Sra. Kelby, eu gostava muito de poder trabalhar consigo. Cometi alguns erros terríveis no passado, erros que jamais irei repetir." Inclino-me para a frente e olho-a diretamente nos olhos. "Estou a recomeçar a minha vida e ficar-lhe-ia muito agradecida se..." O meu queixo começa a tremer e os meus olhos enchem-se de lágrimas. "Se me desse uma oportunidade."

A Sra. Kelby fica quieta por um instante e olha para mim, com um rosto impossível de decifrar.

"Sabe, Allison, acho que isto pode funcionar bem para nós as duas. A Olene tem uma boa opinião a seu respeito e eu realmente preciso de ajuda." A Sra. Kelby sorri e os seus olhos irradiam imensa bondade. Uma bondade que eu não via há

muito tempo.

Limpo a garganta e rapidamente afugento as lágrimas. "Obrigada", digo-lhe com alívio.

"Excelente!", responde-me vivamente, e depois levanta-se. "Pode começar depois de amanhã? Entrava às nove e ficava até às quatro ou assim."

Eu aceno que sim. "Isso seria excelente. Obrigada. Muito obrigada." Estico o braço para lhe apertar a mão e ela aceita-a sem hesitação.

"De nada. Este é um sítio ótimo para trabalhar. Depois de amanhã também vai poder conhecer o meu filho. Chama-se Joshua."

"Fico ansiosa por isso. E, Sra. Kelby", digo, com as emoções ameaçando explodir outra vez, "vou fazer um bom trabalho, vai ver. Não se vai arrepender."

Dou por mim quase a correr de volta à Gertrude House. Quero falar com alguém sobre a minha entrevista. Quero que alguém sinta o mesmo entusiasmo que eu estou a sentir. Mas a única pessoa a quem penso telefonar é à Brynn.

Durante anos tive um sonho – mais um pesadelo, na verdade –, mesmo antes de ir para a prisão. O mesmo sonho, sempre repetido. Não exatamente o que se poderia pensar que alguém como eu poderia sonhar... Poder-se-ia pensar em bebés e rios. Não, é algo surpreendente. No meu sonho estou em casa, a estudar para os exames. Estou dobrada sobre os livros e a escrever furiosamente no caderno, quando toca um alarme. É agora. Chegou a hora. Tenho de ir fazer os exames. Cuidadosamente coloco os meus livros e cadernos na mochila e agoço sete lápis número 2. Têm de ser número 2, tem que ver com o facto de o computador conseguir ler as folhas de respostas. Caminho calmamente para a porta do meu quarto. Estou pronta, estou confiante que os exames vão correr muito bem. A minha mão agarra no puxador da porta. Mas ele não roda.

Eu tento rodá-lo, uma vez e outra, mas nada. Estou fechada no meu quarto. Em pânico, vou à janela e tento abri-la, mas também está presa. O ar fica preso no meu peito – não consigo respirar. Eu tenho de sair do meu quarto, tenho de ir fazer o exame. Bato na porta, grito pela minha mãe, pelo meu pai, pela minha irmã, por alguém que possa libertar-me. Volto à janela e bato nela, tentando chamar a atenção das pessoas que estão em baixo. Ninguém repara em mim. Bato na janela com mais força, usando as minhas mãos. Os meus dedos estão entorpecidos e frios pela falta de oxigénio, vejo-os a ficarem azuis. Estou a morrer. Eu tenho de abrir a

janela e, em desespero, começo a bater com a minha cabeça no vidro. Ele estremece e racha. Sinto o sangue quente e húmido na minha testa. Não importa. Mais uma vez, bato com a cabeça na janela e o vidro racha um pouco mais. Não me dói e a necessidade de escapar sobrepõe-se a tudo o resto. Bato com a cabeça mais uma vez e outra e outra, até já não poder ver através do sangue e começar a sentir os pedacinhos de vidro na minha pele.

Depois acordava, no meu quarto ou na minha cela, encharcada de suor, mas a tremer de frio.

Eu não desisto. Nunca. Vou conseguir que a Brynn fale comigo, custe o que custar.

Claire

O primeiro dia de escola de Joshua começa de forma esperançosa. Desde a visita à sala de aula e o encontro com a Sra. Lovelace, Joshua não voltou a recusar-se a ir para o jardim infantil. Na verdade, até parece entusiasmado.

Mostra-se preocupado com o que vai vestir e acaba por escolher uma t-shirt vermelha lisa e os seus calções caqui favoritos. "Estás muito bonito, Joshua", diz-lhe Claire. Ele sorri e passeia-se orgulhosamente para a frente e para trás com as sapatilhas novas.

Claire não está preparada para ver centenas de crianças a brincar à porta da escola, esperando o toque de entrada. "Caos organizado", diz, voltando-se de seguida para Joshua, que olha fixamente para a multidão, como que hipnotizado.

"Uau!", murmura Jonathan entredentes. "E agora, que fazemos? Deixamo-lo apenas ficar e metemo-lo no meio... daquilo?"

"Não, podemos levá-lo até lá dentro", responde Claire. "Mas vamos esperar até a campainha tocar e a maior parte dos miúdos entrar."

"Eu não vou para ali", afirma Joshua a medo, a partir do banco traseiro. "Vamos para casa."

"Vai correr tudo bem", diz Jonathan com suavidade. "Vamos verificar se tens tudo na mochila."

"Não quero", repete Joshua, com a ansiedade cada vez mais evidente na voz.

"Vamos lá, companheiro, vamos ver o teu material, para termos a certeza de que tens lápis de cor suficientes." Item por item, Jonathan e Joshua passam a mochila a pente fino, certificando-se de que ele tem todo o material de que precisa para começar a escola. Claire sorri ao ver os dois com as cabeças para baixo a inspecionar o material escolar. Quando acabam, a campainha já tocou e apenas alguns alunos continuam no exterior do edifício.

"Olha agora, Josh", diz-lhe Claire. "Vês? Todos os outros meninos já entraram. Não podes chegar atrasado ao teu primeiro dia no jardim infantil. Parece que tens tudo pronto." Em conjunto, os três dirigem-se para a entrada principal do

edifício. Joshua caminha devagar, arrastando os pés. Quando param mesmo à porta da sala da Sra. Lovelace, Joshua espreita para dentro, observando com interesse um grupo de vinte crianças de jardim infantil no seu primeiro dia de escola. Ele olha para os pais, com os lábios a retorcer-se nervosamente.

"Eu vou, então", diz, mostrando o seu habitual espírito de quarenta e dois anos num corpo de uma criança de cinco. "Vemo-nos mais logo, depois do jardim infantil." A sua voz é triste e Claire sente o coração a partir-se. Ela pega nele e recebe-o num abraço apertado. Pegando na mochila gorda e pesada das mãos de Jonathan, Joshua entra cautelosamente na sala, como se fosse para uma execução antes do tempo. Claire cerra os dentes, tentando impedir a saída das lágrimas. Porque é que tudo tem de ser tão difícil para o Joshua?

Claire enfia o braço no de Jonathan e ambos ficam a ver Joshua a entrar na sala timidamente, até a Sra. Lovelace o cumprimentar e o encaminhar para a secretária. "Olha só para ele", sussurra Claire.

"Pois é, olha só para ele", concorda Jonathan.

Os dois permanecem junto à porta da sala de Joshua até a Sra. Lovelace lhes fazer sinal com o polegar para cima e os mandar embora delicadamente. Enquanto caminham de regresso ao carro, Claire vira-se para trás diversas vezes para olhar para o edifício, meio esperando ver Joshua a sair a correr, suplicando-lhe que não o deixe. Ela sabe que não deveria, mas sente-se um pouco triste. Joshua nunca mais vai precisar dela da mesma forma que até aqui. Outras pessoas, como professores e amigos, vão encher a vida dele. E isso é algo bom, diz a si mesma. Ela quer sentir-se feliz por a manhã ter corrido tão bem, por ele ter entrado na sala por iniciativa própria sem grandes problemas, mas Claire não está propriamente feliz. Aliviada talvez, mas definitivamente não feliz. "Ele vai ficar bem", diz Jonathan, procurando a mão da mulher.

"Eu sei", responde Claire com rigidez, entrando no carro e sentando-se no lugar do passageiro. "Eu só não consigo acreditar que ele já está mesmo no jardim infantil. Primeiro, eu não pensava realmente que este dia alguma vez chegaria, e segundo, nunca pensei que corresse tão bem. Acho que fiquei cansada por me preocupar tanto com isto."

"Vamos comer qualquer coisa", propõe Jonathan de repente.

"Não posso", protesta Claire. "Tenho de abrir a loja, até já estou atrasada",

diz, verificando as horas no painel de instrumentos do carro. Oito e cinquenta. Dez minutos até à hora de abrir.

"Vamos passar por casa, então", sussurra-lhe em jeito de sugestão, deslizando a mão por entre as coxas de Claire.

"Jonathan!" Claire ri, empurrando a mão dele. "Não tenho tempo."

"Anda lá, afinal quantas vezes temos a casa só para nós?", pergunta Jonathan, colocando novamente a mão no joelho dela.

"Estás a falar a sério?", pergunta Claire, surpreendida com a impulsividade de Jonathan.

"Claro que sim", responde-lhe, deslizando a mão por dentro da camisa dela.

Claire beija carinhosamente a pele suave por baixo do maxilar e vira a cara dele para ela, beijando-o e passando a língua pelo lábio inferior do marido. Um sentimento de desejo invade-a. Doce e inesperado.

"Por favor", sussurra-lhe ao ouvido, "leva-me para casa".

Brynn

Quando finalmente chego à escola, vejo Missy com um grupo de raparigas num quiosque de café. Ela olha através de mim. Quando me aproximo dela, diz-me olá, mas imediatamente regressa à conversa com as outras raparigas. É como se eu não existisse.

O rapaz da festa deve ter-lhe falado de mim. E da Allison.

Então é assim que vai ser. Tal qual como em Linden Falls.

A princípio, pensei que não poderia haver nada pior do que já não ter a Allison em casa. A casa estava tão vazia, tão silenciosa. Nos dias imediatamente a seguir à detenção da Allison, cometi o erro de entrar no quarto dela e deitar-me na cama, embrulhando-me no edredão dela e apertando a almofada contra a minha cara, para poder respirar o cheiro dela. Os troféus e prémios da Allison estavam a começar a ganhar pó, mas ainda brilhavam com o seu potencial perdido.

O meu pai encontrou-me no quarto da Allison, sentada na cama, a mexer nas suas fitas azuis. Por um instante pensei que ele fosse entrar e sentar-se ao meu lado. Como eu queria que ele me abraçasse e me dissesse que ia ficar tudo bem. Queria que ele pegasse na minha mão e me perguntasse sobre a noite em que a Allison dera à luz. Queria contar-lhe que estive lá, que limpei o suor da testa dela, que a encorajei a fazer força e que tive a bebé nos meus braços. Mas, segundo as indicações da Allison, dissera aos meus pais e à polícia que estava no meu quarto a ouvir o meu iPod e que, por isso, não ouvira nada. Queria falar com o meu pai sobre estas coisas, mas ele limitou-se a ficar à porta a olhar para mim, com uma profunda desilusão cravada no rosto. Nesse momento percebi que eu nunca, nunca, seria a pessoa que os meus pais queriam que fosse. No dia seguinte, quando tentei entrar no quarto da Allison, encontrei a porta trancada. Os meus pais nem sequer me consideravam digna de me sentar entre as coisas da minha irmã.

Os meus pais vagueavam pela casa como que aturdidos. A minha mãe gritava por tudo e por nada, o meu pai trabalhava ainda mais horas, às vezes chegando a casa já tarde da noite. O jantar era um silencioso pesadelo. Sem a Allison, não havia sobre o que falar. Não havia discussões sobre jogos de voleibol ou planos para a universidade. Os novos amigos que eu tinha raramente me ligavam. Na verdade, eu não os censurava. O que havia para dizer? A minha amiga Jessie

tentou. Ela telefonava e passava em nossa casa, tentava mostrar-se alegre, tentava levar-me com ela a jogos de futebol e ao cinema, mas eu sentia-me apática e perdida. Eu estava no décimo primeiro ano na Secundária de Linden Falls. A Allison estaria no décimo segundo. Aprendi a ignorar os olhares e os sussurros quando passava nos corredores.

Só quando as primeiras notas do ano escolar chegaram a casa é que os meus pais perceberam que tinham de agir. Apesar de as minhas notas serem quase todas positivas, eram muito baixas e tinha negativa a educação física. Mal souberam as notas, levaram-me de imediato ao gabinete da diretora. A Sra. Buckley era aquele tipo de diretora louca e energética, que vagueava pelos corredores da escola para ter a certeza de que os alunos se estavam a comportar como deviam. Ela era casada com o trabalho, sendo habitual ficar na escola até muito tarde e chegar à escola muito cedo pela manhã. Era muito rígida, sendo muitas vezes sarcástica e grossa, mas conhecia muito bem cada um dos alunos da Secundária de Linden Falls.

"Porque é que ninguém nos informou de que a Brynn estava mal na escola?", questionou a minha mãe, furiosa. "Isto é absolutamente inaceitável."

"Sra. Glenn", começou a Sra. Buckley. "Nós enviámos cartas. E telefonámos. Não obtivemos nenhuma resposta."

A minha mãe deitou-me um olhar cáustico. "Eu não vi nenhuma cartas. Nem recebi nenhum telefonema. Sabes de alguma coisa?", perguntou ao meu pai, que abanou a cabeça, cansado.

"Estamos todos muito preocupados contigo, Brynn", disse a Sra. Buckley, dirigindo-me a palavra pela primeira vez. "Sabemos que estes estão a ser momentos difíceis para ti e para a tua família, e queremos ajudar-te." Eu enterrei-me mais na cadeira e não disse nada. "Se quiseres falar com alguém, podemos certamente tratar disso."

"Ela não precisa de falar com ninguém", disse a minha mãe com impaciência. "Ela tem de se concentrar e começar a estudar."

"Vamos arranjar um explicador para a Brynn", acrescentou o meu pai. "Nós vamos dar a volta a esta situação. Estes tempos têm sido difíceis, mas não é nada que não possamos resolver."

"Às vezes", começou a Sra. Buckley cuidadosamente, "ter alguém de fora para

nos ajudar a trabalhar..."

"Nós não precisamos de alguém de fora", afirmou a minha mãe de forma perentória, levantando-se. "A partir de agora, gostaria de ter relatórios semanais de cada professor acerca da situação da Brynn. Vamos arranjar-lhe um explicador. Agradeço-lhe pelo tempo que nos dispensou." Ela rodopiou sobre si mesma e saiu rapidamente do gabinete da Sra. Buckley, comigo e o meu pai logo atrás.

Tal como prometido, arranjam-me uma explicadora. Todos os dias depois da escola, durante noventa minutos, uma estudante universitária local de St. Anne vinha a nossa casa e sentávamo-nos na mesa da cozinha, a rever equações de álgebra e o vocabulário de espanhol. A minha explicadora, uma aborrecida finalista de filosofia com zero de personalidade, era implacável. Embora fosse muito boa a explicar-me as coisas de forma a eu poder entendê-las, ela era impaciente, fazendo ruídos com a língua e estalando os dedos sempre que eu me distraía.

Com o tempo, as minhas notas subiram para B a todas as disciplinas e C a educação física. Concluí o secundário exatamente a meio da lista de alunos da minha turma e no dia seguinte a minha mãe inscreveu-me nos cursos de verão da Universidade de St. Anne.

Eu tentei, tentei mesmo. Mas sempre que entrava numa sala de aula, um esmagador sentimento de medo invadia-me. O meu peito ficava apertado e conseguia sentir o bater do meu coração nos meus ouvidos. Raramente ficava mais de cinco minutos na sala e depois saía a correr.

Eu tivera tantas esperanças relativamente ao dia em que fiz dezoito anos. Eu planeara dizer aos meus pais que ia sair de St. Anne e arranjar um emprego a trabalhar com um veterinário local. O salário não era grande coisa, mas era um começo. Tínhamos acabado de chegar do restaurante onde fomos jantar para celebrar o meu aniversário e estávamos a comer bolo e gelado, quando vi a carta em cima do balcão da cozinha. A minha esperança de poder ter um serão minimamente agradável com os meus pais desvaneceu-se. Tinham passado mais de dois anos desde que a Allison fora detida e, embora os meus pais raramente falassem dela, havia sempre coisas a lembrar a situação. O seu lindo rosto sorria-me das várias fotografias que continuavam a ocupar um lugar de destaque pela casa. A carta da Allison absorvia a minha atenção e perdi a determinação que tivera anteriormente. Não importava que a Allison estivesse na cadeia, não

importava que ela ainda fosse lá continuar por mais oito anos. Ela estava sempre presente.

Deixei o meu prato de bolo e gelado na mesa, ao lado da carta da Allison, e subi para o meu quarto. Olhei para o frasco de comprimidos de dormir da minha mãe durante várias horas até ganhar coragem para retirar a tampa e deitar os comprimidos na minha mão. Eram mais pequenos do que pensara e não pude deixar de sorrir ao pensar que algo tão leve poderia acabar com a dor. Não deixei nada escrito. O que havia de dizer? Que lamentava não ser a minha irmã? Que estava farta de andar em bicos de pés pelos cantos do meu mundo, tentando agradar a todos sem conseguir agradar a ninguém, muito menos a mim própria? Que continuava a não conseguir tirar do meu pensamento a visão da pele suave a azulada daquela bebé e dos seus dedinhos pequeninos, e que isso me assombrava mais do que qualquer outra coisa?

Engoli os comprimidos um a um. De cada vez que colocava um na minha língua, era como uma comunhão dos males que sentia que me faziam. Nunca suficientemente inteligente, nunca suficientemente bonita, nunca suficientemente atlética – nunca nada era suficiente. Enterrei-me debaixo dos cobertores para morrer. Por breves instantes, antes mesmo de adormecer, pensei se os meus pais sentiriam a minha falta, mas achei que não. O sofrimento que a perda da Allison lhes causara tinha-os consumido.

Penso que teria conseguido suicidar-me se a minha mãe não tivesse ido procurar os comprimidos para dormir. Ela encontrou-me inconsciente na cama, com o frasco dos comprimidos ao meu lado. Quando acordei estava na urgência do hospital e estavam a fazer-me uma lavagem ao estômago. Poucos dias depois, estava a caminho de New Amery, para ir viver com a minha avó.

Um ano depois, achava que as coisas estavam muito melhor. Que tudo o que era preciso era manter a Allison e os meus pais longe de mim, esquecer o passado e concentrar-me no futuro. Mas estava enganada.

Tenho uma aula ao meio-dia, mas entro no carro e conduzo de volta para casa. A minha avó não está. O Milo olha para mim com esperança, querendo ir dar um passeio. Em vez disso, vou ao armário por cima do frigorífico onde a minha avó guarda o álcool. Sei que é estúpido, sei que não deveria fazer isto, mas retiro uma garrafa, pego num copo de pé e encho-o até cima com o vinho tinto de aroma doce. O meu estômago ainda está mal da bebida da noite passada, mas não quero saber.

Quero regressar àqueles maravilhosos minutos em que pensei que era apenas mais uma universitária com amigos, com a possibilidade de conquistar o interesse de um rapaz giro, sem ninguém conhecer o meu passado.

Pego na garrafa e vou para o meu quarto. Sento-me na cama, bebo um grande gole de vinho do copo e espero. Espero que o efeito do suave aquecimento do vinho se espalhe até às minhas pernas, até às pontas dos dedos. Espero que o vinho adormeça os meus pensamentos. Foi estúpido, na verdade. Pensar que alguma vez poderia começar do zero.

Claire

Quando Claire observa Allison a sair depois da entrevista, fica surpreendida com a leveza do seu caminhar. Quando entrara na loja, Allison parecia oprimida e esmagada pelo peso da sua história, embora se esforçasse por se mostrar de cabeça erguida e confiante. Allison Glenn parece uma rapariga muito simpática, apesar do seu passado. Todas as pessoas necessitam de uma segunda oportunidade. Claire acredita firmemente nisso. Se ela e Jonathan não tivessem tido uma segunda oportunidade para serem pais, Joshua nunca teria entrado na vida deles.

Fora numa noite fria de janeiro, sete anos antes, apenas uma semana depois de terem recebido a licença como pais de acolhimento, que Dana telefonara a Jonathan e Claire. Uma menina de três anos fora encontrada a vaguear em Drake Street à meia-noite. Não trazia chapéu nem casaco e não conseguira dizer ao grupo de estudantes universitários que a encontraram à porta do bar ali perto onde vivia e de quem era filha. Os rapazes chamaram a polícia e o Departamento de Serviço Social interveio e telefonou-lhes. "Vamos imediatamente", disse Jonathan a Dana. Não perguntou a Claire se ela queria receber uma criança. Ele sabia. Claire queria uma criança mais do que qualquer outra coisa. Não importava se era um rapaz ou uma rapariga, que idade tinha, de onde viera ou qual a cor da pele. Não importava. E Claire sabia que Jonathan só queria abraçar um pequeno coraçãozinho aflito junto do seu e dizer à criança vezes sem conta que estava tudo bem.

Correu tudo bem durante muito tempo, mas depois deixou de correr. A mãe de Ella, Nicki, uma estudante universitária em part-time de vinte anos, tinha estado a beber e a drogar-se com uns amigos no apartamento onde vivia na noite em que Ella se afastara. Nicki nem sequer reparou que Ella desaparecera até quase doze horas mais tarde, depois de voltar a ficar suficientemente sóbria para perceber que Ella não estava no apartamento.

Nessa manhã, quando Claire e Jonathan foram ao hospital onde Ella estava a ser observada para verificar a existência de ferimentos resultantes do frio ou de maus tratos, Dana explicou a Ella que iria ficar em casa dos Kelby durante algum tempo. Ella limitou-se a olhar para eles, confusa. "Onde está a mamã?", perguntava vezes sem conta. "Quero a minha mamã." Ela não fez birra quando a

colocaram no carro deles, mas olhava pela janela, virando a cabeça para trás sempre que passavam por alguém na rua, como se estivesse à procura de alguma pessoa. Quando pararam à porta da casa dos Kelby, Ella pareceu finalmente perceber que não iria para sua própria casa nos próximos tempos. Os seus olhos cansados encheram-se de lágrimas e ela começou a tremer tanto que os dentes batiam uns nos outros. Parecia que ela não conseguia aquecer.

"Está tudo bem, Ella", disse-lhe Claire, enquanto a enrolava numa grande manta e a pousava no sofá. "Tens fome?"

Ella não disse nada a princípio, mantendo os olhos fixos no cãozinho dos estranhos, que estava a cheirar-lhe os pés.

"Este é o Truman", disse Jonathan a Ella. "É um buldogue. Só está connosco desde a semana passada."

"Ele morde-me?", perguntou a menina com uma voz surpreendentemente grossa.

"Não", garantiu-lhe Claire. "Ele é um bom cão. Queres fazer-lhe uma festinha?"

Ella apertou os lábios e fechou os olhos, como se estivesse a pensar profundamente. Depois de um momento, abriu os olhos, olhou para Claire e inspirou profundamente, como que para reunir toda a sua coragem.

"Ele não morde", prometeu Jonathan, enquanto pegava em Truman e o pousava na almofada ao lado dela. "Ele pode babar-te um pouco, mas não morde."

Ela esticou lentamente uma mãozinha gorducha, passou-a rapidamente pela cabeça de Truman e deu um risinho. Ela fez o mesmo várias vezes, uma festinha rápida e uma risada, até que Jonathan e Claire se juntaram a ela no riso. Truman olhava para cada um deles à vez, com uma expressão que deixava claro que se limitava a tolerá-los a todos. Vinte minutos depois, Ella adormeceu, com o rosto enterrado no pescoço de Truman. Jonathan e Claire limitaram-se a ficar ali a olhar para ela, apaixonando-se por ela.

Não demorou muito até que Claire considerasse Ella como sua. Ela sabia que pensar assim era perigoso. Sabia que, na verdade, não tinha qualquer direito de reclamar Ella como sendo sua. Mas ela amava aquela menina. Amava-a como se a tivesse trazido no seu próprio ventre marcado durante nove meses. Ella era a

criança mais bonita que alguma vez vira, com os seus olhos grandes e castanhos, que num minuto podiam estar divertidos na brincadeira e no seguinte cheios de lágrimas. Ela começara logo a tratar Jonathan por "papá", embora parecesse sentir imenso a falta da mãe.

Era óbvio que Nicki queria a filha de volta, mas ela não tinha propriamente as capacidades necessárias para tratar de tudo. Tinha um comportamento desafiador e discutia muito com a assistente que tratava do caso, e chegava tarde às visitas acompanhadas e às reuniões para resolução do caso. Estava sempre a estragar tudo e, por muito que tentasse, Claire não conseguia perceber o comportamento dela. Como era possível, como, que alguém não movesse o céu e a terra só para estar com este milagre de criança? Fosse como fosse, durante as visitas acompanhadas, Nicki sentava-se no chão com Ella e conseguia insinuar-se de modo a voltar à vida da menina. Quando via Nicki com Ella, Claire sentia inveja, embora tivesse vergonha de o admitir. Elas olhavam e sorriam uma para a outra, e tocavam-se, como se estivessem estado sempre juntas. Claire via Nicki a passar suavemente a palma da mão na bochecha gorducha de Ella e imaginava que Nicki no passado embalara o seu ventre inchado do mesmo modo, quando estivera grávida. Era um gesto tão íntimo, protetor, possessivo, que Claire tinha de virar a cara para o lado – magoava-a olhar para elas.

Jonathan e Claire tiveram Ella em casa deles durante pouco mais de um ano. Jonathan não acreditava que Nicki conseguisse mudar o suficiente para recuperar o direito a ficar com Ella, mas ela fê-lo. Claire ainda se recorda do olhar rígido e vazio de descrença no rosto de Jonathan quando fizeram a entrega final naquele fevereiro. Era uma tarde fria, bastante semelhante à noite em que Ella lhes fora entregue, mas agora ela estava vestida mais do que adequadamente, com uma volumosa parka cor de lavanda com gorro e luvas a condizer, que eles lhe tinham comprado. Os seus olhos castanhos piscavam de modo entusiasmado virados para eles. "Vou ver a minha mamã?", perguntava Ella repetidamente.

"Sim, Bela Ella", respondia-lhe Claire, usando a alcunha carinhosa que lhe pusera. Bela Ella. "Mas agora vais poder ficar com a mamã..." Claire não conseguia concluir com as palavras 'para sempre'. Quem sabe, pensava Claire, talvez ela cometesse outro erro e Ella pudesse voltar para eles, embora não acreditasse verdadeiramente nisso. Nicki queria mesmo Ella de volta. "Durante muito tempo", concluiu Claire. Ella pensou no que ouviu antes de falar.

"O papá vem", afirmou. Não era uma pergunta. Jonathan engoliu em seco

suavemente e Claire teve de reprimir as próprias lágrimas.

"Não, o papá não vai", disse-lhe Claire, tentando manter uma voz alegre. Era o mínimo que podia fazer, pensou. Porquê mandar a sua própria preocupação junto com Ella? "Tu vais viver com a tua mamã, Ella", disse Claire, talvez pela centésima vez. "Não é fantástico?"

"É, pois", concordou Ella. "Mas o papá também vem, e tu também, mamã Claire", insistiu a menina.

"Não, Ella. Desta vez não", disse Claire. Ao lado dela, no lugar do condutor, Claire ouviu Jonathan fungar e colocou a sua mão no joelho dele. Quando chegaram ao escritório de Dana, Jonathan soltou Ella da cadeirinha e saiu do carro com ela ao colo, apertando-a contra o seu peito, tentando protegê-la do vento frio. Claire compreendeu, então, o erro que isto tinha sido. Ela pensara que eles conseguiriam lidar bem com a transição. Eles tinham feito o que se haviam comprometido a fazer. Durante um ano, ela e Jonathan acolheram, vestiram, alimentaram e demonstraram afeição genuína por Ella. Amaram-na. E agora tinham de a devolver. Devolver a uma mulher que havia permitido que a sua menina saísse para a rua a meio da noite, que preferira beber e gozar com os amigos a passar horas a divertir-se com a glória que Ella era, tal como eles fizeram. O ar frio arranha o rosto de Claire quando entram no edifício do Departamento de Serviço Social, o mesmo local onde sempre trouxeram Ella para ver a mãe.

"Ella, vem cá e dá-me um beijo de despedida." Claire forçou um tom mais ligeiro na voz.

"Adeus, mamã Claire", falou Ella enquanto se encaminhava na sua direção. A menina deu-lhe um beijo sincero nos lábios e Claire agarrou-a num abraço apertado.

"Adoro-te, Bella Ella", disse Claire com uma voz aguda e as lágrimas a correr livremente.

"Adeus, papá", disse Ella, libertando-se do abraço e dirigindo-se a Jonathan. "Tchau, pica-pau", disse, agarrando-se com força à perna de Jonathan. Jonathan manteve-se quieto por um instante e Claire sentiu-o indefeso, sem saber o que fazer a seguir, arfando com força.

"Tchau, pica-pau", repetiu Ella com firmeza.

Jonathan caiu de joelhos e, com um sorriso que não se refletia no olhar, respondeu: "Até um dia, cotovia".

Ella riu-se, ao ouvir o jogo que lhe era familiar. "Até loguinho, macaquinho." Enrolou os braços em volta de Jonathan e encostou o rosto ao pescoço dele.

"Eu adoro-te, Ella. Nunca te esqueças disso, ok?" A voz de Jonathan soou tão triste que Claire teve de fechar os olhos.

"Eu também te adoro." Ella afastou-se de Jonathan e voltou-se para Nicki. "Vamos, mamã. Vamos. Adeus, mamã Claire, adeus, papá."

"Vamos lá, Ella", disse Dana. "Vamos pôr as tuas malas no carro da mamã." E, num abrir e fechar de olhos, Ella já os deixara para trás.

Claire e Jonathan caminharam na direção oposta à de Ella, de mãos dadas, e conduziram de volta a casa. A casa já parecia tão vazia, abandonada. Até Truman estranhava. Ele cheirava todos os cantos e vagueava de uma divisão para a outra, à procura de Ella.

Claire recorda-se de que tentaram fazer amor nessa noite. Despiram-se um ao outro lentamente, uma camisa tirada suavemente, umas calças abertas e puxadas para baixo. Ficaram nus no meio do quarto escurecido, sentindo a geada nas janelas e com as cortinas rendadas a protegê-los da rua abaixo, com os dedos calejados de Jonathan a agarrar a pele suave do interior das suas coxas. Os lábios de Claire tocaram o pescoço dele, ficando-se pelo ponto mais áspero mesmo por baixo do queixo, onde ele se esquecera de barbear. Acabaram por ficar quietos, com os braços ao longo do corpo, de desgosto e exaustão. Claire encostou a cabeça ao ombro de Jonathan e ele pousou a face na cabeça dela. A casa estava tranquila, demasiado tranquila. Perceberam que já não tinham nada para escutar. Nenhuma preocupação que Ella pudesse sair da sua caminha e ir até ao quarto deles, pondo-se em bicos de pés para rodar a maçaneta de latão polido e abrir a porta, surpreendendo Claire e Jonathan em diferentes estados de nudez. A vozinha de Ella, que parecia sair de um desenho animado, viria das sombras. "O que 'tão a fazer? Posso entrar?" Eles arranjavam-se rapidamente e ela entrava para a cama, para o meio dos dois.

Ali parada, com a escuridão a pesar-lhe nos ombros, Claire sentiu a primeira lágrima de Jonathan a descer, quente, pela sua fonte e depois pela face. Claire resistiu à tentação de a limpar, procurando acompanhá-la no percurso descendente

ao longo do seu corpo, passando pela sua clavícula, pelos seus peitos até finalmente cair aos seus pés. Claire pegou na mão de Jonathan e conduziu-o para a cama. Gentilmente, vestiu-lhe uns boxers e calçou-lhe umas grossas meias de lá nos pés gelados. Passou-lhe uma t-shirt velha pela cabeça e enfiou-lhe os braços pelas mangas. Durante todo este tempo Jonathan chorou em silêncio. "Eu sei", dizia Claire repetidamente. "Eu sei." Puxou os cobertores até ao queixo dele e deitou-se, sem roupa, a seu lado. O sono de Jonathan foi irregular e irrequieto. Claire não dormiu.

Durante muito tempo Claire não conseguia falar sobre Ella. Ela recordava-se do último Dia das Bruxas, quando estavam com Ella, e de como ela se fantasiara de princesa, com um vestido prateado brilhante e sapatos plásticos de salto alto, que tirou após um quarteirão. "Isto pica os meus pés", dissera, atirando-os para longe. Ou de como às vezes a encontravam enroscada ao lado de Truman, na caminha redonda dele, ambos a dormir ferrados, com uma respiração pesada e as testas encostadas. Por vezes vislumbrava um breve sorriso no rosto de Jonathan, apenas por um instante antes de voltar a desaparecer, e ela sabia que ele também estava a pensar na menina.

Eles tentaram novamente, tentaram mais tratamentos de fertilidade e falaram sobre iniciar um processo de adoção. Eles tinham alimentado a esperança de ficar com Ella. E lá estavam de novo, um ventre vazio e sem nada nas mãos. Sem filhos.

Mas menos de um ano depois, Joshua chegou à vida deles. Ele é nosso, pensou Claire. Para sempre. Foi-lhe dada uma segunda oportunidade para ser mãe.

Agora ela sente a necessidade de dar uma segunda oportunidade a alguém. Claire dará essa segunda oportunidade a Allison Glenn. Um novo começo, um novo princípio. Uma nova vida.

Charm

Charm está atrasada com o trabalho no hospital. Quando tenta ligar a Gus para o avisar de que vai para casa logo que possa, ninguém atende. Ele parecia estar bem quando ela o deixou esta manhã. Ela falara com ele ao meio-dia e, apesar de parecer cansado, ele pediu-lhe que fizesse puré para o jantar. Charm continua a carregar no botão de remarcar enquanto conduz, mas continua a não haver resposta. Ela trava a fundo ao parar à porta da casa, empurra a porta do carro e encontra várias ferramentas de jardinagem de Gus espalhadas pelo chão junto dos seus canteiros de flores. "Gus!", chama, desesperada, ao abrir a porta das traseiras. "Gus! Estás bem?" Charm atravessa a pequena casa, empurra a porta do quarto dele e encontra-o em cima da cama, a dormir profundamente. O peito dele a subir e a descer, com uma respiração ruidosa.

Charm recua em silêncio até à sala de estar e deixa-se cair no sofá. É o mesmo sofá que já tinham quando Charm foi viver para aquela casa. A curvatura das almofadas e o tecido aos quadrados azuis e verdes estão gastos e desbotados. Mas é confortável e cheira a casa. Ela sente-se tão cansada. Tão cansada de se preocupar com Gus e com a escola. Deita-se no sofá, puxa uma manta para cima de si e fecha os olhos. Ela tem apenas vinte e um anos, mas sente-se velha, como se tivesse os ossos frágeis, como se tivesse cabelos grisalhos a nascerem-lhe na cabeça. O telefone toca e ela sente-se demasiado cansada para se erguer do sofá. Deixa o atendedor automático atender, diz para si mesma, poupa as forças.

"Olá. É só para saber como estão as coisas." A voz da mãe enche a sala. Ela soa muito inocente, muito maternal. Ao longo dos anos, contudo, Charm já aprendeu que nada é inocente no que a mãe diz ou faz. Reanne continua a falar um pouco mais do seu trabalho e de Binks. Surpreendentemente, continuam juntos. Despede-se com um convite para jantar na semana seguinte. "Tenho de trabalhar nas próximas quatro noites, mas o Binks e eu estamos de folga na segunda à noite. Adorávamos que viesses jantar connosco em nossa casa. Nada de especial."

Charm ainda considera a possibilidade de atender antes de a mãe desligar, para terminar com a conversa, mas decide não o fazer. Se tudo correr como é normal – pelo menos normal na sua família – Reanne não voltará a ligar. Mas se ela tiver um objetivo menos puro, voltará a ligar nas próximas vinte e quatro

horas. Quase instantaneamente o telefone volta a tocar. Receando que o barulho acorde Gus, Charm atende.

"Charmie", diz a mãe, com doçura.

"Olá, mãe", responde, tentando corresponder ao entusiasmo.

"Acabei de ligar para aí e não atendeste o telefone." Ela parece magoada.

"Desculpa, acabei de chegar a casa. Ainda nem tive tempo de verificar as mensagens do atendedor." Charm tenta parecer sincera.

"Olha, podes vir jantar a minha casa na segunda à noite?", pergunta Reanne.

"Bem...", responde, tentando ganhar tempo. "Deixa-me verificar o meu horário no hospital. As minhas horas lá têm sido uma loucura." Charm pousa o telefone, caminha até ao frigorífico e retira de lá uma lata de refrigerante. Abre a lata, bebe um gole longo e caminha de volta até ao telefone. "Mãe, desculpa. Parece que estou de serviço no hospital. Vou começar o meu estágio no piso dos doentes mentais. Fica para outra ocasião." Charm disfarça um arroto com as costas da mão.

"Vê no teu horário em que noite estás livre", insiste a mãe.

"As minhas próximas semanas vão ser bastante ocupadas. Que tal no Dia de Ação de Graças?", sugere Charm.

A mãe reflete na proposta. "Isso é só daqui a dois meses. Eu queria muito estar contigo. Já não nos vemos há muito tempo. Além disso, tenho boas notícias para partilhar contigo."

Não perguntes, não perguntes, diz Charm em silêncio. "O que é?", acaba mesmo por perguntar.

"Não digo, vais ter de esperar", responde-lhe sarcasticamente. "Agora diz-me que noite é boa para ti e eu e o Binks arranjam forma de a encaixar nos nossos compromissos." Vês como eu estou a ser flexível e como tu és rígida?, sugere o tom de voz.

"Ok, então que tal hoje à noite?", replica Charm de imediato.

"Hoje à noite? Mas é muito em cima da hora."

"Hoje à noite estou livre, mãe", diz Charm pacientemente. "Depois disso, estou bastante ocupada durante as próximas três semanas."

"Bem, nesse caso tudo bem", responde, aborrecida.

"O que posso levar?". pergunta Charm, surpreendida por a mãe querer mesmo vê-la.

"Que tal uma sobremesa? Aparece por volta das sete ou assim. Tenho muito que fazer para ter tudo pronto." Ela parece entusiasmada, como uma miúda a preparar-se para a sua festa de aniversário.

"Sou só eu, mãe, não tens de fazer nada de especial", diz-lhe Charm.

"Que disparate. Eu raramente te vejo. Quero que esta noite seja especial."

A minha mãe é mesmo assim, pensa Charm. Ela diz este tipo de coisas surpreendentemente simples e doces, e podemos ver que ela está a ser sincera. Charm fica sempre desarmada. Ainda assim, ela recolhe as palavras da mãe como pedrinhas polidas e brilhantes e guarda-as para mais logo, para poder admirá-las e meditar sobre elas.

"É verdade, antes que me esqueça", diz Reanne, "o teu irmão telefonou. O Gus disse-te?"

"Ele disse qualquer coisa sobre isso", responde Charm de imediato.

"Ele falou de um modo bastante estranho. Disse que tinha de me dizer alguma coisa a teu respeito. Sabes a que se refere?"

"Não", é tudo o que consegue dizer, quando o seu coração começa a bater de novo.

"Vemo-nos às sete, querida."

Charm está parada, com o telefone desligado na mão, tentando não chorar, quando Gus entra na sala. Ele parece descansado e a sua pele tem quase um saudável tom rosado.

Sentindo-se culpada, ela conta-lhe sobre o jantar em casa da mãe.

"Claro que deves ir, Charm", diz-lhe. "Ela é tua mãe. Deves passar tempo com ela."

"Tu és muito mais divertido", garante-lhe Charm. "E mais simpático."

"Pode ser", replica, colocando um lenço nos lábios e tossindo. "Mas não vou estar por cá para sempre."

"Gus", diz Charm, em forma de aviso.

Mas ele limita-se a sorrir e faz-lhe uma festa na cabeça. "Vai estar com a tua mãe", ordena-lhe, e Charm sente-se novamente com dez anos de idade.

Claire

Após a entrevista de Claire com Allison, o dia passa devagar e de cada vez que o sino na porta toca, o coração dela sobressalta-se. Ela interroga-se sobre se alguma vez voltará a sentir-se segura na sua própria loja, apesar do sistema de segurança e da ajuda adicional. A cada meia dúzia de minutos olha para o relógio, olhando depois para a porta, à espera de ver Jonathan e Joshua entrarem a correr. Ela gostava de ter preparado as coisas para Virginia poder estar a trabalhar, para ela ter podido ir com Jonathan buscar Joshua à escola.

Finalmente, às três e meia, Jonathan e Joshua entram porta adentro. Jonathan traz um sorriso largo e Joshua parece exausto. O seu cabelo fino está em desordem, a camisa vem de fora, traz uma nódoa nos calções e os atacadores estão desapertados.

"Olá, menino do jardim infantil!", cumprimenta-o Claire. "Que tal foi o teu primeiro dia?"

"O Josh teve um dia fantástico!", exclama Jonathan, e Claire sente-se invadida por uma onda de alívio.

"Claro que tiveste", diz, envolvendo Joshua num abraço apertado.

"Tive mesmo", diz Joshua, com o esboço de um sorriso nos cantos da boca. "Estive a brincar com os blocos e andei de baloiço nos dois intervalos."

"Jackpot!", exclama Claire com idêntico entusiasmo. "Já soubeste onde é a visita de estudo que tens na próxima primavera?"

"Ao jardim zoológico", grita ele. "Vamos ao jardim zoológico para ver os elefantes e os macacos!" Joshua dobra-se, com os braços arqueados, coloca no rosto a sua melhor imitação de um macaco e faz barulho, saltando por toda a loja. Jonathan e Claire olham um para o outro e riem. Depois de terminar as voltas pela loja, Joshua volta para junto deles, no balcão à saída, e, como que expondo um segredo profundo e obscuro, revela: "Mas lá havia bananas."

"Já falámos sobre isso, Josh", diz-lhe Jonathan. "Nós dissemos-te que haveria algumas coisas na escola de que não gostas. Lembras-te do que te dissemos para

fazes?"

"Dizer 'Não, obrigado'", responde Joshua com tristeza. "Mas não resultou. O menino que estava a distribuí-las deu-me uma na mesma. Eu não tapei o nariz e quase vomitei", admite. "Mas não vomitei – voltei a engolir tudo."

"Portaste-te muito bem, Joshua", diz-lhe Claire. Ela estica o braço, com a palma da mão para baixo, à altura de Joshua, e ele coloca-se diretamente debaixo dos dedos abertos. Ela esfrega-lhe a cabeça com firmeza, com o cabelo a parecer cetim por entre os dedos. Ela reconhece cada alto e baixo do crânio dele, decorou-os a todos como se se tratasse de um mapa. Esta zona aqui, logo por cima da orelha esquerda, é onde ele guarda o amor pela música. Ele é muito específico quanto à música de que gosta, tal como com a maior parte das coisas. Nada muito alto e com ritmo forte – isso agita-o, fazendo-o tapar os ouvidos e refugiar-se noutro local ou dentro de si mesmo. Ele gosta de música suave e calmante.

Ela acaricia-lhe o topo da cabeça, mesmo no ponto em que um redemoinho enrola o seu cabelo dourado num teimoso bico. É aqui que tomam forma as ideias para as construções que faz. Ele é capaz de passar horas a construir estruturas enormes, que desafiam a gravidade, com legos ou outro tipo de blocos. O quarto de Joshua está cheio de pequenas peças dessas, e de tempos a tempos encontram uma ou outra colorida peça de plástico nos dejetos de Truman no quintal.

Ela desliza os dedos ligeiramente mais para baixo na cabeça de Joshua, até à pequena saliência mesmo por cima da tenra reentrância por trás da orelha direita. Foi aqui que reuniu todas as memórias do tempo antes de ter vindo para eles. Antes de ser deles. Pode ser aqui, pensa, que Joshua guarda o seu sofrimento e medo, estagnados e à espera, manifestando-se através da sua timidez, das frequentes viagens para dentro de si mesmo e das suas fobias. Claire aperta essa pequena saliência, tentando massajá-la para fora dele, até Joshua se afastar, dizendo: "Não faças isso." Como que avisando-a para não lhe tentar tirar as únicas coisas que a sua primeira mãe lhe deixou. Ela deve tê-lo amado à maneira dela, pensa Claire, e ele está a tentar agarrar-se a isso com todas as forças.

"Temos de comemorar", anuncia Jonathan. "O que queres jantar hoje, Josh?"

"Piza", responde Joshua imediatamente. "Piza no Casanova", afirma com determinação.

"Muito bem, comemos piza. Podes ir lá atrás e comer qualquer coisa para

ficas bem até a Virginia e a Shelby chegarem." Claire estende os braços. Joshua salta para eles para receber um grande abraço; depois ela pousa-o no chão e ele sai aos pinotes, com os atacadores a bater no chão de madeira.

"Ufa!", diz Claire a Jonathan depois de Joshua estar fora do alcance da voz dela.

"Ufa mesmo", concorda Jonathan. "Um dia já está, só faltam mais cerca de duzentos."

"Talvez as coisas corram bem", diz Claire esperançosa, enrolando os braços em volta da cintura de Jonathan.

"Ele vai dar-se bem. Tenta não te preocupares. Ouve, tenho de ir", diz-lhe Jonathan, beijando-a com firmeza nos lábios. "Passo aqui às cinco e meia e podemos ir ao Casanova."

Após ajudar Joshua a preparar sanduíches de bolacha e manteiga de amendoim e de lhe arranjar um copo de leite do pequeno frigorífico existente no armazém, Claire volta para a frente da loja, para atender os clientes. Depois do assalto, ela não quer que ninguém trabalhe sozinho na loja. Ela sabe que vai gastar mais por ter mais uma funcionária, mas com os benefícios fiscais atribuídos pelo Estado pelo facto de contratar alguém em liberdade condicional, dá para aguentar. Seja como for, ela precisa mesmo de outra funcionária em part-time – com a revitalização da baixa de Linden Falls, tem havido um grande aumento de tráfego pedestre na Sullivan Street e nas outras ruas históricas paralelas ao rio Druid. Uma das estudantes do secundário que trabalhou na loja nos últimos três anos vai para a universidade. A outra, Shelby, é uma querida, mas está envolvida em muitas atividades escolares e só pode trabalhar algumas noites por semana. Virginia, a senhora reformada que trabalha lá quase todos os fins de semana, vai passar o inverno à Florida.

Claire tem muita esperança que as coisas corram bem com Allison Glenn. Olene Jurgison não lhe deu os pormenores exatos quanto ao passado de Allison, mas Claire conhece Olene há vários anos através da Associação de Defesa da Baixa de Linden Falls. Elas já trabalharam juntas em campanhas de angariação de fundos e atividades cívicas, e de vez em quando Olene recomenda uma das residentes na sua casa de transição. Claire disse sempre que não, até agora.

Às cinco horas, Jonathan para à frente da Bookends e Joshua e Claire

despedem-se de Virginia e Shelby. O Casanova fica apenas a alguns quarteirões de distância e eles caminham rua abaixo de mãos dadas. O sol do início de setembro começa a ficar menos intenso, como geralmente acontece quando o verão vai dando lugar ao outono.

Jonathan e Claire sentam-se numa mesa, enquanto Joshua vai juntar-se a um grupo de crianças agrupadas a ver massa de pizza a ser enrolada e atirada atrás de uma janela de vidro. "Para mim não faz sentido contratar uma ex-condenada como forma de segurança", comenta Jonathan quando Claire lhe conta sobre a contratação de Allison Glenn.

"Eu sei, eu sei", concorda Claire. "Mas a Olene recomenda vivamente esta rapariga. Diz que ela é muito esperta e que realmente tem futuro."

"O que é que ela fez? Pensa bem, queres mesmo que o Joshua se dê com uma rapariga que esteve na prisão?", pergunta.

"Não sei os pormenores", admite Claire. "Só sei que foi condenada por um crime grave, mas foi libertada antecipadamente por bom comportamento. Uma parte deste contrato passa por ela ter um recomeço limpo, sem o peso do seu passado. Mas a Olene garantiu-me que ela não tem historial de violência e que não é considerada uma ameaça pelo Estado." Claire vê o olhar de dúvida no rosto de Jonathan. "Eu sei", repete. "Não faz sentido, mas tenho um bom pressentimento a respeito dela. O Joshua nunca vai estar na loja sem que eu esteja lá com ele. Pelo menos vem conhecê-la. Por favor."

Jonathan suspira. "Tudo bem. Eu vou conhecê-la."

"Obrigada", diz Claire, esticando-se sobre a mesa para o beijar nos lábios. "Vai correr tudo bem. Além disso, é um bom negócio financeiramente. Vais ver."

"Mamã, papá", chama Joshua, enquanto corre para junto da mesa. "O senhor da pizza atirou pepperonis à janela quando estávamos a vê-lo e eles ficaram colados na janela! Podemos comer pizza de pepperoni?"

"Claro", diz Jonathan. "Vamos pedir ao empregado que ponha os pepperonis que estão colados na janela na tua pizza."

A excitação do primeiro dia de escola de Joshua deixou-o exausto, e quando Claire e Jonathan chegam a casa, os olhos dele estão pesados e ele boceja. Jonathan leva Joshua ao colo para dentro de casa e sobe com ele as escadas, para

ele lavar a cara e escovar os dentes.

Claire mete Joshua na cama e arranja os cobertores à sua volta, para que não haja altos que o incomodem. A luz suave que entra pelos estores fechados cria um halo difuso em volta da cabeça dele e desenha sombras púrpura por baixo dos olhos. "Achas que vais gostar da escola, Josh?", pergunta-lhe Claire, enquanto ele acaricia metodicamente a cabeça do buldogue de peluche, um boneco outrora peludo, mas agora quase careca. Joshua pensa na pergunta e depois encolhe os ombros. "Gostas da Sra. Lovelace?", pergunta-lhe.

"Gosto", responde, mas com um tom familiar na sua voz que significa "Gosto, mas..." Claire aguarda pela explicação. "É muito barulho. Os meninos fazem muito barulho", acaba por acrescentar.

"Há muitos meninos na tua sala. Imagino que seja realmente muito barulhento", diz Claire, penteando o cabelo na testa de Joshua, e ele afasta a mão dela com irritação.

"Tenho saudades tuas." Ele olha para Claire para medir a reação, com a mão a esfregar a cabeça do cão de peluche em círculos mais frenéticos. "Dá-me vontade de ir embora."

Claire inspira antes de responder. "Eu também sinto saudades tuas, Josh. Mas eu tenho o meu trabalho na livraria e o teu trabalho é ir à escola." Ele não responde. "Percebes, Joshua?"

Joshua não diz nada, mas acena com a cabeça. O lábio inferior estica-se e o queixo começa a tremer.

"Josh", começa Jonathan carinhosamente. "Não podes ir embora da escola. Agora estás no jardim infantil, na escola a sério."

"Eu sei", choraminga Joshua, com umas lágrimas gordas a chegar-lhe aos olhos.

"O que se passa, Josh?", pergunta Jonathan, mas Claire já sabe a resposta.

"Tenho medo. Quero dormir contigo."

"Josh, tu tens de dormir na tua cama. Assim dormes melhor", diz-lhe Claire, sabendo perfeitamente que Joshua vai ter à cama deles a meio da noite.

"Onde achas que estão aqueles homens maus?", pergunta.

"Estão muito, muito longe, Joshua", tranquiliza-o Claire, olhando para Jonathan a pedir-lhe ajuda.

"Eles não se atrevem a voltar", garante Jonathan. "Eles sabem que a polícia anda à procura deles e sabem também que aqui há um rapazinho corajoso que os pôs a correr."

"O rapaz corajoso era eu", informa-os Joshua, como se eles não o soubessem já.

"Isso mesmo, Joshua. Tu foste muito corajoso", diz-lhe Claire. "Mas já não precisas de te preocupar, ok? Agora temos um alarme na livraria."

"E vem uma rapariga nova", acrescenta o rapaz. "Como é que ela se chama?"

"Chama-se Allison. E tens razão, também temos a Allison. Vais poder conhecê-la amanhã. Por isso, não te preocupes."

"E também temos o Truman", murmura sonolento, ao mesmo tempo que se aconchega melhor entre os lençóis.

"Nós protegemos-te, Josh", sussurra Jonathan. "Não te preocupes."

Brynn

Acordo com a minha avó debruçada sobre mim, abanando-me o ombro suavemente.

"Acorda, Brynn", diz-me repetidamente. "São oito e meia. Estás a dormir há tanto tempo. Estás doente?"

Salto da cama em pânico, pensando se terei dormido todo o dia e noite, perdendo novamente as aulas. O quarto balança e tenho de me agarrar à minha avó para não cair.

"Estou com gripe", ainda consigo dizer, antes de sair do quarto a correr em direção ao quarto de banho para vomitar na sanita. Quando finalmente abro a porta e saio para o corredor com passo inseguro, a minha avó está lá, com um olhar de preocupação.

"Estava a ficar preocupada", diz, pegando-me no cotovelo e conduzindo-me de volta para a minha cama. "Estava a tentar acordar-te há dez minutos. Estavas muito fria."

"É gripe", balbucio novamente, incapaz de a olhar nos olhos. Volto para dentro da cama e vejo o copo na mesa de cabeceira. Ainda resta um bocadinho de vinho no fundo. Se a minha avó reparou, não o deixa transparecer.

"Queres que te faça uma torrada ou sopa?", pergunta-me, sentando-se junto a mim.

"Não", respondo, enterrando a cabeça nos lençóis para não ter de olhar para ela. "Só quero dormir."

Ela permanece sentada em silêncio durante muito tempo. Tudo o que quero é que saia, que se vá embora e me deixe sozinha. Por fim ela fala. "Tu estás bem, Brynn? Aconteceu alguma coisa?"

"Não", respondo de debaixo da minha colcha. Consigo sentir o meu hálito, bafiento e amargo. "Estou doente."

"Tens tomado o teu remédio?", pergunta com cuidado, como que receando

ofender-me por perguntar.

"Tenho, avó", respondo com impaciência. "Por favor, eu só quero dormir. Não me sinto bem."

"Já tomaste o teu remédio hoje?", pergunta.

Empurro os cobertores para longe de mim e sento-me na cama. Pego no frasco de comprimidos, desaperto a tampa e retiro um comprimido, fazendo questão de o mostrar de forma deliberada, para que a minha avó o veja. Atiro-o para dentro da minha boca e engulo com um ruído exagerado, abrindo muito a boca de seguida, para que ela veja que o engoli. Sei que estou a ser má, sei que a minha avó só está preocupada comigo. Deito-me novamente para baixo e cubro a cara com uma almofada, sentindo-me enjoada e infeliz.

Alguns minutos depois, sinto a minha avó a acariciar-me a perna, levantar-se da cama e sair do quarto devagar. Em seguida retiro o comprimido de debaixo da língua e cuspo-o.

Allison

Quase nem consigo acreditar que consegui o emprego na Bookends. De cada vez que penso em mim com os olhos cheios de lágrimas à frente da Sra. Kelby até fico vermelha. Chorei mais nestes últimos dias do que no resto dos meus vinte e um anos. Começo amanhã e não tenho absolutamente nenhuma roupa para vestir que seja adequada para trabalhar. A Sra. Kelby só tem algumas regras acerca da forma de vestir na loja – nada de calças de ganga, t-shirts ou sweatshirts, mas isso é tudo o que tenho. Tenho estado a ligar para os meus pais a tarde toda. Por fim o meu pai atende.

"Estou?", diz. A familiaridade da sua voz confiante e ressonante invade-me e eu aperto mais o telefone contra a minha orelha.

"Olá, pai", digo, com a voz presa na garganta. "É a Allison."

Silêncio do outro lado da linha. Sei que ele está a pensar no que deve fazer. Deve desligar ou falar comigo? "Tenho um emprego, pai", digo à pressa. "É numa livraria, e estava a pensar se poderia passar aí por casa para ir buscar alguma da minha roupa. Não tenho nada adequado para levar para o trabalho e pensei que talvez pudesse procurar no meu roupeiro e ver se encontro alguma coisa que me sirva. Não engordei muito e provavelmente ainda consigo vestir as minhas calças caqui, e também tenho algumas..." De repente apercebo-me de que estou a falar à sorte e paro. Consigo ouvir a respiração do meu pai através da linha. "Por favor, posso passar por aí, pai?" Tenho as mãos a suar e apertei o cabo do telefone com tanta força em redor do meu dedo que ele está a ficar azul.

"Pai?" Consigo perceber a súplica na minha voz.

Ele limpa a voz e fala. "Claro, Allison. Podes passar cá logo à tarde, por volta das seis. Vamos ver o que conseguimos encontrar." Ele soa distraído, distante. Não frio, mas também não quente. Não propriamente como seria de esperar que uma pessoa soasse quando não fala com a filha há meses.

"Obrigada", digo. "Vemo-nos logo à tarde, então. Até logo." Fico à espera que ele se despeça, mas apenas ouço o suave ruído do auscultador a ser pousado. Eles apenas precisam de tempo para se habituarem à ideia de eu estar fora da prisão e de regresso a Linden Falls. Eles só precisam de um pouco mais de tempo.

À medida que Olene me conduz pela rua onde cresci, apercebo-me do pouco que ela mudou ao longo dos cinco anos em que estive ausente. Tudo está exatamente na mesma. Os mesmos relvados bem tratados, as mesmas casas grandes de tijolo vermelho com garagens para dois carros e floreiras nas janelas. Quando ela para à frente da casa da minha infância, sinto-me invadida por uma torrente de memórias. A minha mãe sentada à mesa da cozinha a ler livros de culinária, o meu pai a trabalhar na secretária do quarto, eu no meu quarto a estudar. A Brynn a caminhar pela casa em bicos de pés, procurando passar despercebida.

"Queres que espere aqui por ti, Allison?", pergunta-me Olene.

"Não, não é preciso", respondo-lhe. "O meu pai leva-me de volta." Mas não faço nenhum movimento para sair do carro. Olene olha-me, expectante.

"Allison?" Olene toca-me no joelho. "Vai falar com os teus pais. Não vai ser tão mau como pensas."

Ofereço-lhe um sorriso tímido. "Obrigada, Olene. Mas não conhece os meus pais."

"Eles eram duros contigo? Tratavam-te mal?", pergunta Olene. "Tu agora és adulta. Eles não podem fazer-te mal."

"Eles não me batiam", digo-lhe, rindo. "Pelo menos não com os punhos."

"Então com quê?, pergunta.

"É difícil de explicar", digo, colocando a mão no puxador da porta. "Eu era perfeita."

"E..."

"E depois deixei de o ser." Abro a porta do carro, saio e despeço-me com um aceno de mão. Depois percorro o caminho até à entrada, sentindo-me novamente com dez anos de idade.

Ao chegar à porta da frente, hesito. Não sei se devo tocar à campainha ou simplesmente entrar. Não estive por aqui nos últimos cinco anos, já não sei qual o meu lugar. Ou mesmo se ainda tenho algum lugar aqui. Por fim, opto por tocar à campainha. Alguns momentos depois ouço passos e o meu pai abre a porta. "Olá, pai", digo com timidez, e avanço para o abraçar. Sinto-o a ficar rígido e baixo os braços. Ele olha-me desconfortavelmente. Ele continua o mesmo homem alto e

atraente de que me lembro, mas fico surpreendida por estar muito mais gordo, com a barriga a pressionar o tecido da camisa. O cabelo castanho ficou grisalho e mais fino e tem papos debaixo dos olhos. Espreito por cima do ombro dele à procura da minha mãe. "A mãe está em casa?"

"Ela não está neste momento", responde-me, mudando nervosamente o apoio de um pé para o outro. Vejo várias caixas de cartão no chão atrás dele.

"Ah", digo baixinho, apercebendo-me finalmente da realidade. Não vai haver jantar com os meus pais, nem procura das minhas roupas no meu armário com a ajuda da minha mãe. Penso no meu antigo quarto, com as paredes pintadas de lavanda suave e no meu edredão às bolinhas. Eu adorava aquele quarto. Era um refúgio para mim. Um local onde eu podia estar à vontade.

"Posso ajudar-te a levar as caixas para o teu carro?", pergunta o meu pai, com uma boa disposição forçada.

"Eu não tenho carro, pai", digo de forma direta. "Acabei de sair da prisão. Não tenho carro, nem roupas, nem nada."

"Bom..." O seu rosto fica angustiado. "Posso dar-te boleia até algum sítio?"

"Não te incomodes", murmuro entredentes, e viro-lhe costas, sentindo o coração aos pulos. Depois volto-me repentinamente para ele. "Quero vê-lo", digo-lhe. O meu pai parece confuso e eu continuo. "Quero ver o meu quarto."

"Allison", começa o meu pai, com um riso pouco à vontade. Eu passo por ele, entro em casa e olho em volta. Vou até à sala de estar formal e tudo parece estar igual ao que era há cinco anos. O mesmo papel de parede às flores, os mesmos sofás, o mesmo piano de cauda. Até o cheiro é o mesmo. Uma mistura de pétalas de rosas e canela. Mas há algo que não bate certo, algo está diferente – eu só ainda não consigo perceber o que é. "Allison", repete o meu pai. Desta vez a voz dele é dura, fria. "O que estás a fazer?"

Eu ignoro-o e começo a subir a escadaria que leva ao meu quarto. A carpete é fofa sob os meus pés e o corrimão de mogno é suave e fresco na palma da minha mão. De repente paro e compreendo – já sei o que está diferente. As fotografias. Todas as fotografias desapareceram. Cada uma das minhas fotografias desapareceu. Continuo a subir as escadas lentamente. Sinto as pernas pesadas e o meu coração bate forte no peito.

"Allison", chama o meu pai atrás de mim. "Não podes pura e simplesmente chegar aqui..." A voz dele esbate-se quando chego ao cimo das escadas e viro para o corredor de acesso aos quartos. O ar aqui é bafiento e incomoda-me muito mais do que quando estava na prisão, e tenho de resistir à tentação de correr pelas escadas abaixo em direção ao ar fresco lá de fora. A porta do meu quarto está fechada. Agarro o puxador, rodo-o e a porta abre com um clique. O sol fraco do final da tarde não amortece o choque. Já não há paredes cor de lavanda, substituídas por uma severa tinta branca; o meu edredão às bolinhas desapareceu, bem como a minha secretária para estudar, os meus troféus de futebol, as minhas fitas azuis, as minhas estantes, os meus animais de peluche. Desapareceu tudo. Reprimo um soluço e avanço para o meu armário, abrindo a porta para trás. Vazio. Sem roupas, sem sapatos, sem caixas cheias de recordações. Eu fui apagada.

Ao sair do meu quarto para o corredor, vejo a porta do quarto dos meus pais ligeiramente entreaberta e consigo entrever a minha mãe, com o rosto quase totalmente escondido na sombra.

Enquanto desço apressadamente os degraus, continuo a esperar ouvi-los chamar o meu nome ou sentir uma mão no meu braço. Mas nada. Eles vão pura e simplesmente deixar-me ir embora. Estou zangada comigo mesma por me sentir de coração partido, mas é assim mesmo que me sinto. Caminho vários quarteirões. A Gertrude House fica a cerca de oito quilómetros da casa dos meus pais e interrogo-me sobre se conseguirei chegar lá até às oito horas, hora a que Olene está a contar comigo. Ouço um carro a aproximar-se por trás de mim e viro-me. É o meu pai e o meu estômago dá um salto, embora eu fique irritada comigo mesma por querer sequer saber.

"Allison", diz-me pela janela aberta, "eu dou-te uma boleia." Apesar de eu querer abrir a porta do carro e entrar, não quero facilitar-lhe demasiado a vida.

"É óbvio que tu e a mãe não querem ter nada que ver comigo, por isso não te incomodes." Recomeço a andar na direção da Gertrude House.

O meu pai segue-me lentamente com o carro. "Allison", chama, "só vou dizer isto mais uma vez. Por favor entra no carro." Olho para ele demoradamente e com ar frio, depois entro e sento-me ao lado dele. Ele desliga a ignição e olha para mim, esfregando o rosto. "Allison, por favor pensa nisto do nosso ponto de vista. Tudo isto foi muito duro para nós."

"Mas eu...", começo, mas ele interrompe-me.

"Deixa-me acabar. Isto tem sido muito duro para a tua mãe e para mim. Finalmente conseguimos encontrar alguma..." O meu pai olha para mim com um olhar de súplica. "... alguma paz."

Ele quer que eu lhes perdoe, que diga que compreendo por que razão eles me apagaram por completo da vida deles. De certa forma eu compreendo, mas não é por isso que dói menos. Eles não querem saber de mim. Acabou.

"Tudo bem, pai. Eu compreendo." Sorrio tristemente. "Diz à mãe que eu compreendo." O meu pai expira com força e começa a conduzir. Quando paramos à frente da Gertrude House, o meu pai abre a bagageira do carro.

"Precisas de ajuda com as caixas?", pergunta-me.

"Não, eu consigo sozinha", respondo-lhe, e posso ver que fica aliviado. Retiro cada uma das caixas cheias de roupa e pouso-as todas no passeio ao meu lado. "Obrigada, pai", digo-lhe. "Dá um beijo à mãe da minha parte."

"Eu dou", garante-me, retirando a carteira do bolso e tirando de lá várias notas. "Pega, fica com isto."

"Não é preciso", digo.

"Por favor. Nós queremos que aceites." Ele força o monte de notas para dentro da minha mão. "Boa sorte no teu novo emprego."

"Obrigada", consigo responder, e a minha garganta dói de emoção ao vê-lo afastar-se. Fico ali parada durante imenso tempo até sentir uma mão no meu braço. Viro-me, esperando ver Olene, mas é a Bea. Com ela está Tabatha, com todos os seus piercings.

"Estás bem?", pergunta Bea.

"Estou ótima", respondo, limpando as lágrimas e esperando que não as tenham visto. Bea baixa-se e, com os seus braços finos e fortes, pega numa caixa; depois Tabatha faz o mesmo. Na verdade, não estou nada ótima. Nem de longe.

Charm

Charm para no supermercado para comprar uma tarte de maçã no balcão da padaria e uma embalagem de gelado de baunilha. Ela põe a hipótese de comprar o gelado da marca branca mais barata que encontrar, visto que o mais provável é que saia da casa de Reanne antes da sobremesa. Mas a mãe dela vai estar de antenas ligadas e iria logo pensar alegremente que Gus e Charm têm dificuldades financeiras e que pena ela teria disso, tendo em atenção que Gus ficara com a casa após o divórcio. Charm sabe que também não pode perder-se com o gelado mais caro, porque a mãe iria logo concluir que ela estava a exhibir-se. Nada de Häagen-Dazs esta noite. Charm decide-se por uma embalagem de litro e meio de gelado de baunilha francesa.

Reanne recebe Charm à porta de casa com um grande abraço. Binks pega na tarte de maçã e no gelado das mãos dela e dá-lhe uma estranha palmadinha no ombro.

"É tão bom ver-te, Charm", diz Reanne. Ela está mais gorda. As curvas passaram a pneus e o cabelo, em vez do habitual castanho claro, parece quebradiço e demasiado artificial. Por baixo dos olhos apareceram algumas rugas finas e a maquilhagem escorreu para dentro dos sulcos. Charm resiste à tentação de molhar um dedo e limpar a maquilhagem a mais.

A mãe dela deu-se a muito trabalho. A pequena mesa de cozinha está coberta com uma toalha florida e há velas acesas.

"Uau", exclama Charm, observando tudo com atenção. "O que estamos a celebrar?"

"Entra e senta-te. O jantar está pronto. Vamos comer enquanto está quente", responde a mãe, encaminhando-a para a mesa.

"Ok, ok", ri Charm defensivamente, enquanto se senta numa cadeira. "Cheira muito bem", oferece, em jeito de caridade.

"É ao Binks que tens de agradecer pelo frango. Foi ele que o preparou. Mas eu fiz as batatas. Em puré, mesmo como tu gostas."

Charm sente um repentino arrependimento. Gus está em casa, apenas com a ajuda da voluntária da casa de saúde. "Também é o favorito do Gus."

Reanne lança um rápido olhar a Binks para ver se ele percebeu o comentário, mas ele está ocupado a trincar o frango e a pô-lo nos pratos. Ela espera até ele se sentar e os pratos de comida terem sido distribuídos. Charm come algumas garfadas. O frango está seco e engolir exige algum esforço. Binks sorri e acena a Reanne, que se mexe na cadeira como que a preparar-se para falar.

"Que se passa?", pergunta Charm, temendo a resposta.

"O Binks e eu vamos casar!" Reanne guincha de felicidade e Charm sente um sorriso congelado no rosto. Ela tenta mover os lábios, mas não acontece nada. Binks e Reanne olham-na com expectativa.

"Uau", diz Charm suavemente. De repente, sente uma esmagadora necessidade de sair deste apartamento minúsculo, com o seu ar gorduroso e infestado de cheiro a cigarro e a profusão de bibelôs kitsch.

"E...?" A mãe de Charm inclina-se na sua direção, querendo mais. Binks baixa os olhos para o prato. Tem puré de batata preso no bigode.

"E... fico feliz por vocês", diz Charm, mas a oscilação trémula na voz trai o seu verdadeiro sentimento. Só consegue pensar no quanto Gus queria casar com a mãe dela. Aquele homem incrivelmente simpático, responsável e charmoso amava a mãe dela, mas ela afastara-se. "Parabéns", conclui Charm sem grande convicção.

"Tu não ficas nada", diz Reanne petulantemente. "Tu não ficas feliz por nós. Tu não consegues ver-me bem na vida."

"Mãe...", diz Charm, cansada. "Não é nada disso. Eu fico feliz por ti. Só estou surpreendida."

"Surpreendida? Surpreendida com o quê, Charm?" Ela já está zangada. "Surpreendida por eu estar apaixonada e ir-me casar? Depois de tudo o que passei, achei que, no mínimo, serias compreensiva!"

"Tudo o que tu passaste?", pergunta Charm incrédula, apesar de saber que não serve de nada incomodar-se. A mãe dela vai distorcer a realidade, fazendo de Charm a ingrata e rancorosa. "O que tu passaste", repete Charm, desta vez mais suavemente. "És absolutamente incrível, mãe. Perdoa-me por ser um pouco cética

acerca do facto de finalmente queres assentar com um homem. Não é exatamente por isso que és conhecida."

"Então, Charm?", intervém Binks de forma racional. "Não é preciso faltares ao respeito."

"Sabe o que é faltar ao respeito?", diz Charm num tom de voz perigosamente grave. "Faltar ao respeito é levar para casa um homem a seguir ao outro, de tal forma que os filhos nem têm ideia da pessoa com quem irão tomar o pequeno-almoço na manhã seguinte. Faltar ao respeito é levar para casa homens que se metem com a filha de nove anos!" Reanne parece confusa por um instante, como que pensando nos seus anteriores namorados para ver qual deles teria preferido Charm a si própria. "Faltar ao respeito é criar uma filha deixando-a pensar que os homens não passam de gado estúpido que pode ser posto de lado como lixo. Faltar ao respeito é divorciar-se do único homem decente que a amou e aos seus filhos, partindo-lhe completamente o coração. Isso é que é faltar ao respeito!" Charm empurra a cadeira para trás e levanta-se.

"Vais-te embora?", pergunta Reanne, descrente. "Ainda não acabamos de comer. Ainda não falamos sobre o teu irmão."

"Não temos mais nada para falar", diz Charm, olhando a mãe nos olhos. Ela caminha em direção à porta, mas depois muda de ideias. Ela sabe que é infantil, mas não consegue evitá-lo. Dirige-se ao frigorífico, calmamente abre a porta e retira a embalagem de litro e meio de gelado. Ela e Gus irão comer o gelado esta noite. Ela não irá contar a Gus sobre o casamento planeado pela mãe. Em vez disso, vai dizer-lhe que a mãe parecia muito infeliz, sozinha, e que lhe perguntou por ele. "Desejo-vos uma vida feliz." Charm tenta demonstrar o máximo de boa vontade, mas o tom sai amargo. Ela sai, deixando a mãe e Binks a olhar para ela, ambos de boca aberta.

Quando chega a casa, Charm continua a tremer de fúria, sem compreender ao certo o porquê de a notícia do casamento da mãe a ter perturbado tanto. Ela suspeita que tenha que ver com o facto de a notícia ir magoar Gus. Ela vai espreitar Gus, que está a dormir profundamente, e depois decide ir dar um passeio ao longo do rio Druid. Ela adora este lugar. No outono, ela senta-se sob as árvores frondosas, com as pequenas folhas amarelas a cair em redor dela, como penas de canários. No inverno gosta de caminhar durante quilómetros, ficando com os olhos a chorar devido ao ar frio, e vendo as suas botas a deixar pegadas gigantes atrás

dela.

Anos atrás, quando Charm tinha doze anos, fez um exército de anjos de neve, um para cada um dos homens que a mãe trouxera para casa – pelo menos aqueles de que conseguira lembrar-se. Com o dedo, escrevera as iniciais de cada homem ao lado do anjo. Se não conseguia lembrar-se do nome do homem, escrevia aquilo de que se lembrava a respeito dele. B.C. referia-se ao homem que usava botas de cowboy. Ela tinha seis anos na época, nem se lembrava de ter sequer visto o homem. Apenas das botas, pousadas no chão do quarto da mãe Cinzentas e às escamas, no escuro parecia que estavam a guardar o quarto e prontas a atacar. Quando se levantou e observou de cima o seu trabalho, as filas e mais filas de anjos desenhados na neve, Charm sentiu-se satisfeita, por algum motivo. A única coisa que faltava era um pequeno ponto vermelho no centro de cada anjo. Um coração partido. Era sempre a mãe de Charm que partia, nunca o homem. Ela deixava-os a chorar por mais.

Depois de ter caminhado ao longo do rio até acalmar a fúria, Charm regressa a casa e mais uma vez vai espreitar Gus. Ele não se mexe. Charm caminha em bicos de pés até ao quarto dela e pega na caixa de sapatos que há anos tem mantido escondida na gaveta da cómoda.

Nessa caixa guarda algumas lembranças do tempo que passou com o bebé. Menos de três semanas. Noutra vida. De vez em quando senta-se na cama e pega em cada uma das coisas. Primeiro, há um par de meias minúsculas, num suave tom de anil. Eram demasiado grandes para os seus pezinhos e faziam-no parecer um palhacito. Quando ele mexia as pernas, as meias saíam-lhe dos pés e ele mexia os deditos, como que a dizer: "Ahh, assim está melhor." Mas eram as meias dele, ele tinha-as usado, mesmo que por pouco tempo, por isso eram especiais. Também na caixa está o chocalho de pulso com a forma de abelha e um minúsculo boné azul dos Chicago Cubs. Por último existem duas pequenas fotos em molduras. Numa delas está Charm, parecendo incrivelmente nova e incrivelmente exausta, com um bebé nos braços, a chorar e com o rosto vermelho. A outra é uma fotografia de Gus, sorridente, com um bebé nos braços, sossegado e a dormir. Ela sabe que nunca poderá contar-lhe acerca dos primeiros dois dias da sua vida. Que ele foi amado por uma rapariga de quinze anos e um homem doente, que, apesar de não terem a mínima ideia do que estavam a fazer, fizeram o melhor que puderam.

Allison

Estou tão nervosa. Mais nervosa do que quando fiz os meus exames de avaliação escolar e mais nervosa do que quando tive de esperar pelos resultados. Quero mesmo ter sucesso neste emprego. A minha vida está a recomeçar do zero e isto é apenas o princípio.

Apesar de ser apenas o início de setembro, o ar está seco e frio e as folhas nas árvores que delineiam a rua começam a adquirir vibrantes tons de amarelo e vermelho. Chego à loja demasiado cedo e fica à espera do lado de fora. A Sra. Kelby acena-me ao parar o carro num lugar de estacionamento.

"Bom dia, Allison", diz-me, ao sair do carro.. "Estás pronta para um grande dia?"

"Estou", respondo-lhe. "Estou um pouco nervosa", admito.

"Vais sair-te muito bem", tranquiliza-me a Sra. Kelby. "Se tiveres alguma dúvida, basta perguntares-me." Ela destranca a porta, entra na loja e acende as luzes. É um local bonito, quente e acolhedor. Dou uma volta completa sobre mim mesma para olhar as filas e mais filas de livros, que chegam do chão ao teto. A biblioteca da prisão era pobre, mas enquanto lá estive li tudo o que pude, ainda que os livros tivessem as páginas cheias de nódoas e com os cantos estragados, algumas mesmo a cair. Aqui, pelo contrário, todos os livros têm capas brilhantes e cintilantes, e apetece-me pegar num, abri-lo e enfiar o meu nariz nas páginas limpas e estaladiças. A Sra. Kelby está a observar-me, com um ar divertido no rosto.

"Eu sei", diz-me. "Eu tenho de me beliscar todos os dias. Ver todos estes livros nunca deixa de me espantar. Anda, vou fazer-te uma visita guiada." Leva-me por toda a loja, mostrando-me a secção infantil, com os puff's e uma mesa e cadeiras em ponto pequeno, preparadas para um lanche.

A Brynn costumávamos fazer lanches assim quando éramos pequenas. Usávamos roupas velhas e joias da minha mãe, juntávamos os nossos animais de peluche e bonecas favoritos e sentávamo-los em cadeiras em redor da mesa que havia no nosso quarto de brincar. Eu era sempre a anfitriã e a Brynn e os bonecos eram os meus convidados.

"Sentem-se, por favor", dizia-lhes eu com uma voz pomposa, não muito diferente da que eu tinha normalmente. A Brynn sentava-se, o seu corpo pequeno e magro envolto num vestido Laura Ashley às flores, que a minha mãe deixara de usar. Com os seus olhos castanhos a espreitar por debaixo do chapéu de palha que tinha na cabeça.

Uma vez levei às escondidas um refrigerante de fruta e alguns biscoitos para o quarto de brincar, o que era expressamente proibido pela nossa mãe.

"Chá?", perguntei.

"Sim, por favor", respondeu a Brynn, tentando imitar a minha própria voz afetada.

Deitei o refrigerante nas chávenas de chá e sentámo-nos a mastigar e bebericar, parando de vez em quando para fazer um comentário sobre o tempo ou coscuvilhar sobre os vizinhos, como tínhamos visto a nossa mãe e os amigos fazer. A Brynn esticou o braço para pegar noutro biscoito e o cotovelo tocou no bule. Um rio de refrigerante vermelho jorrou para a carpete bege. A Brynn ficou em pânico e começou a chorar, sabendo como a nossa mãe iria ficar zangada.

"Chiu, Brynn", ordenei. "Ela vai ouvir."

"Desculpa." A Brynn começou a chorar ainda mais forte.

"Para de chorar", mandei, puxando com força pelos caracóis escuros do seu cabelo.

"Au!", guinchou ela, mas parou de chorar. Ela não ficou zangada com o puxão de cabelo que lhe dei, mas parecia lamentar ainda mais, se possível.

A nossa mãe entrou no quarto e ficou a olhar para nós, bem de cima. Ela era alta, como eu viria a ser, e tinha cabelo louro, liso e lustroso, que usava sempre puxado para trás. Olhou para o refrigerante que caía de cima da mesa e se espalhava pela carpete, deixando uma nódoa carmesim. Ao meu lado, a Brynn começou a fungar.

"Fui eu", disse eu automaticamente. "A culpa foi minha."

Sem falar, a minha mãe agarrou o meu braço e deu-me duas palmadas rápidas no traseiro. Não doeram, mas eu fiquei embaraçada, com o orgulho ferido. A Brynn tapou os olhos, para não ver. Depois a minha mãe virou-se e fez o mesmo à

Brynn. A surpresa do castigo derrubou a Brynn, cujo corpo franzino não conseguiu manter o equilíbrio perante a força das palmadas.

"Mas fui eu que fiz isto", disse eu à minha mãe, indignada. "A culpa foi minha."

"Tu levaste as palmadas por mentires", disse a minha mãe friamente. "E tu", continuou, virando-se para a Brynn, que ainda estava no chão, "levaste por deixares que a tua irmã assumisse a culpa. Limpem isso", terminou, e depois saiu do quarto.

"Allison", ouço uma voz a chamar. Eu pestanejo e vejo a Sra. Kelby a olhar para mim de uma forma curiosa. "Anda, vou mostrar-te o espaço de armazém."

Passei o dia a familiarizar-me com a loja, os livros, a caixa registadora. Ao meio dia, a Sra. Kelby atravessa a rua para ir a um pequeno restaurante buscar sanduíches para nós e passamos meia hora a conversar sobre como é crescer em Linden Falls. Há algo de muito bonito na forma como ela se comporta. Eu gostava de ainda ter este tipo de confiança, mas parece-me que a perdi algures pelo caminho. Acho que vou mesmo gostar de trabalhar com a Sra. Kelby. Isto vai ser muito bom. Ela está a mostrar-me como usar o computador para encomendar livros pedidos por um cliente, quando um rapazito de cabelo louro entra pela porta adentro.

"Olá, Josh, anda aqui atrás. Quero apresentar-te uma pessoa", chama-o a Sra. Kelby.

"Olá, mãe. Tenho de ir." Ele passa por nós a correr e vai para a casa de banho.

"Ele não gosta de ir à casa de banho na escola", explica. "O som da descarga do autoclismo assusta-o um pouco e, por isso, ele tenta aguentar."

"Quantos anos tem?", pergunto, só por uma questão de educação.

"Fez cinco em julho. Está no jardim infantil." Ela brilha de orgulho. Voltamos ao computador e ela começa a digitar um título.

Um homem alto entra na loja, caminha até à caixa registadora e inclina-se por cima do balcão para beijar a Sra. Kelby na cara. "Allison, este é o Jonathan, o meu marido."

"Prazer em conhecê-lo, Sr. Kelby." Estico a mão para apertar a dele, que é

áspera e calejada.

"Prazer em conhecer-te, e trata-me por Jonathan", diz, num tom agradável.

"E a mim, trata-me por Claire. Chega desta coisa da Sra. Kelby."

"Mãe", o rapazinho chega por trás de nós. "Tenho sede."

"Lavaste as mãos?", pergunta Claire.

"Sim. Posso beber um sumo?"

"Antes disso, anda cá. Quero apresentar-te a Allison", diz-lhe. Eu levanto a cabeça do ecrã do computador e viro-me para cumprimentar o filho de Claire. "Joshua, está é a Allison." Claire sorri com sinceridade. "Allison, este é o Joshua, o meu filho."

O rapazinho à minha frente tem olhos castanho escuro e um nariz arrebitado, que se enquadra no rosto angulado e de traços fortes. Mas só quando sorri é que todos os seus traços se encaixam na perfeição. Eu consigo ouvir a voz de Claire, continuando a falar sobre Joshua, e engulo em seco, tentando evitar que as emoções que estou a sentir transpareçam para o meu rosto. Sinto a cabeça a andar à roda.

"Desculpem-me", digo a Claire e Jonathan. "Tenho de ir à casa de banho." Tento manter o meu andar lento e casual, mas tenho a cara a arder e dificuldade em recuperar o fôlego. Tranco a porta da casa de banho e fecho a tampa da sanita, para me poder sentar. Fecho os olhos e é a cara de Christopher que brilha na minha direção.

Joshua Kelby é uma versão em miniatura do rapaz por quem me apaixonei.

Brynn

Ainda que o álcool seja mais eficaz do que qualquer antidepressivo para me ajudar a esquecer a noite em que a Allison deu à luz, continuo a lembrar-me de ter corrido de volta a casa, com a Allison a chamar por mim. Chovia a cântaros nessa altura. Qualquer lama que existisse na margem do rio já tinha sido arrastada. Sentia-me tão estranha, com as pernas pesadas e a tremer. Ainda assim, corri até casa. Tenho de voltar para casa, dizia a mim mesma. Eu não tinha a certeza do que acabara de ver, não queria saber. Tudo deveria estar acabado. Ponto final. Mas eu sabia que, na verdade, era apenas o início.

Quando cheguei a nossa casa, tinha a roupa ensopada e não conseguia parar de tremer. Olhei pela porta das traseiras, para o pátio, e, através da chuva, consegui ver a Allison a caminhar na minha direção. A cada meia dúzia de passos, ela parava, agarrava-se à barriga e dobrava os joelhos. Eu sabia que devia ir ter com ela, ajudá-la a voltar para casa, mas nesse momento eu realmente odiava a minha irmã. Odiava tudo acerca dela, odiava-a por ser perfeita e esperta e bonita, por ter ficado grávida e esperar que eu guardasse o segredo. Além de mim e da Allison, ninguém saberia da bebé, ninguém saberia que alguma vez ela existira. Acima de tudo, eu odiava-a porque tinha a certeza de que ela iria livrar-se de tudo isto e conseguiria voltar à vida perfeita que levava, sem sequer olhar para trás. Vírei-lhe as costas, chutei as minhas sapatilhas encharcadas para fora dos pés e fui chapinhando até ao armário da roupa para tirar uma toalha.

Ouvi o chiar da porta mosquiteira e, sobrepondo-se ao som da chuva a bater nas janelas, ouvi a voz fraquinha da Allison a chamar por mim: "Brynn, por favor."

Não lhe liguês, disse a mim mesma. Isto é tudo culpa dela. Deixa que seja ela a limpar a porcaria que fez.

"Brynn", chamou novamente. Eu conseguia perceber o pânico na voz dela. "Alguma coisa não está bem. Por favor. Ajuda-me."

Ignora-a, ordenei novamente a mim mesma. Vai para o teu quarto e fecha a porta. Faz de conta que isto nunca aconteceu. Eu já ia a meio das escadas quando ouvi o inconfundível som de alguma coisa a cair ao chão. Deixa-a ficar. Ela faria a mesma coisa contigo.

Os gemidos da Allison chegavam da cozinha até às escadas e eu sentei-me nos degraus. Tapei os ouvidos com as mãos e comecei a balançar-me para a frente e para trás. Não vás lá, não vás, dizia a mim mesma vezes sem conta. Deixa-a ficar. Ela não é a tua irmã, é um monstro.

De repente, os gemidos calaram-se e eu conseguia ouvir o tamborilar ininterrupto da chuva no telhado. Esforcei-me por ouvir algum som, algum movimento, vindo da cozinha. Silêncio. Então a verdade atingiu-me, tal como a chuva a bater contra as janelas. Bateu-me com toda a força, repetidamente. Quem é o monstro? Quem é o monstro? Levantei-me rapidamente, derrubando uma fotografia da parede, onde a Allison estava com os meus pais a receber um prémio qualquer. Observei-a enquanto caía pelas escadas abaixo, até parar ao fundo das escadas, virada para baixo.

"Allison", gritei. "Allison!" Voei pelos degraus abaixo até à cozinha, onde a encontrei prostrada no chão de tijoleira a tentar tirar as calças das pernas. O rosto dela estava branco e mal conseguia erguer a cabeça. Por favor, suplicava com os olhos. Já não tinha voz, não conseguia sequer gritar de dor. Ela vai morrer, pensei. Os nossos pais iam encontrar-nos ali, na cozinha. A Allison morta, azul, seminua e ensanguentada. E eu, simplesmente ao lado dela, sem fazer nada.

"É a placenta", consegui guinchar a Allison. Senti imediatamente um enorme alívio. Ia ficar tudo bem. Ela não ia morrer. Estava tudo quase a acabar.

A Allison soltou um ligeiro grunhido. Vi alguma coisa a escorregar de dentro dela e estiquei a mão com a minha toalha molhada para a apanhar. "Está tudo bem, Allison", disse-lhe, através das minhas lágrimas. "Eu estou aqui."

Allison

Após de eu ter dado à luz a bebé, após a Brynn ter recolhido todos os lençóis ensanguentados e ter ido deitá-los fora, após a ida ao rio, comecei a sentir contrações novamente na minha barriga. Estava à espera de ver uma massa arroxeadada a emergir de entre as minhas pernas, mas não foi a placenta que apareceu. Pestanejei duas vezes e tentei limpar o suor dos meus olhos. Olhei para o relógio no micro-ondas e vi que eram quase nove e um quarto. Não, disse para mim própria. Não pode ser. Era demasiado louco para ser verdade. Se eu não estava ainda convencida com o que via, o grito forte que veio do que seria supostamente o pós-parto convenceu-me. Um bebé. Um bebé pequenino com um queixo pontiagudo e um nariz arrebitado, iguaizinhos aos do Christopher. A Brynn, ajoelhada à minha frente, apanhou o bebé quando ele saiu de mim e gritou em descrença.

Eu estendi uma mão a tremer na direção dele e, ao mesmo tempo, ele pareceu esticar a dele para mim. Os nossos dedos tocaram-se e, pela primeira vez desde há muito tempo, eu sorri.

Brynn

Olhei para a Allison, incrédula. Ela tinha um sorriso estranho no rosto, não propriamente de felicidade, mas de espanto. Mas rapidamente desapareceu.

"Não! Por favor!", choramingou, e virou a cara ao bebê de rosto vermelho que eu segurava com mãos trêmulas. "Por favor, temos de nos livrar dele."

"Não compreendo", disse-lhe eu, olhando para a criança a chorar.

"É um bebê", disse acidamente. Ao ver os meus olhos encher-se de lágrimas, ela arrependeu-se. "Desculpa, Brynn. Mas a mãe e o pai vão chegar a casa dentro de algumas horas. Temos de nos despachar."

"São exatamente iguais", disse-lhe baixinho, pensando na bebezinha, que agora está morta. Desapareceu.

"É um rapaz", resmungou a Allison, com uma expressão angustiada. "Vamos. Temos de nos livrar dele."

Allison

Finalmente consigo sair da casa de banho e regressar à frente da loja. Tento despedir-me alegremente do marido de Claire e de Joshua, que vão a sair pela porta. Apesar de não ter qualquer prova real, sei que o rapazinho de Claire é o meu filho.

Tenho a certeza de que Claire vai reparar que alguma coisa está errada só ao olhar para mim, e tenho razão. Depois de trabalharmos lado a lado praticamente em silêncio durante quase duas horas, Claire vira-se para mim, com um olhar preocupado.

"Allison", começa ela, "Estás muito calada. Não estás preocupada relativamente ao dia de hoje, pois não?"

"Um bocadinho, acho", respondo, grata por ter arranjado uma desculpa para o meu comportamento.

"Bem, não estejas. Fizeste um ótimo trabalho", sossega-me Claire. "Então o que achas? Queres continuar por cá amanhã?"

Quase lhe digo que não, mas consigo evitá-lo. Se eu desistir do emprego, nunca conseguirei provas de que Joshua é o meu filho. "Gostaria muito de voltar, se me quiser", respondo-lhe, não conseguindo olhá-la nos olhos.

"Claro que quero. Agora vai para casa e descansa um pouco. Vemo-nos amanhã às nove." Claire caminha comigo até à porta. "Queres uma boleia até casa?", pergunta-me, observando pela janela da frente as nuvens negras que se vão juntando.

"Não, eu gosto do ar fresco", explico. "Obrigada mais uma vez, Claire. Até amanhã."

Enquanto caminho para a Gertrude House, o sol é completamente engolido por nuvens cinzentas e a minha mente rodopia com a possibilidade de o filho de Claire ser o bebé a quem dei à luz há cinco anos, de ele ser o filho de Christopher, de ele ser irmão da menina por cujo homicídio fui condenada.

Tenho de contar a alguém. Podia telefonar a Devin e perguntar-lhe o que devo

fazer, mas eu sei qual é a coisa certa a fazer. Eu deveria dizer a Claire que simplesmente não estou a gostar de trabalhar na loja. Depois preciso de arranjar forma de sair de Linden Falls.

Eu nunca antes quis ver o menino que dei. Senti que tinha cumprido o meu dever ao dar ao pai do bebé a possibilidade de o criar. Isso obviamente não acontecera. Eu sei que deveria afastar-me da família Kelby tão depressa quanto possível, mas não consigo, tenho demasiadas dúvidas. Quero saber que tipo de pessoas adotaram Joshua, quero conhecer o tipo de pessoa a quem dei à luz. Como é que Joshua acabou aqui e o que aconteceu a Christopher?

Quando chego à Gertrude House, abro a porta e encontro Olene. "Que tal foi o teu primeiro dia?", pergunta-me.

"Foi bom", respondo, sem estabelecer contacto visual. Tenho receio de dizer mais alguma coisa. Sentindo o olhar curioso de Olene nas minhas costas, subo as escadas à pressa e vou para o meu quarto, onde encontro Bea sentada na cama de cima do beliche.

"Olá", diz-me, sem levantar os olhos das páginas da revista. "Que tal correu o trabalho?"

Eu tiro os sapatos e atiro-me para a cama de baixo. "Bem", respondo. Depois acrescento: "Estranho".

"Percebo o que queres dizer", diz-me Bea de cima de mim. "Nós vemo-nos nestes momentos e pensamos: 'Isto é normal. Isto é algo que uma pessoa normal faria'."

"Pois, é isso mesmo", minto. "Não sei se quero voltar para lá", admito.

Bea fica um minuto em silêncio. Depois vejo as pernas dela balançar para fora da cama. Está descalça e a planta dos pés tem cicatrizes e calos. Ela salta para o chão com ligeireza e dobra-se para olhar para mim. Assim de perto, apercebo-me de que não é tão velha como a princípio pensei que fosse – talvez uns trinta anos – mas já tem a testa cravejada de sulcos e os olhos rodeados de linhas, tão finas quanto teias de aranha. "Foi a Olene quem te arranjou esse trabalho."

"Sim", respondo.

"Ela tem imenso trabalho para nos arranjar lugares onde trabalhar. Põe o seu

nome e reputação em jogo por nós." A voz de Bea não mostra qualquer acusação ou julgamento, limita-se a apresentar os factos.

"Eu vou voltar", digo baixinho.

Bea sorri e estende-me uma mão, e pela primeira vez reparo numa tatuagem na parte interior do antebraço, um belo pássaro com as iniciais O.V. a pender do bico, como um ramo de oliveira. Quero perguntar-lhe o que significam as iniciais, mas não quero que ache que estou a ser metedica. "Vamos lá", diz-me, agarrando a minha mão e ajudando-me a levantar. "É noite de spa."

"Noite de spa?", pergunto.

"Sim, a Flora está a estudar estética e gosta de treinar em nós de vez em quando".

"Nem penses", digo, fugindo. "A Flora continua a olhar para mim como se gostasse de me matar enquanto durmo. Nem pensar em deixá-la pôr as mãos em mim."

"Anda lá", diz Bea, e o que diz soa a uma ordem. "Podes ficar só a ver. A Flora não é assim tão má, só que fica um pouco nervosa com gente nova. Ela já passou um bom bocado."

Eu solto um pequeno grunhido. "Não passámos todas?"

"Acho que sim", concede Bea. "Mas devias dar-lhe uma oportunidade. Não conheces a história dela."

"Mas tu conheces", digo-lhe com irritação. "Eu dou-lhe uma oportunidade quando ela também me der a mim. Eu sei que é ela quem está por trás das malditas bonecas que estão sempre a aparecer. Ela nem sequer me conhece, mas já decidiu o que pensar sobre mim." Volto a sentar-me na minha cama. "Vai sem mim. Quero tentar telefonar à minha irmã."

"Como queiras", diz Bea, "mas hoje vamos todas fazer uma pedicure." Ela olha para os pés e mexe os dedos. "Eu nunca fiz uma pedicure."

A pessoa a quem quero contar que encontrei Joshua é a Brynn. Talvez isso possa ajudá-la a perceber que alguma coisa boa resultou da terrível noite em que dei à luz. Mas, mais uma vez, não consigo contactar a Brynn. A minha avó diz-me que ela saiu para ir a algum lado. Sinto um aperto de inveja no peito. Eu deveria

estar na faculdade, a passar tempo com os meus amigos. Depois a minha inveja dá lugar a um sentimento de culpa. A Brynn merece toda a diversão que possa ter. Sei que ela teve de aguentar todo o sofrimento resultante da minha prisão, que foi vítima de perseguição e gozada por causa do que eu fiz. Que ela quase pôs fim à vida por causa disso.

"Dizes-lhe que eu liguei?", peço à minha avó.

"Claro que sim", responde-me. "Como estás, Allison? Já estiveste com a tua mãe e o teu pai?"

"Eu estou bem", digo. "A mãe e o pai não me receberam propriamente de braços abertos. Mas comecei o meu emprego hoje. Numa livraria."

"Que bom!", diz a minha avó com entusiasmo. "Vês, já estás a começar a levantar-te."

"Avó, a Brynn alguma vez fala daquela noite? Ela alguma vez te contou o que aconteceu?"

O silêncio do outro lado da linha leva-me a temer que a ligação tenha caído ou, pior ainda, que a minha avó tenha desligado a chamada. "Avó?", repito.

"Não, ela nunca fala disso", responde a minha avó com tristeza. "Mas eu gostava que ela falasse. Pelo menos com o médico. Manter as coisas dentro de nós não faz bem a ninguém. Eu digo-lhe que tu telefonaste, Allison. Olha por ti, está bem?"

"Obrigada, avó. Adeus", digo, e depois desligo o telefone. Acho que não sou a única pessoa boa a guardar segredos.

Sinto o meu cabelo pesado e a arranhar-me no pescoço, e penso se terei coragem de pedir a Flora que me corte o cabelo em vez da pedicure. Depois recordo o que Olene disse sobre termos esperança e começo a descer a escada em espiral na direção do som de risos.

Charm

Por mais vezes que Charm veja uma mãe com um recém-nascido ao colo – e no hospital ela vê muitas vezes –, continua a pensar naquela noite há cinco anos.

Gus estava a risonar na sua cadeira. As janelas estavam abertas de par em par e uma brisa fresca, pouco comum em julho, entrava através da porta mosquiteira. Durante essa tarde a chuva tinha aparecido de forma intermitente e tudo tinha um cheiro fresco e limpo. Charm estava sentada a ver televisão no escuro, com o volume muito baixo, porque não queria acordar Gus. Ele não andava a dormir bem nos últimos tempos. Era cada vez mais difícil para ele manter o fôlego e acordava várias vezes por noite com falta de ar. Na altura eles não o sabiam, mas era apenas o começo da sua espiral descendente até ao cancro nos pulmões.

Charm ouviu o pisar de gravilha quando o carro se aproximou e levantou-se do sofá para espreitar pela janela. Um carro pequeno, com os faróis desligados, parou à frente da casa e uma pessoa saiu do lado do passageiro. Ela não conseguiu distinguir se era homem ou mulher, mas fosse quem fosse movia-se devagar e arrastava os pés na direção da porta da frente, como se tivesse uma idade avançada ou estivesse com muitas dores. A pessoa alta levava algo nas mãos e parava a cada meia dúzia de passos, como que para descansar, para recuperar forças. "Gus", chamou Charm suavemente, sentindo um medo repentino. Ele continuava a dormir. Ela ligou a luz exterior.

Era Allison Glenn, uma aluna do décimo primeiro ano da Secundária onde Charm estudava. Allison era bonita, esperta, atlética – simpática até – e Charm não tinha a mínima ideia do que ela estaria a fazer em casa dela. Charm nem tinha a certeza de que Allison soubesse sequer quem ela era. Allison trazia vestidas umas calças de fato de treino e uma sweatshirt, e o cabelo vinha todo apanhado no topo da cabeça. Apesar de parecer doente e de ter um rosto pálido como a lua que acabara de surgir por entre as nuvens, continuava a ser bonita. Charm forçou os olhos para tentar perceber quem estava sentado no lugar do condutor. Outra rapariga, com o rosto escondido pelos cabelos escuros. Charm conseguia ouvi-la a chorar. "Gus", voltou a chamar, desta vez mais alto.

Antes de ela poder dizer alguma coisa, antes mesmo de conseguir abrir a porta

mosquiteira, Allison falou, com uma voz cansada e assustada. "O Christopher está?" Ela olhava para todos os lados, nervosa.

"Vou chamá-lo. Entra", respondeu Charm, enquanto os seus olhos pousavam no embrulho que a rapariga trazia nas suas mãos trémulas. Ela tremia tanto que Charm pensou que ela fosse deixá-lo cair.

"Não, eu espero aqui", respondeu, batendo os dentes.

Gus surgiu por trás de Charm e espreitou por cima do ombro dela. "Ela quer falar com o Christopher", disse-lhe Charm.

Gus fez um ruído de impaciência, um que Charm já estava habituada a ouvir de cada vez que alguém pronunciava o nome de Christopher. "Pfff", murmurou entre dentes. "Quem quer falar com ele?"

O choro que se ouvia dentro do carro aumentou de intensidade, tornou-se mais desesperado. "Ela está bem?", perguntou Charm, preocupada.

Allison olhou por cima do ombro, exausta. "Ela vai ficar bem. Por favor chame o Christopher."

Charm correu para as traseiras da casa e bateu na porta do quarto do irmão.

"O que é?"

"Está aqui alguém para falar contigo", respondeu. "Despacha-te!", exclamou, batendo de novo na porta.

"Já vou, bolas! Quem é?" Christopher, alto e bonito, abriu a porta e emergiu de uma neblina de fumo.

"Christopher", exclamou Charm. "Sabes bem que não podes fumar dentro de casa."

"Quem é?", perguntou novamente, ignorando o sermão e passando os dedos pelos espessos cabelos castanhos.

"É a Allison Glenn", respondeu Charm, e Christopher estacou, e então ela viu algo de novo surgir no seu rosto. Algo que nunca antes havia visto nos olhos do irmão. Um lampejo de esperança. "Como é que conheces a Allison?", perguntou-lhe, enquanto o seguia através da casa em direção à porta da frente.

"Christopher", disse Allison, procurando controlar a voz, mas sem sucesso. Ela tinha um aspeto terrível.

"Estás bem?", perguntou Christopher, depois recuperou, transformando o rosto numa máscara imperscrutável. "O que estás aqui a fazer?" A voz dele era fria.

Charm e Gus observaram-nos a olhar um para o outro, ambos tentando parecer calmos e indiferentes. Charm sabia que Allison era uma rapariga habituada a conseguir o que queria, mas parecia tão doente, tão infeliz. De modo algum à altura de Christopher, pensou. Mas estava enganada.

"Toma." Empurrou a manta na direção de Christopher. "É teu. Tens de tratar do assunto." Christopher olhou apaticamente para baixo, para o embrulho que tinha nas mãos, e quase o deixou cair quando ele deu um pequeno gritinho.

"Meu Deus!" Christopher empalideceu. "O que é isto?"

"Cuidado", disse a rapariga, fixando os seus olhos gelados nos de Christopher. "É um bebé", declarou factualmente. "É teu e eu não posso... não posso ficar com ele."

Charm aproximou-se devagar e espreitou para a criança.

A toalha caiu para o lado, revelando uma carinha vermelha e enrugada, e o bebé começou a choramingar, juntando o seu choro ao da rapariga desconhecida que permanecera no carro, com os ombros em convulsões devido aos soluços. "Porque não?", perguntou Charm.

"Eu simplesmente não posso", disse Allison, e começou a coxear em direção ao carro.

"Ei!", gritou Christopher atrás dela. "Ei! Eu não o quero. Volta aqui, porra!" Ela ignorou-o e começou a entrar no carro.

Gus e Charm olharam um para o outro e depois para o bebé, que mexia os braços magricelas, semelhantes a ramos, de forma espasmódica por cima da cabeça. "Chhh", murmurou Charm ao bebé, já apaixonada.

Gus interpelou a rapariga. "Não achas mesmo que ele vai tomar conta deste bebé, pois não?"

Ela parou e voltou-se novamente para eles, com um rosto insuportavelmente

triste. "Tem de ser."

Gus e Charm ficaram ali a olhar para o minúsculo rapazinho num silêncio assombrado, enquanto Christopher se precipitava para fora da casa, com a mochila na mão, mergulhando na noite chuvosa, deixando a porta mosquiteira bater atrás dele, sem sequer olhar para trás. Gus gritou por ele, furioso, enquanto Charm olhava para o bebé em adoração. Sentia o peito encher-se com uma mistura de terror e encanto. Como é que ela ia tomar conta desta criança escanzelada e de rosto vermelho, quando ela própria pouco mais era que uma criança?

Brynn

Estou a trabalhar com o Milo na cozinha, ensinando-o a ficar quieto apesar de ser hora do jantar e de a taça de comida dele estar cheia e à espera. Parece muito cruel fazê-lo esperar, mas é crucial para o treino de obediência. Comecei por fazê-lo esperar apenas alguns minutos até comer, e agora já chegámos a vinte minutos. Ele está sentado, cada músculo a tremer, os olhos virados para mim cheios de esperança de verem o sinal que o liberta.

Há quem pense que os cães têm capacidades mediúnicas, que têm um conhecimento paranormal do mundo que os rodeia, o que lhes permite saber que o dono está a chegar a casa muito antes de ele mexer na porta, ou que lhes permite pressentir o perigo. Na verdade, este sexto sentido tem muito mais que ver com o fantástico sentido de olfato do cão. Sabe-se que eles conseguem detetar antecipadamente um episódio de epilepsia ou um ataque cardíaco. Algumas pessoas acreditam que os cães conseguem pressentir alguns tipos de cancro nos humanos, mesmo antes de um médico conseguir diagnosticar a doença.

Isto faz-me pensar na Allison. Será que as coisas teriam sido diferentes se tivéssemos tido um cão enquanto crescíamos? Será que um golden retriever particularmente intuitivo teria conseguido pressentir a gravidez da Allison? Será que ele teria cheirado a barriga quase inexistente da Allison vezes suficientes para os nossos pais ou eu notarmos que havia algo de estranho? Ou talvez, talvez apenas, nos momentos que precederam a chegada da polícia para levar a Allison, ele pudesse ter alertado os meus pais para o problema da Allison e eu não tivesse tido de fazer o que fiz. Não sei.

Já foi suficientemente mau ver a minha irmã a ser levada pela polícia, mas o pior de tudo foi que a culpa de ela ter sido presa foi minha. Fui eu que entrei em pânico e chamei a polícia. Eu não queria trazer problemas para a Allison. Mas eu não dormia desde a noite em que ela dera à luz. Só conseguia pensar naquela bebé. Pura e simplesmente não era certo que ela estivesse tão fria e molhada naquele rio, e eu não conseguia parar de tremer e recuperar o fôlego. A Allison ardia de febre e estava a sangrar, havia tanto sangue. Eu tentei dizer aos meus pais que a Allison estava doente, mas, como de costume, eles estavam totalmente embrenhados nas vidas deles. Tudo o que a minha mãe fez foi espreitar a Allison no quarto e

perguntar-lhe: "Estás bem, Allison?" A Allison disse que estava bem e depois deu-me um enorme sermão quando a minha mãe saiu.

Não sei porque peguei no telefone, mas foi o que fiz. Quando a operadora do serviço de emergência atendeu a chamada, comecei a hiperventilar e ela perguntou-me várias vezes se eu estava bem e se precisava de uma ambulância. Por fim, as palavras chegaram. "A minha irmã, a bebé no rio, por favor...", gritei. "Vocês têm de a ajudar..." E depois comecei a chorar e não conseguia parar. Cinco minutos mais tarde a polícia estava à nossa porta e, apesar de o meu pai lhes dizer que não havia nenhum bebé e que era tudo um grande erro, eles entraram em casa na mesma.

Depois de a levarem, eu continuei a não conseguir dormir mais que duas ou três horas seguidas. Sempre que fechava os olhos, via aquela bebé de pele azulada à minha frente, e sempre que abria os olhos via o olhar de reprovação dos meus pais. Na verdade, eles não podiam dizer nada – o médico disse que a Allison podia ter morrido se não tivesse sido levada para o hospital. Mas sei que os meus pais ficaram zangados comigo por ter chamado a polícia e por revelar ao mundo que a filha perfeita deles não era assim tão pura.

Faço ao Milo o sinal que o liberta e ele corre para a taça de comida e engole avidamente a comida que o esperava, depois vem ter comigo e esfrega o nariz na minha perna, em jeito de agradecimento. Ao ouvir o telefone, arrebita as orelhas e solta um rosnado suave, num tom baixo, bem de dentro do peito. Sem prestar atenção, mando-o calar enquanto pego no telefone e ele choraminga baixinho quando o mando ficar quieto.

"Estou?", digo.

"Brynn, por favor não desligues", diz-me ela rapidamente. "Por favor deixa-me ir ter contigo. Preciso de falar contigo. Por favor." A princípio não reconheci a voz, mas depressa percebi quem era. Quase nem acredito que é ela. Enquanto crescíamos, a Allison soava sempre tão segura, autoconfiante. A rapariga que ouço do outro lado da linha soa desesperada, assustada, mas é ela, é a minha irmã, e a voz dela toca-me o coração. "Eu encontrei-o", diz-me rapidamente. "Encontrei o rapazinho..."

Desligo o telefone, sem sequer lhe responder.

Sinto o meu peito apertar-se de pânico, apesar de não ter um verdadeiro

ataque de pânico há meses. Porque é que a Allison não pode simplesmente deixar-me em paz? Não me interessa que ela tenha saído da prisão, não me interessa que ela queira compensar-me pelo que aconteceu. Estou melhor sem ela, estou melhor sem me recordar do que aconteceu naquela noite. "Não, não, não!", grito, e o Milo responde-me com latidos altos e agudos. "Não!", grito novamente para o telefone.

O telefone volta a tocar, alto e em tom estridente, e eu sento-me devagar no chão de linóleo e tapo os meus ouvidos.

Allison

Entro na Bookends como se nada se tivesse passado. Claire recebe-me com um café e um donute. "Sempre voltaste", brinca. "Pensei que talvez te tivesse assustado. Já agora, adoro o teu corte de cabelo novo."

"Não, não", protesto, "trabalhar aqui é ótimo. Mais uma vez, obrigada pela oportunidade." Conscientemente, passo os dedos pelos meus caracóis recém-cortados. "Obrigada."

"Vamos lá, ontem à tarde chegou um novo carregamento de livros. Vou mostrar-te como dar entrada deles."

Trabalhamos em silêncio durante algum tempo. Continuo a não conseguir esquecer todos aqueles livros e tenho de resistir para manter-me a trabalhar e não parar para os abrir e ler.

"Deve ser muito difícil para ti estar aqui", diz Claire por fim, quebrando o silêncio. O meu estômago dá um salto. Ela não pode saber. Não é possível. "Começar tudo de novo. Deve ser muito difícil."

Eu aceno que sim lentamente. "Realmente é", sussurro. "É como se o mundo inteiro tivesse avançado no tempo e eu fiquei parada. Tenho vinte e um anos, já deveria ter terminado a universidade, deveria estar a iniciar uma carreira... mas aqui estou eu."

"Não podes deixar que isso te bloqueie", declara Claire. "Ninguém sabe verdadeiramente o que vai fazer com o resto da vida aos vinte e um anos. Eu certamente não sabia. Sabes o que fazia quando tinha a tua idade?" Abano a minha cabeça. "Era bibliotecária."

"A sério?" Acho que não deveria ficar surpreendida, mas estou.

"A sério", prossegue Claire, "a maior parte das pessoas não termina a universidade e abre um negócio próprio imediatamente. Eu tive muito para aprender na biblioteca e tive de conhecer o Jonathan antes de me ocorrer sequer que abrir uma livraria era o que queria fazer."

"Como conheceu o Jonathan?", pergunto.

Claire ri. "Durante uma cheia, imagina só."

"A sério?", pergunto, impressionada. "O que aconteceu?"

"Anda, vamos até ao outro lado da rua comer alguma coisa e eu conto-te como tudo se passou."

"E podemos fazer isso?", pergunto, surpreendida. "Podemos simplesmente sair daqui?"

"Essa é a parte boa de ter um negócio próprio", diz Claire, com um olhar matreiro. Ela fecha a porta depois de sairmos e atravessamos a rua para ir a um pequeno restaurante. Depois de nos termos sentado, a empregada entrega-nos as ementas e ambas encomendamos hambúrgueres com batatas fritas.

"Aqui fazem uma comida ótima", explica Claire. "Para dizer a verdade, este restaurante foi uma das razões que me levou a comprar o edifício do outro lado da rua. A ideia de que poderia vir aqui sempre que me apetecesse era demasiado tentadora."

"Então conheceu o seu marido durante uma cheia?", pergunto, levando a conversa de volta para a história de Claire e Jonathan.

"Bem, mais ou menos", começa Claire.

Claire

"Na primavera em que eu fiz vinte e cinco anos a cidade estava a contar com cheias", explica Claire, enquanto afasta o prato dela. "Essa primavera começara muito bonita, todas as manhãs com uns frescos 10 graus, mas que pelas dez horas já tinham subido até aos 21 graus. Todos sabíamos bem que as cheias se aproximavam, vindas do Norte – algumas cidades e quintas ao longo do Mississípi, nos estados de Minnesota e Wisconsin, já tinham sido devastadas –, mas era muito difícil de acreditar, porque nessa primavera não chovera mais do que o normal. E era ainda mais difícil de imaginar a destruição que se dirigia para nós."

"Lembro-me de ouvir os meus pais a falar sobre essa primavera. Nós... Eles vivem junto ao rio Druid...", interrompe Allison, baixando depois a cabeça com embaraço.

Claire finge não perceber e prossegue. "Tínhamos planeado proteger com sacos de areia todo o quarteirão em redor da biblioteca. Tínhamos arranjado imensos voluntários. A Associação dos Amigos da Biblioteca, o nosso Clube do Chapéu Vermelho local, membros dos Escuteiros, mesmo o sem-abrigo que passava os dias frios ou chuvosos na biblioteca a ler o Des Moines Register ou a dormir atrás de um enorme atlas mundial. Todos se haviam reunido à frente da biblioteca, prontos para ajudar."

Claire sorri ao lembrar-se de quando viu Jonathan pela primeira vez. Era alto e tinha o rosto de um académico e o corpo de um operário. Uns olhos azuis sérios e pensadores espreitavam por detrás de uns óculos com armação de arame. Tinha a testa marcada por sulcos, uma ruga sempre presente entre as duas sobrancelhas. A sua estrutura corporal comprida e esguia era poderosa e dura. Ele trazia luvas de trabalho e uma pá na mão quando Claire agradeceu a todas as pessoas que tinham vindo para ajudar. Ela sentia a pele a arder por ele estar a olhar para a cara dela enquanto ela descrevia os milhares de livros que estavam a tentar salvar, junto com os computadores e as coleções de arte, que também estavam em risco. No interior da biblioteca, os funcionários esforçavam-se por levar o acervo da biblioteca para os pisos superiores, mas era uma tarefa assombrosa.

"A minha tarefa consistia em manter um saco aberto enquanto o Jonathan o

enchia com pazadas de areia. Depois eu amarrava o saco, colocando-o nos braços do sem-abrigo que o esperava, cujo nome, vim a saber depois, era Brawley, sendo o saco depois transportado ao longo da linha de pessoas que nós formávamos. Ao fim de quatro horas, já tinha bolhas nas mãos e a pele no interior dos meus antebraços estava arranhada pela areia que o Jonathan ia deitando para dentro dos sacos. 'Devia descansar um pouco', disse-me finalmente o Jonathan." Claire recorda-se de ver Jonathan apoiado na pá, limpando o suor do rosto com o braço e deixando alguns grãos de areia fina numa das bochechas transpiradas. "A partir daí, as coisas correram com naturalidade." Claire encolhe os ombros. "O mais engraçado é que as cheias nunca chegaram a acontecer. Enchemos todos aqueles sacos de areia para nada. Mas o Jonathan e eu casámos passados alguns meses, depois comprámos uma casa e abrimos a Bookends. E depois chegou o Joshua." Claire sorri para Allison, pensativa. "É engraçado como as coisas acontecem."

Claire repara no olhar de Allison. Allison quer perguntar alguma coisa, mas é demasiado tímida ou está demasiado envergonhada. Demasiado qualquer coisa.

Allison

Sei que tenho de fazer a pergunta com cuidado, para que pareça uma sequência natural da nossa conversa. "Há quanto tempo estava casada quando teve o Joshua?", pergunto, tentando parecer normal, mas por dentro estou a gritar.

Um esgar de dor passa no rosto dela. "O Joshua é adotado. A parte difícil coube a outra pessoa, mas nós é que desfrutamos dele."

"Que idade tem?", pergunto. A minha voz sai muito aguda.

"Fez cinco no mês passado", responde Claire, cheia de orgulho. "Nós não temos a certeza do dia exato em que ele nasceu, mas achamos que não tinha mais de um mês quando foi deixado no quartel dos bombeiros."

"No quartel dos bombeiros? Ele foi deixado num quartel dos bombeiros?" A minha voz continua a não parecer a minha. Limpo a garganta e bebo um pouco do meu refrigerante. Isto não faz sentido. Não foi assim que aconteceu.

"A mãe do bebé deixou-o no quartel dos bombeiros de Oak Street a meio da noite. Um dos bombeiros ligou para o Departamento de Serviço Social e depois levaram-no para o hospital. O Serviço Social telefonou-nos no dia seguinte e nós fomos buscar o Joshua e trouxemo-lo para casa connosco."

"Eles conseguiram descobrir quem era? A mãe, quero dizer?" O meu coração parece querer saltar-me do peito. É impossível ela saber, digo a mim mesma. Só há quatro pessoas no mundo que sabem que o Joshua era meu.

Claire abana a cabeça. "Não. Nunca descobrimos. Achamos que foi uma rapariga de fora de cidade que deixou o bebé lá e depois voltou a sair da cidade."

"E o pai?", pergunto.

Claire encolhe os ombros. "Não fazemos ideia. O Jonathan e eu fizemos figas durante muito tempo. Tínhamos a certeza de que alguém surgiria para o reclamar de volta. Mas ninguém apareceu. Seis meses depois de o termos trazido para casa, adotámo-lo legalmente." Claire empurra o prato. "Ufa, soube-me bem, mas estou cheia. Devíamos voltar ao trabalho."

De repente apercebo-me de que não tenho forma de pagar a minha refeição; deixei o dinheiro que o meu pai me deu em casa de Olene. Claire deve ter percebido o meu horror, porque estende a mão para tocar na minha.

"Desta vez pago eu", diz. "Podes pagar o almoço da próxima vez."

"Ok, obrigada", digo-lhe com alívio. Regressamos à loja e tenho um fluxo constante de clientes para atender durante o resto da tarde. Só quando Joshua entra pela porta adentro e eu o vejo pela segunda vez é que consigo ter a certeza. Ele é igualzinho ao Christopher, o mesmo rosto angulado, os mesmos lindos olhos castanhos. A exceção é o cabelo – tal como eu, o cabelo dele é louro esbranquiçado e completamente liso.

"Olá, mãe. Olá,..." Joshua cerra os olhos em concentração. Sei que está a tentar lembrar-se do meu nome.

"Allison", termina Claire por ele.

"Olá, Allison", diz-me. Olho cuidadosamente para o rosto dele e penso se, de alguma forma, será possível ele reconhecer-me. Talvez se olhar bem para mim e ouvir a minha voz. Sei que é ridículo acreditar que ele vá saltar para os meus braços e sussurrar: Finalmente voltaste para mim, eu sabia que tu virias. Mas uma parte de mim espera que haja um lampejo de reconhecimento, como a luz de um pirilampo numa noite quente de verão. Há a esperança de um olhar especial que surja entre nós os dois.

Mas os olhos dele mal pousam na minha cara e ele já desapareceu. "Posso comer qualquer coisa?", pergunta da sala dos fundos.

Ele não me conhece. Eu não sou ninguém para ele. Deveria sentir-me aliviada, mas não sinto. Faz-me sentir um pouco triste.

"Ele sabe?", pergunto a Claire, depois de Joshua estar fora do alcance. "Ele sabe que é adotado?"

"Sabe", responde Claire. "Nunca escondemos isso dele. Todos os anos celebramos o aniversário dele e o dia em que foi adotado."

"Ele pergunta por ela? Pela mãe dele?" Quase receio a resposta.

"Nem por isso", responde Claire. "Mas nós dizemos-lhe que ela fez uma coisa boa. Que ela queria uma vida melhor para ele e deve tê-lo amado muito para o

deixar assim."

"Ah", digo. "Ainda bem."

"Bom," começa Claire, apontando para um calendário. "Que te parece vires trabalhar na quinta, sábado e domingo?"

Tento concentrar-me nas datas, mas o calendário é personalizado. À minha frente vejo uma fotografia grande de Joshua com uma bola de futebol na mão e um equipamento de futebol de um verde vivo. "Allison?", insiste Claire. "São horas demais?"

Afasto os meus olhos do calendário. "Não, quanto mais horas tiver disponíveis para mim, melhor."

"Ótimo. No sábado vais trabalhar com a Virgínia. Ela só vai estar por cá mais ou menos até outubro, porque depois ela e o marido vão passar o inverno à Florida. Provavelmente também poderás ficar com algumas das horas dela, se quiseres."

Eu consigo ouvir Claire, mas só consigo pensar em Joshua naquele pequeno equipamento verde. Ele joga futebol. Tal como eu jogava. O que mais será que temos em comum?

Charm

Ela ainda tem duas horas até ter de ir para St. Isadore. Enquanto aluna de enfermagem, Charm tem de passar algum tempo em todos os serviços do hospital. Na próxima semana está escalada para começar o estágio no serviço de doenças mentais. Vou enquadrar-me na perfeição, pensa para si mesma. O trabalho com esta população não será novidade para ela, tendo em conta a mãe que tinha e os namorados que a mãe arranjava – provavelmente três quartos deles tinham problemas mentais. Todos exceto Gus, claro. Ela sente-se um pouco culpada por ter saído do apartamento da mãe da forma como saiu no outro dia. Já telefonou à mãe e pediu desculpa pela forma como deixara as coisas. Mas, no final da conversa, Charm não pôde evitar de fazer a pergunta, apesar de ter realmente tentado segurar as palavras: Ela continuava a pensar em casar com Binks? A mãe respondeu-lhe desligando o telefone.

Ela já concluiu os estágios em geriatria comunitária, medicina interna, pediatria e obstetrícia. Obstetrícia foi a mais complicada. Ver todos aqueles lindos recém-nascidos bem embrulhados, daquela forma que os faz sentirem-se tranquilos e em segurança. Charm não tinha sabido embrulhar o bebé daquela maneira, nem Gus. Eles limitaram-se a colocar um cobertor em cima dele e esperaram que tudo corresse pelo melhor. Se ao menos eu tivesse sabido como era..., pensa Charm muitas vezes. Poderia ter feito muito melhor.

Depois de Allison Glenn ter ido embora e Christopher ter fugido, Gus e Charm limitaram-se a ficar parados, espantados. Charm encostou o bebé a chorar ao seu peito, embalando-o para a frente e para trás, tentando acalmá-lo.

"Conhecias aquela rapariga?", perguntou Gus a Charm por cima do choro do bebé.

"Era a Allison Glenn", respondeu Charm, incrédula. Allison Glenn e Christopher? Charm continuava a não conseguir imaginar o irmão com Allison Glenn. Juntos. A terem relações. "Ela anda na minha escola. Vai para o décimo segundo ano. A irmã dela anda na minha turma", explicou a Gus.

"Temos de chamar alguém. Temos de levar este bebé a um hospital", disse Gus, sucumbindo a um espasmo de tosse.

"Talvez eles voltem", sussurrou Charm. Os gritos do bebê pararam e os seus olhos enevoados, de uma cor indistinta, olhavam de lado para a luz por cima da sua cabeça. A sua boca curvara-se num pequeno círculo cor-de-rosa.

"Não sei", preocupava-se Gus. "Ele devia ser visto por um médico."

"A Allison Glenn é, tipo, a rapariga mais esperta da escola. Eu nem sequer sabia que ela estava grávida", espantou-se Charm. "Ela vai voltar – ou o Christopher. Eles não podem, pura e simplesmente, afastar-se disto. Eles têm de voltar."

Gus parecia ter dúvidas. Charm não conseguia imaginar-se a levar o bebê a um hospital, a contar ao mundo o segredo de Allison Glenn. "Tu és bombeiro, Gus. Disseste que uma vez ajudaste a dar à luz um bebê..."

"Eu ajudei a dar à luz aquele bebê, e depois levámo-lo logo para o hospital", interrompeu, com uma respiração acelerada. "Aquela rapariga também devia ir a um hospital. Temos de levar este bebê ao hospital."

"Não podemos esperar um pouco, por favor?", suplicou Charm. "Ele parece estar bem."

Gus suspirou e sentou-se pesadamente numa cadeira. "Temos de comprar-lhe algumas coisas: leite em pó e fraldas. Vamos dar-lhes algumas horas, Charm. Só isso. Isto não é um jogo." Gus caminhou, resignadamente, pela noite adentro e regressou pouco tempo depois com quatro sacos cheios de tudo de que poderiam eventualmente precisar para tomar conta de um recém-nascido.

"Olha só para tudo isto", disse Charm, espantada, passando o bebê adormecido a Gus. "Não sabia que um bebê precisava de tanta coisa." Ela foi ao fundo de um saco e retirou duas mantas, toalhitas, biberões, leite em pó e um pijama minúsculo com um urso bordado na frente, pousando cada uma das coisas em cima do balcão. O último item que retirou do saco foi um boné de basebol azul e vermelho dos Cubs. "Gus?" Charm olhou para o padrasto, espantada. "Um boné de basebol?"

Ele encolheu os ombros e fez um sorriso cansado. "Temos de começar a ensiná-los desde muito jovens."

Os dois passaram aquela noite acordados, revezando-se para tentar alimentar o bebê, pegar nele, ambos apaixonando-se um pouco por ele, mas com a

consciência de que não iria durar. Eles sabiam que, se Christopher ou Allison não voltassem, teriam de fazer alguma coisa.

"Sê corajoso", sussurrara Charm ao ouvido do bebé. "Vai tudo correr bem."

Agora Charm dirige-se para a Bookends, com a intenção de ver por ela própria o Joshua de cinco anos e Claire. Sentada no carro, ela vê Joshua através das vidraças da loja; está a dançar em círculo, abanando um biscoito para cão por cima da cabeça de Truman, rindo. Tu és corajoso, pensa Charm para si mesma. Muito corajoso. Claire surge por detrás de Joshua, tira-lhe o biscoito dos dedos e baixa-se para o dar a Truman. Charm sorri. Eles estão bem. Através da janela, uma rapariga alta com cabelo louro pelo queixo intromete-se no campo de visão. Apesar de não conseguir ver a cara da rapariga, há algo de familiar nela que Charm não consegue exatamente identificar, algo no modo como se move, no modo como inclina a cabeça. Só quando já conduz a caminho de casa é que se apercebe de quem a rapariga a faz lembrar: Allison Glenn.

Charm ri-se alto e abana a cabeça. É impossível, totalmente impossível. Só daqui a muitos anos é que Allison Glenn seria libertada da prisão. Ela deve estar a ficar maluca.

Brynn

Após a Allison ter sido levada pela polícia, eu estava a tentar adormecer quando o telefone tocou. Reprimindo as lágrimas, atendi, esperando, sem qualquer sentido, que fosse a Allison. Mas não era.

"Estou a ligar por causa do bebé", disse um homem. A princípio não sabia quem era, mas depois percebi. Era o homem a cuja casa a Allison nos tinha levado naquela noite. Onde ela deixou o bebé.

Ele disse-me que Christopher tinha ido embora e não ia voltar. Nunca mais. E que a Allison tinha de ir buscar o bebé.

"Ela não pode", solucei. "Ela foi embora. Tem de manter esse bebé longe daqui", disse, desesperada, pensando no que os meus pais fariam se descobrissem que a Allison tinha ainda outra criança por ali. De uma forma egoísta, pensei também em mim própria. Os meus pais nunca iriam acreditar que a Allison tivesse conduzido sozinha até casa de Christopher com um recém-nascido. Eles iriam descobrir rapidamente que eu a ajudara, e eu não conseguiria aguentar a ira deles, não sozinha. "Tem de tomar conta dele. Por favor", implorei. Ele continuou a insistir que eu explicasse para onde tinha ido a Allison, até que, por fim, eu explodi: "Ela está na prisão. Eles levaram-na."

"Porquê?", perguntou-me, obviamente surpreendido.

"Ligue a televisão", respondi-lhe, engasgando-me novamente. "Mas mantenha esse bebé longe daqui. Os meus pais... Aqui ninguém pode tomar conta dele. Ele fica melhor com outra pessoa. Certifique-se de que ele vai para algum lugar seguro. Por favor", supliquei.

Quando menos espero, a imagem daquele rapazinho vem-me à ideia. Para onde será que ele foi? Sei que Charm Tullia e o pai já não o têm com eles. Quando a escola começou, no outono seguinte, eu vi Charm nos corredores. Durante dois anos, olhávamo-nos uma à outra pelo canto do olho, mas nunca falámos sobre aquele bebé. Exceto uma vez.

Depois de a Allison ter sido detida, as pessoas falavam de mim à socapa, olhavam para mim como se eu fosse anormal. Quando os professores não estavam

por perto, alguém dizia alguma coisa horrível. Apesar de nunca me habituar aos comentários, aprendi a lidar com eles. Aprendi a não estabelecer contacto visual, a manter a cabeça baixa. Eu andava sempre no meio da multidão, mantinha-me junto às paredes dos corredores, mas, ainda assim, sentia as palavras como golpes violentos. Como é que a assassina se está a dar na prisão? Agora a tua irmã já não é grande coisa, pois não? Também és uma assassina de bebés? As vozes deles tinham uma alegria retorcida. Eles estavam a apreciar cada instante da queda a pique da Allison. Eram sempre as mesmas pessoas – as raparigas com quem ela jogara futebol e voleibol, os rapazes com quem o grupo dela se sentava para almoçar.

Perto do fim do meu décimo primeiro ano – nove meses após a detenção da Allison –, cometi o erro de ficar para trás a falar com um professor depois do toque de saída. Seria de pensar que aqueles anormais já tivessem saído, encontrado outro fracote com quem se meterem, outra pessoa a quem pudessem fazer sentir-se lixo. Quando saí da sala de aula, dei por mim num corredor praticamente deserto.

Percebi que estava em apuros quando Chelsea Millard, uma rapariga do décimo segundo ano que fora uma das melhores amigas da minha irmã, e duas das suas cadelinhas de colo, entraram no corredor vazio. Embora fosse primavera e estivesse quente, os pelos dos meus braços ficaram eriçados e eu estremeci ao ver Chelsea endireitar as costas. No rosto dela surgiu um olhar de justa indignação.

O meu segundo erro foi ter hesitado. Eu deveria ter continuado a caminhar, ter continuado a avançar com a cabeça baixa. Mas não foi o que fiz. Os meus pés deram uns ridículos passos hesitantes e Chelsea e as amigas deram gargalhadas perante a minha estranha dança. Rodearam-me, com as mãos nas ancas e os cotovelos virados para fora como asas de corvos, e olharam para mim com desprezo.

"Como está a tua irmã?", perguntou Chelsea com um tom de voz falso. "Aposto que as mulheres de lá adoram a Allison." As amigas dela riram-se e eu reparei como a maldade fica feia nas raparigas, como transforma os olhos delas em fendas esguias e lhes enche as bocas com sorrisos falsos e exagerados. Sorrisos amargos, como de alguém que acabou de trincar com força algo azedo. Eu olhei para elas, fixando os seus rostos grotescamente alterados, e senti um arrepio.

"Amargas", disse, antes mesmo de pensar no que ia dizer. Os risos pararam de

repente. Os rostos relaxaram, confusos, mas as aberturas dos olhos ficaram ainda mais estreitas. Meras fendas negras e furiosas. "Chhh", disse eu para mim mesma em voz alta. "Cala-te. Não fales." Eu sabia que estava a comportar-me de uma forma estranha, mas não conseguia evitá-lo.

"Tu acabaste de me mandar calar?", perguntou Chelsea, descrente, aproximando-se ainda mais de mim. A minha testa começou suar. Gotas de suor formavam-se entre os meus peitos e escorriam-me pelas costas abaixo. Que bom, pensei, aliviada, estou a começar a evaporar. Tapei a boca para reter um risinho. Acho que não disse isso em voz alta, mas não podia ter a certeza.

"Tu és maluca", atirou Chelsea. "Tal qual a tua irmã assassina de bebés." Eu olhei para os meus sapatos e pensei se estaria a ficar cada vez mais pequena. Eu esperava continuar a pingar e derreter até não sobrar nada de mim.

"Estás a esconder alguma coisa aí debaixo?", perguntou uma das amigas de Chelsea. Esticou o braço em direção à minha t-shirt. Para evitar a mão dela, dei um passo atrás, indo de encontro aos cacifos. "Estás a esconder um bebé, como a tua irmã?" Esticou de novo o braço na minha direção, desta vez agarrando uma mão cheia de tecido. Ao fazer isso, agarrou também a pele macia e carnuda da minha barriga e puxou-a para cima. Eu gritei, de surpresa e dor.

"Deixem-na em paz." Uma voz firme veio do fundo do corredor. A luz da tarde entrava, brilhante, pelas grandes janelas ao longo do corredor, tornando difícil ver a figura que caminhava na nossa direção. Quando a pessoa se aproximou, percebi que era Charm Tullia.

"Não se metam com ela", disse Charm calmamente. Ela não parecia receosa nem intimidada pelas raparigas mais velhas, apenas aborrecida.

"E o que vais tu fazer?", perguntou a rapariga que continuava a segurar a minha t-shirt com força.

Charm ignorou a rapariga e continuou a olhar Chelsea diretamente nos olhos. O confronto entre os olhos das duas pareceu durar uma eternidade, até que, por fim, Chelsea baixou os olhos e disse às amigas: "Vamos mas é embora, temos treino. Anormais!", disse, ao mesmo tempo que esbarrava em Charm, com o séquito atrás dela.

"Estás bem?", perguntou-me Charm, tocando-me ligeiramente no braço. Olhei espantada para a mão pequena e com unhas roídas de Charm, surpreendida por a

mão dela não ter atravessado a minha pele. Eu não tinha desaparecido por evaporação.

"Eu continuo aqui", disse baixo.

Eu tinha intenção de agradecer-lhe. Eu queria agradecer-lhe. Mas limitei-me a ir embora.

Allison

Pego na lista telefônica e procuro o apelido Tullia. Só há uma pessoa – uma Reanne Tullia, que vive em Higgins Street. Nenhum Christopher.

Lembro-me de Charm Tullia. A irmã mais nova de Christopher. Charm, o padrasto dela e Christopher são as únicas outras pessoas, além de mim e da Brynn, que sabem de Joshua. Qual era o apelido do padrasto dela? Lembro-me de onde viviam há cinco anos, mas não tenho como ir até lá, mesmo que ainda seja onde vivem agora. Tenho de falar com eles. Será que me atrevo a telefonar a Reanne Tullia? Mal não deve fazer, acho eu. Podia só perguntar-lhe pelo Christopher ou a Charm e mais nada, não era? Inspiro profundamente e, com mãos trémulas, começo a marcar o número de Reanne Tullia. Depois desligo o telefone.

Vou tentar arranjar um pouco mais de informação e depois vou falar com Devin, prometo a mim mesma. Lá no fundo, sei que é arriscado, que é estúpido. Mas volto a pegar no telefone e marco o número que já sei de cor. O telefone toca imensas vezes e, quando já estava prestes a desligar, ele para de tocar.

Aqui na Gertrude House tenho aprendido a ser paciente. As mulheres daqui começam finalmente a deixar-me em paz. Provavelmente acham que, se eu não dei totalmente em doida por encontrar todas aquelas bonecas em bancas e sanitas, então não é assim tão divertido aterrorizarem-me. Mesmo assim, todas me ignoram quase por completo, exceto Olene e Bea e, às vezes, Tabatha.

Bea tem uma conversa agradável e é uma boa ouvinte. Ela está sempre a falar dos quatro filhos, com idades entre os doze anos e os nove meses. Eles vivem com uma irmã dela numa pequena cidade a cerca de meia hora daqui. Ela conta-me que o mais velho, um rapaz, é um excelente aluno e o lançador estrela na equipa de basebol, e que as três raparigas são muito espertas e queridas.

"Tens-nos visto ultimamente?", pergunto-lhe enquanto preparamos o jantar. "Eles podem vir à Gertrude House para te visitar?"

Bea abana a cabeça e deita uma mão cheia de massa para dentro de um tacho com água a ferver. "Não. Eu ainda não quero que eles me vejam. Não estou pronta."

"Em que é que tens de estar pronta?", pergunto. "Já saíste da prisão, eles vivem aqui perto. Tenho a certeza de que estão mortos por te ver."

"Talvez", diz Bea. "Mas primeiro quero ter a certeza de que sou a mãe que devo ser. Quero estar saudável. Quero que eles sintam orgulho de mim."

"Tu és a mãe deles – claro que eles vão sentir orgulho de ti", garanto-lhe.

Ela abana novamente a cabeça. "Quando fui à reunião com a professora da minha filha, no segundo ano da primária, estava pedrada. Eu ia contra tudo na sala e vomitei nos sapatos da professora dela. Ela definitivamente não sentiu orgulho de mim. Quero ter a certeza de que me mantenho sóbria e arranjo um bom emprego. Nessa altura vou ter com os meus filhos."

"Não sei...", digo-lhe. "Os meus pais, por fora, pareciam ser tudo aquilo de que um filho poderia sentir orgulho. Mas a verdade é que eles não pareciam interessar-se muito por nós." Abro o frigorífico e retiro o molho para a salada. "Vai falar com os teus filhos, Bea. Tudo o que eles realmente querem é estar contigo, que tu te interesses verdadeiramente por quem eles são e pelo que fazem. Isso será suficiente."

"Não é a altura certa", diz Bea de uma forma que eu sei que deveria mudar de assunto, mas não consigo.

"Achas que eles se lembram de ti?", pergunto. "Quero dizer, pelo menos a mais nova? Não a vês desde que ela nasceu. Achas que ela vai de algum modo saber quem tu és?"

Bea ri-se. "Meu Deus, espero que não. A pobrezinha nasceu na prisão." Mais a sério, continua: "Espero que não tenha qualquer memória daquele lugar horrível. A minha irmã tem sido uma boa mãe para os meus filhos. Eu quero voltar a ser a mãe deles, mas poderei ter de me satisfazer com muito menos. Quem sabe, pode ser que o passado não importe para eles, talvez se sintam felizes por voltar a conhecer-me do início. Só o tempo o dirá." Bea abre o tacho da massa e pesca alguns fios de esparguete com um garfo. Usando os dedos, pega nos fios e atira-os contra a parede da cozinha, onde ficam colados. "Nunca consigo lembrar-me se os fios devem ficar colados ou cair. Paciência..." Ela escorre a água do tacho de massa e depois grita, na sua voz estridente: "Venham comer!"

Gostava que isso fosse suficiente para a Brynn. Que nos pudéssemos voltar a ligar. Que o que aconteceu há muitos anos já não importasse assim tanto. A Brynn

costumava sentir orgulho de mim, ela costumava admirar-me. Eu quero isso novamente. Quero que ela volte a sentir orgulho de mim.

Não, nem é preciso que sinta orgulho. Eu só quero que ela goste de mim. Quero poder contar-lhe mais coisas sobre como encontrei Joshua, sobre o muito que ele se parece com Christopher, mas tem o meu cabelo. No fundo, como Joshua me lembra dela. A forma como gosta de animais, a forma como simplesmente gosta de tudo. E quero que a Brynn me conte da vida dela. Como são as aulas, se tem ou não namorado, se os nossos pais dão com ela em doida como fazem comigo. Quero ser uma irmã para a Brynn, algo em que nunca fui realmente muito boa. Mas toda a gente merece uma segunda oportunidade, não é?

Até eu.

Charm

Gus tentou ligar para casa de Allison Glenn vezes sem conta, para falar com alguém acerca do bebê. Por fim, alguém atendeu o telefone e Gus disse: "Estou a ligar por causa do bebê." Enquanto Gus escutava a pessoa do outro lado da linha, o seu rosto ganhou um doentio tom cinzento. "Compreendo", disse, e desligou o telefone.

"Então?", perguntou Charm. "O que disseram?"

Gus esfregou uma mão trémula no rosto e sentou-se pesadamente numa cadeira. "Liga a televisão", disse.

"O quê?", perguntou Charm, sem compreender.

"Liga a televisão", repetiu Gus. Charm entregou-lhe o bebê, ligou a televisão e foi mudando de canal até Gus lhe dizer para parar. Uma repórter estava a transmitir a partir das margens do rio Druid, com um olhar sério no rosto.

"Gus...", começou Charm, mas o olhar na cara dele interrompeu-a.

"Foi aqui, nas margens do rio Druid, que um homem que pescava com o neto encontrou o corpo sem vida da bebé." A repórter fez um movimento com o braço. "O Channel Seven News sabe que uma jovem rapariga foi detida por ligação com este caso. Uma vez que se trata de uma menor de idade, a identidade da mesma não será divulgada. No entanto, podemos adiantar que a jovem em questão foi levada da sua casa em Linden Falls pela polícia e depois encaminhada para o hospital local por razões desconhecidas.

Charm voltou-se para Gus e olhou para ele com um olhar vazio: "O que é que isto tem que ver com a Allison?"

O bebê começou a resmungar, mexendo os braços magros, e Gus colocou-o ao alto, encostado ao ombro. "Pronto, pronto", sussurrou-lhe ao ouvido. "A jovem detida cujo nome não será divulgado", disse, apontando com a cabeça na direção da televisão, "era a Allison Glenn. E aquela bebé que encontraram no Druid é a irmã deste rapazinho."

Allison

Todos os dias, quando entro na Bookends, tenho muito medo que Claire ou mesmo Joshua olhem para o meu rosto e, de repente, percebam quem sou. Será que isto é uma violação da minha liberdade condicional? Será que me mandavam de volta para a prisão? Por muito relutante que me tenha sentido em sair de Cravenville, logo o primeiro momento em que estive em liberdade foi suficiente para eu perceber que nunca mais quero lá voltar. Mas, embora eu perscrute cuidadosamente o rosto de Claire, não noto qualquer diferença: ela cumprimenta-me com alegria e falamos confortavelmente sobre coisas do dia-a-dia.

A cada minuto que passo com Claire, gosto mais dela. Ela fala comigo como se eu fosse alguém. Ela não fala comigo de cima nem me olha com desconfiança por causa do meu passado. Eu gosto de trabalhar na Bookends. E gosto dos Kelby. Sei que devia dizer-lhe que suspeito que Joshua é meu filho, mas não consigo. Não quero.

Às três e meia, Joshua voa pela livraria adentro. O seu rosto habitualmente pálido está manchado de vermelho e traz os lábios cerrados de fúria. Uns estranhos pedacinhos de luz refletem na sua pele e roupa. Quando olho com mais atenção, vejo que está coberto de pequenos bocadinhos de um produto amarelo brilhante. Joshua está decidido a tentar apanhar os pequeninos brilhantes dos braços, mas apenas consegue transferi-los para outra parte do corpo. Jonathan entra atrás de Joshua, com um misto de frustração e espanto no rosto. Claire sai de detrás do balcão. "O que se passa?", pergunta, preocupada.

"O Josh teve um dia difícil na escola", diz Jonathan, "que envolveu cola e brilhantes."

"O que aconteceu?", pergunta Claire, e Joshua, fazendo uma cara feia, cruza os braços em desafio diante dele.

Jonathan repara em mim pela primeira vez. "Olá, Allison", diz-me. "A professora disse que, na aula de expressão artística, estiveram a deitar brilhantes sobre cola que tinham espalhado nas folhas que tinham desenhado e recortado em cartolina. Claro que o Joshua tinha cola nos dedos, o que, como nós sabemos, é pior que banhos, areia e cortes de cabelo todos misturados, e depois colou

brilhantes nas mãos. Tenho de dar valor à escola – a Sra. Lovelace ajudou o Joshua a lavar a cola das mãos, mas claro que depois as mãos não ficaram bem secas, e isso deixou o Joshua maluco, e depois tudo se complicou..."

Vejo Claire a estremecer, antecipando o que se aproxima. Joshua está a esfregar os braços furiosamente e começa a chorar. "Para, Josh!", exclama Claire em voz alta. "Estás a arranhar-te!" Joshua vira-se ao contrário para ficar de costas para nós e continua a atacar os braços. Não sei se devo intervir e tentar ajudar ou voltar à análise do sistema de alarme e fazer de conta que não reparo na confusão.

"Então, segundo a Sra. Lovelace", continua Jonathan, tentando sobrepor-se aos gritos de Joshua, "o Joshua amarfanhou a folha dele, ficando com mais cola e mais brilhantes por todo o corpo. Depois, num ataque que deve ter sido digno de se ver, agarrou na lata dos brilhantes e começou a atirar brilhantes cor de laranja por toda a sala. Por cima das outras crianças, dos projetos, da professora e dele próprio. O Joshua" – Jonathan ergue os braços, exasperado – "acabou por ser expulso da sala."

"Oh, Joshua", diz Claire, em tom de desilusão. Quando ela coloca as mãos nos ombros magros de Joshua, ele senta-se e começa a chorar ainda mais,

Sem pensar, ponho-me de joelhos, suficientemente próxima de Joshua para ficar na sua linha de visão. Por momentos o seu choro diminui e ele observa-me cautelosamente pelo canto do olho. Eu falo antes de ele poder continuar com o espetáculo. "Joshua, parece que tiveste um dia difícil." Ele vira-me as costas e recomeça a chorar, mas desta vez com menos força, por isso eu continuo. "Aposto que gostavas de tirar esses brilhantes do teu corpo agora mesmo." Isto acalma-o. A respiração dele é pesada, mas sei que está a ouvir, por isso aproximo-me um pouco mais e continuo, com uma voz baixa e calma – como a que costumo usar quando falo com Flora, da casa de transição, quando ela está zangada. "Aposto que não sabes que há uma fita mágica que é usada especialmente para tirar brilhantes." Levanto-me e vou atrás do balcão, abro uma gaveta e retiro de lá um rolo de fita adesiva.

Joshua olha para a fita com desconfiança. "Isso é fita-cola normal", informa-me.

Eu encolho os ombros casualmente e digo: "Ela parece fita-cola normal. Podemos tentar, se quiseres. Mas tudo bem se não quiseres – podes ficar com os brilhantes, se preferires." Pouso a fita adesiva no balcão. Se há coisa que aprendi

na prisão é que, sempre que possível, devemos dar a todas as pessoas uma possibilidade de salvarem a face.

Ele pensa um pouco e depois, para surpresa de todos, levanta-se. "Ok, vou experimentar." Arranco um pedaço de fita do rolo e dobro-o sobre ele mesmo, de modo a que a face adesiva fique para cima.

"Queres tentar tu mesmo", pergunto, "ou preferes que seja a mamã ou o papá a fazer?"

"Vai doer?", pergunta Joshua a medo.

"Nem um bocadinho", tranquilizo-o.

"Então faz tu", diz-me. A frase soa a uma ordem.

"Joshua..." Claire levanta a voz em forma de aviso.

"Podes usar a fita mágica em mim, por favor?", tenta novamente.

"Claro", respondo. "Agora vê com atenção, é fantástico." Com cuidado, lentamente, esfrego a fita dobrada ao longo da manga da t-shirt e depois mostro a Joshua os brilhantes cor de laranja que apanhou. "Porreiro, não é?", digo-lhe, sorrindo. Ele responde-me com um sorriso. E já está, estabelecemos a nossa ligação. É muito subtil, apenas um vislumbre – não mais que um lampejo, na verdade –, mas existe. Não posso dizer que ele me reconheça, mas foi criada uma ligação, ainda que fina e frágil. Olho para Claire e ela está a sorrir para mim, com um respeito acrescido. Depois olho para Jonathan, que também está impressionado.

Passo os trinta minutos seguintes com Joshua na secção infantil da livraria, retirando cuidadosamente os brilhantes da t-shirt, das calças e mesmo dos sapatos. Os brilhantes colados aos dedos, à cara e ao cabelo são outra questão totalmente diferente. Joshua tem medo de me deixar pôr a fita adesiva diretamente na pele. "Vai doer", diz-me, com um olhar sério, mas ao mesmo tempo expectante, no seu rosto magro.

"Bem, tu é que sabes", digo-lhe. "Podes deixar os brilhantes onde estão ou podemos tentar usar a fita mágica para os tirar da tua pele. Se achares que dói, eu posso parar."

"Posso tentar eu?", pergunta, esperançoso.

"Claro que sim", respondo-lhe, e ensino-o a dobrar a fita. Ele pressiona-a ligeiramente contra a pele, depois puxa-a e observa com atenção o padrão de brilhantes deixado na fita.

"Não doeu", diz factualmente, e prossegue o trabalho até as mãos estarem livres de brilhantes. Joshua deixa que o ajude com o cabelo e a cara, depois de eu prometer que não puxo com muita força e que paro imediatamente se ele mo pedir. Ele fecha os olhos e levanta a cara na minha direção; enquanto estou a trabalhar, vou absorvendo cada ponto do seu rosto longo e do queixo pontiagudo. Memorizo as veias azuladas das pálpebras fechadas e a fina linha de pestanas que se abrem em leque sobre a pele, a forma como os lábios finos se apertam sob o nariz arrebitado, tal qual o Christopher. Quando lhe digo, com relutância, que terminei, ele pede: "Posso ver?" e sai a correr para a casa de banho, onde pode ver-se ao espelho. Regresso à parte da frente da loja, onde Claire está a ajudar um cliente. Joshua surge uns minutos depois, com um sorriso aberto. "Funcionou", diz a Claire. "Talvez possa levar alguma dessa fita comigo para a escola."

"Claro", responde Claire. "Mas aposto que, se perguntares à tua professora, ela provavelmente já tem lá desta fita. O que se diz à Allison?"

"Obrigado", diz Joshua timidamente.

"De nada", respondo.

"Mãe, posso comer alguma coisa?", pergunta Joshua, olhando para Claire, e sinto um aperto no meu coração, por alguma coisa que não sei explicar.

"Vai buscar umas bolachas à arrecadação", diz-lhe Claire. "Uau", diz Claire, olhando-me com admiração. "Fizeste um belo trabalho com ele." Sinto-me corar. "Onde aprendeste a fazer este tipo de coisas?"

Encolho os ombros, como se não fosse nada de especial. "É sempre boa ideia dar a toda a gente uma possibilidade de escolha. Assim, ela não se sente tão encurralada."

Claire abana a cabeça. "Eu li sobre isso em quase todos os livros sobre maternidade, mas quando me lembro disso já o Joshua está a fazer uma tal cena que é demasiado tarde. Tenho de tentar da próxima vez."

Olho para os meus pés, embaraçada. "Precisa que faça alguma coisa? Que ponha livros nas prateleiras ou algo assim?", pergunto.

"Sabes o que seria uma grande ajuda?", diz-me Claire, olhando para o buldogue parado junto à entrada, com o bafó a formar desenhos na porta de vidro. "Importavas-te de levar o Truman lá fora um bocadinho, para ele fazer as necessidades? Não queria muito deixar o Joshua agora." Sorri-me em forma de pedido de desculpas. "Sei que isto não faz parte das funções do trabalho numa livraria, mas o Truman e a loja são assim uma espécie de pacote completo."

"Não há problema", respondo-lhe. "Eu adoro o Truman. Mas não posso ter animais de estimação no sítio onde estou a viver." Corro à arrecadação para ir buscar o meu casaco. Quando regresso, Jonathan já saiu – de volta ao trabalho, acho – e Claire e Joshua já estão os dois mergulhados num livro. Prendo a trela à coleira de Truman e saímos para o ar fresco de setembro. Levo-o até uma zona relvada ao longo do passeio à frente da loja e espero pacientemente que ele se alivie.

Nesse momento sinto-o nas minhas costas, suave como uma folha a cair. O olhar de alguém. Volto-me e verifico que pertence ao marido de Claire, sentado na sua carrinha branca a olhar para mim, com um rosto imperscrutável. Quase sem dar por isso, ergo a minha mão num aceno involuntário. Mesmo parecendo que procura evitá-lo, responde-me com um sorriso e acena-me também. Depois engata a mudança na carrinha e arranca devagar, e por um minuto penso que vai parar para falar comigo, mas não. Em vez disso, dobra a esquina e afasta-se, e eu fico muito tempo a olhar o veículo a afastar-se, mesmo já depois de ele estar fora do meu campo de visão. Fico a pensar se, de alguma forma, ele saberá quem eu sou. Mas ele não pode saber. Não pode.

O Truman está a puxar pela trela, por isso levo-o de volta à Bookends e vejo Joshua parado junto à janela da loja, a ver o fumo cinzento da carrinha do pai rodopiar em meu redor.

Charm

Charm está sentada dentro da banheira vazia, totalmente vestida. Parece ser o único local onde ela pode estar sem ouvir o ruído da respiração de Gus. Ela sabe que deveria ser corajosa, deveria sair dali e ir para junto dele. Afinal, ela vai ser enfermeira. Mas nem toda a formação que está a receber pode preparar Charm para isto. Gus está a morrer de uma forma que ninguém deveria ter de morrer – nenhuma pessoa, por pior que seja, deveria ter de sofrer como ele está a sofrer. Ele está a sufocar, lentamente, dolorosamente, mesmo à frente dela, e não há nada que ela possa fazer para o ajudar, ainda que ele olhe para ela em desespero. Ela imagina os escurecidos pulmões de Gus a apertarem-lhe o peito, desesperadamente à procura de ar. A pneumonia instalou-se muito rapidamente. A pele ficou com uma doentia cor cinzenta e todo o corpo parece ter-se gastado até ele não ser mais do que osso. Ele fá-la recordar aquelas fotografias de sobreviventes de campos de concentração que viu na aula de história. A única parte do corpo que não está magra é o rosto e o pescoço. Aí ele está muito inchado. Por vezes é difícil encontrá-lo naquela carne amarela inchada, mas de vez em quando ele sorri e ela vê-o novamente. O Gus divertido e enérgico que foi a todos os eventos escolares que Charm teve, que a ensinou a fazer lances livres de basquete e que lhe mostrou como fazer *kolache*. Agora ele parece um estranho.

Charm pensa em telefonar à mãe, mas não tem a certeza do que ela lhe irá dizer. Charm apenas precisou verdadeiramente da mãe em dois outros momentos da sua vida – quando o tarado do namorado da mãe a atacou enquanto ela estava fora de casa a trabalhar e quando Allison lhe entregou Joshua. Em ambos os momentos, a mãe estava ausente. Dava-me jeito ter uma mãe agora, pensa Charm. Alguém que a ajudasse a tratar de Gus, que lhe dissesse que tudo ia ficar bem. Infelizmente, Reanne Tullia não é essa pessoa.

Charm sai da banheira e olha-se no espelho. Tem os olhos raiados de sangue e pequenos sulcos a formar-se junto aos lábios, que ela sabe ter perpetuamente apertados de preocupação. Pareço tão velha, pensa. Tenho vinte e um anos e começo a parecer uma velha.

Charm disse aos professores da escola que precisava de tirar algum tempo para poder ajudar a tratar de Gus. Eles foram muito compreensivos. Ela sabe que

a próxima vez que regressar à escola será após o funeral de Gus.

Relutantemente, deixa o seu refúgio e vai para junto de Gus. Os olhos dele estão ligeiramente abertos e ela puxa uma cadeira para próximo da cama e senta-se junto dele. Charm leva o velho televisor de Gus para o quarto dele e juntos veem umas séries apalermadas e a reposição de alguns policiais. Na verdade, não importa o que estão a ver, desde que o volume da televisão se sobreponha ao assobio de chaleira que sai do peito dele. Quando Gus tem um dos seus ataques de tosse, Charm cuidadosamente ajuda-o a erguer-se na cama e esfrega-lhe as costas em pequenos círculos, como ela o viu fazer a Joshua, enquanto ele estivera com eles. Charm dá pequenas palmadinhas nas costas de Gus e sussurra-lhe palavras de encorajamento, tal como se ele fosse agora o bebé. "Está tudo bem, tudo bem. Deita cá para fora." Gus aperta e liberta os cobertores com as suas mãos esqueléticas. Quando o ataque finalmente para, Charm dá-lhe um gole de água, ajeita as almofadas atrás da cabeça dele e suavemente recoloca-lhe a máscara de oxigénio sobre o nariz. Ela senta-se novamente até que a respiração dele acalma e ele adormece.

Jane consegue que as pessoas da casa de saúde venham visitar Gus e Charm agradece. Elas são muito simpáticas e prestáveis, mas é com Charm que Gus continua verdadeiramente a contar. É Charm que os olhos azuis-água dele seguem pelo quarto, como que a suplicar-lhe ajuda. A maior parte do tempo ele só diz coisas sem sentido e trata Charm pelo nome da mãe, o que a magoa. Doris, a voluntária da casa de saúde, tenta dizer-lhe que é o cancro de Gus e toda a medicação que ele toma que o faz falar assim.

O outono chegou, duro e furioso, lançando violentas chicotadas de chuva, como cuspidelas. Agora está sempre a chover. Ela sente-se deprimida por estar sempre na pequena casa, dia após dia. Charm quer regressar à escola, mas não consegue sequer pensar em deixar Gus em casa com estranhos. Ela sabe que ele pode morrer a qualquer momento e está determinada a não o abandonar, como a mãe dela fez. Ela quer estar ao lado dele até os olhos dele se fecharem pela última vez, até ele poder deixar de lutar por cada bocadinho de ar.

A cama de casal de Gus foi substituída por uma cama de hospital. Assim é mais fácil para as técnicas da casa de saúde tratarem dele e mudarem os lençóis. É mais fácil para o levarem da casa quando ele morrer, pensa Charm para si mesma. Ali deitado, ele parece um casulo vazio, com uma pele fina como teias de aranha e esticada sobre os ossos. A tosse acalmou e ele está tão sossegado que,

por vezes, o suave movimento do peito para cima e para baixo é a única indicação de que ele continua vivo.

Charm interroga-se sobre se a mãe saberá que Gus está a morrer e se estará interessada nisso. Interroga-se sobre o que irá fazer, para onde irá, o que irá ser dela. Embora ela sempre tenha sido independente, sem mãe ou pai no verdadeiro sentido da palavra, ela teve sempre Gus.

Ela sente um pequeno movimento ao lado dela e acende a luz da mesa de cabeceira, para poder ver o rosto de Gus. Naquela luz difusa, com as sombras a rodeá-lo, Gus quase fica parecido consigo próprio. Jovem, atraente, feliz.

"Como te sentes, Gus?", pergunta-lhe Charm num sussurro. O simples facto de a escutar parece causar-lhe dor. "Precisas de alguma coisa?" Os olhos dele estão abertos e ele tenta erguer uma mão para retirar a máscara de oxigénio. "Deixa que eu tiro", diz-lhe, enquanto retira a máscara que, segundo lhe dissera em tempos a gozar, o fazia parecer Horton, o elefante dos livros do Dr. Seuss. Gus rira então. Ele lambe os lábios secos e gretados e Charm coloca uma palhinha entre eles para ele puxar. O esforço que tem de fazer para o conseguir deixa-o exausto. "Mais alguma coisa?", pergunta-lhe. "O que posso fazer por ti?". Charm tenta reprimir a emoção. Ela já assistiu à morte de pacientes, à morte de crianças, mas não de alguém que ela conhecesse Não de alguém que ela amasse.

"Nada", diz Gus com a sua voz rouca. "Senta-te aqui." Bate devagar num ponto da cama junto a ele. Charm hesita. Ela teria de baixar a grade lateral que evita que ele caia e não há muito espaço, ainda que ele seja tão magro quanto o tufo de relva no exterior, junto à janela.

"Está tudo bem", diz-lhe ele.

Charm baixa a grade e afasta-o suavemente. Ele não produz qualquer som, mas o rosto enche-se de dor. "Desculpa, desculpa", estremece Charm, mas ele bate novamente na cama para lhe dizer que está bem. Procurando fazer-se o mais pequena possível, senta-se junto a ele "Queres ver televisão?", pergunta-lhe, pegando no telecomando. Gus abana a cabeça. "Queres que te volte a pôr a máscara?", pergunta Charm, sabendo que ele não aguenta muito tempo sem ela e que tende a entrar em pânico, o que torna mais difícil para ele recuperar a respiração.

Ele abana novamente a cabeça. Devido ao inchaço, os ângulos marcados do

seu belo rosto perderam-se. O seu cabelo escuro contrasta com a palidez da pele, e as sobrancelhas em desordem fazem os olhos parecer mais pequenos, mais fundos. Um lago azul entre os juncos.

"Fala", ordena, de uma forma que lhe é tão característica. Ele continua a conseguir parecer mandão sem ser mau.

"Bem", começa Charm, "na próxima semana vou começar a trabalhar na ortopedia. E na altura do Dia das Bruxas vou estar na oncologia pediátrica. Lá toda a gente se fantasia, mesmo os médicos."

Gus acena com a cabeça e ambos ficam em silêncio por um instante. Ambos sabem que ele não chegará ao Dia das Bruxas.

"O rapazinho", diz Gus, com uma voz dura como lixa.

Charm sente um aperto no coração. Ela sabia que o tema de Joshua haveria de voltar, haveria de ser abordado uma última vez.

"Desculpa." As palavras saem-lhe aos bocados e são emitidas com maior dificuldade.

"Porquê?", pergunta Charm, incrédula. "Porque é que me pedes desculpa? A culpa foi do Christopher. A culpa foi da Allison Glenn. Não foi tua. O Joshua está seguro. Está feliz. Está com pessoas que o amam." Ela marca os pontos furiosamente nas pontas dos dedos. "A mãe do bebé foi para a prisão por ter afogado a irmã gémea dele, tu sabes que o Christopher nunca voltaria para casa para tomar conta do bebé e Deus sabe que a minha mãe é inútil!"

"Chhh", sussurra Gus, colocando suavemente a mão junto ao rosto dela. "Deixa isso agora." Isto é demasiado para Charm, este gentil homem, desesperadamente doente, a tentar confortá-la. Foi ela quem suplicou para ficar mais tempo com o bebé. Mas algumas horas tinham passado a alguns dias e depois a três semanas. Charm continuava a pedir mais tempo a Gus, convencida de que o irmão iria regressar por causa do rapazinho por quem ela rapidamente se apaixonara. Ela começa a chorar.

"Eu é que peço desculpa. Eu devia ter-te dito", soluça Charm. "Eu devia ter-te dito que ia levá-lo para o quartel dos bombeiros." Ela olha para o padrasto, indefesa. "Eu já não aguentava mais. Eu queria, mas não conseguia. Estava tão cansada. Eu sabia que era demasiado tarde para o levar para uma casa Porto

Seguro e tinha medo de te arranjar problemas, por isso resolvi não te dizer nada."

"És uma boa rapariga, Charm", murmura Gus. "És esperta e corajosa. Mais corajosa do que eu alguma vez fui." Charm olha para ele. Ao longo dos anos, Gus descrevera os fogos formidáveis que combatera. O fumo, as chamas, o calor. "Tu continuaste a cuidar daquele rapazinho, mesmo depois de o teres deixado no quartel dos bombeiros. Tu certificaste-te de que ficava seguro."

"Nem te dei a oportunidade de te despedires." Gus fica em silêncio. A conversa está a cansá-lo. "Às vezes gostava que ela nunca o tivesse trazido para nossa casa", diz Charm, verbalizando finalmente o sentimento que há muito a acompanhava. "Às vezes gostava de nunca o ter tido nos braços. Gostava de nunca ter sabido que ele tivera uma irmã gémea atirada para o rio. Gostava que tu melhorasses." Charm engole com força, tentando reprimir as lágrimas, e esconde o rosto contra o frágil ombro dele.

Com grande dificuldade, Gus coloca o seu outro braço por cima dela.

"Minha filha", exclama Gus, com uma voz arranhada. Não há mais nada a dizer. Ficam assim muito tempo, Gus batendo-lhe suavemente nas costas e Charm a absorver cada instante, como um gato a tentar apanhar o último pedacinho dos raios de sol.

Allison

Desde o incidente de Joshua com os brilhantes e devido à forma como eu o salvei com a fita mágica, ele está constantemente à minha beira quando estou a trabalhar, oferecendo-se para me chegar livros ou para contar os cêntimos na caixa registadora. Em muito pouco tempo descobri a longa lista de coisas que Joshua detesta e adora. Ele detesta ter os dedos pegajosos, o cheiro a bananas, trovoadas e de limpar o quarto. Adora o Truman, brincar com legos, beber bebidas de cola – ainda que a mãe diga que isso lhe vai fazer cair os dentes da boca – e construir coisas com o pai.

Eu sei que deveria tentar mantê-lo afastado. A minha aproximação a ele só pode acabar em desastre. Eu devia dizer-lhe para ir embora, que tenho de me concentrar no meu trabalho, mas não o faço. "Que tal vai o futebol?", pergunto, pensando na fotografia dele com o uniforme verde. "Gostas de jogar futebol?"

"É porreiro. Não sou muito bom nisso", diz, um pouco triste. "Há sempre alguém que me tira a bola."

"Eu posso ensinar-te uns truques", ofereço. "Eu costumava estar sempre a jogar futebol."

"Ok", diz Joshua, dobrando-se para fazer uma festa a Truman. "Amanhã trago a minha bola de futebol."

"Acho que a tua mãe não ia gostar que jogássemos futebol na loja", digo-lhe, lamentando instantaneamente a minha oferta. Por um instante, Joshua parece desanimado.

"Podes vir a nossa casa", diz Joshua, arrebitando. "Podes ensinar-me futebol e eu mostro-te o meu quarto e a oficina do meu pai."

"Não sei..." Desvio o olhar de Joshua quando ouço um cliente a atravessar a porta, grata pela distração. Estou a aproximar-me demasiado, a envolver-me demasiado.

Vejo Devin a caminhar na minha direção, mas sem o seu habitual passo rápido e profissional. Ela quase parece hesitante. Nem parece ela mesma. Ela sabe. Ela

sabe sobre Joshua. A Brynn telefonou-lhe e disse-lhe que eu sou a mãe dele. Ela vem dizer-me que vou ter de voltar para a prisão. Estive livre durante três semanas e agora vou ter de voltar. Acho que preferia morrer.

"Porque não vais fazer os teus trabalhos de casa, Josh?", digo quando Devin para à minha frente. Aconteceu alguma coisa. Alguma coisa grave.

"Quem é esta?", pergunta Joshua, mantendo-se a meu lado.

"Joshua, estás a incomodar a Allison?" A voz de Claire surge por trás de mim.

"Não, estou a ajudá-la", insiste Joshua.

"Allison", diz Devin baixinho. "Posso falar contigo um minuto?"

Claire olha-nos com preocupação. Sei que devia apresentá-las uma à outra, mas as palavras ficam-me presas na garganta, pelo que me limito a acenar e a seguir Devin, enquanto ela me leva para fora da loja. Fecho os olhos e espero que Devin me diga que vai levar-me para a esquadra da polícia. O ar está fresco e sabe bem contra o meu rosto quente, e eu tento memorizar a que sabe.

"Allison?", chama Devin, e eu abro os olhos. Ela está a morder o interior das bochechas, tentando falar, e eu interrogo-me sobre se poderei despedir-me de Claire e agradecer-lhe por me ter dado uma oportunidade. Será que voltarei a ver Joshua? "Allison." Ela estende o braço para me pegar na mão. "É o teu pai."

"O meu pai?", pergunto, confusa. Olho para a mão de Devin na minha. Ela traz um anel de diamantes enorme e brilhante no dedo anelar. Vai casar, penso para mim mesma. Começo a dar-lhe os parabéns, mas ela interrompe-me.

"Ele perdeu os sentidos no escritório hoje", explica Devin. "Está nos cuidados intensivos de St. Isadore. Os médicos ainda não têm a certeza do que se terá passado, mas parece tratar-se de um ataque cardíaco." Olho para ela de uma forma interrogativa e, como sempre, Devin parece conseguir ler os meus pensamentos. "A tua mãe ligou ao Barry. Ao Sr. Gordon." Aceno com a cabeça. Faz sentido. O meu pai e o sócio principal da firma de advogados de Devin, Barry Gordon, são amigos há muitos anos. "Queres ir ao hospital?", pergunta Devin. "Posso levar-te lá."

Penso no último encontro com o meu pai, recordo como tinham apagado qualquer lembrança minha na casa. "Não sei se me querem no hospital", digo

baixinho.

"O que é que tu queres, Allison?", pergunta-me Devin. "O que é que tu queres fazer?"

De repente, sinto que tenho de ver o meu pai. E se ele morrer? Não posso permitir que a próxima vez que vejo a minha mãe seja no funeral do meu pai. Rapidamente explico a situação a Claire e ela manda-me embora depois de me dar um abraço. "Vai-me informando do que se passa. E não te preocupes com o trabalho. Vai estar com a tua família."

Não posso dizer-lhe que, nas últimas semanas desde que regressei a Linden Falls, ela parece-me mais minha família do que os meus pais. Tudo o que consigo dizer é "Obrigada". "Eu ligo-te mais tarde."

Devin deixa-me ficar à porta do hospital. Oferece-se para entrar comigo, mas eu recuso, digo-lhe que fico bem. Mas, na verdade, não estou nada bem. Eu só não quero que Devin tenha de assistir ao meu primeiro encontro com a minha mãe. Não faço ideia de como irá reagir quando me vir aparecer junto da cama de hospital do meu pai. Não sei se irá acolher-me com um abraço ou mandar-me sair.

A última vez que estive no Hospital de St. Isadore estava a recuperar do parto e estava detida pelo homicídio da minha bebé recém-nascida. Saí do hospital numa cadeira de rodas, empurrada por um guarda prisional, e levava as mãos algemadas. O bulício do hospital é igual ao que me recordo. As enfermeiras e os médicos percorrem os corredores com passo decidido, os visitantes avançam mais hesitantes. Paro no balcão de informações para perguntar em que piso se encontra o meu pai e depois subo as escadas até ao quinto andar. Só a ideia de entrar num elevador fechado e apertado, que me lembra da minha cela na prisão, corta-me a respiração.

É ela a primeira que vejo. Está sentada sozinha num sofá comprido na sala de espera dos cuidados intensivos. Tem o cabelo da mesma cor loura brilhante de que me lembro, mas está mais curto, com um corte arredondado e severo que termina logo abaixo do queixo. Vem vestida com calças de ganga e traz os sapatos de jardinagem sujos de lama. Devia estar a trabalhar no jardim quando recebeu a chamada. Devia estar com pressa para chegar ao hospital. A minha mãe nunca usa calças de ganga em público, nunca usa os sapatos de jardinagem fora do jardim. Está a olhar fixamente para a parede da sala de espera, os seus olhos azuis claros ainda não se aperceberam da minha presença. O rosto está mais suave do que na

última vez que a vi, apesar de estar mais magra e com um aspeto mais frágil. Neste momento ela parece desprevenida e eu sei que se não falar agora vou acabar por perder a coragem.

"Mãe", digo baixinho, e a palavra termina de uma forma abrupta.

Ela assusta-se e olha para mim. Com o rosto totalmente virado para mim, vejo agora o quanto ela envelheceu no último ano, embora continue bonita. "Allison", diz, e penso ouvir uma nota de satisfação na sua voz. Não preciso de mais nenhum convite. Num instante estou ao lado dela no sofá, com os meus braços a envolverem-lhe os ombros magros. Sinto o cheiro dela, uma combinação do perfume de lírios-do-vale que costuma usar e da terra em que devia estar a mexer quando recebeu o telefonema.

"Como está o pai?", pergunto, já em lágrimas. "Ele vai ficar bem?"

A minha mãe abana a cabeça de um lado para o outro.

"Não sei", responde, impotente. "Eles não me dizem nada." Olha para as mãos. Os dedos, outrora compridos e elegantes, estão enrugados e a começar a ficar mais grossos nos nós. "Ele continua na sala de operações."

"Daqui a pouco vou perguntar a alguém", digo-lhe. "Vou tentar saber mais alguma coisa. Alguém ligou à Brynn ou à avó? Tu estás bem? Comeste alguma coisa?"

Ela abana a cabeça e olha para os pés. "Esqueci-me de trocar de sapatos." O queixo treme-lhe e ela cobre os olhos com as mãos e começa a chorar. "Ele é tudo o que tenho", grita. "Ele é tudo o que me resta."

Charm

No seu íntimo, ela sabia que não poderia tomar conta dele. Ela sofrera muito para tomar a decisão. Charm tinha a certeza que ele lhe sorrisse, apesar de um livro que encontrara na biblioteca explicar que os bebês não sorriem verdadeiramente antes das seis semanas de idade. Mas Charm jurava que, ao mexer os pequenos pulsos no ar, o bebê dera um breve, mas verdadeiro sorriso. Todos sabiam, desde o início, que o tempo que passariam juntos era temporário. Charm e Gus nem sequer lhe deram um nome verdadeiro. Gus chamava-lhe Miúdo ou Companheiro e Charm sussurrava-lhe ao ouvido designações de doces e outras coisas boas. Olá, Meu Cupcake, dizia, quando o retirava da cama improvisada que tinham feito num cesto para roupa forrado com cobertores fofinhos. Bom dia, Coquinho. Geleia de Morango, Docinho de Maçã, Queijinho Fresco. Ele olhava para Charm com aqueles olhos sábios, como que a dizer: "Já não falta muito, pois não? É só uma questão de tempo até eu sair daqui." Charm sentia um aperto no coração e chorava, chorava até a parte da frente do babygrow ficar ensopado, e depois ele começava a chorar e Charm não mais conseguia distinguir qual era o seu choro e qual o dele.

Semanas a mantê-lo em segredo e de noites em claro estavam a deixar Charm exausta, e era claro que Gus estava mais doente a cada dia que passava. A meio da noite, ela era acordada pelos gritos de fome do bebê e depois pelos ataques de tosse de Gus. Charm simplesmente não aguentava mais cuidar, ao mesmo tempo, de um bebê e de um homem doente. Gus acolhera-a quando mais ninguém o fizera, sem perguntas nem julgamentos, e ele tratava o bebê como se sempre tivesse lá estado, apenas mais um membro da família. Gus era o mais parecido com um pai que ela alguma vez conhecera. O bebê ainda mal deixara a sua marca neste mundo, mas Gus deixara uma marca profunda e permanente. Gus estava a morrer e ela tinha de escolher entre um cuja viagem acabara de começar e outro cuja viagem estava a terminar.

Era já tarde da noite quando Charm finalmente tomou uma decisão. Ela caminhava pela sala de estar com o bebê ao ombro, tentando fazê-lo adormecer. Ela própria estava já meio em coma e, sem se aperceber, prendeu o pé numa mesa de canto e atirou o bebê às cambalhotas pelo ar. Ela deixara cair o bebê. De olhos esbugalhados, ele olhou para ela do chão, sem respiração no seu pequenino corpo,

abrindo e fechando a boca como que tentando comunicar a Charm aquilo que ela já sabia.

Em silêncio, sem acordar Gus, ela colocou todas as coisas do bebê em volta dele dentro do cesto, meteu-o no carro e levou-o até ao quartel dos bombeiros em Oak Street, Linden Falls, uma pequena cidade vizinha, logo do outro lado do rio Druid. O mesmo quartel dos bombeiros onde Gus trabalhara. Ela duvidou que aquilo fizesse sentido, mas convenceu-se de que se Gus trabalhara lá, então devia ser um bom local. Eles tomariam bem conta dele.

Ergueu-o do cesto para roupa que pousara no chão do carro ao seu lado e segurou-o junto ao peito. Ele chorara até se cansar e adormecera, com os seus doces dedinhos e mãozinha enrolados sob o queixo, como uma flor rosada. Ela tinha de fazer a ação impossível de dar a única coisa que a amara à primeira vista e sem qualquer compromisso. Pousou-o suavemente no cesto para roupa e levou-o cuidadosamente até ao quartel, olhando sempre em seu redor para verificar se alguém a teria visto. Era uma noite quente e sem estrelas e não havia ninguém na rua. Ela beijou-o na bochecha fofa e sussurrou: "Porta-te bem, Meu Docinho"; depois pousou-o com suavidade, como uma oração rezada às escuras. Recordando-se com uma pesada tristeza das brincadeiras de tocar à campainha e fugir que costumava fazer com os amigos na infância, tocou à campainha ao lado da entrada do quartel e correu.

Brynn

O telefone está a tocar quando destranco a porta de casa da minha avó e o Milo corre a cumprimentar-me, cheirando os meus bolsos, que trago sempre cheios de guloseimas. As gatas, Lucy e Leith, enrolam-se em volta das minhas pernas e miam esfomeadas. "Só um minuto, meninos", digo-lhes. O telefone continua a tocar e eu grito: "Avó! Avó! Telefone!"

Deixo o telefone tocar e vou ao armário buscar duas latas de comida para gato. A voz da minha avó enche a sala. "Neste momento não podemos atender. Por favor deixe o seu nome e número e nós ligamos mais tarde." Depois do apito ouço a voz de Allison. Irritada, atiro as latas de comida para gato para o balcão e elas deslizam pela superfície. Começo a correr pelas escadas acima para não ter de ouvir a mensagem que ela vai deixar. Porque é que ela não pode simplesmente deixar-me em paz?

A voz dela segue-me pelos degraus e eu paro. "Brynn, atende o telefone, por favor atende o telefone!" Abano a cabeça e recomeço a subir as escadas.

"Brynn, é o pai. Por favor...", suplica. Lentamente, começo a descer as escadas. "O pai está no hospital. A mãe está uma desgraça. Eu não sei o que devo fazer. Preciso que fales comigo. Por favor!" Allison está a chorar com força agora e eu caminho na direção do telefone. "Eu preciso de ti, Brynn", termina numa lamúria.

Eu tento não pensar muito acerca dos pormenores daquela noite. Mas foi a única vez em toda a minha vida que a minha irmã pediu a minha ajuda. Disso eu lembro-me, é neste pormenor que penso à noite, quando não consigo adormecer. Nessa noite a minha irmã precisou de mim. Era sempre eu que precisava da minha irmã, eu é que precisava de proteção por causa dos miúdos da vizinhança, dos meus pais, dos professores. De mim mesma. E ela nunca, nunca, me deixava esquecer-lo. Há muito tempo que ela não me ajudava de boa vontade. Não, havia sempre um virar de olhos, grandes suspiros e um abanar da cabeça. Não é que fosse difícil para a Allison ajudar-me. Para ela tudo era fácil. Mas, à medida que crescíamos e as diferenças entre nós se tornavam mais óbvias, ela tinha uma maneira de me fazer sentir pequena e simples.

A Allison escreveu-me imensas cartas, dizendo sempre a mesma coisa. Lamento muito, é o que escrevia, como se isso resolvesse tudo. Lamenta o quê? Gostava de lhe perguntar. Lamentas teres-me tratado como se eu fosse uma irritação incómoda? Lamentas por me teres feito ajudar-te a dar à luz? Lamentas por me teres feito guardar os teus segredos? Eu já nem abro as cartas dela, atiro-as para a última gaveta da minha cómoda. Custa, não custa? Gostava de lhe perguntar. Custa precisar de ajuda e custa ter de suplicar por ela. Lamento, lamento, lamento. Eu costumava estar sempre a dizer isso. Por tudo. Mas já chega.

Quem lamenta agora? Gostava de lhe perguntar. Quem lamenta agora?

Estico o braço e pego no telefone.

Charm

Charm está a passear fora de casa quando ele morre. Está um raro dia quente e soalheiro e ela precisa de sair daquela casa. Antes de sair da casa, vai despedir-se de Gus – ela faz isso sempre que sai do quarto dele, pelo sim e pelo não. Ela dobra-se, beija-o no rosto e sussurra: "Até já". É a despedida habitual. Gus tem estado a dormir nos últimos dois dias. Não abriu os olhos nem falou uma única vez. Ela quer tanto ouvi-lo a chamar-lhe "filha" outra vez. Ela nunca ouviu ninguém – nem mesmo a mãe – chamar-lhe isso. Bem vistas as coisas, é uma palavra muito bonita. Filha. É afirmativa. Não é preciso dizer mais nada. É como dizer: Esta aqui é minha. Ponto final. Para sempre.

Quando ela regressa do passeio junto ao rio, ele já partiu. O peito está imóvel, os olhos cerrados. Ele está em paz.

Charm não consegue ficar em casa de Gus sozinha e Jane oferece-se para ir buscar Charm e levá-la para casa dela, para que possa passar lá a noite ou até mais tempo, se quiser. O carro fúnebre já foi a casa e partiu. Charm ficou surpreendida ao ver aquele carro preto e comprido, ao jeito de uma barata, a avançar devagar até à frente da casa. Teve vontade de tirar um sapato e atirá-lo ao carro. O homem da agência funerária foi muito simpático; tinha uma voz suave e calma, que fez Charm sentir que ele trataria Gus muito bem. Ele explicou-lhe que Gus já tratara de tudo para o funeral – escolhera o caixão, a fotografia, tudo. O agente funerário perguntou a Charm se tinha alguma ideia do que queria que Gus vestisse para o funeral. Como se ele pudesse mudar de roupa depois de terminado o funeral.

Doris, a voluntária da casa de saúde de quem Gus mais gostava, ajudou-a a decidir. Juntas, vasculham o guarda-fatos de Gus, preenchido com as suas calças caqui e camisas clássicas, todas demasiado grandes para ele agora. Do canto mais escondido do guarda-fatos, Doris retira um fato preto envolto em plástico, cuidadosamente pendurado num cabide.

"O que achas deste?", pergunta, segurando-o diante de Charm.

"Não sei." Charm olha para ele, duvidosa. Gus nunca vestia fato.

"Ele deve tê-lo guardado por alguma razão", diz Doris, removendo o plástico

e verificando o tamanho. "Deve servir-lhe."

"Acho que serve." Charm encolhe os ombros. De repente sente-se muito cansada. Ardem-lhe os olhos e tudo o que quer é pôr um ponto final neste dia.

"Vai-te deitar, Charm", diz-lhe Doris. "Descansa um pouco."

"Eu estou bem. Vou só sentar-me lá fora e esperar que a Jane chegue." Doris promete deixar o fato na funerária e vai para a cozinha.

Charm senta-se nos degraus da frente da casa, à espera de Jane. Ao escolher a roupa para Gus lembrou-se da sua própria roupa. Charm não tem o que vestir para um funeral: nenhuma saia ou mesmo umas calças mais clássicas. Só tem a roupa de enfermeira e calças de ganga. Também não tem o que calçar, além dos sapatos de enfermeira de solas grossas e um par de sapatilhas velhas. Charm olha para elas. Estão salpicadas de lama por causa do passeio junto ao rio, e um pequeno buraco começa a formar-se junto ao dedo grande. Charm não pode usar sapatos de enfermeira ou umas calças de ganga velhas e uma t-shirt no funeral de Gus. Uma nova forma de pânico invade-a, diferente do sentimento intenso e doentio de perder Gus. Mais como se tivesse um saco de plástico na cabeça, uma sensação de não conseguir respirar. Charm levanta-se rapidamente e corre para as traseiras da casa, onde encontra Doris a desfazer a cama de Gus.

"O que se passa, Charm?", pergunta-lhe Doris, alarmada por ver lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto abaixo.

"O que vou fazer?", pergunta-lhe Charm, indefesa, com as palmas das mãos voltadas para cima, mostrando-lhe como estão vazias. "Não tenho nada."

"Oh, Charm", diz-lhe, largando os lençóis que tinha nas mãos e correndo até ela. Doris envolve-a com os seus braços gentis e compridos. Charm é praticamente trinta centímetros mais alta que Doris e as suas lágrimas caem sobre o cabelo com permanente de Doris. "Vai ficar tudo bem. O Gus adorava-te. Ele tratou de tudo para que fiques bem."

Charm continua a chorar, sem compreender Doris. "Ele morreu."

"Charm..." Doris larga-a e dá um passo atrás, para poder olhar para cima na direção dela. "O Gus deixou-te tudo. Ele disse-mo. A casa, as poupanças, o seguro de vida." Doris volta a abraçá-la e Charm sente-se melhor. Por um instante, ela quase consegue imaginar que é a sua mãe quem está a abraçá-la assim com força.

As duas ouvem bater à porta da frente e Charm sabe que Jane chegou. "Eu vou lá", diz Doris, limpando os seus olhos, também eles vermelhos. "Vai lavar a tua cara e buscar o teu saco." Charm vai até à casa de banho ligada ao quarto de Gus e abre a água fria. Olha para o seu reflexo no espelho por cima do lavatório, incapaz de acreditar no que Doris lhe disse acerca de Gus. Tem a cara suja e os olhos inchados por ter estado a chorar. Deita água fria para o rosto e isso sabe-lhe bem. Abre o armário dos medicamentos, para ganhar tempo. Charm não quer que Jane a veja assim – ela sempre lhe disse como a achava corajosa e forte. Charm quer que ela continue a pensar dessa forma.

No armário há lâminas e creme de barbear, pasta de dentes e cotonetes. Há alguns frascos de medicamentos e pensos rápidos, e também um corta-unhas. Há também o frasco de água-de-colónia que ela ofereceu a Gus no Natal dois anos atrás. Cuidadosamente pega no frasco e retira a tampa. O cheiro de Gus – não o que tinha agora que estava doente e a morrer, mas o cheiro de que ela se lembra, o desta água-de-colónia misturado com o do champô que usava – invade Charm e ela sorri. É disto que ela quer recordar-se. Recoloca a tampa e segura o frasco junto a si. Charm caminha em direção à sala, mas depois para e regressa à casa de banho. Vai ao chuveiro e retira o champô de Gus, barato e de marca branca, que cheira a maçãs verdes. Com os dois prémios nas mãos, sai ao encontro de Jane. Não sabe se alguma vez voltará para ficar.

Charm

O funeral de Gus é horrível e simpático ao mesmo tempo. Charm sente-se pateta no seu novo vestido e com sapatos de salto alto, apesar de querer vestir-se bem pelo Gus, como forma de lhe agradecer por tudo o que fez por ela. Mas o vestido não lhe assenta muito bem e ela não consegue caminhar com os sapatos sem que os seus tornozelos tremam. Na segurança do banco da igreja, onde ninguém pode vê-la, descalça-os e pressiona os dedos dos pés contra a carpete de veludo vermelho. Jane e Doris sentam-se com Charm na parte da frente da igreja e ela fica surpreendida com a quantidade de pessoas que vieram despedir-se de Gus. Dezenas e dezenas de pessoas. A maior parte são colegas bombeiros, muitos deles limpando as lágrimas.

Charm vê a mãe sentada sozinha, quase ao fundo da igreja. Charm tenta sentir-se zangada, quer sentir-se ofendida com a lata da mãe em aparecer sequer no funeral de Gus, mas esse sentimento depressa desaparece. Reanne está bonita, embora vestida de forma totalmente inadequada para a ocasião, com um vestido preto curto e decotado e sapatos com sete centímetros e meio de salto. Charm repara que Binks não acompanha a sua mãe e sente-se agradavelmente surpreendida por ver que a mãe preferiu prestar a última homenagem a Gus sem estar com outro homem por perto. Ao longo dos anos, Charm habituou-se a ver sempre um homem ao lado da mãe, e ela parece mais pequena, de algum modo menos importante, sem Binks ao lado dela. Mais do que qualquer outra coisa, o que Charm quer é que a mãe suba pela nave da igreja e se sente no lugar ao lado do seu. Ela quer o braço da mãe a envolver-lhe os ombros, quer o conforto dela.

Mas Reanne permanece ao fundo da igreja e Charm continua no seu banco. O padre conta diversas histórias engraçadas acerca de Gus e toda a gente sorri, apesar das lágrimas. Gus fora outrora um espírito livre e feliz. Uma força da natureza. Claro que isso foi antes de a mãe acabar com ele, pensa Charm, quando o seu sorriso não era forçado e o riso lhe saía mais facilmente. A meio da cerimónia, ouve o choro caraterístico da mãe, baixo e entrecortado. Charm volta-se para trás e vê a mãe a chorar, agarrada a um lenço. De algum modo a mãe consegue tornar até mesmo o seu choro atraente.

Após a missa, Reanne espera que Charm chegue ao fundo da igreja e tenta

abraçá-la, mas o desejo de Charm pela afeção da mãe já se desvaneceu e ela afasta-se do seu toque. Ainda assim, Reanne consegue perguntar pelo testamento de Gus, se ele lhe terá deixado alguma coisinha.

"Não sei nada sobre isso", diz Charm, e depois sai. Está fresco e o céu está carregado. Charm espera que não chova até depois do enterro.

Reanne segue-a até aos inclinados degraus à frente da igreja. "Acerca do teu irmão...", começa Reanne, e Charm estica de imediato o pescoço à procura de Christopher.

"Ele está aqui?", pergunta Charm, tentando não deixar a preocupação transparecer para a sua voz. A ideia de Christopher regressar a Linden Falls e estar na mesma cidade que Joshua dá-lhe um aperto no estômago.

"Não, mas telefonou", responde Reanne, olhando em seu redor. Jane e Doris esperam a uma distância respeitosa, dando a Charm e Reanne espaço para falarem. Charm gostaria que elas viessem ter com ela e a salvassem. "Ele voltou a falar de ti. Alguma coisa sobre quando vocês andavam na secundária. Foi muito estranho."

"O mais provável é que estivesse pedrado", diz Charm, e Reanne adota uma postura mais rígida.

"Não parecia estar pedrado", diz defensivamente, mas depressa muda de assunto. "Então, o Gus alguma vez falou contigo sobre o que gostaria que acontecesse à casa dele?"

"Já te disse, não sei nada sobre isso", diz Charm impacientemente. Dói-lhe a cabeça de ter chorado. Ela só quer afastar-se da mãe.

Reanne sibila-lhe ao ouvido: "O Gus só te deixou ficar com ele porque queria fazer-me voltar para ele. Pensou que se fosse bom para ti, eu voltaria para ele", sussurra com um sorriso discreto.

Charm aprendera há muito que a melhor forma de irritar a mãe é falar o mais calmamente possível. "Ele gostava o suficiente de mim para me deixar a casa e todas as suas poupanças. O que é que ele te deixou a ti?" Faz uma pausa para maior impacto. "Nada. Ele não te deixou nada."

Os lábios de Reanne tremem-lhe. "Eu continuo a ser tua mãe. Não tens o

direito de me falar assim."

As pessoas saem da igreja, interpondo-se entre Charm e a mãe. Abraçam-na e falam-lhe do orgulho que Gus tinha dela, que ele dizia que ela era esperta e que pensava que ela iria longe na vida, que ela iria ser uma fantástica enfermeira. Charm recomeça a chorar. Surpreendentemente, Reanne espreme-se por entre a multidão e coloca um braço em volta dos ombros dela, puxando-a para junto de si. "Chhh, Charm, está tudo bem", trauteia Reanne. Charm olha para a mãe e, através das lágrimas, consegue ver que Reanne não está sequer a olhar para ela enquanto diz estas palavras de conforto, mas está, sub-repticiamente, a espreitar as pessoas em redor.

Charm liberta-se do toque da mãe e diz para Jane: "Posso ir consigo até ao cemitério?"

Após o enterro, Reanne dirige-se novamente para Charm, mas desta vez tem Binks a seu lado.

"Olá, Princesa Encantada", brinca Binks, como acontece sempre que a vê. "Lamento o que aconteceu ao teu... ao Gus."

"Obrigada", diz Charm, desejando que ambos fossem embora.

"Como é que recebeste um nome como Charm?", pergunta.

"Pergunte à minha mãe, foi ideia dela", responde-lhe, esforçando-se muito para não ser indelicada.

"Charm em inglês significa 'amuleto', e foi isso que foste para mim", diz a mãe, pegando num cigarro e no isqueiro.

"Aqui não, mãe", ralha Charm. "Isto é um funeral, por amor de Deus."

Reanne ignora-a e sopra o fumo do cigarro pelo canto da boca. "Eu sabia que, depois de nasceres, tudo ia correr bem. Eu ia casar, ter uma casinha. Resultou durante algum tempo." Reanne encolhe os ombros. Charm olha para a mãe, espantada, e apercebe-se de que as duas não poderiam ser mais diferentes uma da outra. Quando Charm era mais jovem, Reanne tinha um riso fácil e nada parecia incomodá-la muito. Nunca se preocupava com dinheiro ou com contas, ou mesmo se havia comida suficiente em casa. Só pondo-se de lado e observando-a sem que ela o soubesse é que se conseguia ver a dureza em redor dos olhos. Ela conseguia

ser uma mãe divertida, mas não era uma boa mãe. Reanne ri-se como se tivesse uma aspirina na língua. "Depois a minha sorte deu em merda."

"Ei, eu pareço-te merda?" Binks sente-se ofendido.

"Não, 'mor", diz-lhe Reanne. "Só quero dizer que já não tenho uma casa minha. Tenho muitas saudades de ter a minha própria casa."

"Podias ter ficado com o meu pai – ele tinha uma casa. O Juan tinha uma casa, aquele tipo, Les, tinha uma casa. O Gus também tinha uma casa", diz Charm a ferver, incapaz de se conter. Todas as outras pessoas que acompanharam o funeral já foram embora, exceto Jane, que espera por Charm no carro.

"Charm, tu sabes que eu não podia ficar com o teu pai", diz Reanne com uma voz esganiçada. "Ele traiu-me e batia no teu irmão." Charm enrola os olhos, frustrada – a mãe nunca percebe o cerne da questão.

"Tu namoraste um tipo chamado Juan?", pergunta Binks, descrente.

"Ele era simpático", diz Charm, direta.

"Ele não conseguia aguentar as diferenças culturais", diz Reanne, abanando a mão como que para pôr de lado todos os seis meses que viveram com Juan.

"A única diferença cultural era que tu andavas a dormir com outro tipo por fora", atira Charm, e começa a caminhar para longe deles.

"Ei, cuidado com a língua!", grita a mãe, caminhando atrás de Charm.

"Então, então, meninas", diz Binks, tentando acalmá-las. "Foi um dia difícil para as duas." Ele estende a mão na direção de Reanne. O gesto parece acalmá-la.

"Eu não quero discutir contigo, mãe", diz Charm, esfregando os olhos.

"Eu também não quero discutir contigo", replica Reanne, encurtilando a testa de preocupação. "Pareces exausta. Vais ficar na casa do Gus esta noite?"

"Não, hoje vou dormir em casa de Jane e depois vejo como me sinto", responde Charm. "Falamos mais tarde, mãe. Ok?"

Reanne inclina-se e dá um ligeiro abraço a Charm, depois Binks dá-lhe umas palmadinhas nas costas. Charm já está a caminho do carro de Jane quando Reanne diz: "Charm, há uns dias recebi uma chamada. De uma rapariga que disse que

andou contigo na secundária." Charm vira-se e olha para a mãe, exasperada.

"Mãe, podemos falar disso mais tarde? Eu só quero sair daqui."

"Ela disse que se chama Allison Glenn. Disse que acabou de regressar à cidade e gostaria de falar contigo. Eu lembro-me do nome, mas não consigo saber quem é. Era tua amiga?"

Charm tenta continuar a caminhar, para longe da mãe e de Binks, para longe do cemitério com as intermináveis filas de pedras tumulares e o solitário montículo de terra em cima de Gus, mas o corpo trai-a. É incapaz de dar mais um passo. Em vez disso, fica parada com os seus ridículos sapatos de salto alto e olha para a mãe, de boca aberta.

"Estás bem?", pergunta Reanne, desconfiada. "Pareces estranha. Lembras-te dela?"

De repente Charm compreende. Ela tivera razão acerca da rapariga que vira na janela da Bookends. Allison Glenn. A rapariga que assassinou a própria bebé e abandonou um recém-nascido já saiu da prisão. Ela regressou a Linden Falls e, de alguma forma, conseguiu descobrir Joshua.

Brynn

Enquanto preparo as minhas coisas para ir ver o meu pai – para ver a Allison – penso se estarei a ficar o mais certo. Finalmente consegui falar com a minha mãe e ela parecia estar mal, nem parecia a minha mãe – insegura, sem saber o que fazer a seguir. Só quando sugeri que a avó voltasse para Linden Falls comigo é que a minha antiga mãe apareceu.

"Essa mulher não é bem-vinda aqui", disse friamente.

"Mãe, é o filho dela...", tentei explicar, mas acabei por desistir. Uma vez a minha avó cometeu o erro de pôr em causa o amor da minha mãe pelo meu pai e desde então foi banida da casa dos meus pais.

Detesto a ideia de voltar a casa. Tento arranjar desculpas para permanecer aqui. Vou ter de faltar a muitas aulas e ainda tenho de cuidar dos meus animais de estimação.

"Vai", diz-me a minha avó. "Vai e tenta saber tudo sobre o teu pai e depois diz-me se tenho de abrir caminho à força para entrar naquele hospital, quer a tua mãe queira, quer não. Eu tomo conta do teu cachorro rafeiro e dos gatos pulguentos. Mas não me peças que faça mais do que dar comida e água ao roedor e ao pássaro", brinca. "Eu não lhes toco."

Antes de sair, dou-lhe um abraço. Na verdade, sair de New Amery pode ser uma boa ideia. A Missy continua a não querer nada comigo e eu consigo ouvir os murmúrios e ver como as pessoas me olham de cima a baixo agora. Mais uma vez, sou a rapariga que tem uma irmã assassina. Não tenho dormido bem e, na maior parte das noites, dou comigo à frente do frigorífico, olhando para os armários por cima dele e pensando nas vantagens de um pequeno gole de álcool antes de ir para a cama.

"Talvez eu devesse levar o Milo comigo", digo. "Ele não está habituado a que eu esteja longe."

"Pois sim", responde-me. "Ele fica bem. Fazem-me companhia, Vamos sentir a tua falta, mas é bom que vás estar com a Allison. Desanuvia o ar, começa do zero."

"Também vou sentir a tua falta, avó. Estou de volta no domingo, de certeza", digo-lhe, e depois beijo-a no rosto.

"Não te esqueças do teu remédio", lembra-me.

Faço uma última festa ao Milo antes de me dirigir para a porta.

Quanto mais me aproximo de Linden Falls, mais depressa bate o meu coração. O rio Druid corre paralelo à autoestrada. Enquanto acelero ao longo do rio, vejo o corpo da bebé pelo rio abaixo, acompanhando o meu carro, tentando alcançar-me. Carrego ao máximo no acelerador, tentando ultrapassar a imagem. Sei que não é possível. O pescador encontrou o corpinho dela e os meus pais trataram do assunto, ainda que eu não saiba o que isso quer dizer. Não houve funeral, não houve enterro. O que lhe fizeram? Eu quero perguntar-lhes, mas nós nunca falamos sobre isso, nem sobre a Allison ou qualquer outro assunto. Onde quer que a bebé esteja, espero que esteja quente e seca.

Ouçó o som de uma sirene e vejo um carro da polícia, com as luzes ligadas, no meu espelho retrovisor. Olho para o conta-quilómetros. Vou a 120 quilómetros por hora numa zona com limite de 90. Fantástico! Abrando e paro na berma da estrada. O agente não vai facilitar-me as coisas. Pega na minha carta de condução e caminha lentamente de volta ao carro dele. Rezo para que não reviste o meu carro. Eu desviei um antigo frasco de comprimidos de hidrocodona que sobrou de quando a minha avó foi operada ao joelho e está na minha bolsa, e também tenho um frasco meio cheio de aguardente de pêssago debaixo do meu assento. Eu só queria ter a certeza de que tinha alguma coisa para me ajudar a dormir enquanto estiver aqui. Espero nervosamente o regresso do agente. Quando ele, finalmente, regressa, diz: "Brynn Glenn."

"Sim?", respondo.

"Eu fui um dos primeiros agentes da autoridade a chegar ao local onde encontraram aquela bebé no rio há alguns anos." Eu olho para as minhas mãos e não falo. "Eu já perdi a minha mulher, já vi homens e crianças morrer na guerra – uma vez até tive de matar um homem –, mas nunca vi nada tão triste e de aspeto tão solitário como aquela pobre bebé a bater contra a margem do rio." A voz dele não está zangada, nem sequer está a julgar-me, e por um instante penso que talvez tenhamos alguma coisa em comum.

Eu quero dizer Eu sei. Eu sei como se sente. Quero colocar a mão dele nas

minhas e perguntar: Vê a imagem dela à noite, quando fecha os olhos? Ela grita por si nos seus sonhos e, às vezes, mesmo quando está acordado? As pessoas param a olhar para si de uma forma estranha, porque às vezes pensa nela e não consegue fazer mais nada senão ficar quieto e chorar por causa de uma bebé que nem sequer tinha nome? Alguma vez se interroga sobre como a sua vida talvez tivesse sido diferente se não tivesse estado em Linden Falls naquela noite?

Antes de eu poder dizer qualquer destas coisas, o agente inclina-se para a minha janela aberta, colocando a cara tão perto da minha que consigo ver os seus olhos de um azul muito claro, parecidos com os de um husky. "Ouvi dizer que ela saiu da prisão, a sua irmã. Ela é uma cabra doentia. É de espantar que não se tenha matado depois do que fez. Não sei como ela consegue viver com ela mesma." Entrega-me a carta de condução e uma multa por excesso de velocidade no valor de duzentos dólares; depois afasta-se sem sequer olhar para trás.

Odeio esta cidade. Se não fosse pelo meu pai, nunca teria sequer pensado em regressar. Vou ver o meu pai e a minha mãe. Vou enfrentar a Allison. Depois não quero mais nada com nenhum deles.

Allison

Brynn e eu decidimos encontrar-nos num restaurante que fica a uma pequena distância a pé da Gertrude House. Chego lá vinte minutos antes da hora marcada, peço um café e, enquanto espero a chegada de Brynn, tento ler um livro que Claire me emprestou. As palavras estão espalhadas pelas páginas, mas não consigo entendê-las. Só consigo pensar se Brynn irá ou não aparecer. Não a ouço aproximar-se da mesa até a sua voz inconfundível dizer: "Allison?"

Olho para a minha irmã e ela está igualzinha ao que me lembrava. Pequena, com cabelo escuro e rebelde. Está vestida de uma forma simples, toda de preto. Os olhos estão delineados com lápis preto, que sobressai pelo forte contraste com a pele pálida. Está a morder o lábio e olha para mim de uma forma incerta.

"Brynn", digo, levantando-me. Estico os braços para a abraçar. Ela está muito magra e eu consigo sentir todos os seus ossos, finos e ocos como os de um pássaro. "Que bom ver-te! Obrigada por teres vindo", digo, formal. Tenho de me recordar que esta é a Brynn. Apenas a Brynn.

Ela não responde. Libertando-se dos meus braços, senta-se no lugar em frente ao que eu ocupava. Eu volto a sentar-me e, de repente, fico sem saber o que dizer. Felizmente uma empregada vem perguntar a Brynn o que deseja beber. "Chá, por favor. Descafeinado, se possível", pede. Virada para mim, explica: "A cafeína não me deixa dormir."

"Queres pedir alguma coisa para comer?", pergunto-lhe. "Sou eu que pago."

"Não, obrigada. Estou bem assim", responde-me, com os olhos percorrendo nervosamente todo o restaurante e parando em todos os lados menos em mim.

"Estou nervosa", admito, com um risinho. "Agora que estás aqui, não sei o que dizer. Há tanta coisa que quero dizer, mas não sei como fazê-lo."

"Isso é novidade", diz Brynn, pegando no guardanapo. "Tu não sabes o que fazer." Não há raiva nem maldade na voz dela, mas, ainda assim, as palavras que diz magoam-me.

"Já foste ver o pai?", pergunto-lhe.

Ela acena com a cabeça. "Ele está com péssimo aspeto, mas o médico disse que deve ficar bem." Ficamos vários minutos sentadas em silêncio. A Brynn parece estar desejosa de sair dali.

"Eu lamento", digo bruscamente. "Lamento muito."

"Já me disseste isso", responde-me factualmente, e começa a rasgar o guardanapo em pequenas tiras.

"Já te escrevi isso nas cartas que te mandei, já to disse ao telefone, mas nunca to disse cara a cara." Brynn continua a rasgar o guardanapo até parecer confetti. "Brynn, por favor olha para mim." Estico-me o mais que posso por cima da mesa. Ela levanta o queixo e olha para mim, com os olhos severos e sem emoção. "Brynn, eu lamento muito por te ter colocado na situação em que coloquei. Eu sei que não o devia ter feito. Eu cometi um erro estúpido e arrastei-te comigo. Sei que não significa muito depois do que aconteceu, mas tu ajudaste-me, ajudaste mesmo. Eu nunca teria conseguido..."

Paro de falar. O rosto de Brynn enrijeceu. Ela não está disposta a falar dos pormenores daquela noite. "Bem, seja como for, eu lamento e estou feliz que estejas aqui", concludo. "Fala-me das tuas aulas. Quero saber tudo sobre elas."

"É melhor ir-me embora antes que a mãe comece a ficar preocupada comigo", diz Brynn, olhando para o relógio.

"Vais ficar na nossa casa?", pergunto, sem conseguir muito bem esconder a dor na minha voz. "A mãe disse que podias ficar lá?"

"Que alternativa tinha?", resmunga Brynn, deslizando para fora do assento. "Não tenho mais para onde ir. Só vou ficar por cá até amanhã, depois volto para cada da avó."

"Já?", pergunto, surpreendida. "Acabaste de chegar cá."

"Estou cansada. Só quero ir dormir." Ela tem círculos negros por baixo dos olhos e tenta constantemente esconder os bocejos com a mão.

Deixo algumas notas na mesa e Brynn e eu saímos para a noite fresca.

"Então, vais contar-me sobre ele?", pergunta-me abruptamente. "É por isso que eu estou aqui, não é? Não te podias interessar menos pelo pai. Só me querias aqui porque encontraste o rapazinho."

"Isso não é justo", replico, indignada. "Estou muito preocupada com o pai."

"Deixa-te disso, Allison", atira Brynn, zangada. "Tu não consegues suportar a ideia de que eu vou ficar na casa dos pais e tu estás presa naquela casa de transição. Não consegues suportar ver-me bem, sendo aquela de quem a mãe e o pai sentem orgulho agora..."

"Orgulho de ti? A mãe e o pai apagaram-te da vida deles. Tal e qual como me apagaram a mim. Já foste lá a casa?" Brynn enruga o rosto. Sei que devia parar de falar, mas não consigo. "Eles retiraram todas as fotografias tuas. Não foram apenas as minhas, Brynn. As tuas também."

"Quero lá saber", diz Brynn, aparentemente desinteressada, mas sei que a magoei.

"Desculpa, Brynn." Tento agarrar-lhe a manga para a impedir de sair e ela puxa o braço para longe de mim, mas não antes de eu conseguir entrever os arranhões vermelhos ao longo do braço.

"Desculpo-te?!", grita, descrente. "Sabes o que eu vejo de cada vez que fecho os meus olhos à noite?"

"Brynn...", digo, triste. "Eu sei. Eu também a vejo."

"Não", diz Brynn com uma voz baixa e gelada. "Não acredito que a vejas. E agora queres que eu conheça o rapazinho? O irmão dela? Queres que eu reviva tudo isto de novo?" Brynn abana a cabeça selvaticamente.

"Eu queria... Eu pensei que...", digo, desajeitadamente. "Eu queria contar-te acerca de Joshua. Queria mostrar-to."

"O que achas que vais fazer?", pergunta-me agressivamente, enquanto caminhamos pela rua escura em direção ao carro dela.

"Pensei que pudesses ajudar-me a decidir o que fazer", respondo decididamente.

"Pensa no que estás a dizer, Allison", diz, parando repentinamente. "Só há uma coisa que podes fazer."

Ergo as minhas sobrancelhas, perante a força das palavras dela, da sua certeza. A Brynn mudou mesmo. Ela já não é a rapariga indecisa que deixei há

cinco anos. "Fico feliz por saberes o que eu devo fazer, Brynn, porque eu certamente não sei."

"Ele é feliz?", pergunta.

"Acho que sim", respondo. "Tanto quanto consigo ver."

"Os pais são bons para ele? Ele está seguro?"

"Eles parecem ser excelentes pais", digo-lhe.

"Então onde está o grande mistério, Allison?" Tira as chaves do carro do bolso do casaco. "Ele é feliz, está seguro e tem uns pais excelentes. Porque haverias de querer estragar-lhe isso?"

"Não quero", digo, na defensiva. "Eu não quero estragar nada. Só não sei se devo deixar o meu emprego ou fazer alguma coisa."

"Fazer o quê, Allison? Queres fazer parte da vida dele? O que pode resultar de bom dessa situação?" Brynn vira-se para mim, com as mãos nas ancas. "Para dizer a verdade, acho que é bastante egoísta da tua parte."

"Egoísta?" Abano a cabeça, incrédula "Eu posso ser muitas coisas, Brynn, mas como podes acusar-me de ser egoísta? Eu não fiz tudo o que era humanamente possível para tentar melhorar as coisas contigo?" A minha voz subiu de tom e as pessoas olham-nos de lado quando passam por nós. Baixo a minha voz até um sussurro. "O facto de saber onde foi parar faz-me sentir melhor. Não queres vê-lo? Não tens o mínimo de curiosidade para saber como as coisas se passaram?" Brynn não parece convencida. "Dá-lhe só uma olhadela. Passa pela loja amanhã a qualquer hora ao final da tarde. Ele vai lá estar. Vai fazer-te sentir melhor também. Prometo."

Brynn olha-me durante um bom bocado. "Eu passo na loja para o conhecer, Allison. Mas nada mais. Não quero envolver-me outra vez seja no que for."

"Obrigada." Passa-me pela cabeça abraçá-la novamente, mas mudo de ideias. "Vemo-nos amanhã, e obrigada por teres vindo."

"Pois... Veremos se foi uma boa ideia." Vira-se para ir embora.

Quando é que ela se tornou tão fria? Foi isto que a vida lhe fez? O que eu lhe fiz?

"Lembras-te do Mousie?", pergunto-lhe, e ela para, de costas para mim.

Permanece imóvel por uns instantes e depois vira-se. "Sim", diz Brynn, "eu lembro-me do Mousie."

Brynn

Realmente eu lembro-me. Olhando agora para trás parece estúpido, mas o Mousie foi o mais parecido com um animal de estimação que alguma vez tivemos quando vivíamos em nossa casa. O nosso pai viajava muitas vezes em negócios e costumava trazer para casa frascos miniatura de champô e de gel de banho e pequenos sabonetes. Eu devia ter quatro anos de idade quando olhei para aquele sabonete que o meu pai trouxe com outros olhos. Comecei a trazê-lo no meu bolso e fazia de conta que lhe dava bocadinhos de queijo. Chamei-lhe Mousie e levava-o comigo para todo o lado. Dormia com ele à noite e mantinha-o sempre por perto durante o dia, enquanto brincava. A minha mãe enrolava os olhos e mandava-me tirar o sabonete da mesa de jantar e o meu pai dava uma gargalhada sinistra e dizia que ele precisava de um banho.

A Allison, na altura com cinco anos, era a única que levava a sério a minha ligação ao Mousie. Ela ajudou-me a fazer uma caminha para ele numa caixa de sapatos e ajudou-me a decorar as paredes interiores com fotografias de ratos e fatias de queijo. Sempre que o pai tentava tirar-me o Mousie para o usar no duche, ela metia-se à frente dele e gritava para que o deixasse em paz.

À medida que fomos crescendo, a Allison tornou-se a menina de ouro, a rapariga que fazia tudo bem, a rapariga que já não tinha tempo para a simplória da irmã mais nova. Surpreende-me que a Allison se lembre do Mousie e que ela ainda continue tão empenhada em voltar a fazer parte da minha vida. Talvez a Allison tenha mudado. Talvez ela me tenha convidado a vir aqui pelas razões certas. Talvez as coisas fiquem bem.

Depois penso no rapazinho que vou conhecer amanhã na livraria e penso na irmã mais nova dele, e volto a sentir aquele formigueiro debaixo da pele. Aquele formigueiro que não consigo coçar. Ouço-a chorar e começo a cantarolar para tapar o som, mas as pessoas ficam a olhar para mim. Por isso, entro no carro e vou embora.

Allison

Não sei o que esperava do meu primeiro encontro com a Brynn, mas acho que até correu bem. Ela não saiu a correr, não me gritou. A Brynn parece diferente daquilo que me lembrava dela. Mais dura, mais zangada. Não que eu a censure – ela tem toda a razão para estar zangada. Mas há mais alguma coisa. Alguma coisa na forma como ela rasgou o guardanapo dela em pequenos pedacinhos e depois começou a fazer o mesmo ao meu. Estava sempre a olhar nervosamente por cima do ombro, e de vez em quando inclinava a cabeça para o lado, como se houvesse alguém a sussurrar-lhe ao ouvido. Penso em ligar à avó para ver o que ela acha, mas talvez eu esteja a exagerar. Eu não posso afirmar que ainda conheço a Brynn. Não a via há cinco anos e as pessoas mudam. Deus sabe que eu mudei. Amanhã verei como ela está, quando vier conhecer o Joshua e a Claire.

Sei que devo levar as coisas devagar com a Brynn, mas acho que vai tudo correr bem. Um novo princípio, um novo começo. É só disso que precisamos. Temos o resto das nossas vidas para ficarmos novamente amigas. Para ficarmos irmãs.

Claire

As folhas caídas, em tons de amarelo, vermelho e castanho, vão sendo atiradas pelo ar numa forte rajada de vento, iluminada pelos candeeiros da rua. Está anormalmente frio para setembro. As estradas brilham com a humidade e as pesadas nuvens cinzentas estão novamente a ameaçar chuva. Claire duvida que haja mais clientes este fim de tarde. Ainda que a loja esteja normalmente aberta até às nove, ela está a pensar fechá-la uma hora mais cedo. Joshua está a brincar com legos na secção infantil, depois de prometer que os apanha rapidamente se entrar algum cliente. Claire observa Allison e Brynn, com as cabeças dobradas uma junto da outra, sussurrando enquanto Allison retira grupos de livros das prateleiras e limpa a madeira com um produto de limpeza perfumado, que enche a loja com um agradável aroma a limão. "Estás à vontade para ir embora hoje, Allison", encoraja Claire, mas Allison insiste em terminar o turno.

"Vamos tomar café juntas depois de eu terminar. Teremos muito tempo para pôr a conversa em dia nessa altura", diz a Claire, com um sorriso aberto. Desde a chegada da irmã, Allison parece outra rapariga. A ansiedade que demonstrava de forma tão clara nos últimos dias parece ter-se evaporado. Claire está feliz por Allison, ainda que sinta que as coisas não estão completamente bem entre as irmãs. Allison está a tentar demasiado agradar a Brynn, que está distante, distraída e parece querer estar em qualquer outro lado que não aqui.

Claire sente um aperto de saudade pela sua própria irmã. Há muito tempo que não fala com ela e decide telefonar-lhe esta noite para saber das novidades. A mente de Claire voa em volta do pensamento de um irmão ou irmã para Joshua. Ela tem memórias tão felizes do seu crescimento com a irmã, de ter alguém com quem partilhar segredos, de se sentir segura por saber que a irmã estará sempre presente se ela precisar de alguma coisa. Em tempos, ela e Jonathan rondaram a ideia de voltarem a adotar. Ao ver Allison e a sua óbvia alegria por estar com a irmã, e ao ver a solidão de Joshua por não ter um irmão ou uma irmã, ela pensa que talvez seja boa ideia voltar a pensar nesse assunto.

Claire ouve a campainha por cima da porta tocar e, pelo canto do olho, vê uma rapariga entrar na loja hesitante, como se atravessar aquela entrada fosse uma decisão muito importante. Demora algum tempo a reconhecer que se trata de

Charm Tullia. O cabelo castanho, húmido devido à neblina, está apanhado num rabo de cavalo desarranjado e o rosto está pálido de preocupação. Está vestida de cerimónia e traz sapatos de saltos altos. Ela aperta mais o casaco azul que traz vestido, como se o ar dentro da loja estivesse mais frio do que o ar exterior.

"Olá, Charm", diz Claire. "Como estás? Já soube do Gus. O funeral foi hoje? Lamento muito..."

Charm acena com a cabeça e depois estica o pescoço, como se procurasse alguém.

Caminha em frente devagar, continuando a observar a loja. "Trabalha aqui uma rapariga chamada Allison Glenn?", pergunta, com uma voz baixa e rouca.

"Trabalha. Neste momento está lá atrás." Claire analisa o rosto de Charm. "Tu estás bem, Charm? Não pareces estar a sentir-te bem", diz, preocupada.

"Eu estou bem", responde Charm bruscamente. "Acha que posso falar com ela um minuto? Não demoro."

"Claro", responde Claire, confusa. "Não sabia que conhecias a Allison. Vocês andaram juntas na escola?"

Mordendo o lábio, Charm hesita antes de falar. "A Allison e eu tivemos um... amigo em comum. Ouvi dizer que ela trabalha aqui. Só queria estabelecer contacto com ela." Claire ouve passos e risos atrás de si. Antes mesmo de ela se virar, tanto Allison como Brynn param abruptamente.

"Allison, tens aqui uma pessoa para falar contigo", diz Claire, apercebendo-se imediatamente de que este não é um reencontro feliz. Com os olhos a saltar de um lado para o outro entre as raparigas, compreende que todas estão aturdidas. Allison coloca um braço protetor em volta da irmã, que parece surpreendida.

"Allison?", diz Charm, lambendo os lábios. "Podemos falar um minuto?"

Allison olha em redor, com os olhos saltando de Charm para Brynn e para a secção infantil, onde Joshua continua a brincar. Claire é incapaz de identificar com precisão o que vê momentaneamente passar pelo rosto da rapariga. Pânico? Medo? Talvez ambos os sentimentos. Brynn parece apenas querer fugir dali.

"Allison?", pergunta Claire. "Estás bem?"

"Sim", responde, acenando com a cabeça, com o queixo subindo e descendo demasiado depressa. "Estou só surpreendida. Há muito que não nos víamos."

Claire olha para Charm de forma interrogativa e ela responde com um ligeiro sorriso. "Está tudo bem, Claire."

"Ok", diz Claire, sem estar convencida. "Vou ter com o Joshua e deixo-vos a conversar. Quer vir comigo, Brynn?" Brynn murmura que sim e ambas caminham até ao local onde Joshua continua a construir o seu navio pirata de legos, completo com canhões e pranchas.

Brynn e Claire sentam-se no chão junto a Joshua, sem saberem o que dizer uma à outra.

"Acho que já parou de chover. Vamos falar lá fora", diz Allison a Charm.

Brynn

Isto não vai trazer nada de bom. Não acredito que continuo aqui, em Linden Falls, nesta livraria, com a minha irmã, que nunca pensei voltar a ver. Que nunca quis voltar a ver.

E depois há a mãe de Joshua. Ela não sabe de nada. Não faz ideia de quem se infiltrou na vida da sua família. O que será que ela faria se eu lhe dissesse? O que diria se eu chegasse à beira dela e dissesse: "A rapariga que deu à luz o seu filho está mesmo aqui. Mesmo aqui. A rapariga que afogou a bebé dela. A rapariga que entregou o bebé no quartel dos bombeiros. A rapariga que assistiu a tudo." Quero sentir pena da Sra. Kelby, mas é difícil. Sinto pouca simpatia por pais que viram a cabeça para longe da verdade.

A Allison escondeu bem a gravidez. Ela tinha corpo para isso – era alta e tinha uma cintura comprida. Conseguiu distribuir o peso extra de forma uniforme, não para a frente, como uma bola de futebol, como acontece com a maioria das mulheres. Os meus pais estavam ausentes num evento qualquer no trabalho do meu pai quando a Allison me chamou. Eu fui logo a correr, claro. Não era só o facto de toda a gente ir a correr quando a Allison chamava. Havia algo na voz dela, algo na forma como me chamou, que me deu a entender que alguma coisa não estava bem.

Mas foi da segunda vez que ela gritou o meu nome que eu percebi que alguma coisa estava muito, muito errada. A voz saía-lhe estrangulada e cheia de dor. Corri desde a cozinha, pelas escadas acima e pelo corredor até ao quarto da Allison. A porta estava escancarada e a Allison estava de joelhos, com os braços esticados, apoiando-se no aro da porta. Tinha a cabeça dobrada para a frente e o cabelo solto em redor do rosto, como um véu. Trazia vestidas as calças de fato de treino e a sweatshirt habituais. A linha do pescoço da sweatshirt estava escura de suor.

"O que se passa, Allison?", gritei, correndo até ela e deixando-me cair de joelhos. "Meu Deus, magoaste-te? Estás magoada?", perguntei-lhe, desesperada. Mas ela não respondeu – não conseguiu responder – porque um novo espasmo de dor pareceu atravessá-la. Engoliu um gemido e pressionou as mãos contra o aro da porta com tanta força que os braços lhe tremiam. Um instante depois, deixou cair o queixo sobre o peito e um gemido escapou-lhe.

"Diz-me o que se passa, Allison, por favor diz-me o que se passa." De repente, levantei-me. "Vou ligar à mãe e ao pai", anunciei, e tentei passar por ela para chegar até ao telefone.

"Não!", disse a Allison com firmeza. Com esforço conseguiu levantar-se, tapando-me a passagem. Mesmo com uma dor horrível, ela era forte. "Não", repetiu. Depois mais suave, numa súplica, disse: "Por favor, Brynn, por favor ajuda-me". Então agarrou-se a mim e eu consegui senti-lo. O redondo firme da sua barriga. Eu estremeci pelo inesperado do que se passava.

"Allison?", disse-lhe, enquanto colocava de novo os meus dedos cuidadosamente na barriga dela. Ajudei-a a tirar a sweatshirt, deixando à mostra um top e a sua barriga pequena, mas inchada.

Como é que eu não reparei? Como é que os meus pais não repararam? Eles não são pessoas estúpidas. Mas são pessoas egoístas. No instante em que a Allison e eu deixámos de ser quem eles queriam que fôssemos, eles nunca mais quiseram ter nada que ver connosco. Eu soube muito cedo que nunca seria o que os meus pais queriam. Mas a Allison? A Allison fazia tudo bem. Tudo. Até que cometeu um erro estúpido. Agora é como se ela já nem sequer existisse para os meus pais.

Se alguém tem o direito de pôr a Allison fora da sua vida, esse alguém sou eu. Ela arrastou-me para os seus segredos e mentiras e eu tenho estado a afogar-me neles desde então. Agora aqui estou eu, novamente presa na confusão. E sabem quem vai acabar por sofrer? O Joshua. Aquele rapazinho nunca mais será o mesmo se a Allison e Charm começarem a falar. Mas talvez eu consiga protegê-lo – da forma como a minha irmã nunca fez, da forma como os meus pais nunca fizeram.

"Vou ver o que se está a passar", digo à Sra. Kelby. "Volto já." Levanto-me e começo a atravessar a livraria em direção à porta da frente. Mas já vou tarde. Já está a acontecer.

Allison

Levo Charm para fora da livraria. Está bem vestida, como se viesse da igreja, só que parece muito triste e furiosa.

"O que se passa?", pergunta Charm, frenética. "O que estás aqui a fazer? Pensava que estavas na cadeia e afinal estás a trabalhar aqui? Estás maluca?"

"Eu não sabia...", tento explicar, mas Charm ainda não acabou.

"O Joshua está com umas pessoas boas. Eles adoram-no. Tomam bem conta dele. Ele está bem. Porque queres estragar-lhe isso?"

"Eu não quero estragar nada!", replico. Com esforço, baixo a minha voz. "Eu não sabia. Quando arranjei o emprego aqui não sabia acerca do Joshua, até o ver entrar na livraria. Mas no instante em que o vi, percebi. Ele é muito parecido com o Christopher. Foi essa a última vez que o vi – com o Christopher!"

"Bem, o Christopher deixou o Joshua comigo e com o Gus." Charm está a tentar não chorar. Os olhos dela olham constantemente através da janela, para o interior da livraria. "Nós tentámos tomar conta dele. Mas o Gus estava doente e eu só tinha quinze anos." Engasga-se, com as lágrimas correndo agora livremente.

"Ele foi-se embora?", pergunto. "O Christopher abandonou-vos com o bebé?"

Charm resmunga de impaciência. "Ouve, tu claramente tiveste algum tipo de relacionamento com o meu irmão, mas não o conhecias. No instante em que saíste, ele empurrou o Joshua para mim e para o Gus e pirou-se." Charm respira pesadamente e a leve neblina que vai caindo junta-se às lágrimas dela e escorre-lhe pela cara abaixo.

Por um instante fico sem palavras. Não sei o que esperava, mas pensei que o Christopher me amava. Fui eu que acabei com ele. Acho que acreditei que ele aceitaria qualquer coisa que eu lhe desse. Sobretudo um pedaço de mim. Um pedaço dele.

"Eu não quero perturbar a vida do Joshua. Vejo como Claire e Jonathan são bons pais. Não quero que eles saibam quem eu sou. Eu só precisava de saber o que aconteceu", tentei explicar.

"Agora já sabes. O Christopher não o quis." Charm esforça-se por continuar e eu olho por cima do ombro, preocupada que Claire possa aparecer. "O Gus e eu tentámos tomar conta dele, a sério que tentámos. Mas não conseguimos. Depois de o Christopher ter saído e de sabermos que tinhas sido presa, resolvi deixá-lo no quartel dos bombeiros. Claire e Jonathan foram as pessoas que o adotaram. Eles têm sido bons p..." – a voz de Charm cai de tom, ao olhar por cima do meu ombro. "Oh, meu Deus", sussurra.

Volto-me e vejo um homem e uma mulher a caminhar na nossa direção. A mulher avança com passos decididos, com o homem a tentar acompanhá-la. "Oh, meu Deus", repete Charm. "Tens de sair daqui!"

"Charm, preciso de falar contigo", chama a mulher. Ela tem alguma coisa na mão, agitando-a por cima da cabeça. O bater dos saltos pontua cada palavra que diz.

Charm arregala os olhos. Ela dá um passo atrás e esbarra na fachada de tijolo da livraria. "Vai embora daqui", sussurra-me, mas tudo o que consigo fazer é ficar ali e observar.

Brynn

À medida que me aproximo da porta, vejo Allison e Charm a discutir. Charm parece zangada, mas tenho a certeza de que a Allison consegue defender-se numa discussão. A Allison consegue ser bastante intimidadora.

"Tens de me ajudar, Brynn", dizia-me repetidamente naquela noite, chorando e agarrando-me o pulso. "Por favor, tu tens de me ajudar."

"A mãe e o pai sabem?", perguntei-lhe, enquanto a ajudava a entrar na cama. Abanou a cabeça, virou-se de lado e encolheu-se numa bola, como que tentando desintegrar-se nela própria. Fecho rapidamente a porta do quarto, para tentar encerrar o segredo da Allison naquele espaço connosco.

"Deixa-me pensar", disse-lhe, falando por cima dela. "Deixa-me pensar." Inspeionei o quarto à minha volta. Os lençóis da cama dela estavam ensopados e com manchas de sangue. "Ouve, Allison", disse-lhe. "Temos de chamar alguém. Deixa-me chamar uma ambulância." Estiquei-me para pegar no telemóvel que estava em cima da mesa de cabeceira. O computador da Allison estava ligado, mostrando um sítio de internet sobre partos. Para este tipo de teste não dá para marrar, pensei.

"Não!", rosnou a Allison. Ela esticou o braço comprido e forte e agarrou o telemóvel antes de mim. "Não, não liguês a ninguém. Por favor, eu consigo fazer isto. Por favor, Brynn, por favor ajuda-me!" A Allison sentiu outra convulsão e gemeu, mas durante todo o tempo manteve o telemóvel bem seguro na mão. Ela não queria que eu ligasse a ninguém.

Sentei-me ao lado dela e afastei-lhe o cabelo da testa suada. "Porquê?", perguntei, confusa.

"Eu estraguei tudo", disse a Allison sem fôlego, após a contração ter passado. "Eu dormi com ele. Dormi com ele e fiquei grávida!", disse ferozmente.

"Ele quem? Com quem foi, Allison?", perguntei.

"Com o Christopher", gemeu.

"Qual Christopher?", insisti. Ela não respondeu. "Está tudo bem. Isto acontece

a muitas raparigas. Podes dar o bebé para adoção, vai ficar tudo bem." Eu tentei fazer uma voz calma e tranquilizadora, mas nem eu acreditava no que lhe estava a dizer.

"O que achas que a mãe vai fazer quando descobrir?", atirou a Allison.

"Vai ficar furiosa, mas depois isso passa-lhe. Vai ajudar-te a encontrar uma boa casa..."

"Ela nunca vai ultrapassar isto!" Afastei-me da Allison, ao perceber a sua amargura. "Ela vai tentar resolver a questão. Vai querer criar o bebé como sendo dela ou algo assim, ou vai obrigar-me a criá-lo. Vou ficar presa nesta cidade horrível para sempre! Ela vai fazer a minha vida infeliz!" A cada palavra ficava mais histérica, até estar sentada na cama, com o nariz quase a tocar no meu. "Temos de nos livrar desta coisa!"

"Ok, ok", tentei acalmá-la. "Diz-me o que tenho de fazer."

A Allison já devia estar em trabalho de parto há horas quando me chamou. Devia estar escondida no quarto enquanto a mãe e o pai se afadigavam a preparar-se para a festa. Antes de saírem, a minha mãe chegara a entrar no quarto da Allison sem bater, para lhe dizer que deixara dinheiro na mesa da cozinha para encomendarmos uma piza para o jantar, que fechasse as portas todas da casa porque iam chegar tarde e que não poderiam trazer amigos para casa, uma vez que eles iam estar fora.

Quinze minutos depois de eu descobrir a Allison em trabalho de parto, ela estava pronta para fazer força. Nunca vi a minha irmã tão cansada, tão derrotada. Tinha o cabelo em pequenos montes suados em redor do rosto pálido e não conseguia manter os olhos abertos. Segurava a minha mão sem força e as pernas tremiam-lhe. "Alli, deixa-me ligar ao médico", supliquei. "Tenho medo." Mas ela disse-me que não, disse que nós conseguíamos. Disse-me que precisava de mim. De mais ninguém.

Eu quisera ouvir isso da boca dela toda a minha vida. A minha irmã mais velha, bonita, forte, independente, finalmente precisava de mim, a irmã que sempre estivera na sombra.

"Por favor, Brynn", murmurou através dos seus lábios secos e rachados. "Por favor", suplicou. E isso foi tudo o que eu precisei de ouvir para me pôr em ação. Comecei a recolher todas as coisas que, no meu entender, seriam necessárias para

o nascimento de uma criança: toalhas e lençóis limpos, toalhas de limpeza, álcool para desinfetar, tesoura, sacos do lixo. Quando regressei ao quarto da Allison, ela estava sentada na cama, agarrando os joelhos e com o queixo encostado ao pescoço. "Tenho de fazer força!", gritou. "Tenho de fazer força!"

Larguei toda a roupa que trazia nos braços e corri para o lado dela. "Vamos tirar as calças de fato de treino, Alli", disse-lhe com calma.

"Não!", gritou. "Não! Eu não quero que ele venha, Brynn. Por favor!", soluçou, olhou para mim desesperadamente. "Eu não quero isto – faz com que pare, faz com que pare!" O som que saía da boca da minha irmã metia dó – um gemido tão primitivo, vindo de um local tão recôndito, tão velho, que imaginei só poder ser emitido por mulheres em trabalho de parto. Tirei-lhe a roupa interior e as calças encharcadas e sujas de dejetos das suas pernas ensopadas e liguei a ventoinha do teto. Limpei a porcaria do corpo dela o melhor que pude e limpei-lhe as pernas com uma toalha de limpeza ensopada em álcool desinfetante. A ventoinha fazia circular o ar bafiento e com cheiro a cobre e a pele da Allison começou a ficar com pelos em pé. O ar fresco em circulação pareceu revitalizá-la durante uns instantes. Ela fez força, agarrando os lençóis com os seus nós dos dedos brancos. Os olhos frenéticos dela fixaram-se nos meus e eu agarrei a cara dela com as minhas mãos. Assumi o controlo.

Sinto Claire chegar atrás de mim e pela janela vemos um homem e uma mulher a caminhar na direção de Allison e Charm. O homem deve ter uns cinquenta anos, traz um lenço colorido na testa e um casaco de couro com uma águia bordada na manga. A mulher está vestida de forma desadequada face ao tempo exterior, com um vestido preto minúsculo e sapatos com salto de agulha. Ela traz alguma coisa na mão.

Ao ouvir os gritos vindos do exterior, Joshua e o cão rapidamente se juntam a nós. "O que se passa?", pergunta Joshua, nervoso.

"Nada de bom", murmuro entredentes, enquanto o meu estômago se embrulha totalmente. Pobre rapazinho, penso. Quem vai salvá-lo do seu próprio passado?

Charm

A mãe de Charm para mesmo à frente dela. Algumas gotas de chuva colam-se às pestanas com muita pintura e linhas de tinta preta começam a escorrer-lhe pelo rosto. Apesar do medo, Charm engole uma gargalhada. A mãe parece uma zombie rasca.

"O que raio se passa aqui?" Reanne coloca a fotografia que trazia na mão à frente do nariz de Charm e qualquer vontade de rir desaparece.

Charm fica sem fôlego. "Onde arranjaste isso?"

"Tu tiveste um bebé?" A voz de Reanne é baixa e perigosa. "Tu tiveste o raio de um bebé e não me disseste?"

"Por favor", grita Charm. "Por favor não faças isso!"

"Não faço o quê, Charm?", pergunta Reanne, de forma acalorada. "Queres que ignore isto? Quem é este bebé? Onde está ele? Este bebé é teu?"

Está tudo perdido. Todos os seus segredos. Tudo o que ela quisera foi proteger Joshua e certificar-se de que ele ia para algum lugar seguro. Queria que ele tivesse uma infância normal com pais normais. Ela empurra a fotografia, não querendo olhar. "Tu foste lá a casa", diz Charm, incrédula. "Foste a casa do Gus e estiveste a vasculhar as minhas coisas."

"Quem é este bebé na fotografia?", pergunta Reanne novamente.

"Chhh", diz Allison, tentando meter-se entre Charm e a mãe. "Por favor." Os olhos dela voam até à janela da livraria, onde Claire, Brynn e Joshua estão a olhar para eles.

"Não te metas nisto", diz Reanne, esticando um dedo na direção de Allison. Ela olha para Allison de cima a baixo. "Eu sei quem tu és. Cabra doentia!"

"Rea", diz Binks com voz de súplica.

"Cala-te", atira Reanne, e depois devolve a atenção a Charm. "Eu falei com o Christopher esta tarde. Ele disse-me para te perguntar sobre o bebé." Reanne coloca as mãos nas ancas e olha para a filha ameaçadoramente. "Por isso, agora

estou a perguntar. Fala-me do bebé."

"Onde arranjaste isso?", sussurra Charm, olhando para a fotografia na mão da mãe.

"Eu sou tua mãe", grita Reanne, como se isso explicasse tudo. "Tu tiveste um bebé, Charm? Tu tiveste um bebé e nem sequer me disseste?"

"Foi enquanto estivemos na funerária?" Charm nem consegue acreditar no atrevimento da mãe. "Quando é que forçaste a entrada na casa?"

"Eu não forcei a entrada", responde Reanne, indignada. "Eu tinha uma chave. Tu não atendias o telemóvel, por isso fui lá a casa. Estava preocupada e por isso resolvi entrar. Depois liguei a Jane e ela disse-me que vinhas para aqui. Ouve, Charm, alguma coisa se passa aqui e eu quero saber que raio..."

A voz de Reanne desce de tom e Charm vira-se para ver a mãe a olhar para Joshua através da janela da livraria, com enorme curiosidade. Ela vê o modo como ela está a captar cada centímetro do seu rosto magro e pequeno. Se ela não fizer alguma coisa, a mãe rapidamente vai perceber. Ela vai reconhecer o quanto Joshua é parecido com Christopher e estará tudo acabado para Joshua. A sua família segura e feliz. Reanne vai arranjar uma forma de entrar na vida dele, ainda que não tenha quaisquer direitos legais sobre ele, e vai fazê-lo infeliz, tal como fez com Charm e o irmão. "Tens de ir embora agora", diz Charm por entre as lágrimas. "Não posso falar contigo agora."

"Eu não saio daqui até conseguir algumas respostas", replica Reanne, petulante.

"É só isso que sabes fazer, mãe – ir embora!", diz Charm, acidamente. "Tu usas as pessoas até conseguires delas o que queres e depois vais embora. Não tens o direito de vir aqui e exigir que eu te diga o que quer que seja. Perdeste esse direito há muito tempo, quando me preteriste por outro homem, e depois outro e ainda mais outro!"

A mão de Reanne salta e com um estalido agudo choca contra o rosto de Charm.

Claire

"Porque é que estão tão zangadas?", pergunta Joshua, puxando pelo braço da mãe. De pé junto à janela, Claire apercebe-se de um esgar de medo no rosto de Charm e vê a mão da mulher preparando-se para bater. Joshua grita e dá um salto quando a mulher esbofeteia Charm. Claire apressa-se na direção da porta e Joshua chama por ela. "Mãe?" A voz treme-lhe. "Onde vais?"

"Eu volto já", garante-lhe Claire, enquanto sai para o passeio à frente da loja. "Fica aqui com a Brynn."

"O que se passa aqui?", questiona Claire, movendo o olhar de Charm para os estranhos e para Allison, que parece tão confusa como Claire se sente. "Estás bem, Charm?" Claire inspeciona o rosto de Charm, onde a marca de uma mão, de um vermelho furioso, começa a notar-se, em forte contraste com a palidez da pele.

"Ela está bem", ladra a mulher.

"Meu Deus, Reanne", diz o homem suavemente. "Porque é que fizeste isto?"

"Mãe", diz Charm, incrédula, e começa a chorar ainda com mais força, tocando no rosto cuidadosamente.

Mãe. Então esta é a mãe de Charm, pensa Claire. Não admira que Charm tenha investido uma pequena fortuna em livros de autoajuda. Charm e a mãe têm os mesmos olhos escuros, os mesmos lábios carnudos. Claire imagina que a mulher sofisticada e dura que está à sua frente deverá outrora ter sido muito bonita. Observa-a de cima a baixo, registando a roupa demasiado justa e as rugas em redor da boca. Depois os olhos de Claire detêm-se na fotografia que Reanne segura nas mãos. Há algo de muito familiar na fotografia.

Ela estica o braço, agarrando o pulso de Reanne. "Ei!", diz Reanne, zangada, tentando libertar o braço, mas Claire arranca a fotografia dos seus dedos. Olha atentamente para a fotografia, que mostra uma Charm exausta, vários anos mais nova, com um bebé nos braços. O bebé tem um boné azul que lhe cobre as orelhas; tem um nariz pequeno e arrebitado, lábios finos e um queixo aguçado. Os olhos são grandes e vivos, a testa cheia de sulcos. A semelhança é indiscutível. Claire tem uma fotografia praticamente idêntica de Joshua. Só que ela é a pessoa exausta

com o bebê ao colo. Jonathan tirou essa fotografia no dia seguinte àquele em que trouxeram o filho deles do hospital para casa.

"Meu Deus!", murmura, descrente, e olha para Charm. "Meu Deus!"

Claire sempre receou que um dia tivesse de estar cara a cara com a mãe biológica de Joshua, mas nada poderia tê-la preparado para isto. "Charm?" Ela quase nem consegue pronunciar as palavras. "És tu a mãe do Joshua?"

Allison

Sem querer acreditar, vejo a maluca da mãe de Charm e penso se ainda terei tempo de fugir dali.

"Charm", repete Claire, com o medo estampado no rosto, "és tu a mãe do Joshua?"

Charm abre a boca para falar, mas, em vez disso, levanta o rosto para o céu como que para rezar, com as gotas de chuva a baterem-lhe na pele.

Reanne agarra o pulso de Charm e esta tenta libertar-se, mas sem sucesso. "Não passas de uma vadia!", grita Reanne, puxando o braço de Charm.

Charm tenta falar, mas tudo o que consegue emitir é um ruído semelhante a um gargarejo. Já não aguento mais.

"Sou eu", consigo dizer.

Claire olha para mim sem expressão. Não compreende. "Sou eu. Eu é que sou a mãe do Joshua", digo, falando apenas para Claire. "Sou eu."

Brynn

Joshua segue-me por todo o lado, a chorar, lamuriando-se como um cordeiro bebé. Eu quero ficar junto da janela para ver o que se passa lá fora, mas não consigo parar de me mexer. Sinto algo a rastejar por baixo da minha pele. "O que se está a passar?", pergunta Joshua repetidamente. Aquela pobre bebé, penso eu vezes sem conta. Tento afastar as memórias da minha cabeça, puxo o meu cabelo para tentar parar a sucessão de imagens que passam à frente dos meus olhos.

Com um poderoso empurrão acompanhado de um grito que ecoou nas paredes de tal forma que deve ter sido ouvido pelos nossos vizinhos mais próximos, a mais de quatro quilómetros, a cabeça do bebé apareceu, esticando e rasgando a pele terra da minha irmã. "Aí vem ele, Allison", disse-lhe, com a minha voz a tremer de medo. "Já está a sair, está quase a terminar."

Através dos dentes cerrados pela dor, a Allison gemia indefesa. "Não!", gritou sem grande força. Apertou as pernas e com uma mão tentou empurrar a coroa da cabeça do bebé de volta para dentro dela.

"Allison!", gritei, assustada, afastando a mão dela. "Não!" Bateu-me sem força, mas outra contração percorreu-lhe o corpo e, apesar da vontade de manter o bebé dentro dela, o próprio corpo contrariou-a e, qual onda violenta, expulsou o bebé para fora. Observei, espantada, o corpo da Allison alargar e a cabeça viscosa do bebé sair do corpo dela. Ela e o bebé, fundidos, pareciam uma versão distorcida de alguma deusa mitológica.

"Aaah!", gritou a Allison. "Não, não, não!" Ela abanava a cabeça de um lado para o outro. "Não, não, não!"

"Faz força só mais uma vez, Alli", disse-lhe. "Mais uma vez e está tudo terminado. Agora!", ordenei-lhe, com uma voz que nunca tinha usado com ela. Uma voz que silenciou a Allison e a fez olhar para mim. Que a fez ouvir-me. "Allison, faz força mais uma vez. Só mais uma vez e ele sai e já não te vai doer mais. Prometo."

A Allison acenou com a cabeça, com a respiração entrecortada e ofegante. Rapidamente reorganizei as almofadas nas suas costas e, com dificuldade, ela ergueu-se sobre os seus braços trémulos. Com a determinação que eu já vira na

Allison muitas vezes antes, centrou o olhar em mim, os olhos de um azul metálico, quase dementes, e transformou a boca numa linha fina. "Aaahhhh!", rugiu, e, numa onda de fluido amniótico e sangue, o bebé deslizou para fora dela e para os meus braços expectantes. Uma menina. Uma menina minúscula, coberta por muco espesso e ensanguentado. Em choque e sentindo repulsa, segurei-a longe de mim, como se estivesse a segurar num lenço de papel sujo usado por outra pessoa.

"É uma menina", disse-lhe, porque não sabia o que mais dizer, não sabia o que fazer a seguir.

"Oh, meu Deus!", gritou a Allison. "O que vou fazer?, O que vou fazer?" Tinha voltado a deitar-se na cama e começou a tremer. Uns arrepios convulsivos fortes abanavam-lhe o corpo. "Por favor leva-a embora daqui. Por favor, Brynn", suplicou. "Tira-a daqui!" Olhei para a bebé. Não se contorcia nem agitava. Não chorava. Estava imóvel nos meus braços, abrindo e fechando a pequena boca, qual peixe fora de água.

"Allison, o que queres que eu faça?" Fiquei surpreendida ao ouvir a raiva na minha voz.

"Não quero saber, não quero saber, por favor leva-a daqui. Por favor!" Olhei novamente para a bebé. Ainda não tinha chorado, embora o seu pequeno peito já subisse e descesse rapidamente. Peguei na tesoura que estava na mesa de cabeceira e cortei cuidadosamente o cordão umbilical. Fiquei surpreendida por ter custado tanto a cortar. Foi como cortar uma corda grossa e viva. Com uma toalha fiz o melhor que pude para limpar a bebé e depois pousei-a suavemente num canto do quarto. Peguei noutra toalha limpa e posicionei-a entre as pernas da Allison para tentar parar a hemorragia, receando que ela necessitasse de pontos. Juntei todas as toalhas e lençóis sujos e enfiei-os num saco do lixo, e depois acrescentei as calças de fato de treino da Allison.

"Não te preocupes, Allison", disse-lhe, enquanto colocava um cobertor sobre o seu corpo trémulo. Ela tinha os olhos fechados e parecia estar a dormir. "Eu trato de tudo." Olhei de lado para a bebé no canto do quarto. Um braço magro escapou da toalha em que a tinha embrulhado, ela parecia estar a tentar alcançar alguém. "Volto já." Depois de pegar no saco do lixo, corri pelas escadas abaixo, com o saco a bater atrás de mim. Sabia que tinha pouco tempo para limpar o quarto da Allison e para levar a bebé e a Allison para o hospital. Sabia que seria difícil convencer a Allison a ir. Ela estava em negação, em choque, alguma coisa

assim. Acho que ela estava convencida de que se não olhasse para a bebé, então ela não era real.

Arrastei o saco do lixo através da cozinha até à garagem e coloquei-o bem dentro de um dos grandes contentores do lixo, empurrando-o o mais para baixo que consegui e colocando outro lixo por cima, para tentar escondê-lo. Ouvi o som estridente do telefone dentro de casa. Hesitei. Poderiam ser os meus pais a ligar, eles continuavam a achar que tinham de ligar para saber como estávamos. O toque incessante convenceu-me de que era a minha mãe e corri a atender o telefone.

"Está?", disse sem fôlego.

"Brynn?", perguntou o meu pai. "O que se passa? Parece que estiveste a correr."

"Não é nada", menti. "É que eu estava na garagem, a deitar fora a caixa da piza."

"Bem, a tua mãe queria que eu ligasse para saber como estão as coisas. Está tudo bem?"

"Está tudo bem, pai", respondi, impaciente. "Meu Deus, o que poderia correr mal?"

"Eu sei, eu sei, nada", concordou o meu pai. "Vamos chegar tarde, depois da meia-noite." Olhei para o relógio. Eram quase nove horas – o sol de verão começava a esconder-se.

"Não te preocupes, pai, estamos bem", disse-lhe.

"Ok, ok", respondeu. "Até logo, Brynn."

"Até logo, pai." Desliguei o telefone e apressei-me a regressar ao quarto da Allison, subindo os degraus dois a dois.

Ao abrir a porta, apercebi-me da cena diante de mim: parecia o local de um massacre. Apesar dos meus esforços para deitar fora todos os lençóis e toalhas sujos, a cama da Allison tinha uma enorme mancha carmesim e, por alguma razão, as paredes estavam salpicadas de sangue. A Allison tinha um aspeto terrível. Havia marcas de exaustão em redor dos olhos. Continuava a tremer, apesar de a temperatura do quarto me parecer sufocante.

Ia a caminho do corredor para ir ao armário da roupa buscar outro cobertor para ela quando alguma coisa me chamou a atenção. Ou melhor, a falta de alguma coisa. Voltei-me para o lugar onde deixara a bebé em cima do monte de toalhas limpas. Ela tinha a pele azulada e os braços estavam imóveis. Uma mão estava pousada debaixo do queixo minúsculo. A outra estava caída de um dos lados. As pernas magricelas estavam quietas, abertas como um frango numa churrasqueira. "Não!", sussurrei. "Oh, não."

"Tenho medo, Brynn", grita Joshua.

Pestanejo para afastar os horríveis pensamentos e parar de me mexer, tentando centrar a atenção em Joshua e no que está a dizer. Mas, na minha mente, tudo o que consigo pensar é Pobre bebé. Pobre, pobre bebé.

Claire

Claire sente-se consumida por um medo tão profundo e completo que lhe percorre as veias, lhe invade os tecidos moles e irradia pelos ossos, um medo que lhe corta a respiração. Não tem nada que ver com o seu próprio bem-estar ou segurança, mas com os de Joshua.

Ela consegue sentir os olhos de todos sobre ela, esperando para ver o que fará a seguir. A mãe de Charm parece querer dizer alguma coisa, mas pensa melhor e não diz nada.

"Talvez devêssemos entrar", diz o homem do casaco de couro. Entorpecida, Claire segue-o para dentro da loja e levanta a cabeça para ver Joshua a passar o corpo junto das prateleiras, correndo os dedos pelas lombadas dos livros, como se fossem teclas de um piano.

"Porque estão todos a berrar?", pergunta o miúdo, caminhando cautelosamente na direção da mãe.

"Estamos só a conversar, Josh", responde-lhe, e suavemente vira-o pelos ombros, encaminhando-o para as traseiras da loja.

"Porque estão todos a chorar?" Ele liberta-se da mãe, colocando os pequenos punhos cerrados ao longo do corpo. Claire toca o próprio rosto e apercebe-se de que está molhado.

"É só da chuva, Joshua", diz, apesar de saber que se levasse um dedo à boca, ele saberia a sal. Ela tem de o tirar daqui. Não quer que ele ouça esta conversa. Ele sabe que é adotado, claro, sabe que foi deixado num quartel dos bombeiros. Mas, para Joshua, ouvir que Allison pode ser a sua mãe biológica seria demais. Já é demais para a própria Claire compreender. Não pode ser verdade. Simplesmente não pode.

"Podemos ir para casa?", pede Joshua. "Quero ir para casa." Claire consegue ouvir o medo na sua voz, sabe que ele está preocupado que estes estranhos sejam intrusos, pessoas más que possam magoá-los.

"Josh, mal estas pessoas saíam nós vamos para casa. Prometo. Só precisamos

de mais uns minutos." Joshua olha, preocupado, para Charm, que continua a chorar. "Ela vai ficar bem, Josh. Eu certifico-me de que ela fica bem", tranquiliza-o Claire. Ele estuda o rosto dela e ela força um sorriso. "Talvez a Brynn possa levar-te lá para cima por um bocadinho." Claire olha para Brynn, expectante, mas ela nem parece estar a ouvi-la. "Brynn", diz com mais força, de tal forma que Brynn se sobressalta. "Pode levar o Joshua lá para cima?" Brynn acena que sim. "Só não mexas nas ferramentas do pai, Josh. Vou ter contigo daqui a uns minutos. Não te preocupes, isto não é como o assalto. Nem de longe." Cético, olha para a porta que leva ao apartamento existente no segundo piso e não se mexe até Brynn lhe pegar na mão. Sobem juntos os degraus para o apartamento.

Depois de ter a certeza de que eles estão seguros lá em cima, fora do alcance do som, Claire pega no telefone e marca o número do telemóvel do marido. "Jonathan, podes vir à loja? Por favor. Preciso de ti."

Allison

Claire leva-nos até à área de leitura e, de algum modo, muito educadamente, sugere que nos sentemos. Apesar de tudo, recordo-me de quanto a admiro. Sempre tão calma e serena. Sempre tão ponderada. "Meninas, eu não sei exatamente o que se está a passar, mas preciso que tentem explicar-me. Estou bastante confusa."

Charm e eu estamos sentadas lado a lado no sofá. Gostava que a Brynn estivesse aqui, sentada ao meu lado. Não posso acreditar que disse a Claire que sou a mãe do Joshua. Nem consigo olhar para ela. Claire senta-se na mesa do café, virada para Charm e para mim. Reanne e Binks estão por perto, à espera, como abutres. Charm recomeça a chorar. "Allison, por favor diz-me o que se passa. És tu a mãe biológica do Joshua?" Consigo perceber na voz de Claire como ela está assustada. Isto é algo que temos em comum – estamos ambas aterrorizadas, mas por motivos totalmente diferentes. Ela teme que eu esteja aqui para lhe tirar Joshua e eu receio que a única pessoa que, nos últimos cinco anos, não me tratou como um monstro esteja prestes a perceber que é exatamente isso que eu sou.

Eu aceno que sim e o rosto de Claire enrugase de dor.

"Lamento muito", digo rapidamente, querendo explicar, mas sem saber por onde começar. "Eu deixei o bebé com o Christopher."

"Quem é o Christopher?", pergunta Claire.

"O meu irmão", responde Charm baixinho, com as lágrimas a recomeçarem a traçar-lhe o rosto. Os olhos dela estão inchados pelo choro e o rosto ainda lhe dói da bofetada da mãe. "E pai do Joshua", diz com amargura, dirigindo as palavras para a sua mãe.

"Treta!", diz Reanne, descrente. Ela olha para mim de cima a baixo. "O Christopher nunca se envolveria com ela."

"Pois, mas envolveu-se", replico. Volto a olhar para Claire. "Eu não queria magoar ninguém."

Um resmungo forte de descrença surge de Reanne. Claire vira-se para ela e diz, através das lágrimas: "Acho que deveria sair agora."

Reanne mexe a boca como que tentando segurar outra descarga de palavrões. Em vez disso, solta uma pequena quantidade de ar e uma onda vermelha sobe-lhe desde o pescoço até ao rosto. "Queira desculpar-me por ter vindo saber como está a minha filha." A voz dela transforma-se num grito. "Queira desculpar-me por ter vindo avisá-la acerca de uma cabra psicótica e assassina! Sabe quem é aquela rapariga?" O discurso de Reanne ganha velocidade. "É a Allison Glenn. Ela atirou a bebé recém-nascida dela para o rio Druid há cinco anos. Deverias estar a apodrecer na cadeia!"

O meu estômago dá um salto. Pensei que não poderia haver nada mais horrível do que Claire descobrir sobre Joshua, mas isto é muito pior.

"Como sabe isso?" pergunta Claire. "Como sabe que ela é essa rapariga? O jornal nunca revelou quem ela era." Os olhos dela param em mim, não querendo acreditar no que Reanne está a dizer, mas ouço a dúvida a surgir-lhe na voz. "Tu não podes ser essa rapariga."

"Não foi difícil descobrir. Eu sabia que já tinha ouvido o nome dela e depois lembrei-me. Conheço uma pessoa que trabalha em Cravenville. Ela contou-me tudo sobre ela." Reanne volta-se novamente para mim e diz, de forma áspera: "Tu tiveste uma bebé e não a quiseste, por isso atiraste-a para o rio!"

"Cala-te, mãe!", implora Charm.

"Allison?", interroga-me Claire, incrédula. "Foi isso que aconteceu? Tu és essa rapariga?"

"Eu posso explicar." Começo a chorar.

Brynn

Estou sentada na casa de banho, na beira da banheira. Joshua está no sofá, ainda a dormir profundamente. Eu consigo ouvi-las lá em baixo, a gritar, e cubro os ouvidos com as minhas mãos para não ter de as ouvir, mas ainda assim o ruído chega até mim, por isso abro a torneira. A torneira começa a deitar água e os gritos são levados pela água.

Agora a água a correr torna-se o som da chuva torrencial que caía naquela noite, anos atrás, a bater forte contra a janela.

Quando voltei para cima olhei para a irmãzinha de Joshua. Tão quieta e tranquila. "Não!", sussurrei. "Oh, não!"

"O que é?", murmurou a Allison, exausta, tentando levantar a cabeça para ver.

"Oh, Allison", disse, com tristeza. "Não tens de te preocupar mais." Mesmo enquanto falava, eu sabia que a Allison iria ficar aliviada com este facto. Não feliz, note-se, mas aliviada. Fiquei ali muito tempo, sem saber o que fazer. Por fim, falei, embora sem saber se ela me ouvia sequer. "Eu trato disto", disse-lhe, enquanto embrulhava outro cobertor em redor da bebé e levava um biberão de água aos seus lábios. "Volto daqui a uns minutos."

A chorar, baixei-me para pegar na bebé imóvel, com as minhas lágrimas a cair e a rolar pela sua pele nua como chuva em terra ressequida – pouca demais, tarde demais. Desci as escadas de forma insegura, tentando centrar o meu olhar em qualquer outra coisa que não a criança nos meus braços. Atravessei a sala de estar, onde as nossas fotografias de família contavam a história das nossas infâncias. A Allison e eu tínhamos estado equitativamente representadas nas diversas fotografias que compunham a “Parede dos Foleiros”, como a Allison lhe chamava – até a Allison ter treze anos. Nessa altura já a Allison era uma nadadora, futebolista e ginasta de sucesso, além de ótima a soletrar palavras. A parede estava repleta de fotografias da Allison com diversas fitas e troféus nas mãos. Em todas elas, ela sorria com um ar de humildade, como que a dizer: "Oh, por favor..."

Mas as fotografias não contavam as histórias que havia por trás. Não mostravam que, minutos antes de a fotografia ter sido tirada, a Allison acotovelara a sua adversária de futebol com tanta força nas costelas que ambas acabaram com

nódoas negras, nem que ela fixara os olhos nos do seu colega de nove anos de tal forma que ele ficou perturbado e enganou-se a soletrar leucoplastídio, uma palavra que ele sabia soletrar mesmo a dormir. Não que a Allison alguma vez fizesse batota – ela nunca fazia, não precisava –, mas ela intimidava de uma forma que as pessoas gostavam, até a incentivavam. Os professores dela viam-na como aquele tipo de aluno que surge uma vez na vida. As raparigas sentiam inveja, mas sentiam-se mal por isso; os rapazes consideravam-na bonita e inatingível. Os meus pais consideravam-na perfeita.

Eu nunca pensei que a Allison fosse perfeita, embora admirasse a sua determinação e força. Mas eu sabia de algo a que todas as outras pessoas pareciam não dar importância – que a minha irmã era humana. Que ela vomitava antes de todos os exames importantes que tinha de fazer. Que se obrigava a fazer cento e cinquenta abdominais todas as noites antes de ir dormir. Que tinha pesadelos que a assustavam de tal modo que, durante a noite, vinha para o meu quarto e metia-se na minha cama. Naquela altura, pensei que os pesadelos tinham finalmente terminado, porque há meses que não vinha para o meu quarto. Mas agora já sei porquê. Ela não queria que eu soubesse que estava grávida.

Nos meses antes de dar à luz, vi outra coisa na minha irmã que mais ninguém viu. Ela estava apaixonada. A rapariga que, na opinião de todos, era demasiado esperta para ter um namorado a sério, a rapariga que estava tão concentrada na escola e nos desportos estava desesperadamente apaixonada por alguém. O pai desta pobre bebé. Ela nunca me falou dele, mas eu sabia que alguma coisa se passava. Quando ela achava que ninguém estava a prestar atenção, eu conseguia perceber. Os ombros dela ficavam relaxados. Por vezes surgia-lhe um pequeno sorriso nos cantos da boca e um olhar sonhador e vago nos olhos. Uma vez na vida a minha irmã parecia feliz. Eu também sabia que às vezes ela saía de casa às escondidas à noite. Uma vez estava à janela do meu quarto e vi-a entrar num carro com os faróis apagados, com uma pessoa sozinha no lugar do condutor. Na sombra, vi-os abraçar-se e beijar-se desesperadamente, apaixonadamente.

Mas depois algo acontecera. A luz difusa e sonhadora nos olhos dela deu lugar a uma determinação feroz, e ela andava a estudar ainda mais, a fazer ainda mais exercício. Embora eu tivesse nos meus braços o resultado da sua gravidez, era-me quase impossível imaginar que esta pequena vida tivesse estado dentro dela enquanto ela trabalhava tanto.

Atravessei a cozinha e saí pela porta das traseiras. Um vento fresco de verão

amaciava o cabelo na minha testa. Depois do ar sufocante do quarto da Allison, virei a minha cara para o céu para receber de boa vontade a chuva que caía. Arranjei melhor a toalha que envolvia a bebé, como que para a proteger da intempérie. O céu noturno escurecido parecia hesitante. Não sabia o que ia fazer a seguir. A sul, a lua estava alta e brilhante, espreitando através de nuvens de mármore que se mexiam rapidamente. A luz era minimamente suficiente para eu conseguir ver por onde ia, mas estava suficientemente escuro para eu conseguir esconder o delicado embrulho que levava nos braços.

A Allison e eu raramente nos tínhamos aventurado no pequeno bosque por trás da nossa casa. A nossa mãe tinha-nos aconselhado a manter-nos longe do rio Druid, que corria paralelo ao nosso bosque. "Um rio é uma coisa viva, em movimento", dizia-nos. "Se vocês meterem um dedo que seja naquela água, ela agarra-vos e leva-vos para o fundo. Depois de lá caírem, não voltam a sair." Eu costumava achar que os pesadelos da Allison eram sobre o afogamento naquele rio. Ela acordava a chorar, com falta de ar e a esfregar os olhos, como que a tentar afastar aquela água.

A débil luz da lua extinguiu-se logo que entrei no bosque dos contos de Grimm, que haviam feito parte da minha infância. A nossa mãe assustara-nos com histórias sobre febre da carraça e pequenos animais ferozes raivosos. Apertando a bebé, imaginei carraças a prenderem as suas pinças cheias de doenças à minha pele, acomodando-se para beberem o meu sangue, e animais espumando-se, escondidos atrás das árvores, prontos para atacar. Deslizando os meus pés cuidadosamente ao longo da terra lamacenta e rochosa, fui sentindo o meu caminho em direção ao rio. Tinha de me baixar ao passar por ramos de árvores baixos, cobertos com folhagem nova. À luz do dia, seriam tenros e verdes, mas aqui a escuridão dava-lhes um ar de braços peludos e carrancudos. À medida que me aproximava, podia ouvir a corrente do rio Druid, ruidosa e selvagem. As minhas sapatilhas enterravam-se profundamente na lama. Nessa primavera a chuva batera recordes e todos os ribeiros e rios estavam a alargar-se selvaticamente, devorando a terra.

Sentada na beira da banheira, coloco a minha mão por baixo da água corrente, cujo vapor enche o espaço. Meto a mão dentro da água quente e procuro a tampa de borracha para cobrir o ralo. Como seria bom poder meter-me na banheira e sentir a água quente contra a minha pele, poder submergir-me por completo até nada mais haver que escuridão e silêncio. Porque é que vim aqui? Já nem sei bem.

Da outra divisão, ouço Joshua a chamar pela mãe. Limpo as lágrimas que encontrei na minha cara e vou ter com ele.

Claire

Claire olha para Allison, incrédula. A Allison é a rapariga que afogou a sua bebé recém-nascida? Ela sabia que algo de mau havia acontecido, para Allison ter ido para a prisão. Mas nunca pensara em homicídio a sangue frio. Claire lembra-se de ter ouvido falar da bebé nas notícias. Bebé afogada... Uma rapariga de dezasseis anos...detida...

"O que aconteceu?", Claire recorda-se de ter perguntado.

O marido hesitou. "Uma rapariga de dezasseis anos afogou a bebé recém-nascida dela", disse Jonathan, enquanto retirava o cabelo da testa da esposa.

Claire sentiu um mal-estar subir-lhe à garganta.

"Estás bem, Claire?", perguntou Jonathan, olhando para ela com preocupação.

Claire abanou a cabeça em silêncio. Como poderia verbalizar o que sentia? "Não é justo", disse Claire por fim. "Não é justo!", repetiu, sabendo que parecia uma criança birrenta que não conseguira os seus intentos. Jonathan aproximou-se de Claire e tentou tocá-la com uma mão, mas Claire afastou-se dele, sabendo que gritaria se alguém lhe tocasse nesse momento. "Como é que ela pôde simplesmente deitar fora um bebé quando nós queremos tanto ter um?", gritou Claire. Jonathan não respondeu. O que poderia dizer?

Há cinco anos ela teria feito qualquer coisa para poder ter um filho. E aquela rapariga – aquele monstro, pensara – faria qualquer coisa para não o ter tido.

Claire olha para Allison e abana a cabeça. Ela não consegue conceber como é que uma mulher – uma rapariga, aliás, porque ela parece tão nova, mesmo cinco anos depois – pode ter feito algo tão perverso. Como pode Deus ter dado a esta rapariga um bebé, dois bebés, ter dado ao corpo dela o poder de unir todos os maravilhosos elementos necessários para criar um bebé... e a ela, nada.

Jonathan entra pela porta da Bookends e Claire corre ao seu encontro. "Jonathan, graças a Deus que chegaste."

"O que se passa?" Ele olha a toda a volta, vendo os rostos devastados de

Allison e Charm, o olhar carrancudo e furioso de Reanne e a confusão embaraçada de Binks. Em silêncio, Claire entrega a fotografia a Jonathan.

"Ele é nosso", diz Claire para ninguém em particular. "Nós adotámo-lo. O Joshua é nosso filho."

Brynn

Joshua, ainda ensonado, chama pela mãe e eu vou rapidamente ter com ele. "Joshua", sussurro. "Está tudo bem. Não tens de te preocupar com nada. Eu estou aqui."

"Onde está a minha mamã?", pergunta, tentando manter os olhos abertos.

"Chhh", acalmo-o. "Chhh." Sento-me ao lado dele e puxo-o para o meu colo. Ele tenta esgueirar-se, mas eu seguro-o com firmeza. Por fim, relaxa, com a cabeça pousada no meu ombro. "Está tudo bem, Joshua. Fecha os teus olhos. Como eu, vês?", e fecho os meus olhos para lhe mostrar o que quero dizer.

Eu quase escorregara para o rio, tal como a minha mãe profetizara, mas, com uma mão, conseguira agarrar o tronco de uma árvore fina e torta. Em vez de cair, aterrei de joelhos na lama espessa que ladeava o rio. Reposicionei a bebé morta na toalha que a cobria e, por um instante, pensei em enterrá-la ali mesmo, na margem do rio. Mas pus logo a ideia de parte – teria de voltar à garagem para ir buscar uma pá, e o tempo já estava a passar demasiado depressa. A temperatura parecia ter baixado uns cinco ou seis graus e eu tremia com cada rajada do vento. As nuvens por cima de mim abriram, revelando a amarga lua amarela que produzia luz suficiente para eu ver o rio à minha frente. Ele corria impiedoso, espumando-se por cima das rochas e arrastando troncos e ramos. Beije o rosto frio da minha sobrinha e disse-lhe que a amava e que, se dependesse de mim, ela ficaria comigo para sempre. Até cheguei a pensar, só por um instante, que poderia ter sido eu a criá-la. A Allison não tinha propriamente o instinto maternal. À minha maneira desorientada, fiz-lhe um pequeno funeral. Rezei uma oração por ela e cuidadosamente arranjei de novo a toalha que a envolvia.

No momento em que a larguei na água furiosa, ouvi o grito. Um grito fraco e lúgubre, como se o contacto com a água fria e corrente a tivesse feito regressar à vida.

Saltei para dentro de água, sem sentir o frio. O rio já me chegava aos joelhos e eu lutei contra a corrente uns bons metros quando ela afundou pela primeira vez. Rapidamente voltou acima. Tentando fixar os meus pés no leito rochoso do rio, saltei para a frente até ficar mesmo atrás dela. A toalha soltara-se e o pobre

corpinho nu rolou para fora do meu alcance. Com um grunhido de fúria, consegui atirar-me para a frente e agarrar alguma coisa – um dedo da mão ou do pé, não sei dizer –, mas o rio era demasiado forte, batendo e correndo, e acabei por me desequilibrar e ir ao fundo. A água preencheu-me os olhos, os ouvidos, a boca, e ela escapou-me. Tinha-a perdido.

Nessa noite tentei suicidar-me. Essa foi a primeira vez que realmente me esforcei para o conseguir, apesar de, ao longo dos anos, eu já ter imaginado as muitas formas diferentes para acabar com a minha vida. Comprimidos, a arma que o meu pai tinha escondida debaixo das meias na cómoda, subir para o telhado da nossa casa ridiculamente grande e atirar-me a voar para o nosso caminho de acesso em betão decorativo. Lembro-me de pensar se as manchas de sangue saíam do betão e de sentir uma distorcida satisfação por pensar que a minha mãe teria de passar por essas manchas, o que restaria de mim, o que a lembraria de mim. Ela provavelmente mandaria retirar o betão e fazer o caminho de novo.

Depois de me aperceber de que a bebé estava viva – a respirar – e de que a tinha perdido, tentei afogar-me. Prendi a respiração e esperei a chegada da calma quente que, supostamente, vinha depois de o pânico inicial do afogamento ter passado. Podia sentir a pressão a aumentar na minha cabeça, por trás dos meus olhos, nos meus pulmões. Tentei manter-me sob a superfície da água, tentei agarrar-me a alguma coisa que me mantivesse no fundo, mas o rio tinha outros planos. Ele empurrou-me e atirou-me e cuspiu-me para a margem, como se não suportasse a ideia de me engolir, como se isso lhe fosse deixar um mau gosto na boca. Na verdade, eu não podia censurá-lo.

Enrolei-me numa pequena bola na margem do Druid. A chuva batia sobre mim até a minha pele ficar dormente. Pensei no que aconteceria quando as pessoas descobrissem o que eu fizera e dispus-me a desaparecer na lama debaixo do meu corpo. Mas não tive essa sorte. Por fim levantei-me. A Allison saberia o que fazer, a minha irmã saberia.

Quando cheguei junto dela, à entrada do bosque, quase nem reparei que estava dobrada com dores. "Onde está a bebé?", consegui grunhir.

"O rio." A palavra soava obscena aos meus ouvidos.

"O que queres dizer?", perguntou a Allison. Havia medo na voz dela e ela sabia, ela sabia.

"Ela era bonita", disse-lhe, apesar de saber que não era a coisa certa para dizer nessa altura, mas não sabendo como explicar porque o fizera. A Allison compreendeu mal o que eu disse e vi-a arregalar os olhos de horror.

"Tu afogaste-a porque ela era bonita?", disse-me, furiosa, e depois agarrou-me pelo braço. Eu encolhi-me, pensando que ia bater-me, mas ela apenas se segurou a mim, como se tentasse firmar-se para não cair.

Abanei a cabeça para trás e para a frente, para trás e para a frente. "Não!", gemi. "Eu não fiz isso."

"O que aconteceu, Brynn?", perguntou a Allison.

"Foi como se ele a comesse", gritei, tentando explicar. "Ele engoliu-a e não me quis a mim."

"Meu Deus, Brynn", disse a Allison. Agora que tinha recuperado do seu espasmo de dor, começou a abanar-me. "Não estás a dizer coisa com coisa! Já sei para onde podemos levá-la. O Christopher trata de tudo. Tem de ser. Por favor diz-me que não a atiraste para o rio."

"Eu pensava que estava morta", sussurrei, incapaz de olhar a minha irmã nos olhos. Não queria ver a repugnância e a desilusão dela. "Fiz isso por ti. Estava a tentar ajudar-te."

"Como querias ajudar-me, matando-a?", sibilou a Allison e depois voltou a dobrar-se com dores.

Afastei a mão dela do meu braço e ela caiu de joelhos.

"Estás maluca?", perguntei, não querendo acreditar. "Tu não a querias – tu praticamente disseste-me para me ver livre daquela coisa. Foi isso que lhe chamaste, uma coisa! Eu não queria magoá-la, pensei que já estava morta!" Virei-me e comecei a correr de volta para casa. Cabra ingrata, pensei.

"Espera!", ouvi atrás de mim. "Por favor, Brynn, preciso de ti. Não vás!"

Ignorei-a e fugi, tapando os ouvidos para tentar bloquear o som da voz dela.

O peso do rapazinho no meu colo é, ao mesmo tempo, reconfortante e sufocante. "Joshua", digo-lhe, e os olhos dele abrem-se ligeiramente. "Sabias que tens uma irmã?" A boca dele abre e fecha como que para tentar falar, depois os

olhos fecham-se de novo. "Sim, uma irmã. Uma irmã linda, linda. Queres conhecê-la?"

Levanto-me com dificuldade, devido ao peso do corpo imóvel de Joshua nos meus braços, e caminho na direção do som da água a correr. "Oh, tu és muito mais pesado do que ela era", sussurro-lhe ao ouvido. Quase consigo ouvir o canto dos grilos e a corrente do rio, quase consigo sentir a brisa de verão no meu pescoço. "Finalmente, finalmente", digo-lhe, "vocês vão poder ficar juntos." E pouso-o na água, suavemente, carinhosamente, oferecendo Joshua à irmã.

Allison

Jonathan continua em choque, a olhar para a fotografia de Charm com Joshua ao colo. Binks dá um pequeno e lento passo atrás, como que tentando sair despercebido. A mãe de Charm vai observando, com um sorriso retorcido e um estranho brilho no olhar. Ela parece realmente estar a gostar disto.

Ouçó-a antes de a ver. O bater lento e ressonante de passos nos degraus, um estranho som de chapinhar, o rangido de uma porta a abrir. A minha irmã sai da sombra, com os braços estranhamente afastados do corpo. "O que se passa, Brynn?", pergunto. "O que se passa?" Ela não responde, mas continua a caminhar na nossa direção. À medida que se aproxima, vejo que está ensopada, com os sapatos a chapinhar enquanto caminha. Tens os olhos fixos e sem vida, mas o rosto está relaxado e vejo algo de novo na expressão da minha irmã. Uma expressão que nunca me lembro de ter visto no rosto dela. Alívio.

"Brynn", repito, desta vez mais alto. "O que se passa?" Continua a não responder. Coloco-me à frente dela e agarro-lhe os braços. "Brynn, onde está o Joshua?"

"Já estão juntos agora", murmura, deslizando por mim como que em transe.

Claire

Claire observa, confusa, enquanto a irmã de Allison passa por ela lentamente, com água a escorrer-lhe da roupa. "Brynn?", chama. "Está bem? Onde está o Joshua?" Ela não responde, mas murmura entredentes para si mesma e começa a encaminhar-se para a porta da frente da loja.

"Brynn!", diz Claire mais alto. "Onde está o Joshua?" Nada. Jonathan e Claire entreolham-se e Jonathan agarra o braço de Brynn.

"Está tudo bem agora, eles estão juntos", sussurra Brynn, com uma voz melodiosa. Jonathan alivia a força no braço dela e ela retira-o.

"Oh, meu Deus... Joshua!", geme Claire, e ela e Jonathan precipitam-se para os degraus. Allison segue-os de perto, escorregando uma vez e batendo com a canela no degrau de madeira.

"Joshua!", grita Claire. "Joshua!" Ela entra pelo apartamento e corre em direção ao som de água a correr.

Charm

Charm consegue ouvir Claire e Jonathan a chamar por Joshua e prepara-se para os seguir pelos degraus acima. Brynn esbarra contra ela, e ela consegue sentir a humidade na roupa da rapariga. "O que se está a passar?", pergunta Charm ao passar por ela. "Porque estás toda molhada?"

Brynn para de repente e olha para Charm, com as sobrancelhas franzidas em concentração. "Juntos", sussurra. "Juntos, juntos. Tenho de ir." Brynn aponta para a porta, aturdida. "Tenho de lhe contar..."

Charm observa, fascinada, enquanto Brynn se arrasta para fora da livraria, com água a escorrer da roupa.

Um grito chega-lhe do apartamento no andar de cima. "Ajudem-me!" Charm tira os sapatos e precipita-se pelos degraus acima, com a mãe e Binks logo atrás. O coração bate-lhe com força, temendo o que irão encontrar quando chegarem ao cimo.

Claire

"Liga para as emergências! Por favor...", grita Claire.

Jonathan vai ao bolso das calças de ganga e tira de lá o telemóvel. "Precisamos de ajuda", diz, frenético, e dá a morada da loja. "Não sei... Não sei. Só um momento, por favor..."

"Oh, meu Deus...Joshua." Claire puxa Joshua pela camisa, tentando tirá-lo da banheira. As roupas dele estão saturadas de água, pesadas e inflexíveis, e ele escorrega-lhe sempre das mãos. Jonathan atira o telefone para Allison e mete os braços dentro da banheira. Agarra um punhado de cabelos de Joshua, puxa-o até à superfície e recolhe-o nos braços. Allison, com uma voz estrangulada, está a dizer à operadora do serviço de emergência para mandar uma ambulância.

Charm, que minutos antes ficara quase histérica com o ataque da mãe, assume de repente uma postura composta e profissional. "Pouse-o no chão", ordena a Jonathan. Ele poussa Joshua cuidadosamente no chão de madeira e Claire respira com dificuldade, ao ver a cor azul da pele e a imobilidade do peito da criança. Enquanto coloca um ouvido junto à boca do rapaz, Charm pergunta: "Já vem uma ambulância a caminho?"

"Sim, já vêm", grita Allison.

Charm inclina-se sobre Joshua e certifica-se de que tem as vias respiratórias desobstruídas, enquanto Claire e Jonathan observam, impotentes. "O que posso fazer?", pergunta Allison.

"Vai esperar a ambulância e traz os técnicos cá acima", manda Charm, e depois coloca os dedos no pescoço de Joshua. Allison desce as escadas a correr.

"Ele está a respirar?", pergunta Claire, quase sem voz.

Ela abana ligeiramente a cabeça e faz uma expiração para dentro da boca de Joshua, começando depois a série de compressões cardíacas, usando apenas uma mão no seu peito minúsculo.

À distância ouvem a sirene da ambulância. "Ele está a respirar?", pergunta Claire de novo a Charm, mas sabe que não está. Agarra-se a Jonathan com força e

seguram-se um ao outro desesperadamente, observando, esperando algum sinal de vida. "Por favor...", repete Claire uma vez a seguir à outra. "Por favor..." Tudo o que consegue pensar é que esta preciosa vida lhe foi entregue para que tomasse conta dela e a protegesse e ela falhou. Ela falhou.

Charm

"Respira, um, dois, três, quatro...", murmura Charm após cada compressão, contando até trinta antes de recomençar o processo novamente. Já perdeu a conta de há quanto tempo está a fazer a reanimação cardiopulmonar. Sente os braços cansados e consegue ouvir a ambulância a distância. Graças a Deus.

A seu lado, Charm consegue ouvir os soluços entrecortados de Jonathan e Claire pedindo a Joshua que comece a respirar. "Por favor respira, Joshua, por favor", implora Charm.

Charm sente mais olhos sobre si e, levantando o olhar, vê a mãe e Binks junto da porta; nesse momento sente uma onda de raiva a correr-lhe pelas veias. "Fora daqui!", grita. "Saíam daqui – precisamos de espaço para os técnicos de emergência médica." Sem uma palavra, Reanne e Binks desaparecem. Charm sabe que, por muito que a mãe adore um bom drama, ela nunca teria querido que isto acontecesse. A sirene torna-se mais forte e depois segue-se o som de pés a correr pelos degraus acima. Com uma última compressão no seu peito magro e ossudo, o corpo de Joshua tem uma convulsão e cospe água pela boca, recomençando depois a respirar – em movimentos curtos e fracos, mas está a respirar. Charm encosta-se à parede, exausta. Os técnicos de emergência médica assumem o controlo e, em segundos, Joshua é levado.

"Obrigada", Claire consegue dizer a Charm, pousando uma mão agradecida no seu braço, enquanto ela e Jonathan seguem os técnicos pela porta.

Allison ajoelha-se ao lado de Charm, com os olhos vermelhos de tanto chorar. "Salvaste-o."

Então, pensa Charm, porque será que sinto que fui eu quem lhe arruinou a vida?

Claire

Jonathan e Claire seguem Joshua até ao hospital na carrinha de Jonathan. "Ele estava a respirar, não estava? Ele estava a respirar?", pergunta repetidamente Claire.

"Estava e está", responde Jonathan, como que tentando tranquilizar-se a si mesmo. "Meu Deus, o que aconteceu lá em cima?", interroga-se, e Claire limita-se a abanar a cabeça. Claire não sabe por que Joshua estava naquela banheira. Ela não consegue sequer imaginar o que ia na mente de Brynn. Ela não quer saber. Se Claire estivesse a pensar com clareza, ela jamais, jamais teria mandado Joshua para cima com Brynn Glenn. Ela nem sequer a conhecia e acabara de saber que a irmã dela não era a pessoa por quem se tinha feito passar. Mas estava a acontecer tanta coisa ao mesmo tempo – Reanne a gritar palavrões e acusações malucas, ao ver a fotografia de Charm. Joshua estava aterrorizado e tudo o que ela queria era tirá-lo dali, levá-lo para algum lugar onde se sentisse tranquilo e em segurança. Como poderiam eles ter sabido quem Allison Glenn realmente era? Será que estavam tão ocupados a ser os novos pais de Joshua que se alhearam por completo do que se passava na sua própria cidade? Ela tem tentado fazer o correto, ser uma boa mãe, mas será que foi o suficiente? Seria tarde demais?

Jonathan não consegue acompanhar a ambulância e, quando chegam ao hospital, Joshua já foi levado para dentro. Jonathan e Claire sentam-se na sala de espera a chorar, agarrados um ao outro. Claire de algum modo consegue ligar à irmã, que promete ligar à mãe. Elas irão para Linden Falls logo que puderem.

Charm aparece algum tempo depois, espreitando à entrada da sala de espera, hesitante em entrar.

"Certifiquei-me de que o Truman estava bem e depois fechei a loja", diz Charm. "Também despachei a minha mãe. Ela não vai voltar a incomodar-vos."

Claire olha à volta. "Onde está a Allison?"

Os olhos de Charm estão raiados de sangue e tem o nariz vermelho de chorar. "Ela foi à procura da irmã. Eu lamento muito... lamento muito, muito", soluça, enrugando o rosto.

"Eu chamei a polícia", diz Jonathan, deixando transparecer uma ponta de fúria na voz. "Há muitas questões para esclarecer acerca do que aconteceu." Ele passa uma mão pelo cabelo em sinal de frustração. "O que aconteceu à irmã da Allison? Onde está ela agora?"

"Não sei", responde Charm, impotente. Tem a roupa ainda húmida e encorilhada e o rosto pálido de preocupação. Claire vê-a tão preocupada quanto ela própria e Jonathan estão, e logo aí compreende que ela jamais magoaria Joshua de propósito. Ainda assim, Claire sente-se um pouco zangada pelas mentiras e pelos enganos de Charm.

"Vai-te embora, por favor", diz Claire. "Desculpa. Não te podemos ter aqui agora." Charm acena que sim em silêncio e vira-se para sair.

O tempo que demora até saberem algo sobre o estado de Joshua parece não ter fim. Quando o médico finalmente entra na sala de espera, o espaço parece ficar sem ar.

"O Joshua vai ficar bem", diz, com um sorriso. "Ele está acordado e a respirar sem quaisquer problemas. "Querem ir vê-lo?"

"Claro!", diz Claire, recomeçando a chorar, desta vez de alívio. O médico leva Jonathan e Claire até ao quarto onde está Joshua. Ele está ligado a uma linha de soro e tem os olhos semiabertos, mas quando vê os pais o seu rosto pálido ilumina-se com um sorriso.

"Olha, é o nosso macaquinho", diz Jonathan, falhando-lhe a voz.

"Não, sou o Joshua Kelby", responde a criança, com uma voz fraca.

"És mesmo", diz-lhe Claire com firmeza. Tu és o desejo que pedimos todas as manhãs ao acordar e a oração que rezamos todas as noites ao deitar, diz para si mesma, pegando na pequena mão do rapazinho.

Brynn

Só me falta fazer uma coisa e depois posso descansar.

Tenho de ir ter com ela, tenho de lhe dizer que ele já vai a caminho. Empurro a porta, saio para o escuro e sinto o ar fresco no meu rosto e na minha pele húmida. "Do outro lado do rio e para lá do bosque...", vou cantarolando, quase sem reparar nos olhares curiosos que me deitam enquanto desço a rua. Eu devo ter uma rica figura, e dou uma risadinha só de pensar. Já não falta muito. Sei que não é o ponto exato onde deixei a menina, mas é suficientemente próximo. Terá de ser. Ouço uma sirene ao longe e interrogo-me se andarão à minha procura. Já não é sem tempo. Caminho um pouco mais depressa. Eles deviam ter vindo atrás de mim há cinco anos. Eu quis dizer-lhes, mas a Allison disse que não, disse-me para manter a boca fechada. E eu tentei, mas sempre que fechava os olhos via-a a ser levada para longe, ouvia os gritos dela até já não aguentar mais. Depois de aquele homem ter encontrado o corpinho gelado dela, chamei a polícia. Eu quis dizer-lhes que fui eu, eu, eu. Mas quando, finalmente, eles chegaram, só consegui chorar e a Allison disse-me para estar calada, calada, calada. E foi o que fiz. E eles levaram-na.

Durante muito tempo senti-me muito mal, sabendo que a culpa fora minha e que ela estava na prisão e eu sentada em casa, a ir para a escola, a viver a minha vida. Mas acabei por perceber, não demorou muito. Foi como quando éramos pequenas e só sobrava uma fatia de bolo. A Allison ficava sempre com a parte que tinha as flores e eu ficava apenas com a cobertura branca. Ela fizera isso de novo, ficara com a parte que tinha as flores. Ela conseguiu sair, conseguiu ir-se embora, mesmo que fosse para a cadeia, e eu tive de ficar. Eles começaram então a olhar para mim, e queriam que eu fosse como ela. Quando viram que eu não era, deixaram de olhar para mim. O que ainda foi pior. Então deixei de me sentir mal.

Consegue-se ouvir o Druid antes de o vermos. Ele corre para sul, atravessando o centro da cidade e o campo que existe por trás da nossa casa. Ele faz curvas e contracurvas até entrar no Mississípi, e então é como se nunca tivesse existido, como se desaparecesse dentro do nada. Por magia. Nesta parte da cidade, o rio geralmente cheira a peixe morto e a gasolina dos barcos, mas a chuva lavou tudo isso e o ar está fresco e limpo. Paro na berma do passeio pavimentado, bem acima da água negra. A palavra Druid, em inglês, significa druida, um

feiticeiro. Magia.

Tenho medo, muito medo, e olho em volta à procura da Allison. Quero a minha irmã. Alguém me toca no braço. "Está a sentir-se bem?", ouço.

"Quero a minha irmã", digo, começando a chorar. "Ele precisa da irmã dele. Tenho de lhe dizer que ele está a chegar."

"Quer que ligue a alguém?", pergunta a voz.

"Não, não, não, não", respondo. "Tenho de lhe dizer."

Quando salto da berma, sinto um pânico desordenado. Atinjo a água fria e ela enche-me os ouvidos, o nariz, a boca. Tento gritar pela minha irmã, mas as minhas palavras reduzem-se a bolhas e sobem à superfície em silêncio. Quando paro de me debater, quando paro de lutar, vejo-a. Tão perfeita, tão pequenina, tal qual eu a recordava. "Ele está a chegar", digo-lhe, esticando os meus braços na direção dela. "Ele vai chegar em breve." E, enquanto a embalo nos meus braços, afundamos, lentamente, pacificamente, até ao fundo do rio, para esperar.

Charm

Charm vende a casa, pega em algum do dinheiro que Gus lhe deixou quando morreu e decide comprar um carro mais fiável. Após aquela noite terrível, ela sabe que tem de sair de Linden Falls. Ainda assim, Charm demorou oito meses para efetivamente fazer as malas e ir embora.

A ideia de se despedir de Joshua é terrível. Já da primeira vez Charm pensara que foi difícil. Da segunda vez será pior. Desta vez ela sabe que não voltará. Nunca mais.

No dia anterior à sua partida, Charm telefona a Claire e pergunta-lhe se pode passar na livraria para se despedir. Felizmente, ela responde que sim. Quando Charm chega, Joshua está a correr pela loja, tentando conseguir que Truman o persiga. Ao ver Charm, ele para e olha para ela pensativo.

"Tu respiraste para dentro de mim", diz, com ar sério.

Charm morde o lábio, sem saber exatamente o que responder.

"Josh, companheiro", diz Claire, "a Charm passou aqui só para se despedir. Nós vamos sair daqui a alguns dias."

Joshua pensa no assunto. "Vamos passar uns dias com a minha avó em..."

"Josh...", avisa Claire. "Lembra-te, é um segredo. Nós vamos fazer uma surpresa à avó."

"Espero que te divirtas muito com a tua avó, Joshua", diz-lhe Charm, resistindo às lágrimas. Com tristeza no coração, Charm apercebe-se de que Claire não quer que ela saiba para onde eles vão. "Eu só queria ter a certeza de que me despedia antes de vocês irem. Vou ter saudades tuas, Josh." Charm ajoelha-se para ficar ao nível dos olhos dele e estende os braços para o abraçar, reparando que Claire endurece a sua postura atrás dela. Mesmo assim, Charm enrola os braços em volta de Joshua e abraça-o com firmeza, tentando gravar na memória o toque do cabelo macio dele, os ossos salientes da coluna dele nos seus dedos. Joshua devolve o abraço a Charm, com força.

"Tenho uma coisa para ti, Joshua", diz-lhe Charm, separando-se dele com

relutância. Charm olha para Claire para se certificar de que não há problema por lhe dar alguma coisa. Ela parece insegura, mas concorda.

"O que é? O que é?", pergunta, excitado. Charm levanta-se, limpa os olhos e entrega-lhe o saco de oferta.

Ele praticamente arranca-o das mãos dela e Claire relembra-lhe com gentileza: "O que é que se diz, Josh?"

"Obrigado", diz ele, sem prestar atenção. Mete a mão no papel de embrulho verde brilhante e retira o boné de basebol dos Chicago Cubs que Gus lhe comprara quando ele nasceu, o que Charm mantivera escondido numa caixa de sapatos durante cinco anos, junto com a fotografia incriminatória dela com Joshua, as botinhas e o chocalho.

O boné que Gus dissera que um dia lhe serviria.

"Fixe, um boné de basebol!", diz Joshua, impressionado. "É mesmo igual ao do Luke, só que melhor." Ele põe o boné na cabeça e a pala tapa-lhe os olhos.

"É um belo boné", concorda Claire.

"Pois, temos de recrutar os adeptos dos Cubs desde novos", diz Charm, fazendo eco da frase que Gus costumava dizer, sorrindo por entre as lágrimas.

"Vou ver-me ao espelho", declara Joshua, correndo para a casa de banho.

"Isso foi muito simpático da tua parte", diz Claire, séria. "Foste muito boa para o Joshua, Charm. Serias... tens sido uma tia maravilhosa." Claire hesita. "Espero que compreendas por que não podemos encorajar um relacionamento entre vocês dois. Seria demasiado confuso para o Joshua. E depois há a história do teu irmão."

"O meu irmão nunca, mas nunca, tentará estabelecer qualquer tipo de relacionamento com o Joshua, nem tentará tirá-lo de vós", diz-lhe Charm, com veemência. "O Christopher não precisa de mais problemas. A minha mãe —" suspira "— é a minha mãe. Ela não vai tentar chegar até ao Joshua. Ela gosta de incendiar as coisas e depois sair de fininho."

"Eu sei que só quiseste o melhor para o Joshua, Charm. Tu salvaste-lhe a vida e eu fico-te grata por isso."

Charm encolhe os ombros, sem saber o que responder. "Isto é para si", acaba por dizer Charm, entregando-lhe o envelope grande que trouxera.

"O que é isto?", pergunta Claire.

"Antecedentes médicos. A Allison e eu recolhemos toda a informação que conseguimos acerca das nossas famílias", explica Charm. "Está tudo aí. Há fotografias da Allison e do Christopher, de Gus e de mim, dos avós", diz Charm. Vendo o rosto de Claire, acrescenta: "Se alguma vez achar que ele deve vê-las, claro. A Allison e eu jamais entraremos em contacto com o Joshua. Nós prometemos. Só queremos que ele se sinta seguro e seja feliz, e ele será, enquanto se mantiver consigo e com Jonathan." Charm sente lágrimas a picar-lhe os olhos e sabe que chegou o momento de partir.

Caminha em direcção à porta, decidida a não olhar para trás.

"Charm!", chama Claire, e Charm vira-se, na expectativa, esperançosa. O boné de Joshua está na cabeça dele, meio torto, e ele tem os braços em volta da cintura da mãe. Parece tão feliz... "Obrigada", diz-lhe, com os olhos rasados de lágrimas fixados nos de Charm. "Obrigada pelo meu filho."

Allison

Num primeiro momento, fiquei aterrorizada com a ideia de que todos achassem que eu tivera algo que ver com a Brynn ter tentado afogar o Joshua, como se fosse algum tipo de conspiração. A polícia interrogou-me durante horas, com os agentes a abanar as cabeças perante a minha insistência de que não tivera nada que ver com o afogamento, tentaram fazer-me confessar alguma coisa, fosse o que fosse. Mas, no final, Devin chegou para me salvar, mais uma vez. Ela conseguiu obter os registos médicos da Brynn e as notas das visitas que fizera ao psiquiatra que a acompanhava em New Amery. Nas sessões que tivera com a médica, a Brynn falara muito sobre a culpa que sentia por ter pensado que a bebé já estava morta quando foi para o rio. A minha avó também encontrou os diários da Brynn e os desenhos que representavam a noite em que dei à luz os gémeos. A Brynn desenhara imensas imagens do rio Druid a levar a bebé para longe. Uma imagem muito perturbadora mostrava uma Brynn sem vida no fundo do rio com duas crianças nos braços, um menino e uma menina, com os dois cordões umbilicais ligados a uma placenta.

Com tudo isto, fui ilibada, o meu registo criminal será limpo e o caso será encerrado. Agora posso sair de Linden Falls quando quiser, se quiser. Eu poderia ir viver para uma cidadezinha como Wellman, onde ninguém teria ouvido falar de mim, ou para uma cidade maior, como Des Moines, onde ninguém quereria saber. Posso mudar de estado ou mudar de país. É só a mim que cabe decidir.

A minha mãe pediu-me para ir identificar o corpo da Brynn. O meu pai continua no hospital e ela disse que simplesmente não conseguia fazê-lo. Concordei. Era o mínimo que eu podia fazer pela Brynn. Fui eu que trouxe a Brynn de volta a Linden Falls e que a fiz encarar o rapazinho cuja irmã ela acidentalmente afogou. Fui eu que não consegui salvá-la. Pobre frágil Brynn, que não queria mais do que estar com os seus animais. Eu podia não fazer a mínima ideia do que ela iria fazer ao Joshua, mas fui eu o catalisador.

Identifiquei-a através de um ecrã de vídeo, nem sequer estive na mesma sala que ela. Ela estava deitada numa mesa metálica, coberta com um lençol, e uma mulher levantou a parte do lençol que lhe cobria o rosto. Reconheci a Brynn imediatamente. Com a exceção da pele pálida e dos lábios azuis, ela parecia estar

a dormir. "É a minha irmã", disse.

O funeral da Brynn foi pequeno e muito triste. Eu fiquei sentada entre os meus pais e a minha avó, mas foi a mão da minha mãe que agarrei quando desceram o caixão da Brynn à terra. No pequeno grupo de pessoas presente vi Olene e Bea, e Flora também lá estava, surpreendentemente. Depois disso, fiquei sozinha com os meus pais.

"O que vais fazer agora?", perguntou a minha mãe, com os olhos vermelhos de chorar. Ela parecia exausta e velha.

"Vou para a universidade." Fiz uma pausa. "Mas ainda não sei onde", continuei. "Longe daqui." Eu preciso de sair de Linden Falls, preciso de sair do Iowa. Quero ir para algum local onde ninguém me ligue à Brynn, a Joshua, aos Kelby ou a Christopher. Gostava de me candidatar à Universidade de Illinois, em Champaign. A Devin tem sido maravilhosa. Disse que iria escrever uma carta de recomendação e prometeu ajudar-me em tudo o que puder. Se tudo correr bem, tenciono candidatar-me à faculdade de Direito. Não sei se quero manter algum tipo de contacto com os meus pais.

"Isso parece-me sensato", disse o meu pai, abanando a cabeça em sinal de aprovação. Ele perdeu peso enquanto esteve no hospital e segurava-se com força à minha mãe. Esperei que um deles me abraçasse ou pelo menos me tocasse. Mas eles limitaram-se a ficar quietos, com ar de desconforto. Abanei a cabeça, frustrada, e virei-me para ir embora.

"Eu não compreendo", acabou por dizer a minha mãe, puxando a minha manga para me deter. Eu virei-me, esperançosa. Talvez fossemos falar, pelo menos. Falar a sério.

"Tu abdicaste de tudo." Ela olhou para mim com – o quê? Confusão, pena, repugnância? "Tu podias ter ido para qualquer universidade. Nós demos-te tudo. Tu podias ter sido quem tu quisesses. Porque aceitaste ir para a prisão em vez dela? Abdicaste de todo o teu futuro por ela. Só não entendo porquê."

Dei um passo atrás, libertando-me da mão da minha mãe. Para a proteger, quis dizer-lhes. Alguém tinha de a proteger. A Brynn nunca teria sobrevivido aos interrogatórios e às investigações da polícia. Ela não teria conseguido dizer-lhes que fora um acidente, que ela realmente pensara que a bebé já estava morta. Porque eu a amava, quis dizer-lhes. Porque ela fora a única a ajudar-me, quando

eu não fui perfeita. Independentemente do que eu dissesse, eles não teriam compreendido.

"Valeu a pena, Allison?", insistiu a minha mãe. "Ela valia todas estas mentiras?"

"Sim", respondi-lhe de forma simples, com o meu olhar firme fixado no da minha mãe. "A Brynn valia a pena."

No fim das contas, eu não protegi a Brynn de nada. Pensei que tomara a atitude correta ao assumir as culpas. Quis poupar-lhe mais sofrimento. Acho que apenas prolonguei o inevitável. Espero que, enquanto viveu com a nossa avó, tenha encontrado paz na sua vida durante algum tempo, tenha encontrado o amor e o apoio que merecia. Espero que tenha encontrado algum conforto nos seus animais de estimação.

"Bem..." O meu pai bateu as mãos uma na outra, aparentemente distraído. "E se eu te passasse um cheque para te ajudar a recomeçar?", ofereceu, como se isso fizesse tudo ficar bem. Eu não tinha emprego nem um lugar para viver e estava completamente lisa. O bom senso aconselhava-me a aceitar o dinheiro.

"Não, obrigada", disse, e isso foi o ponto final. Então foi a isto que chegamos, os meus pais e eu. Eles nunca me veriam a terminar o curso, nunca me veriam a casar e a ter filhos. Olhei para a minha mãe. Estaria a chorar pela perda da Brynn, ou por me ter perdido a mim? Será que chorava por nunca termos sido as filhas que ela esperara que fôssemos? Eu nunca iria saber.

Depois de os meus pais se afastarem de mim para regressarem à vida calma e isolada que escolheram, encontrei a minha avó. Ela estava junto da campa de Brynn, a chorar calmamente. "Avó?", chamei-a baixinho. "Estás bem?" Pousei a minha mão no ombro dela.

"Eu pensava que ela estava melhor", choramingou. "Ela andava no médico. Estava no bom caminho nas aulas e com os animais."

"Oh, avó...", disse-lhe, recomeçando a chorar. "Isto é tudo culpa minha. Ela não teve culpa da bebé. A culpa foi minha."

A minha avó puxou-me para os seus braços grossos e fortes. Eu sou bem mais alta do que ela. "Allison, minha querida, há muita culpa para ser distribuída."

A minha avó soltou-me e caminhámos juntas até ao carro dela, lentamente. "Os teus pais vão tentar ver aquele rapazinho?", perguntou.

"Não. Achas mesmo que o Joshua deveria sequer aproximar-se dos meus pais?" Fiz uma cara feia e tremi só de pensar.

"Não, acho que não. Conseguieste despedir-te dele? Do Joshua?" Pegou na minha mão.

"Não. Os Kelby obviamente não querem ter nada que ver comigo e eu acho que compreendo isso. Não vejo o Joshua desde aquela noite na livraria."

"Tu ajudaste a salvar a vida dele. Isso é algo de importante."

"Eles são boas pessoas, mas eu sou apenas uma terrível lembrança para eles. Ainda que eu não tenha tido nada que ver com a Brynn tentar afogar o Joshua, sei que nunca mais irão confiar em mim. Eu deveria ter-me afastado da livraria no momento em que percebi quem o Joshua era. Eu nunca deveria ter falado dele à Brynn."

Ao observar a minha avó a abrir a porta do carro dela pensei como as coisas poderiam ter sido diferentes se tivéssemos passado mais tempo com ela quando a Brynn e eu éramos pequenas. As poucas recordações que tinha de a visitar e ficar em casa dela eram maravilhosas. Lembro-me de brincar com a Brynn entre as flores da avó, de enterrarmos os nossos narizes nas pétalas aveludadas das peónias brancas como a neve e de afastarmos com as mãos os abelhões que nos atacavam por termos invadido o território deles. Será que a bondade dela teria mudado as coisas?

"Queres que te leve a algum lado?", perguntou-me.

"Não, obrigada. A Olene está à minha espera."

"Mais um abraço", ordenou com um sorriso, e eu baixei-me para a abraçar.

"E, Allison", disse, enquanto deslizava para dentro do carro e inseria a chave na ignição com os seus dedos inchados e cheios de nós, "se precisares – se quiseres –, és sempre muito bem-vinda para passares algum tempo comigo em New Amery. O tempo todo que quiseres."

"A sério?", perguntei, surpreendida. Não havia nada que eu quisesse mais do que sair de Linden Falls e ir-me embora com a minha avó. "Tenho algumas coisas

para terminar por aqui", disse-lhe, com um lamento. "Posso ir quando tiver terminado? Dentro de alguns dias?"

"Claro que sim", respondeu-me. "Vem quando estiveres pronta. Vais poder conhecer os animais de estimação da Brynn."

"Mal posso esperar", disse-lhe, e inclinei-me pela janela do carro para lhe dar um beijo no rosto.

Gostaria de ter sido uma irmã melhor, gostaria de ter podido estar presente para ajudar a Brynn. Mas não pude. Quando as coisas ficaram difíceis, a Brynn apenas conseguia ver tristeza e desespero. Ela não tinha qualquer vislumbre de esperança de que as coisas pudessem alguma vez melhorar. Ela pensou que o Joshua jamais seria feliz sem a irmã dele. Não sei se alguém teria podido salvar a Brynn dela mesma. Mas eu posso salvar-me a mim mesma. Eu posso ser feliz.

Enquanto caminhava em direção a Olene e às outras, lembrei-me do que Olene me dissera sobre encarar o mundo com esperança no coração. É isso mesmo que vou fazer.

Sei que nunca mais voltarei a ver o Joshua Kelby – o meu filho. Mas tenho esperança de que ele cresça forte, feliz e bem amado. Tenho esperança de que, na altura certa, os pais dele lhe digam: uma vez houve uma rapariga que te amou o suficiente para te dar o mundo. Tenho esperança.

Agradecimentos

A escrita, apesar de ser muitas vezes um ato solitário, nunca é possível sem a intromissão discreta ou invasora do mundo que nos rodeia. Estou agradecida a muita gente que me apoiou a mim e à minha família. Um grande agradecimento vai para os meus pais, Milton e Patricia Schmida, que têm sido a minha força e a minha âncora na vida. Para os meus irmãos e irmãs, e as respetivas famílias, que têm sido os meus salva-vidas – obrigada a Greg, Mady e Hunter Schmida, Kimbra Valenti, Jane, Kip, Tommy e Meredith Augspurger, Morgan e Kyle Hawthorne, Milt, Jackie, Lizzie e Joey Schmida, Molly, Steve, Hannah, Olivia e Myah Lugar, e ainda a Patrick e Sam Schmida. Obrigada também à minha família Gudenkauf, sempre presente para nos apoiar: Lloyd, Lois, Steve, Tami, Emily, Jenni, Aiden, Mark, Carie, Connor, Lauren, Dan, Robyn, Molly e Cheryl, e ainda Hailey e Hannah Zacek.

Estou profundamente agradecida às seguintes pessoas, que generosamente apoiaram tudo o que é Gudenkauf: Jennifer e Kent Peterson, Jean e Charlie Daoud, Ann e John Schober, Rose e Steve Schulz, Cathie e Paul Kloft, Sandy e Rick Hoerner, Laura e Jerry Trimble, Mike e Brenda Reinert, e respetivas famílias. Obrigada a Danette Putchio, Lenora Vinckier, Tammy Lattner, Mary Fink, Mark Burns, Cindy Steffens, Susan Meehan, Bev e Mel Graves, Barbara e Calvin Gatch, Ann O'Brien, Padre Rich Adam e os paroquianos de St. Joseph, em Wellman, no Iowa, Kae e Jerry Pugh, Sarah Reiss, e às muitas famílias de perto e longe que sempre nos apoiaram. Um enorme agradecimento aos orientadores, diretores, professores, funcionários e alunos do DCSD, sobretudo a Escola de Ensino Médio George Washington, as Escolas Primárias Carver, Kennedy, Bryant e Marshall, e ainda a Escola Pré-primária Jones Hand-in-Hand.

Sentidos agradecimentos à minha agente, Marianne Merola, que pensa sempre no que é melhor para mim e me aponta sempre o caminho a seguir. A sua orientação e amizade são tudo para mim. As minhas editoras, Valerie Gray e Miranda Indrigo, têm-me dado amizade, apoio, opiniões e sugestões que me têm ajudado a melhorar enquanto escritora. Obrigada a Heather Foy, Pete McMahon, Andi Richman, Nanette Long, Emily Ohanjanians, Kate Pawson, Jayne Hoogenberk, Margaret Marbury, Donna Hayes e toda a gente na MIRA Books, que tão bem me acolheram e que por mim têm incansavelmente trabalhado. Um

agradecimento especial vai para Natalia Blaskovich, que me forneceu informação valiosa sobre as leis do Iowa e o sistema judicial.

Como sempre, todo o meu amor e agradecimento para Scott, Alex, Anna e Grace – eu jamais conseguiria sem vós.